



AMOR & REPARAÇÃO

*Na busca pelo amor e o sucesso, até onde estariam
dispostos a chegar?*

Escrito por

ALYA JOES

AMOR & REPARAÇÃO

Escrito por

A L Y A J O E S

AMOR & REPARAÇÃO

COPYRIGHT © 2024 ALYA JOES

Todos os direitos reservados

Estão proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra, através de quaisquer meios sem o devido consentimento da autora. A violação dos direitos autorais é estabelecida pela **lei nº9.610/98** e possui punibilidade regida pelo **artigo 184 do Código Penal**.

Esta obra literária é uma ficção. Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência. Todos os nomes, lugares, personagens e situações são frutos da imaginação do autor.

Capa: Sabryna Ariel.

Diagramação: Alya Joes.

Amor & Reparação

Recurso Digital/ Alya Joes — 01º Edição; 2024.

1.

Romance Contemporâneo. 2. Literatura Brasileira. 3. Ficção.

I. Título

SUMÁRIO

[AVISOS](#)

[SINOPSE.](#)

[PLAYLIST](#)

[DEDICATÓRIA](#)

[EPÍGRAFE.](#)

[PRÓLOGO](#)

[PARTE I](#)

[Capítulo 01.](#)

[Capítulo 02.](#)

[Capítulo 03.](#)

[Capítulo 04.](#)

[Capítulo 05.](#)

[Capítulo 06.](#)

[Capítulo 07.](#)

[Capítulo 08.](#)

[Capítulo 09.](#)

[Capítulo 10.](#)

[PARTE II](#)

[Capítulo 11.](#)

[Capítulo 12.](#)

[Capítulo 13.](#)

[Capítulo 14.](#)

[Capítulo 15.](#)

[Capítulo 16.](#)

[Capítulo 17.](#)

[Capítulo 18.](#)

[Capítulo 19.](#)

[PARTE III](#)

[Capítulo 20.](#)

[Capítulo 21.](#)

[Capítulo 22.](#)

[Capítulo 23.](#)

[Capítulo 24.](#)

[Capítulo 25.](#)

[Capítulo 26.](#)

[Capítulo 27.](#)

[Capítulo 28.](#)

[Capítulo 29.](#)

[PARTE IV.](#)

[Capítulo 30.](#)

[Capítulo 31.](#)

[Capítulo 32.](#)

[Capítulo 33.](#)

[Capítulo 34.](#)

[Capítulo 35.](#)

[Capítulo 36.](#)

[Capítulo 37.](#)

[Capítulo 38.](#)

[Capítulo 39.](#)

[Capítulo 40.](#)

[PARTE V.](#)

[Capítulo 41.](#)

[Capítulo 42.](#)

[Capítulo 43.](#)

[Capítulo 44.](#)

[Capítulo 45.](#)

[Capítulo 46.](#)

[Capítulo 47.](#)

[Capítulo 48.](#)

[Capítulo 49.](#)

[Capítulo 50.](#)

[EPÍLOGO.](#)

[AGRADECIMENTOS.](#)

AVISOS

Atenção, caro leitor,
De antemão, acho imprescindível deixar alguns avisos.

Este livro **não se trata de um Dark Romance**, tampouco um **Romance de Máfia**.

Caso tenha lido a Sinopse e imaginando se deparar com esse tipo de leitura, lamento desapontá-lo, mas terei que frustrá-lo ao dizer que tais conteúdos não condizem com aquele aqui abordado.

Como escritora e também leitora, acho injusto “propagar” um conteúdo que não condiz com aquele que realmente contém naquilo escrito por mim, por isso, o meu conselho é: **se está imaginando se deparar com um romance de mafiosos, com armas e toda uma dinâmica “pesada” instituída normalmente nos Romances Dark, esse livro não é o mais indicado para você.**

A história se passa em Nova York e, sim, contém um cenário voltado ao submundo do crime, mas nada muito desenvolvido, já que a história é direcionada **exclusivamente ao romance dos protagonistas**.

Então, dito isso, espero ter deixado minhas intenções bem claras: não iludi-los e deixá-los completamente cientes do que, exatamente, encontrarão por aqui: **um romance dramático com um casamento por conveniência que, garanto, arrancará muitas lágrimas e suspiros de raiva** — sim, raiva; você leu certo! *Dê uma chance para a leitura que irá compreender ;)*

Este livro **contém cenas +18**, além de gatilhos como **menção ao suicídio, violência psicológica, relacionamentos abusivos, linguagem de baixo calão, consumo de drogas lícitas e ilícitas e cenas gráficas de violência**.

Se for sensível a qualquer um destes conteúdos, peço por favor para que **suspenda a leitura**. Seu bem-estar deve ser sempre uma prioridade!

Acho extremamente importante destacar que não compactuo com diversos dos comportamentos e falas — machistas — adotados por alguns personagens, algo que resolvi colocar sob fins estritamente voltados ao enredo e contexto da história — sem, no entanto, ter **qualquer intenção de romantizá-los!**

No mais, é isso.

Se, estando ciente de todos estes avisos, resolver prosseguir com a leitura, desejo com todo o meu coração que desfrute tanto quanto eu, enquanto a escrevia.

Lembrando também que, se gostar, não esqueça de avaliar!

(Avaliações são extremamente importantes para nós, autoras nacionais independentes, então estou contando com você!)

Para me encontrar nas redes sociais, basta acessar @alyajoes.

Será um prazer acompanhar os surtos e mensagens de vocês!

Beijos, beijos!

Com muito amor, Alya.

SINOPSE.

Corinne Hamilton estava sem esperanças.

Depois de ter sido - *literalmente* - trocada por sua irmã mais nova justamente pelo noivo que tanto desejava possuir, não lhe restaram muitas alternativas a não ser aceitar o trágico e lamentável futuro que a esperava.

Sendo filha de quem era, ela sabia que nada poderia fazer, além de entender que, em um mundo como o seu, as mulheres não poderiam tomar quaisquer decisões - muito menos em relação as suas próprias vidas.

Por isso, resignada, ela simplesmente aceitou.

Aceitou que não se casaria; que não seria mãe. E, sobretudo, que não seria *feliz*.

Conformada e sem quaisquer perspectivas, ela apenas sentou e esperou, tola e impotentemente.

Até *ele* aparecer, e tudo mudar.

Roman Foxworth estava satisfeito com a vida que levava.

Depois de uma precoce viuvez, ele soube que não desejava se casar novamente. Frio, poderoso e extremamente calculista, seus objetivos se restringiam a dar continuidade ao negócio da família, ampliando os horizontes e destruindo os rastros sombrios que seu sobrenome carregava. Junto de seu meio-irmão, ele só queria uma coisa: sucesso.

Ironicamente, a oportunidade de ouro surge atrelada à uma única e inusitada condição: *um casamento*.

Duas almas quebradas e perdidas.

Um negócio.

Um arranjo.

Uma *solução*.

No amor e na guerra, vale tudo.

Na luta entre o poder e o dever, até onde Roman e Corinne estariam dispostos a chegar para conquistar seus próprios objetivos?

PLAYLIST

Hey, leitor!

Se você, assim como eu, faz parte do *clã* que é simplesmente obcecado pelo mundo da música, sugiro que dê uma olhadinha na playlist que montei para este livro!

Nenhuma faixa foi colada por acaso; enquanto escuta, espero que entenda o motivo ;)

Para acessar, clique [aqui](#).

DEDICATÓRIA

Para os melancólicos.

Os mais analíticos.

Sensíveis.

Leais

E persistentes.

Aqueles cujos pensamentos conflitantes são escondidos atrás de sorrisos tímidos e constante reclusão.

Para os amantes de romances, os sonhadores que estão sempre no mundo da lua, fantasiando, com os pensamentos a mil por hora, em constante devaneio.

Este livro é para nós, que, em incessante reflexão, muitas vezes não conseguimos enxergar nosso próprio valor.

Para nós que sempre colocamos alguém em primeiro lugar, quando a prioridade sempre deveria ser nós mesmos.

Este livro é para você, melancólico, que, como eu, tem muito mais a mostrar do que imagina.

Este livro é um reflexo da minha carta da manga, meu triunfo particular.

Agora resta saber: qual a sua?

Liberte-se.

A vida é muito mais divertida sem todas as amarras.

EPÍGRAFE.

*“Socorro, eu ainda estou no restaurante
Sentada em um canto, eu assombro de pernas cruzadas na penumbra
Eles dizem”que visão triste”
Juro que você pode ouvir um grampo de cabelo caindo
Bem quando senti o momento parar
O vidro se espatifou no pano branco
Todos seguiram em frente, e eu fiquei lá
Poeira se acumulou no meu cabelo preso
Eles esperavam que eu achasse algum lugar
Alguma perspectiva, mas eu sentei e fiquei lá, exatamente onde você me
deixou*

— **Right Where You Left Me, Taylor Swift.**

PRÓLOGO.

Corinne Hamilton

Quando eu era mais nova, costumava pensar que era uma princesa.

E por mais bizarro que pudesse parecer, eu realmente me assemelhava drasticamente à uma: eu tinha vestidos caros, as melhores comidas e sapatos e, sobretudo, também vivia em um castelo.

Na época, me orgulhava do feito.

Através dos livros que lia, conseguia entender que a maioria das meninas da minha idade não tinha nem metade de tudo aquilo que eu dispunha.

Com o tempo, contudo, a ingenuidade foi indo embora a ponto de, em determinado momento, eu finalmente conseguir distinguir a realidade da fantasia e especialmente todos os malefícios que a vida da qual tanto costumava me gabar, trazia consigo: o castelo, na verdade, soava mais como uma gaiola de ouro, mantendo a princesa presa a correntes de ouro e marfim.

E esse, descobri, era o preço a se pagar por ser filha de quem era.

Em razão do sangue circulando em minhas veias e do sobrenome que carregava, eu jamais poderia ser como toda as demais garotas da minha idade; e, por isso, ironicamente passei a invejar o estilo de vida de cada uma delas — aquele mesmo que tanto julguei e esnobei no passado.

O sentimento era tão intenso que, por um tempo, no auge da minha adolescência, passei a fantasiar constantemente com a ideia de conseguir escapar de casa em busca de um pouco de liberdade.

E ainda que sonhasse com tal possibilidade, nunca tive coragem de realizá-la; eu era fraca e covarde demais para me aventurar em um mundo no qual estava totalmente desacostumada.

Por isso, fiz o mais sensato: fiquei lá, esperando.

E assim permaneci por tanto tempo, que nem mesmo consegui acompanhar quando Annabelle, minha irmã mais nova, tomou as rédeas de sua própria vida e conseguiu se libertar das correntes que, assim como ocorria comigo, a mantinham presa à nossa casa.

Contudo, como imaginado, a tão sonhada liberdade também teve um preço para Anna, mas considerando a maneira como tudo acabou e especialmente o quanto ela estava feliz agora, posso apostar que valeu mais do que a pena.

Atualmente, minha irmã não somente era a esposa de um dos sujeitos mais poderosos do *nosso* mundo, alguém disposto a mover céus e terra para vê-la feliz, como também carregava em seu ventre o fruto do amor que, a priori, surgiu de mera conveniência.

Anna tinha uma família agora.

Uma *de verdade*.

E quanto à isso, nada poderia me deixar mais feliz, pois mesmo que estivesse ciente que aquele, em tese, deveria ser o *meu futuro*, saber que ao menos minha irmã teve a possibilidade de ter um futuro diferente daquele comumente atribuído a mulheres como nós, encheu meu tolo coração de esperanças.

Só que o que não esperava, é que comigo não seria igual.

Após o casamento de Anna, um ano se passou.

Então dois.

Três.

E, no entanto, eu continuei lá, estática, no mesmo lugar de sempre.

Esperando e esperando e esperando.

Presa ao passado e deixada lá, sozinha, a ponto de sentir a poeira crescer em meus cabelos e a sensação do arrependimento por não ter agido diferente ao haver menos *tentado* mudar a drástica realidade a qual estava fadada a possuir, consumir, aos poucos, cada fibra do meu patético ser.

Foi uma longa caminhada até que eu enfim compreendesse que nada de bom me aguardava e, assim, me conformasse com a ideia de que alguns de nós simplesmente não teriam um final feliz, pois não estavam destinados à um.

Bem, pelo menos era nisso que acreditava solenemente até até *ele* aparecer e absolutamente tudo mudar.

PARTE I

ARRANJO.

*“A vida era um salgueiro
E ele balançou em direção ao seu vento”*
— Willow, Taylor Swift.

01.

Corinne Hamilton

Depois de quase duas semanas fora de casa, papai finalmente estava de volta.

Às vezes suas viagens costumavam ser tão longas, que chegavam a durar *meses*.

Da última vez que Maxim Hamilton viajou à França, por exemplo, sua estadia durou cerca de exatos seis meses, período no qual me abstive a sair de casa apenas para tomar um pouco de sol — não que eu estivesse habituada a sair muito, de toda forma.

Sendo filha de quem era, não tinha o prazer de me dar a tal luxo.

Espiando por cima do livro entre minhas mãos, fingi não notar quando Dorothy, a governanta da mansão, adentrou em meu quarto sem sequer bater na porta antes. Se estivéssemos tratando de Anna, minha irmã caçula, a situação definitivamente seria bem diferente: ao contrário de mim, Annabelle Hamilton se impunha e não permitia que absolutamente ninguém a desrespeitasse.

Eu a invejava um pouco nesse aspecto — e em outros também, mas isso era assunto para uma outra hora.

— Srta. Hamilton, seu pai está a sua espera no escritório — avisou Dorothy.

Embora ciente da sua presença, me sobressaltei um pouco.

Não era sempre que papai solicitava a minha presença para qualquer outra coisa que não fosse me unir à ele na mesa, no mais absoluto silêncio, então sua atitude inesperada não poderia me pegar mais desprevenida.

Sem me dar ao trabalho de desviar a atenção das páginas do meu livro, contudo, me limitei a assentir como resposta, sem emitir qualquer palavra.

Como imaginado, Dorothy prontamente saiu e só então me permiti largar o livro sobre a cama e respirar fundo, um tanto nervosa. Papai nunca foi exatamente alguém amoroso e atencioso — *longe disso* —, mas depois

que Anna casou, ele conseguiu surpreendentemente se tornar ainda mais frio e distante do que antes.

Acho que para ele, eu era um estorvo agora.

E por mais que odiasse admitir, meio que compreendia seu ponto.

Diferentemente de minha irmã caçula, não consegui me converter em um negócio irrecusável e que rendeu milhões de dólares ao nosso pai.

Também não era bonita e interessante a ponto de despertar a atenção de qualquer magnata que, ansiando pela minha mão, propusesse alguma espécie de arranjo mutuamente vantajoso ao meu pai.

Não, não; para que isso acontecesse, eu teria de ser pelo menos três vezes mais bonita e encantadora — coisas que minha aparência e personalidade pouco atrativas me impossibilitavam de ostentar.

Então, considerando tais fatores, dizer que me transformei em um estorvo era algo simplesmente *inegável*.

Já faziam três anos desde que Anna foi embora de casa para se casar com seu atual marido, e desde então, em relação à minha pessoa, nada mudou; era, na verdade, como se o tempo nem mesmo *tivesse passado*.

Eu continuava exatamente igual e da mesmíssima maneira de antes: sozinha, em casa, sem fazer qualquer coisa que não envolvesse leitura, aulas de piano ou francês.

De repente, um pensamento me ocorreu, me atingindo com tanta força, que fez com que cerrasse instintivamente minhas mãos na mais pura ansiedade.

Será que papai finalmente decidiu se livrar de mim?

Será que me mandaria embora, para algum lugar em que eu de fato conseguiria me tornar útil para ele de alguma forma?

Estremeci com o mero pensamento, sabendo muito bem o tipo de coisa que alguém como eu, caso minhas suspeitas estivessem corretas, estava destinada a possuir.

Parando exatamente diante da porta do escritório de meu pai, passei as mãos na minha calça, sentindo-as suadas e pegajosas conforme reunia forças para erguer o queixo e respirar fundo, criando coragem para prosseguir. Contados cinco segundos de puro nervosismo e hesitação, finalmente estiquei uma das mãos e bati na porta, esperando por uma autorização para entrar.

Em questão de instantes, a voz ríspida de meu pai soou e, uma vez captando a resposta que buscava, rapidamente tratei de girar a maçaneta,

adentrando no lugar.

Ele estava sentada em sua cadeira, bem diante da mesa de mogno onde uma pilha de papéis jazia, com um cigarro em mãos, o olhar vago e desleixado fixo em suas próprias mãos postas sobre os papéis.

Endireitando os ombros, parei à sua frente e indaguei:

— Mandou me chamar, papai?

De imediato, seus olhos cor de avelã, exatamente iguais aos meus, se voltaram para mim frios, apáticos e sem expressar qualquer animação ao ver sua primogênita depois de tanto tempo longe de casa.

— Sente-se — foi a única coisa que ele disse, apontando com o queixo em direção à cadeira posta à frente de sua mesa.

Engolindo em seco, obedeci.

— Roman Foxworth entrou em contato comigo nesta manhã, enquanto eu estava no avião de volta para cá — explicou apaticamente, sem quaisquer rodeios, com os olhos fixos em mim, atentos a expressão em meu rosto.

Pisquei, sem conseguir omitir toda a minha confusão.

Ele estava realmente tentando conversar sobre negócios comigo?

— Sabe sobre quem estou falando, certo? — indagou, arqueando uma das sobrancelhas grisalhas quando me absteve de respondê-lo, incapacitada de formular uma resposta coerente.

Com certa relutância assenti, pois de fato sabia sobre quem meu pai estava se referindo: Roman Foxworth, o sócio e melhor amigo de Landon Chamberlain, o marido de minha irmã.

Eu só o tinha visto por uma vez durante toda a minha vida e pelo pouco que sabia ao seu respeito — todas as escassas informações que Anna forneceu —, Roman era o responsável por comandar o negócio da família Foxworth juntamente com Landon. Sua reputação era tão inabalável que sua imagem soava como a verdadeira personificação da expressão “Homem de negócios” — com a empresa, e o sobrenome que carregava, ele definitivamente fazia jus a tanto.

Não bastando, na primeira e única vez em que eu o havia visto, conseguia lembrar de tê-lo visto de mãos dadas com uma ruiva exuberante, sua esposa, a Sra. Foxworth — e isso era apenas um acréscimo a todo o poder que emanava dele, considerando a beleza e elegância da mulher que tinha ao seu lado.

Tamborilando as pontas dos dedos na madeira da mesa, meu pai ergueu uma das sobancelhas e me observou com atenção, analisando meu rosto como se em busca de respostas ocultas.

No mesmo instante me remexi na cadeira, desconfortável por toda aquela súbita atenção. Alheio a minha reação, o olhar de meu pai continuou cravado ao meu rosto, observando-o como um predador à espreita de sua presa.

— De onde você o conhece? — exigiu saber ríspidamente.

— De lugar algum — expliquei rapidamente. — Só o vi uma vez, no casamento de Anna. E o pouco que sei ao seu respeito, se dá pelo fato de minha irmã comentar frequentemente à seu respeito, já que é o sócio e melhor amigo de seu marido.

Papai assentiu lentamente, sem nunca desviar os olhos de mim.

— Interessante ouvi-la dizer isso — murmurou lentamente, fazendo uma breve pausa antes de emendar, mantendo a atenção em mim: — Especialmente se levado em consideração que, nesta manhã, Roman Foxworth entrou em contato comigo justamente para propor um acordo em troca da sua mão.

Olhei bruscamente para ele e repente, o mundo inteiro ficou em completo silêncio.

O quê?

Ele estava blefando.

Não podia ser verdade.

Era apenas alguma brincadeira de mau gosto para caçoar da minha evidente inaptidão para arranjar um marido.

Não restavam alternativas.

Só podia ser isso.

— Você parece surpresa — meu pai comentou, captando toda a minha perplexidade.

Abri e fechei a boca, sem saber o que, exatamente, dizer.

— Eu não... não entendo — sussurrei. — Pensei que ele já fosse casado.

Papai deu desdenhosamente de ombros.

— E era, *no passado*. Ao que parece, a esposa morreu há dois anos.

Pisquei, sendo invadida pelas lembranças do casal jovem e extremamente elegante que avistei na cerimônia de casamento de Anna e Landon.

— Ele virá jantar conosco amanhã — a voz de meu pai soou de repente, me arrancando de meus devaneios. — Esteja preparada.

Deslizei o olhar de volta para ele, horrorizada.

— Mas, papai...

— Acabamos por aqui, Corinne. Já pode sair.

Hesitei, o encarando em completo estado de incredulidade. Ele, em contrapartida, me lançou um olhar indiferente, antes de arquear uma das sobrancelhas e apontar com o queixo em direção à porta.

— Feche a porta ao sair.

E com isso, ele me dispensou, fazendo um gesto para que eu me levantasse e desaparecesse de vista.

Aturdida, obedeci, tendo de levar alguns segundos lá fora, após bater a porta do escritório às minhas costas, para finalmente entender o que estava acontecendo.

Roman Foxworth.

Uma proposta.

Um jantar.

Amanhã.

Levando uma das mãos trêmulas ao rosto, cobrindo-o, tentei desesperadamente assimilar tudo.

Aquilo estava realmente acontecendo?

Roman Foxworth realmente tinha contatado meu pai para negociar a minha mão?

Não podia ser verdade.

Simplesmente não tinha como ser verdade.

Com o coração batendo violentamente contra o peito, ainda trêmula, obriguei minhas pernas a se moverem, retomando o percurso até o meu respectivo quarto.

Toda a cautela e mistério acerca da tal proposta de Roman Foxworth unida a advertência para que eu me preparasse só podiam significar uma única coisa: um jantar de negociações para tratar do arranjo.

Em palavras melhores, *um noivado.*

02.

A noite que sucedeu a conversa no escritório com meu pai pareceu, dentre outras coisas, simplesmente *interminável*.

Passei horas e horas me revirando na cama, sem conseguir pegar no sono, incapaz de compreender, com exatidão, tudo aquilo que estava acontecendo comigo.

Em dado momento, a inquietação foi tamanha que, desesperada para conversar com alguém, quase quebrei uma das principais regras da mansão: capturei meu celular da mesa de cabeceira e disquei o número da minha irmã, desejando que o som confortador de sua voz pudesse, de alguma forma, me trazer um pouco de paz e consolo.

Desde o casamento com Landon Chamberlain, seu marido, Anna e eu não mantivemos muito contato; ela ligava sempre que podia, claro, mas a rotina como esposa e agora futura mãe, demandavam demais dela, explicando o fato de que quase nunca encontrava tempo para me visitar.

Sentia muita falta da época em que éramos nós duas ali, na mansão, mas não era egoísta a ponto de não ficar feliz por ela. Em um mundo como o nosso, casamentos arranjados quase nunca davam certo, mas, felizmente, com Landon e Anna foi diferente — ainda que minha irmã, a priori, tenha relutado em aceitar isso.

Encostada na cabeceira acolchoada, abracei meus próprios joelhos e ponderei.

Se existia alguém no mundo que poderia me ajudar agora, esse alguém era Anna.

Além de ser a minha melhor — e *única* — amiga, ela também convivia com Roman, portanto, certamente seria a pessoa mais indicada para me fornecer respostas à respeito da suposta proposta entre ele e nosso pai.

Eu mesma tinha tentado encontrar uma explicação plausível para aquele acontecimento inusitado, mas, no fim, foi em vão, pois apesar de meus esforços para tentar entender, não fazia qualquer sentido para mim; simplesmente não entrava na minha cabeça o fato de alguém como Roman Foxworth ter se dado ao trabalho de ligar para o meu pai para propôr a minha mão.

Ele nem mesmo me *conhecia*.

Duvidava que ele ao menos tenha reparado na minha presença na única vez em que cruzamos caminho; não quando tinha alguém como sua esposa ao seu lado, uma mulher linda e deslumbrante.

De repente, foi impossível não lembrar das palavras de papai: “*Ao que tudo indica, a esposa faleceu há dois anos*”.

Viúvo.

Roman Foxworth agora era viúvo.

E estava atrás de uma nova esposa.

Meu peito apertou com a constatação, uma vez que a lembrança da maneira como ele e a esposa pareciam literalmente feitos um para o outro, naquela noite de setembro, permanecia vívida em meus pensamentos.

Na ocasião, invejei um pouco aquela belíssima mulher; o que eu não faria para estar em seu lugar... para ter ao meu lado alguém como ele, *quem parecia disposto a qualquer coisa para vê-la feliz?*

Deus, mesmo hoje, três anos depois, o sentimento persistia.

E não somente em relação àquela desconhecida, para ser sincera.

Por mais que odiasse admitir, eu também invejava a maneira como o casamento de minha irmã sofreu uma brusca reviravolta — especialmente se levado em consideração que a vida que ela agora ostentava, deveria ser *minha*.

Em um primeiro momento, eu, a primogênita de Maxim Hamilton, é que era a noiva; o arranjo inicial era *comigo*, aquela a quem Landon Chamberlain foi prometido em celebração à um negócio vantajoso para ambas as famílias — e também aquela a quem Landon, no fim, rejeitou, devido à sua evidente preferência à caçula da família.

Não culpava minha irmã pelo desfecho da história; não quando sabia que ela não tinha qualquer responsabilidade. Foi *ele* quem a quis, e só Deus sabe o quanto Anna chorou quando foi forçada a largar tudo, para dar prosseguimento ao casamento. Por outro lado, também não condenava o meu, agora, cunhado, por ter escolhido minha irmã em vez de mim.

Eu não era cega ou tola a ponto de ignorar o fato de que Anna sempre chamou mais atenção do que eu.

E como não chamar, quando ela, além de linda e inteligente, era repleta de virtudes?

Acho que, pensando melhor, minha irmã mereceu aquele casamento mais do que eu; Anna nunca quis casar, mas diferentemente de mim, jamais

mediu esforços em prol da sua própria felicidade, portanto, era mais do que merecedora do final feliz que obteve.

Em mundo como o nosso, onde as mulheres, mesmo residindo em pleno século *XXII*, não tinham qualquer influência sobre as suas próprias vidas, conseguir um casamento promissor era um feito e tanto.

Mordendo ansiosamente a unha do polegar, esperei na linha por pelo menos cinco segundos antes de mudar de ideia.

Suspirando, encerrei a ligação e coloquei o celular de volta na mesa de cabeceira, certa de que àquela hora, minha irmã já estava dormindo, e considerando o quanto boas noites de sono são essenciais para gestantes, resolvi colocar a saúde do bebê em primeiro lugar e não incomodá-la com meus problemas pessoais.

Anna não era mais uma Hamilton; ela tinha sua própria vida agora, portanto, era meu dever respeitá-la, lhe dando o espaço necessário.



No final das contas, em meio a um turbilhão de pensamentos conflituosos, acabei adormecendo — ou o mais próximo disso, tendo em mente o estado caótico em que me encontrei quando despertei na manhã seguinte.

— Srta. Hamilton, escutou o que eu disse?

Ante o som da voz de uma das diversas moças contratadas para “me preparar”, saí do meu estado de estupor, piscando várias vezes antes de erguer o rosto para poder encontrar o olhar daquela que falava comigo.

A jovem me observou com atenção, esticando uma das mão bem diante do meu rosto no intuito de tornar o adereço de cabelo brilhante entre seus dedos ainda mais visível.

— Perguntei se a Srta. gostaria de usá-lo esta noite — esclareceu, me observando com atenção.

Soltando um breve suspiro, neguei com a cabeça e rapidamente deslizei a atenção para todas as demais moças acomodadas em meu quarto, cada uma realizando uma tarefa distinta: enquanto algumas cuidavam da saúde das minhas unhas, outras maquiavam meu rosto e as demais, mexiam em meu cabelo.

Embora executassem responsabilidades diferentes, todas partilhavam de um objetivo em comum: melhorar a minha aparência.

Os “preparativos” mencionados por meu pai ontem haviam começado bem cedo.

Desde o momento em que saí da cama naquela manhã, fui minuciosamente preparada para receber um tratamento digno de uma princesa.

E tudo isso visando um objetivo óbvio: impressionar o convidado da noite, aquele que propusera a minha mão.

Um frio instantaneamente se instalou ao pé da minha barriga ante o mero pensamento, fazendo com que minha pulsação acelerasse e minhas mãos comessem a tremer levemente, ansiosas.

Virando o rosto em direção ao meu reflexo exposto através do espelho da penteadeira, notei que todo o esforço tinha valido a pena e que as moças, de fato, tinham feito um excelente trabalho em mim: meu cabelo loiro estava preso em um penteado elegante que me concedia um ar de graça e sofisticação, ao mesmo tempo que me fazia parecer um pouco mais velha. Em minha face, nada muito chamativo; apenas o suficiente para acentuar as maçãs de meu rosto e realçar o castanho-esverdeado de meus olhos.

Nem conseguia lembrar da última vez que me senti tão bonita antes.

Sem esperar pela conclusão da maquiagem, fiquei de pé e, sem desviar o olhar do meu próprio reflexo, alisei a saia de meu vestido, atenta ao quanto o tom rosa-salmão conseguiu contrastar perfeitamente com o tom pálido da minha pele.

— A Srta. está linda — opinou uma das moças, recebendo como resposta um sorriso da minha parte.

Apesar de abrir os lábios para respondê-la, não tive tempo de agradecê-la formalmente; tão logo o elogio escapou de seus lábios, a porta do quarto foi subitamente aberta, revelando uma Dorothy visivelmente impaciente. Sem dizer nada, ela indicou friamente para que as moças saíssem e logo estávamos sozinhas em meu quarto.

Seus olhos experientes e sagazes prontamente deslizaram pelo meu corpo, analisando cada detalhe. E então, o improvável aconteceu: ela abriu um *quase* sorriso e assentiu em aprovação.

Em questão de segundos, contudo, a máscara de indiferença estava de volta e as seguintes palavras escaparam de seus lábios, em seu tom de voz naturalmente apático:

— Seu pai está solicitando a sua presença, Srta. Hamilton.

Cerrei discretamente os punhos, sendo subitamente tomada pelo nervosismo.

— Ele já chegou? — murmurei a pergunta sem olhá-la.

Ainda que eu não tivesse explicado sobre quem, exatamente, estava falando, Dorothea assentiu, demonstrando estar totalmente a par do que estava prestes a acontecer.

— Chegou há pouco e, assim como seu pai, já se encontra no salão, à sua espera — explicou ela.

Engolindo em seco, concordei com a cabeça, antes de respirar fundo e tratar de seguir seus comandos, acompanhando-a com destino à luxuosa sala reservada às visitas que tínhamos em casa. Nervosa, atravessei lentamente o corredor e logo foi a vez de descer as escadas, meu peito apertando a cada degrau avançado.

Parada diante da porta, ignorei a presença de um dos diversos funcionários que tínhamos espalhados pela mansão e me concentrei em fechar um pouco os olhos e soltar uma respiração profunda antes de finalmente erguer o queixo, abrir um sorriso e girar a maçaneta, adentrando na sala.

Mantendo as aparências e selando o meu destino.

Em consonância com o som da madeira rangendo sob meus pés, mediante a minha aparição, dois pares de olhos se voltaram para mim.

Endireitando os ombros, esbocei um sorriso no rosto e forcei meus pés a se moverem.

Eu literalmente conseguia sentir os olhos de ambos sobre mim à medida que me aproximava, então, sentindo as bochechas esquentarem, rapidamente desviei o olhar para o chão conforme chegava mais perto da lareira, local no qual os dois me esperavam, um deles — meu pai —, estando sentado em uma das poltronas, ao passo que o convidado de honra se mantinha de pé bem à sua frente, com algo em uma das mãos que, após uma rápida espiada, notei ser um copo contendo uma bebida âmbar.

Com os olhos ainda presos em meus próprios pés, parei exatamente ao lado do meu pai, de pé, sem saber o que fazer. De relance, senti seus olhos sagazes em mim, um sorriso de lobo se formando em seus lábios à medida que se levantava da poltrona e redirecionava sua atenção para Roman Foxworth, quem não ousei olhar por uma única vez.

— Roman, esta é Corinne, a minha primogênita — declarou papai com um sorriso enorme nos lábios, fazendo com que meu rosto ardesse de

vergonha.

Eu nunca o tinha visto pronunciar meu nome com tanta reverência antes e por mais que o gesto em si devesse me fazer sentir aliviada — especificamente pelo fato de que ao menos daquela vez eu o estava orgulhando de algum modo —, a única coisa que consegui sentir foi vergonha.

Papai sempre deixou nítido o seu descontentamento por não ter gerado um herdeiro masculino. E agora, na única vez que realmente parecia minimamente satisfeito por ter uma filha como primogênita... estava me anunciando como se eu fosse uma *mercadoria*.

Embora doesse admitir, sabia que aquela era a verdade: aos seus olhos, eu era apenas um negócio; *um meio para um fim*.

Senti lágrimas se formando debaixo dos meus olhos, mas dei meu melhor para segurá-las. Papai certamente teria um ataque caso me atrevesse a chorar ali, diante daquele que estava prestes a “negociar” a minha mão.

Estremeci com o pensamento.

Meu Deus.

Aquilo estava realmente acontecendo?

Perdida em meus próprios devaneios, quase saltei de susto quando os dedos frios de meu pai tocaram subitamente o meu braço, me instigando a fazer alguma coisa em vez de continuar ali, petrificada.

— Não seja mal criada — repreendeu. — Se apresente.

Engolindo em seco, assenti discretamente e lentamente deslizei meus olhos até o rosto do homem parado à minha frente, cujos olhos negros me analisavam friamente.

Ele não tinha mudado muito, observei, enquanto fazia uma espécie de reverência e me sentia instantaneamente patética conforme visualizava a maneira como seus olhos estreitaram sutilmente em resposta.

Roman Foxworth continuava praticamente igual ao que recordava, tendo como mudança apenas a barba por fazer e o corte de cabelo, o qual agora usava puxado para trás, um pouco mais longo do que antes. De resto, nada diferente: sobranceiras escuras e grossas, olhos negros e misteriosos, nariz reto e elegante e um maxilar marcado que agora estava revestido pela barba.

Enigmático.

Intimidador.

Lindo.

— Me chamo Corinne — falei, ajustando a postura e me obrigando a sustentar seu olhar, fazendo esforço para esconder o tremor contido em minha voz. — É um prazer.

Ele assentiu, mas não disse nada, me deixando ainda mais nervosa e apreensiva.

Eu não chegava nem aos pés da mulher com a qual ele costumava ser casado.

E se ele estivesse decepcionado com a minha aparência?

Meu peito apertou com o pensamento.

Sem desfazer o contato visual, os olhos escuros de Roman se mantiveram nos meus mesmo quando meu pai, incomodado pela minha falta de atitude, subitamente pigarreou, me ordenando silenciosamente a prosseguir com a etiqueta social: respirando fundo, estiquei um dos braços até o homem à minha frente, expondo a minha mão direita.

Em silêncio, Roman avançou alguns passos, aceitando a mão que eu o oferecia e beijou-a delicadamente, outra vez, sem desviar a atenção do meu rosto.

De repente, ficou difícil de respirar.

— Então, o que me diz? — a voz de meu pai voltou a sondar pelos meus ouvidos com tanta soberba, que fiquei enojada. Nesse mesmo momento, Roman se afastou e redirecionou sua inteira atenção para o meu pai. — Ela é ou não do seu agrado?

Me encolhi discretamente, dividida entre a humilhação e a insegurança.

E se Roman mudasse de ideia?

Céus, se acontecesse... seria a minha ruína.

Aos vinte e quatro anos, eu sabia que estava a um passo de ser considerada uma “maçã podre” para os padrões da sociedade a qual estava vinculada, além de saber também que alguém como Roman Foxworth certamente deveria possuir uma imensidão de pretendentes mais jovens e bonitas do que eu, ansiando para serem desposadas.

Ciente disso, me preparei, não ousando encará-lo enquanto esperava pela sua resposta.

Eu já tinha passado por aquilo antes, a *rejeição*.

Conhecia a sensação e, de verdade, entenderia caso Roman mudasse de ideia — assim como fiz quando Anna foi escolhida em vez de mim.

Eu seguiria em frente, como antes, mesmo que isso significasse permanecer na mesmice de sempre, resignada à ideia de um futuro resumido àquela mansão — *a ser quase um adereço dela*.

— O casamento deverá acontecer o quanto antes — ao som daquelas palavras, me obriguei a deslizar o olhar para aquele que as pronunciava, fitando-o com os olhos levemente arregalados, em completa incredulidade. — Tenho pressa.

Existia tanta apatia em seu tom, que quase desacreditei naquilo que acabava de ouvir.

— Excelente — murmurou orgulhosamente meu pai, puxando os cantos dos lábios para cima em um sorriso de plena satisfação. — Providenciarei tudo o mais rápido possível.

Por um breve momento, Roman enrijeceu sutilmente.

— Não será necessário. Não desejo nada extravagante, uma cerimônia simples e íntima bastará.

Papai piscou.

— Certo, então. Como quiser.

Eu ainda encarava, confusa, o meu futuro noivo quando seus olhos se moveram subitamente para mim, me inspecionando.

Seu olhar era frio, metódico e vago, incapaz de esboçar *qualquer* indício de emoção, à medida que me observava no mais sublime silêncio, com a expressão em branco. Um tanto assustada, intensifiquei o aperto dos meus dedos contra o tecido do meu vestido, mais afetada pela sua postura frígida e intimidadora do que gostaria de admitir.

— Pois bem, temos um acordo?

Em vez de responder à pergunta de meu pai, Roman fez um gesto para que eu me aproximasse e relutantemente o fiz, meu coração disparando contra o peito a cada passo avançado. Parada à sua frente, sentindo a respiração acelerar, não expressei qualquer reação quando uma de suas mãos tocou delicadamente meu pulso direito, levando-o para si. Minha mão, então, foi erguida e logo um anel de brilhantes foi colocado em um dos dedos, refutando a indagação inicial de meu pai.

Estava feito.

O acordo estava oficialmente selado.

Com a mesma apatia de antes, Roman soltou a minha mão e recuou um passo, se afastando e reassumindo a postura diplomática de antes: queixo erguido, ombros eretos e mãos para trás, nas costas.

— Ligarei amanhã para negociar o restante do arranjo — anunciou ele ao meu pai, ignorando o fato de que eu continuava ali, parada, totalmente perdida e negligenciada por aqueles que estavam negociando a mim e sobretudo, o *meu futuro*.

— Não vai se unir a nós? — papai indagou, franzindo o cenho. — Mandei preparar um jantar especialmente para recebê-lo.

— Agradeço, mas terei que recusar. Preciso estar em casa o mais breve possível. Tenho alguns assuntos importantes para tratar amanhã bem cedo.

Papai murmurou alguma coisa, mas não me dei ao trabalho de ouvir; não quando Roman voltou a me fitar, se despedindo com um simples aceno e então saiu, desaparecendo de vista.

Com os punhos cerrados e a respiração acelerada, eu o observei se afastar.

E então, assim como na noite anterior, mais tarde, ao deitar em minha cama, custei a pegar no sono.

Mal sabia eu que toda aquela inquietação seria apenas o início de tudo aquilo que me esperava dali por diante.

03.

O restante das negociações durou apenas dois dias.

E então, na semana seguinte àquela em que fui *vendida* feito uma mercadoria de luxo, os preparativos para a cerimônia propriamente dita iniciaram.

Nesse curto intervalo de tempo, não voltei a ver Roman novamente.

Desde o “jantar” em nossa casa há alguns dias, ele não se deu ao trabalho de aparecer novamente e o pouco que soube à seu respeito, vinha graças as animadas atualizações que Anna me fazia.

— Não acredito que isso está acontecendo — minha irmã murmurou enquanto ajustava o véu que cobria o meu rosto, seus olhos brilhando de emoção. — Nós duas casadas com dois, *também, irmãos*.

Franzi a testa com a revelação.

Eu já tinha ouvido sobre os boatos de que Landon Chamberlain, o marido de Anna, era o bastardo — não oficialmente assumido — de Jeremy Foxworth, o pai de Roman.

E também sabia que essa seria a única explicação para meu pai ter concedido a mão de minha irmã de tão bom grado à alguém tão jovem quanto ele — o sangue correndo em suas veias; assim como nosso pai, Jeremy Foxworth também era alguém influente, algo que, por si só, justificava as razões pelas quais meu pai anuiu tão prontamente com o casamento entre sua caçula e o — suposto — bastardo de Foxworth.

E aquilo, o arranjo, não passava de um jogo estratégico para ambos os lados: acordos e alianças a serem formados com as pessoas e termos corretos, no simples intuito de ampliar ainda mais o poder.

Eu não era inocente o bastante para não saber de onde vinha todo o dinheiro de meu pai e precisamente tudo aquilo que ele fazia para obtê-lo: *contrabando ilegal de armas*.

Em uma cidade como Nova York, existiam diversos tipos de pessoas espalhadas pelos arredores, e dentre elas estavam as como meu pai, que se dispunham a qualquer tipo de coisa para expandir seu dinheiro e poder — mesmo que isso significasse agir de encontro com os preceitos morais e éticos.

Em todos os meus vinte e quatro anos de vida, nunca soube de nenhum assassinato cometido pelo meu pai; entretanto, o mesmo não podia ser dito daqueles para quem ele fornecia o material essencial para tal atividade — tornando-o, assim, indiretamente responsável.

— Olhe para você — Anna murmurou com um sorriso nos lábios, me arrancando de meus pensamentos. — Está tão linda! É definitivamente a noiva mais bela que já vi em toda a minha vida!

Sorri para ela, mesmo desconfiando profundamente de suas palavras.

Ninguém era tão bela quanto ela.

Com os cabelos loiros e impecavelmente lisos e sedosos, um corpo pequeno repleto de curvas suaves e elegantes e os olhos azuis de nossa mãe, Anna tinha a aparência digna de um verdadeiro anjo.

Não era à toa que conseguiu conquistar Landon com tanta intensidade.

— Não faz ideia do quanto estou feliz por você — minha irmã emendou, ficando de joelhos à minha frente e apertando nossas mãos juntas. — É tão bom saber que finalmente conseguirá sair desta casa. Que, enfim, poderá ter a sua *própria vida*.

Sustentei seu olhar, atenta ao quanto o azul de suas irises era tão vívido, que conseguia enxergar meu próprio reflexo neles.

— Ele por acaso comentou alguma coisa com o seu marido?

Anna piscou.

— Como assim?

— Roman Foxworth...digo, Roman — me corrija. — Por acaso comentou alguma coisa com o seu marido sobre desejar se casar comigo?

O sorriso de Anna vacilou um pouco.

— Na verdade, não. Mas isso realmente vem ao caso agora? Para mim, o importante é que está prestes a se tornar a senhora Foxworth.

Comprimi os lábios, deslizando o olhar para as nossas mãos unidas sobre o meu colo.

— Não quero ser uma substituta.

O aperto da mão de Ana sobre a minha intensificou.

— Não diga isso, Corinne. Você *já* será uma substituta — fez uma pausa, soltando um suspiro antes de continuar: — Veja, Corinne, tive o prazer de conviver um pouco com Elsa e realmente lamento muito pela forma como partiu tão precocemente, mas ao mesmo tempo não posso me condenar por estar extremamente feliz e grata pelo fato de que Roman que escolheu

justamente *você* para poder recomeçar. Ouviu o que acabei de dizer? Ele a escolheu, Corinne. Então, por favor, não diga bobagens.

Fiz uma careta.

— Por quê?

Anna piscou.

— Por que o quê?

Olhei para ela.

— Por que ele me escolheu?

Minha irmã franziu a testa em nítida confusão.

Suspirei.

— Por Deus, Anna. Não me olhe assim. Não é como se eu estivesse dizendo alguma bobagem. Conheceu a esposa dele em vida, certo? Viu o quanto ela era linda e absurdamente deslumbrante? Por que ele escolheria justamente alguém como eu, quando estava acostumado a ter ao seu lado alguém como ela? Não faz o menor sentido. Por que escolher alguém como eu, quando está óbvio que tem a sua disposição opções muito melhores?

Anna abriu e fechou a boca, e de imediato eu soube que nem mesmo ela saberia como responder àquela pergunta.

— Não posso responder por ele, mas no que diz respeito à mim, garanto que você, Corinne Hamilton, é a mulher com o coração mais nobre e gentil que conheci em toda a minha vida. E acredito que isso valha muito mais do que qualquer um dos atributos físicos que esteja pensando agora. Sua doçura, bondade e gentileza a tornam única. E é isso que me faz amá-la mais do que qualquer outro indivíduo neste mundo.

Com os olhos marejados, abri um sorriso fraco e olhei sugestivamente entre a aliança em seu dedo e a singela protuberância em sua barriga.

— Mentirosa.

Ela riu.

— Tudo bem — cedeu, se levantando do chão. — É *uma* das pessoas que mais amo neste mundo. Satisfeita?

Sorri, repetindo seu movimento e também me colocando de pé.

Parada diante do espelho, virei um pouco o corpo e observei minha própria aparência no reflexo: meu cabelo loiro estava preso em um coque elegante no topo da cabeça, todo o meu rosto envolto por um véu de renda esbranquiçado que, unido ao vestido simples, porém belíssimo, que revestia meu corpo, me davam um ar de graça e sofisticação.

Anna surgiu exatamente ao meu lado, ajustando o meu véu.

Lado a lado, o topo da cabeça de minha irmã media na altura do meu queixo; assim como nossa mãe, Anna era miúda, graciosa e com um corpo de fazer inveja em qualquer uma. Por outro lado, compatibilizando com nosso pai, eu era alta e sem muitos atrativos físicos — em algo como busto, por exemplo, eu tinha quase total desprovimento.

— Às vezes gostaria de emprestá-la um pouco os meus olhos. Acho que só assim conseguiria enxergar toda a beleza que visualizo sempre que olho para você. Gostaria que pudesse se enxergar da maneira como eu a vejo, Corinne.

Abri um sorriso, apertando sua mão junto da minha enquanto a encarava pelo reflexo do espelho, nós duas paradas diante do mesmo, observando uma a outra com sorrisos igualmente emocionados.

Há três anos, era eu a estar consolando-a e agora, ironicamente, os papéis se inverteram.

Anna estava casada e em pouquíssimo tempo seria mãe também.

Deus, por quanto tempo eu dormi?

Permaneceria daquele modo, abraçada à minha irmã diante do espelho, por um bom tempo a mais, mas para o nosso infortúnio, fomos obrigadas a nos afastar quando Dorothy surgiu, informando que nosso pai nos aguardava no andar de baixo.

Por escolha do próprio Roman, a cerimônia não seria nada extravagante; por isso, em vez de uma igreja, nos encaminharíamos até o cartório mais próximo e nos casaríamos ali mesmo, na presença de apenas os familiares mais próximos.

Apertando a mão de Anna uma última vez, respirei fundo e deixei-a para trás para poder seguir Dorothy, rumando até meu pai.

Estava na hora de desempenhar o papel ao qual meu pai e o homem que me *comprou* estavam me submetendo a executar.

Olhei uma última vez para Anna, que abriu um sorriso encorajador em resposta.

Seus olhos quase diziam que tudo daria certo, mas quando um simples olhar não bastou para me tranquilizar, ela sibilou as palavras baixinho, tentando me passar um pouco de confiança.

Sutilmente assenti, retomando, então, o percurso em direção ao nosso pai.

Talvez minha irmã estivesse certa.

Talvez não fosse tão assustador quanto parecia.

Talvez a história se repetisse e assim como ela, eu finalmente encontraria a tão sonhada felicidade ao lado de meu futuro marido.

A simples menção ao referido termo fez meu estômago embrulhar um pouco.

A partir dali, um novo começo me aguardava; em questão de minutos, a minha vida mudaria para sempre.

Em questão de minutos, eu não seria mais Corinne Hamilton.

Em questão de minutos, Roman e eu partilharíamos não somente um sobrenome, mas uma *vida* também.

A última parte fez com que minhas mãos tremessem de pura ansiedade.

Ainda assim, mesmo que uma parte de mim estivesse morrendo de medo por tudo aquilo que me aguardava como esposa daquele homem misterioso e intimidador, a outra parte de mim, aquela que se sentia morta por dentro há tempos, estava aliviada pelo rumo que as coisas estavam tomando.

Com esse pensamento em mente, ergui o queixo e continuei, determinada a deixar o medo de lado e acabar com aquilo de uma vez por todas.

04.

Em consonância com o desejo de Roman, a cerimônia foi restrita aos familiares mais próximos, contabilizando, assim, em apenas quatro convidados: meu pai, Anna e seu marido de um lado, e do outro, uma senhora grisalha a qual jamais havia visto antes.

Em determinado momento, vasculhei discretamente os arredores em busca de mais convidados da parte de Roman, mas no fim, constatei que de fato seria somente aquela senhora. E só mais tarde é que entendi o motivo: Jeremy Foxworth, o pai de Roman, havia falecido há alguns anos, deixando o filho completamente órfão para trás.

Segundo Anna, assim como no nosso caso, a mãe de Roman teve uma morte bem precoce, partindo quando o filho ainda era apenas criança e, assim, entregando-o aos cuidados de Nancy Harlow, a senhora que agora, me observava com uma expressão indecifrável.

Tendo isso em mente, não o restou ninguém além daquela senhora e, claro, do meio-irmão com quem compartilhava atualmente os negócios herdados.

Rígida feito uma pedra, desviei rapidamente o olhar da senhora que me fitava apaticamente, para o homem parado à frente, cravando minha atenção no colarinho de sua camisa, desesperada para escapar de seu olhar penetrante.

Meu rosto estava parcialmente encoberto pelo véu, mas nem mesmo isso foi capaz de me proteger do efeito que aqueles olhos negros tinham sobre mim, me deixando extremamente nervosa e ansiosa.

Trajado de preto dos pés a cabeça, Roman usava um paletó elegante e desabotoado, expondo a camisa — também negra — a qual não se deu ao trabalho de incrementar com uma gravata. O cabelo estava novamente penteado para trás, destacando os detalhes de seu rosto absurdamente belo.

Meu nervosismo era tamanho, que comecei a tremer antes mesmo que as tão temíveis palavras soassem:

— Pelos poderes a mim concedidos, eu vos declaro marido e mulher. O noivo já pode beijar a noiva.

Com o coração disparado, mantive meus olhos na camisa de Roman conforme ele afastava delicadamente o véu, expondo meu rosto. Reunindo

coragem, deslizei os olhos para cima e de repente o ar foi subitamente sugado de meus pulmões, quando o avistei cada vez mais próximo, se inclinando em minha direção.

Em resultado da educação extremamente rígida que recebi, nunca tive contato ou mesmo *interações* com outras pessoas da minha idade — especialmente aquelas do sexo oposto. Fui educada em casa, sob os cuidados de tutores selecionados pelo meu pai que, temendo que eu ou Anna pudéssemos escapar de seu controle, nos proibiu de frequentar uma universidade quando concluímos a escola — mesmo que minha irmã posteriormente o tenha desobedecido e ingressado, por conta própria, em uma universidade situada num Estado vizinho ao nosso.

Sua ousadia lhe custou um preço muito alto, mas felizmente o jogo virou e mesmo sendo forçada a casar com o pretendente que *deveria* ser de sua irmã, ela conquistou um pouco da liberdade com a qual tanto sonhava.

Diferente dela, eu era uma covarde; apesar de minhas constantes reclamações acerca da drástica realidade a qual era forçada a vivenciar, jamais movi um único músculo para tentar mudá-la. Simplesmente me resignei, concordando em silêncio com cada uma das decisões controladoras que nosso pai realizava sobre a minha própria vida.

Então, por conta disso, jamais o desobedeci antes, explicando o fato de eu ser casta em todos os sentidos da palavra, não tendo sequer *encostado* em homem algum antes.

Roman seria o meu primeiro.

Em todos os aspectos.

E à julgar pela maneira como ele hesitou um pouco quando espalmou meu rosto e estremei em resposta, pude apostar que foi capaz de detectar toda a minha inexperiência diante daquele simples gesto.

Mas isso não o deteve, contudo, pois logo seus lábios reivindicavam os meus em um beijo rápido e singelo.

Gostaria de dizer que nada daquilo me afetava, mas a verdade é que eu havia fantasiado sobre aquele momento durante *anos*.

Ao contrário de Anna, sempre quis me casar, pois sabia que aquela seria a única escapatória para a vida que estava destinada a possuir. E quando isso aconteceu com ela, não consegui *não* invejá-la.

Eu queria um marido. Um casamento. E Filhos.

Em suma, *ansiava* por amar e ser amada de volta.

Fechei os olhos, tentando manter a calma e me concentrar no momento, mas de repente Roman recuou, dando fim ao breve roçar de nossas bocas.

Não deve ter durado nem mesmo cinco segundos, mas foi o bastante para que sons de algumas palmas e fungados soassem, deixando evidente que o acordo entre Roman e meu pai tinha sido cumprido com perfeição.

Abri os olhos, encarando os dele, escuros e misteriosos, me observando com a mesma apatia de sempre.

A expressão em seu rosto estava em branco, totalmente indiferente ao fato de que agora, éramos marido e mulher.

Respirei fundo, sustentando o seu olhar com o que desejei ser uma réplica de toda a frieza estampada em meu rosto.

Estávamos oficialmente casados.



A viagem de mudança para a minha nova casa conseguiu ser surpreendentemente ainda mais assustadora do que o próprio casamento.

Para início de conversa, Roman não se deu ao trabalho de me acompanhar; em vez disso, permaneceu no cartório resolvendo pendências com o meu pai — certamente concluindo os ajustes finais do arranjo.

Pedi à Anna que me acompanhasse, mas em razão dos compromissos como a esposa de quem era, não pôde atender ao meu apelo; em decorrência disso, terminei tendo como companhia Nancy Harlow, a senhora cujos olhos perspicazes e o silêncio resolutivo conseguiam me deixar ainda mais nervosa.

Lambendo os lábios, descí o olhar para as minhas próprias mãos, encarando o presente que minha irmã havia me dado minutos antes de sair do cartório, acompanhada por seu marido. Possuía um laço vermelho e, pelo aspecto leve e suave do embrulho, deduzi que provavelmente se tratava de alguma peça de roupa.

— Chegamos.

A informação foi tão repentina e me pegou tão desprevenida, que sobressaltei de leve ao som da voz, até então, desconhecida de Nancy.

Piscando, olhei para ela e, então, para o vidro do carro, avistando os detalhes de um luxuoso apartamento localizado exatamente no coração de Nova York, em *Manhattan* — algo totalmente distinto de tudo aquilo que eu estava acostumada.

Eu vivia no mesmo lugar desde o meu nascimento e ainda que nunca tivesse motivos para fazer quaisquer reclamações em relação a conforto ou ao padrão de vida elevado que possuía, a mansão em Long Island definitivamente era o inverso do imóvel que eu encarava no momento.

Ainda encarava encabulada todo o movimento dos carros nos entornos, quando a porta foi repentinamente aberta para mim, seguida pela mão do motorista, que prontamente me ajudou a descer do carro.

A brisa fria ricocheteou meus cabelos e abraçou minha pele de tal maneira que, mesmo usando o meu vestido de noiva, senti os pelinhos dos meus braços arrepiarem quando pus os pés na calçada, verdadeiramente fascinada com o quanto absolutamente cada detalhe daquilo que meus olhos avistavam era novidade para mim.

A fachada do edifício era sofisticada, toda a sua estrutura sendo tingida por um tom esbranquiçado que, unido aos detalhes em estilo neoclássico da construção, tornavam tudo ainda mais belo e definitivamente impressionante.

— Me acompanhe, Sra. Foxworth, ou vai acabar pegando um resfriado — murmurou Nancy, seguindo o motorista que adentrava nas imensas portas duplas do prédio, carregando consigo algumas das minhas bagagens.

Imóvel, encarei fixamente as costas de ambos, vendo-as desaparecerem porta adentro.

Sra. Foxworth.

Era bizarro pensar no quanto a vida conseguia mudar tão rapidamente.

Naquela manhã, acordei como Corinne Hamilton, mas terminaria a noite como Corinne Foxworth, a *esposa* de Roman Foxworth.

Um frio se instalou no pé da minha barriga com o pensamento.

Balançando mentalmente a cabeça, segurei o presente de Anna contra o peito e adentrei, atravessando as portas duplas. Fui instantaneamente recepcionada por alguns funcionários que, ante a minha chegada, trataram de sorrir e acenar educadamente para mim.

Corei um pouco ao retribuir cada sorriso, estranhando toda aquela atenção.

Em casa, na mansão, eu costumava passar despercebida por tudo e todos, mas agora que era a esposa de alguém como Roman, concluí que meus momentos de invisibilidade tinham chegado ao fim.

Porque se eu podia representar Roman Foxworth em uma única palavra, seria definitivamente *poder* — em reflexo, estava o fato de ter sido tão bem tratada por todos os funcionários do prédio a partir do momento em que pus meus pés, demonstrando o quanto Roman era respeitado por ali.

Abraçando o embrulho de minha irmã contra o peito, segui Nancy e o motorista até o elevador, concentrando toda a minha atenção na progressão dos números no visor, rogando para que chegássemos ao destino final de uma vez por todas.

Levaram pelo menos cinco segundos até que as portas finalmente abrissem; àquela altura, eu já deveria imaginar que alguém como Roman deveria residir na cobertura, mas ainda assim me peguei surpresa quando o som do último andar apitou e não só Nancy, como o motorista abriram passagem para mim, pedindo silenciosamente para que eu avançasse.

Agarrando o presente de minha irmã como se o mesmo fosse uma espécie de talismã, segui cautelosamente, adentrando no apartamento. Não sei porque imaginei que seria diferente, mas a decoração combinava perfeitamente com o restante da estética do edifício: luxuosa de uma maneira de cair o queixo.

Com uma vista que dava para a ilustre cidade de Nova York, móveis refinados e modernos em tons que mesclavam entre preto, cinza e branco, ficou óbvio que a fortuna de Roman Foxworth era realmente bem maior do que eu imaginava.

— O pessoal da limpeza costuma vir às segundas e sextas — informou subitamente Nancy, se aproximando com uma das minhas bagagens em mãos. Em algum momento durante a minha demorada inspeção à vista proporcionada pelo lugar, notei, o motorista deve ter se retirado, pois o restante das minhas coisas estavam localizadas no chão, bem ao lado da porta. — Mas não se preocupe, porque no restante dos dias estarei por perto para acompanhar tudo. Não precisará se incomodar com nada. Moro a apenas algumas quadras de distância daqui.

Pisquei, surpresa.

Na mansão, grande parte dos funcionários moravam conjuntamente conosco por uma questão de praticidade.

— Pensei que a senhora morasse aqui — murmurei.

A expressão dela se manteve neutra.

— Eu costumava residir junto dos proprietários na antiga residência dos Foxworth — revelou. — Mas com as... *mudanças* ocorridas, Roman

preferiu um lugar só para si.

Assenti, compreendendo o que ela tentava dizer.

Com “mudanças”, Nancy se referia ao falecimento da antiga Sra. Foxworth, motivo que certamente levou Roman a se mudar, optando por algum lugar novo e mais reservado no qual não precisaria ser constantemente bombardeado com as lembranças do lar em que costumava residir com a esposa.

“*Ex-esposa*”, me obriguei a corrigir mentalmente.

— Como já deve ter percebido, esta é a sala de estar. A cozinha fica à direita e um pouco mais a frente, no corredor, pela esquerda, encontrará o escritório e a suíte principal — confidenciou Nancy. — Caso precise de mim, basta me ligar. Meu número está adicionado aos contatos emergenciais. Agora, se me der licença, irei me retirar. Imagino que esteja exausta depois de um dia tão cansativo como este.

Palavras ditas, e ela começou a se mover, girando nos calcanhares para poder se dirigir até a porta, sem se preocupar em esperar por uma resposta.

De repente, senti uma pontada de pânico.

Nancy realmente planejava me largar ali, sozinha, sem prestar os devidos esclarecimentos sobre o paradeiro do meu marido?

Ou, não sei, ao menos me dar instruções sobre como prosseguir dali em diante?

Será que ela não conseguia ver o quão perdida e assustada eu estava?

— E quanto ao meu marido? — me ouvi perguntando em um tom alto o bastante para que Nancy, situada a apenas alguns passos da porta, pudesse escutar. — Quando ele virá?

Nancy parou no lugar, sem virar para mim.

— Seu marido é alguém extremamente ocupado — respondeu secamente, ainda sem me olhar. — Aparecerá quando *puder*.

Odiei a maneira como ela disse aquilo, suas palavras ríspidas dando a entender que o fato de eu perguntar pelo paradeiro do meu *próprio marido* fosse alguma espécie de exigência mesquinha e petulante. No entanto, em vez de demonstrar todo o meu desagrado, me limitei a assentir, mesmo estando ciente de que ela não conseguiria visualizar o gesto.

Sem qualquer hesitação, Nancy murmurou um “tenha uma boa noite” e logo tratou de retomar o caminho até a porta, não parando por uma vez sequer, até que o som do elevador fechando soasse, indicando a sua partida.

Uma vez a sós, me permiti enfim desabar: caí de joelhos sobre o tapete caro da sala, assustada, chorosa e melancólica.

Eu mal podia acreditar naquilo, que estava novamente sendo deixada sozinha quando cheguei tolamente a acreditar que dali por diante as coisas seriam diferentes; pensei que não teria que me preocupar mais com a solidão, mas, ao que parecia, tudo permaneceria igual.

Lutei contra a vontade de ceder às lágrimas que se formaram por debaixo dos meus olhos perante a simples constatação.

Aonde estava Roman?

Me livrando do véu, larguei-o em um canto qualquer do apartamento e levei os joelhos ao peito, os abraçando desoladamente. Apoiando o queixo sobre os mesmos, mantive meus olhos na paisagem fascinante que era a cidade de Nova York à noite.

Em completo silêncio, foquei toda a minha atenção naquela visão gloriosa, completamente indiferente ao fato de que ainda usava o vestido de noiva e, principalmente, de que, ao que tudo indicava, passaria a minha noite de núpcias *sozinha*.

Naquele momento, para o meu espanto, senti saudades do meu pai.

De casa.

Pelo menos lá, eu buscaria pelo consolo dos meus livros, uma vez que qualquer coisa seria melhor do que continuar ali, completamente largada.

Esfregando levemente o rosto, meus olhos se voltaram subitamente para o embrulho largado ao meu lado, no chão, e logo o rosto de Anna pairou sob meus pensamentos, fazendo com que o aperto em meu peito triplicasse de tamanho.

Deus, como queria que minha irmã estivesse ali comigo.

Fugando, sequei as lágrimas em meu rosto e redirecionei a atenção para o céu estrelado e todos os prédios iluminados de Nova York.

E assim, de repente, sem que ao menos pudesse perceber, fechei os olhos e adormeci.

05.

O cheiro delicioso de fritura permeou minhas narinas antes mesmo que abrisse os olhos e desse de cara com a claridade decorrente dos raios solares atravessando a imensa janela que dava vista para a cidade de Nova York, transformando completamente o ambiente que encarei inicialmente pela noite.

Piscando com força, em um primeiro momento fiquei um pouco assustada, toda a minha confusão me demandando um certo esforço para que vasculhasse as recordações da noite anterior em busca de respostas.

E então, de repente, lembrei.

Eu estava casada, por isso estava no apartamento de Roman.

Na minha nova casa.

O pensamento causou um reboliço no pé do meu estômago, mas acabei tendo que deixá-lo de lado, intrigada demais com toda a situação para perder tempo pensando em como lidar com mais um problema — já tinha muitos para me preocupar.

Esfregando os olhos na tentativa de afastar o sono, senti uma leve pontada nas costas quando fiz menção de me levantar e percebi, ao ficar de pé, que na noite anterior, após a saída de Nancy, havia adormecido ali mesmo, no chão, sem ao menos me dar ao trabalho de tirar o vestido de noiva.

Usando uma das mãos para tentar me apoiar no sofá e manter o equilíbrio enquanto ficava de pé, franzi a testa conforme juntava as peças do quebra-cabeças e chegava à conclusão de que, no fim, Roman não retornou para o apartamento como pensei que faria.

A não ser que...

Esperançosa, em um movimento rápido virei bruscamente o rosto e segui o cheiro de fritura, caminhando cautelosamente até a cozinha. Não sei porque imaginei que seria diferente, mas me peguei levemente decepcionada quando avistei, em vez do cabelo escuro daquele que esperava encontrar, com um coque grisalho pertencente a senhora de costas, debruçada sobre o *cook top*.

— Vejo que finalmente está de pé — comentou Nancy, me surpreendendo, já que toda a sua atenção estava cravada na espátula que

usava para espetar seja lá o que fosse aquilo que preparava.

— Bom dia — murmurei baixinho, um tanto desconfortável.

Por ter adormecido no chão, no mesmo local em que Nancy me deixou, tinha total certeza de que, àquela altura, meu cabelo, assim como o meu próprio vestido amassado, demonstravam meu estado caótico em que me encontrava — e não estava falando apenas fisicamente..

— Deveria ter pedido ajuda com isso ontem.

Pisquei.

— O vestido — esclareceu Nancy com os olhos ainda cravados na frigideira. — Não deve ter sido nada confortável dormir com ele.

Dei de ombros.

— Para ser sincera, eu nem notei. Estava cansada demais.

Ela assentiu, desligando o fogo e despejando cuidadosamente o conteúdo fumegante da frigideira no prato que, em um movimento hábil, retirou de sobre a mesa e o acomodou bem diante do meu rosto, o estendendo para mim após aniquilar a curta distância entre nós.

Olhei do prato para ela, demorando um tempo além do necessário para perceber que o estava oferecendo para mim.

Abri um sorriso educado.

— Obrigada, mas não estou com fome.

Arqueando uma das sobrancelhas, Nancy manteve o prato apontado na minha direção, ao passo que passava os olhos pela extensão do meu corpo, me avaliando.

— Não comeu nada na noite de ontem. Se continuar assim, sem se alimentar, vai acabar adoecendo. E acredite em mim quando digo que seu marido já teve uma cota de esposas doentes o bastante.

Arregalei levemente os olhos, chocada em razão de seu comentário inesperado.

À julgar pela maneira como os cantos de seus lábios estavam levemente puxados para cima, deduzi que talvez se tratasse de uma piada, mas ainda assim, não me parecia nada sensato brincar com algo tão delicado quanto a morte — e, eventualmente, *viuvez* — de alguém.

A expressão em meu rosto certamente entregou isso, pois o sorriso de Nancy rapidamente desapareceu, dando lugar à sua postura rígida e empertigada de sempre.

— Bem — declarou, após um pigarreio. — Já que não quer comer, vou descer e aproveitar a deixa para agilizar as coisas referentes a mudança.

Seu marido me ligou na noite de ontem, pedindo para que acompanhasse pessoalmente o remessa do restante das suas coisas.

Pisquei, me agarrando a uma parte específica de seu comentário.

— Ele ligou para você? — indaguei em um tom mais urgente do que o pretendido.

A princípio, Nancy apenas me encarou, incapaz de entender os motivos por trás de toda a preocupação implícita na minha pergunta.

Com os olhos estreitos para mim, lentamente ela assentiu.

— Em qual horário?

As sobrancelhas de Nancy arquearam levemente e suspeitei que só então entendeu aonde eu estava tentando chegar.

— Por volta das onze da noite, senhora.

Minha garganta fechou.

Onze da noite.

A essa hora, eu ainda estava acordada; *à sua espera.*

Por que raios ele não ligou para *mim*, em vez de ter ignorado completamente a minha presença e me largado sozinha naquele apartamento?

— É como eu disse, senhora — Nancy revelou subitamente, me arrancando de meus devaneios. Existia certa suavidade na maneira como ela pronunciava as palavras e observava meu rosto com atenção, quase como se tentando me consolar. — Seu marido é um homem muito ocupado.

“Ocupado apenas para a ver esposa, aparentemente, já que teve tempo suficiente para fazer lhe fazer uma ligação”, desejei dizer, embora, ao deduzir o quanto soaria rude, tenha apertado os lábios e balançado positivamente a cabeça, concordando.

Os olhos azuis de Nancy analisaram meu rosto com atenção, antes que ela finalmente desistisse da ideia de me alimentar: recuando alguns passos, pôs o prato com aquilo que agora conseguia identificar como sendo omelete sobre a ilha, e se virou para mim, retirando o avental e passando as mãos pelo tecido da calça social.

— Pois bem, se a senhora me der licença, preciso ir adiantando as coisas, caso contrário, estarei encrocada — avisou, já fazendo menção de sair.

Antes que pudesse chegar à sala, contudo, a chamei. Ela parou de imediato, me lançando um olhar intrigado por cima do ombro.

Deslizei sugestivamente as mãos pela saia do meu vestido, mostrando-o, enquanto abria um meio sorriso e declarava, no tom mais

brando possível:

— Acho que uma ajuda agora cairia bem.

Como imaginado, Nancy assentiu e então, em vez de me prestar o devido auxílio, pediu para que a seguisse, me conduzindo pelo corredor que levava à suíte principal do apartamento.

Surpresa, percebi que o lugar era ainda maior do que eu pensava, conforme passava rapidamente os olhos pela extensão dos demais cômodos durante a breve “tuor” que Nancy me concedeu à caminho do quarto de seu chefe.

Do *nosso* quarto.

Ao atravessar a porta, ficou mais do que evidente que se tratava de um ambiente de uso estritamente masculino: desde o imenso quadro com a representação realista de uma pantera ao centro, acima da — também enorme — cama *king size* circundada por abajures sobre as mesas de cabeceira, unido a algumas das prateleiras espalhadas pelo lugar e, claro, até o tapete de cor acinzentada — a mesma tonalidade utilizada nas paredes e na maioria dos móveis, seguindo uma espécie de “padrão” estético —, tudo gritava virilidade.

Um pigarreio seguido de um pedido de licença soou às minhas costas, me assustando, e então, de repente, as mãos de Nancy estavam no zíper do meu vestido, abrindo-o. Registrando o movimento, no mesmo instante tratei de segurar o corpete, impedindo que o tecido deslizasse pelo meu corpo, expondo-o. O modelo do vestido não era nada revelador, mas considerando a leveza da saia, eu sabia que seria apenas uma questão de segundos até que ele caísse aos meus pés, deixando meu corpo à mostra.

— Obrigada — murmurei, ainda de costas para Nancy.

— Disponha, Sra.

— Corinne — corrigi, virando um pouco o rosto, arriscando um olhar em sua direção por cima do ombro. — Apenas Corinne.

A insinuação de um sorriso surgiu no rosto de Nancy, antes que ela assentisse respeitosamente e fizesse menção de sair, alegando precisar cumprir com o restante de seus afazeres o quanto antes.

Segurando firmemente a parte frontal do meu vestido, esperei que o som do clique da porta soasse às minhas costas para enfim soltar a respiração que vinha prendendo. Então, suspirando, ergui o olhar e o passei pelos arredores, observando tudo com atenção.

As enormes cortinas cobriam aquilo que imaginei ser uma bela visão da cidade. Ainda que curiosa, contive a vontade de puxá-las para o lado e espiar, com meus próprios olhos, um pouco da — certamente fascinante — paisagem que omitiam.

A verdade é que estava nervosa; por algum motivo, na noite anterior eu ainda não tinha pensado no fato de que, a partir de agora, compartilharia um quarto, assim como uma *cama* com alguém.

Minhas bochechas esquentaram com o pensamento.

Talvez tenha sido bom Roman não ter aparecido na noite passada.

Eu teria mais tempo para me preparar física — e mentalmente, principalmente — para o que estava por vir.

Minhas mãos tremeram um pouco e, desesperada para não ceder ao medo, chacoalhei a cabeça e me dirigi até o banheiro, certa de que um banho cairia muito bem.

Com os olhos arregalados, percebi que, em consonância com a estética do quarto, o banheiro era grande, chique e... *também cinza*.

Talvez Roman tivesse alguma espécie de obsessão pela cor ou algo do tipo.

De toda forma, inspecionei o ambiente em busca de toalhas limpas — algo que achei sem qualquer dificuldade, abrindo brechas para a possibilidade de Nancy ter preparado tudo para mim —, e retirei o vestido, ficando apenas de lingerie.

Diferentemente da maioria das noivas, não optei por uma peça provocativa e tampouco pedi a ajuda da minha irmã para me auxiliar na escolha; acho que, no fundo, eu simplesmente sabia que nada do que eu usasse ficaria realmente bom no meu corpo.

Eu não era exatamente magra, mas também não era o que se podia chamar de “voluptuosa”; eu tinha, sim, curvas espalhadas aqui e ali, além de pernas longas e levemente torneadas em razão dos anos de *ballet* que pratiquei durante boa parte da adolescência, mas ainda assim, aos meus olhos, parecia que faltava algo; dito isso, não importava o que, exatamente, eu vestia, nada me fazia sentir segura de mim mesma — talvez, analisando melhor, o problema fosse bem mais profundo do que eu imaginava.

Tomando o cuidado de verificar mais uma vez se a porta estava de fato trancada, tirei a sutiã e a calcinha e entrei debaixo do chuveiro, rogando para que a água pudesse lavar muito mais que apenas o meu corpo.

Desejei que lavasse a minha *alma*.

Saindo do banho, coloquei um roupão e, ao abrir a porta, dei de cara com um conjunto das minhas roupas já a minha espera, sobre a cama.

Sem qualquer hesitação, tratei de vesti-las e antes que pudesse perceber a minha barriga roncou, indicando que, em partes, Nancy estava correta: eu definitivamente precisava me alimentar, caso contrário, acabaria passando mal.

Com cautela, saí do quarto e me encaminhei até a cozinha, local por onde um prato revestido com bastante salada e frango, estavam postos sobre a ilha, ao meu aguardo.

Enquanto caminhava até lá, me perguntei se Nancy por acaso havia feito alguma espécie de pesquisa a meu respeito, considerando que tinha acertado em cheio no prato selecionado: frango e salada de batata definitivamente era combinação que eu apreciava.

O que ela não imaginava, entretanto, é que com a fome que estava, comeria qualquer coisa que aparecesse a minha frente.

Sem perder tempo, sentei em uma das banquetas e comecei a comer, sem me importar com a presença de Nancy, na sala, ou com todo o barulho do sobe e desce do pessoal da equipe de mudanças.

Eu só queria um pouco de privacidade, mas considerando a minha situação atual, duvidava que conseguiria algo além daquilo: comer sem ser incomodada.

Em razão disso, eu não reclamaria.

Ademais, por agora, era mais do que suficiente.

06.

Já era quase noite quando o processo de mudança foi finalmente concluído.

No meu último dia na mansão, na minha *antiga casa*, tratei de empacotar alguns dos meus pertences e, sendo honesta, não imaginei que ainda restariam tantas coisas, até notar a quantidade impressionante de caixas espalhadas pela sala de estar do apartamento — uma comprovação inegável do quanto a minha vida era quase tão abastada quanto a de Roman.

Levou um tempo considerável para que o pessoal da equipe de mudanças terminasse de descarregar as caixas, e um ainda maior, para que Nancy e eu as retirássemos da sala e as levássemos até a suíte principal, armazenando-as no closet absurdamente grande que o quarto dispunha.

— Tem certeza de que não há nenhum problema que eu coloque as minhas roupas aqui? — perguntei para Nancy, enquanto retirava um de meus vestidos da caixa e o entregava para ela. Resolvemos trabalhar assim: eu desempacotava, e ela guardava.

Me lançando um olhar por cima do ombro, Nancy hesitou antes de aceitar o vestido e colocá-lo no cabide, unindo-o aos demais.

— É a esposa de Roman agora. Não vejo problema algum em se ajustar como tal.

Mordi o lábio inferior, tomada pela insegurança.

— Eu sei, mas... e se ele não gostar? Quer dizer, não faz nem um dia que cheguei aqui e já estou mexendo em tudo.

Dessa vez, Nancy parou o que estava fazendo para me olhar.

— Foi o seu próprio marido quem me pediu para acomodar as suas coisas aqui — explicou seriamente, me fitando como se eu fosse estúpida.

Olhei para ela, incapaz de conter a minha surpresa.

— Verdade?

Nancy arqueou uma das sobrancelhas.

— Sim. E, se me permite dizer, não vejo motivos para estar tão surpresa. Como já dito, é a senhora desta casa agora. Deve ser tratada como tal.

Desviei o olhar para as minhas próprias, observando-as trabalharem na tarefa de livrar mais uma caixa, enquanto tentava acalmar o ritmo

desenfreado de meus pensamentos. Retirando mais alguns vestidos, eu estava focada na tarefa, até ser bombardeada com uma questão extremamente importante:

— Como era a antiga casa dos Foxworth? — me ouvi perguntando baixinho. — A senhora comentou que costumava morar lá, certo?

Nancy hesitou um pouco.

— Sim, morei lá durante boa parte da minha vida — revelou. — E, quanto a casa, era grande, arejada e definitivamente mais *colorida*.

Prendi uma risada.

Então isso significava que não fui a única a reparar na padronização nada sutil de tons de cinza espalhados pela casa.

— Eu amava aquele lugar — Nancy prosseguiu em um tom melancólico. — Fui contratada para trabalhar lá quando Roman ainda era um bebê, por isso desenvolvi certo apego pela residência. Eu simplesmente adorava o fato de que aquele lugar conseguia transmitir tanta paz, mesmo estando situada em uma das cidades mais caóticas do mundo.

Concordei com a cabeça, visualizando a cena: uma casa grande, muito bem iluminada, e repleta de jardins, cuja tranquilidade era capaz de contrariar totalmente o fluxo da movimentada Nova York.

— Então... — pressionei, quando ficou claro que Nancy não diria mais nada. — O que aconteceu? Digo, sei que o falecimento da Sra... digo, da ex-esposa de Roman transformou tudo de ponta a cabeça, mas como, exatamente, aconteceu?

Nancy soltou um suspiro cansado, como se a mera lembrança a magoasse profundamente.

— A Sra. Elsa, assim como eu, amava aquela casa com verdadeira adoração. Era ela quem cuidava dos jardins e mantinha tudo organizado, dispensando a ajuda de qualquer um que não fosse eu, ou seu marido. Ela zelava por aquele lugar com tanto apreço e devoção que quando veio a falecer, foi como se o tivesse levado consigo também. Depois que ela partiu, não importava quantos jardineiros Roman contratasse, nada surtia efeito, pois o jardim parecia simplesmente... *morto*. Passados apenas dois meses do falecimento da Sra. Elsa, Roman vendeu a casa.

Assenti compreensivamente, imaginando o quanto a partida precoce de Elsa deve ter sido difícil para todos.

— Como aconteceu?

Nancy piscou, saindo de seu estado de estupor — parecia tão perdida em pensamentos quanto eu.

Eu ainda não a encarava quando reuni coragem para esclarecer a pergunta:

— A morte de Elsa.

Nancy novamente hesitou, apenas comprovando o quanto o assunto era um tópico sensível para todos.

— A Sra. Elsa foi prometida a Roman quando eles ainda eram bebês. Ambas as famílias eram aliadas, por isso uma união entre os herdeiros seria quase inevitável — esclareceu solenemente. — Desde a infância, a Sra. Elsa já apresentava uma saúde bem frágil. Adoecia com facilidade e por ter pulmões mais vulneráveis do que a maioria das pessoas, qualquer resfriado poderia ser fatal. No dia de seu próprio casamento, por exemplo, após a cerimônia, lembro de tê-la visto vomitar a noite inteira depois de ter ingerido um pouco de champanhe. — O sorriso nos lábios de Nancy se tornou terno conforme emendava, em um tom repleto de melancolia: — Mesmo aquela sendo a noite de núpcias dos dois, Roman a passou ao lado dela, segurando seu cabelo enquanto ela vomitava e posteriormente estremecia em razão dos calafrios decorrentes da febre excessiva.

Um pouco tarde demais, me arrependi de ter feito aquela pergunta.

Caso contrário, não precisaria lidar com a diferença gritante na forma como Roman tratava a falecida esposa e como *me tratava*.

Com ela, ele passou a noite de núpcias inteira ao seu lado, cuidando de seu bem-estar.

No meu caso, ele nem mesmo se deu ao trabalho de *aparecer*.

Talvez a minha expressão tenha entregue isso — todo o meu descontentamento —, pois Nancy prontamente tratou de pigarrear, parecendo só então se dar conta do grande erro que havia cometido ao mencionar detalhes do passado de Roman com sua falecida esposa — e especificamente de sua nítida preferência à ela.

— Bem, acho que acabamos por aqui — anunciou, tensa, após guardar o último vestido restante no cabide, fundindo-o a todos os demais, alinhados com perfeição no lado esquerdo do imenso closet — o lado que Roman separou para mim, deduzi.

Esfregando as mãos juntas, Nancy avaliou rapidamente o trabalho antes de se afastar e fazer um gesto para que eu a acompanhasse. Com os olhos presos em meus próprios pés, incapaz de olhá-la, obedeci, e logo

estávamos novamente no interior do quarto. Um tanto confusa, só entendi o motivo por trás de seu pedido quando avistei um embrulho posicionado sobre a enorme cama *king size*.

O presente de Anna.

— A senhora esqueceu na sala — explicou Nancy.

O simples acontecimento bastou para que o aperto em meu peito aliviasse, causando um sorriso pequeno em meus lábios. Caminhando até a cama, senti meu humor melhorar conforme pegava o embrulho e lembrava da piscadela que Anna me deu quando o entregou para mim ontem, antes de ir embora.

— Obrigada, Nancy.

Nancy assentiu, retribuindo o meu sorriso.

— Disponha, senhora.

Por cima do ombro, eu a olhei.

— Já disse que não precisa de tanta formalidade. Só Corinne, por favor.

Ela pareceu surpresa, me fitando como se não fosse digna de tamanha gentileza.

— Pois bem, então, Corinne — murmurou. — Bem, agora, se me der licença, vou me retirar. Tenho algumas coisas para resolver.

A ideia de passar mais uma noite sozinha me atingiu com força e, aparentemente atenta a isso, Nancy rapidamente revelou:

— Seu marido virá esta noite.

No mesmo instante eu a encarei, lhe lançando um olhar perplexo por cima do ombro, chocada por toda a sua perspicácia.

Ou será que eu é que era óbvia demais?

Alheia ao rumo de meus pensamentos conflituosos, Nancy pediu licença mais uma vez e saiu, me deixando, assim, completamente a sós.

De repente, foi impossível não sentir um leve frio na barriga com a ideia de que, naquela noite, eu finalmente teria a companhia do meu marido.

Inspirando com força, chacoalhei mentalmente a cabeça, me obrigando a relaxar, e concentrei toda a minha atenção em me desfazer do embrulho sobre minhas mãos: o presente que minha irmã havia me dado.

O que eu não esperava, contudo, era que o tiro voltaria diretamente pela culatra, considerando a palpitação em meu peito — unida a vermelhidão em minhas bochechas —, quando encarei e por fim identifiquei

o que, especificamente, minha irmã escolheu para mim como “presente” de casamento: uma camisola.

Correção: uma *lingerie*.

Com detalhes em renda que mal cobririam o contorno de meus seios — além de uma parte inferior completamente transparente —, aquela peça não poderia se enquadrar como outra coisa, se não uma *lingerie*.

E, se achava que aquilo já era ruim o bastante, estava terrivelmente equivocada.

Espiei o fundo do embrulho e meus olhos imediatamente se depararam com um conjunto sexy de sutiã e calcinha — *minúscula*, por sinal — combinando com a cor da camisola.

Meu rosto esquentou.

Então foi por causa *disso* que Anna piscou daquele jeito quando me entregou o embrulho?

Corando, olhei novamente para o conjunto, agora acomodado sobre a cama, sem conseguir deixar de pensar que, contrariando todas as minhas expectativas, minha irmã definitivamente não me conhecia o bastante se realmente achava que eu usaria *aquilo*.

Seria necessária muita autoconfiança para vesti-la — algo que eu obviamente não dispunha.

Por isso, com o rosto ainda quente, devolvi a camisola e o conjunto de peças íntimas ao embrulho e o levei para o closet, escondendo-o no fundo de uma das diversas gavetas espalhadas no *meu lado* do lugar.

Sorri com o pensamento, ainda parcialmente descrente de como a minha vida havia mudado tão drasticamente em tão pouco tempo.

Eu estava casada e morava em um apartamento luxuoso no coração de Nova York.

Tinha, além de um bocado de privilégios por ser a “senhora” do lugar, um lado só para mim no closet que dividia com...

O marido que chegaria a qualquer momento.

Pânico tomou conta de mim em contemplação, conforme vasculhava desesperadamente minhas roupas em busca de uma apropriada para a ocasião e, ao localizar a melhor das opções, corri em direção ao banheiro, tratando de tomar uma ducha rápida enquanto tentava não sucumbir ao nervosismo e pensava no que fazer.

“*Vai dar tudo certo*”, mentalizei, ao mesmo tempo que ensaboava meu corpo com uma força além da necessária e rogava, internamente, para

que, de fato, assim fosse.

07.

Para a minha infelicidade, toda a minha ansiedade para receber meu marido se mostrou completamente em vão.

Roman chegou tão tarde, que durante as seis horas que permaneci acordada à sua espera, acabei cedendo ao cansaço e adormecendo sem nem mesmo conseguir vê-lo.

Parte de mim se sentiu extremamente decepcionada consigo mesma por ter falhado e não tê-lo esperado, mas a verdade é que a outra parte de mim — uma bem pequena —, ficou bastante aliviada com tudo aquilo que sua ausência me esquivou de fazer.

Bocejando, estiquei os braços e joguei as pernas para fora da cama, recordando mentalmente que, em algum momento na noite passada, a espera ficou tão excruciante que acabei indo até o quarto e pegado um dos pouquíssimos livros que tinha trago comigo, na esperança de afastar o sono e tornar a experiência um pouco mais agradável.

Peguei no sono sem que ao menos pudesse perceber.

Me alongando, calcei minhas pantufas e fui em direção ao banheiro, no intuito de realizar a minha higiene matinal. Escovei os dentes, lavei o rosto e penteei o cabelo, prendendo-o, ao terminar, em um rabo de cavalo frouxo. Ainda vestia as roupas da noite anterior — uma blusa de lã na cor creme, unida a jeans escuros —, mas considerando que tinha pulado a refeição e ido dormir sem comer, resolvi deixar o banho em segundo plano e priorizar o café da manhã.

Ao abrir a porta, me deparei com o odor inconfundível de alguma coisa sendo frita e, imaginando que a cena sucedida na manhã anterior se repetiria, caminhei casualmente em direção à cozinha, atravessando o corredor e esperando encontrar com Nancy, de costas, outra vez debruçada sobre o *cook top*.

Então, inesperadamente, o ritmo de meus passos foram diminuindo à medida que meus olhos avistavam, em vez do cabelo grisalho e das costas levemente curvadas que imaginavam encontrar, com um cabelo escuro e ombros e costas largas assumindo a posição ocupada por Nancy na manhã anterior.

Meu coração deu um pulo, e chocada, congelei no lugar.

Não sei por que, exatamente, pensava que não ia encontrá-lo ali; Nancy avisou que ele voltaria, então por que eu estava tão perplexa?

Provavelmente porque, no seu subconsciente, esperava que assim como na noite anterior à de ontem, ele descumpriria com a palavra e resolveria não aparecer.

Ignorando a vozinha em minha cabeça, recuei silenciosamente alguns passos, agindo feito a covarde que era e desejando adiar, um pouco mais, aquele acontecimento.

Na noite do casamento, pensei que realmente estaria preparada para tudo o que estava por vir, mas a verdade é que somente depois de encarar a camisola que minha irmã me deu de presente é que consegui entender o quanto estava terrivelmente equivocada.

Não estava e tampouco me *sentia* pronta para encará-lo; *ainda não*.

Com sorte, Roman só teria dado uma passada rápida para preparar seu próprio café da manhã e já estaria de saída.

“*Seu marido é um homem ocupado*”, alertou Nancy há duas noites, me dando esperanças de estar correta sobre a minha última observação.

Recuando alguns passos vacilantes, com o coração literalmente a mil por hora, senti todo o ar sendo sugado de meus pulmões quando, sem qualquer aviso prévio, Roman espiou por cima do ombro, me lançando um olhar e, assim, demonstrando o quanto era mais sagaz do que o imaginado.

Registrando seu olhar, me obriguei a parar no lugar e fitá-lo, encarando-o nos olhos.

Seu cabelo castanho-escuro estava um pouco desgrenhado, algumas mechas caindo em sua testa, ao passo que vestia uma camiseta cinza-escuro e uma calça moletom — um visual totalmente distinto do executivo ao qual estava habituada a vê-lo.

Endireitando os ombros, fui a primeira a romper com o silêncio.

— Bom dia — murmurei, abrindo um sorriso amigável, porém falso. Estava nervosa demais para conseguir esboçar algum genuíno.

— Bom dia, Corinne — ele respondeu em seu tom neutro de sempre e percebi, com um leve sobressalto, que aquela era a primeira vez que falava diretamente comigo, me chamando pelo meu nome. Virando o rosto de volta para a frigideira, ele apontou sugestivamente em direção à ilha, local em que uma porção de panquecas e tiras de bacon jaziam. — Têm panquecas e bacon ali. A omelete sairá daqui a pouco.

Corei.

— Eu não sabia que estaria aqui — sussurrei. — Que dizer... Nancy avisou, mas pensei que, assim como da última vez, o senhor...

— Somos casados, Corinne. Me chame pelo meu nome.

Não houve qualquer indício de gentileza na maneira como proferiu tais palavras — que, na verdade, soaram mais como uma *ordem* —, mas mesmo assim, senti uma palpitação no peito.

Com o rosto ainda quente, umedeci os lábios e assenti, mesmo estando ciente de que o gesto não seria captado por ele, já que estava de costas para mim.

— Certo — cedi, no fim. — Bem, o que estava tentando dizer é que... hum, eu esperei por você. Até *bem tarde*. Então, como já passavam das três da manhã quando finalmente cedi ao sono, pensei que você não viria mais.

— Não costumo descumprir com o que digo — declarou simplesmente, ainda de costas.

Engoli em seco.

— Sim, claro, mas é que, se eu soubesse que realmente viria, teria acordado um pouco mais cedo e preparado o café da manhã.

— Não se preocupe com isso — assegurou calmamente. — Sou perfeitamente capaz de preparar o meu próprio café da manhã.

Em completa confusão, congelei no lugar e o encarei, franzindo a testa, enquanto tentava decifrá-lo: *Ele estava tentando ser gentil ou... apenas sincero?*

Porque, se fosse o segundo caso, simplesmente não faria ideia de como conseguiria lidar com toda aquela *casualidade cruel*.

Quando falhei em encontrar a resposta — e especialmente quando ficou claro que *ele* não a concederia —, pigarreei e, resolvendo mudar de estratégia, contornei a ilha e me sentei em uma das banquetas, de olho em seu perfil.

Um tanto sem graça, cutuquei as panquecas com a ponta do garfo enquanto, discretamente, lançava olhadelas em sua direção, atenta a cada detalhe: além da camiseta escura e da calça moletom, Roman também calçava um par de tênis esportivos.

Com os olhos presos à frigideira, totalmente alheio as minhas espiadas — não tão discretas —, Roman recuou alguns passos e buscou em uma das gavetas do armário projetado da cozinha, algo que, somente depois, entendi ser uma espécie de “caixinha” contendo alguns temperos.

— Como gosta da sua omelete? — perguntou, então, me pegando desprevenida.

Foi necessária uma força sobrehumana para que evitasse um engasgo e mantivesse a naturalidade enquanto engolia o pedaço de panqueca — por pouco — não entalado em minha garganta.

— Costumo comer com uma pitada de orégano — revelei baixinho.

Ele assentiu e, no mesmo instante, vasculhou o pequeno compartimento em busca do tempero em questão. Com habilidade, ao localizá-lo, Roman encheu a mão com um punhado e o disparou na frigideira, completamente indiferente ao meu olhar cravado em seus movimentos precisos.

— E o café? — perguntou de repente. — Como costuma tomá-lo?

Pisquei.

— Puro.

Ele me olhou.

— Sem açúcar?

Assenti e ele rapidamente refletiu o movimento, confirmando com a cabeça.

— Ótimo — opinou, apontando com o queixo em direção à garrafa térmica localizada ao lado do prato contendo as panquecas e as tiras de bacon.

Desconforto tomou conta de mim conforme chegava à conclusão de que, apesar de ter nascido em um berço tão abastado quanto o meu, com empregados para fazer tudo para si a todo momento, Roman era excelente na cozinha — ao contrário de mim, que por estar extremamente acostumada a ter os desejos atendidos por terceiros, era terrível em tarefas domésticas.

— Aonde está Nancy? — a pergunta soou tão de repente, que Roman virou o rosto para mim, surpreso pela indagação aleatória. Em questão de segundos, entretanto, ele se recuperou e logo sua expressão neutra estava novamente a postos.

— Em dias como hoje, ela costuma chegar um pouco mais tarde — revelou simplesmente, desligando o fogo e se aproximando com a frigideira e uma espátula em mãos. Com precisão, pôs, então, o ovo mexido no prato, recuando um pouco e depositando a frigideira na pia. Outra vez de costas para mim, em segundos, físgou a bucha e o sabão e começou a lavá-la.

Assenti discretamente, notando a maneira como, ao terminar de lavar a frigideira, ele a acomodou na secadora sem fazer qualquer menção de se

unir a mim.

— Não vai comer? — ousei perguntar.

Ele me lançou um olhar rápido.

— Já comi.

E então, de repente, tudo fez sentido.

Sentindo o rosto esquentar, deslizei o olhar para a refeição diante de meu rosto e finalmente entendi o que estava acontecendo: Roman provavelmente sabia que eu era uma inútil na cozinha, então resolveu lidar com tudo sozinho, preparando o meu café da manhã.

Ah, meu Deus.

Eu era uma péssima esposa.

— Desculpe — me ouvi dizendo, largado delicadamente os talheres no prato e recolhendo aos mãos, pondo-as sobre o colo.

Parando o que fazia, Roman se virou para mim e arqueou uma das sobrancelhas.

— Pelo que, exatamente?

Corei.

— Por todo o trabalho. Sei que deveria ter acordado mais cedo e preparado o seu café da manhã, mas...

— Não estamos mais no século XX, Corinne. Como já dito, na ausência de Nancy, sou perfeitamente capaz de cozinhar para nós dois.

Lentamente, elevei o olhar, nivelando-o ao dele numa tentativa angustiante de ler a sua expressão. Contudo, para a minha consternação, assim como em todas as outras vezes, não consegui enxergar em seu rosto nada além de pura *apatia*.

— Vou sair daqui a pouco — Roman informou, terminando de guardar a frigideira. — Consegue cuidar do restante sozinha?

Pisquei.

Ele realmente estava me perguntando se eu tinha capacidade de lavar algumas louças?

O quão ruim ele poderia achar que eu era?

Em vez de expressar isso em voz alta, me limitei a assentir.

— Ótimo — murmurou, caminhando até a geladeira e retirando de lá uma garrafa. Chacoalhando-a um pouco, me lançou um breve olhar por cima do ombro antes de se mover em direção ao corredor que levava ao quarto, e dizer: — Vou descer e malhar um pouco. Quando acabar, irei diretamente para o trabalho.

Engoli a decepção.

Mais um dia solitário me aguardava.

— Voltarei mais tarde — Roman anunciou, me arrancado de meus devaneios, ao voltar da suíte carregando uma bolsa de ginástica. — Estarei em casa para o jantar. Até logo.

E com isso, ele saiu, me deixando sozinha.

Lutei contra a vontade desesperadora de pedir que me levasse consigo, pois em minhas circunstâncias atuais, qualquer lugar seria melhor do que aquele apartamento. No entanto, como o convite não veio por sua livre e espontânea vontade, mordi a língua e me absteve de expressar tal pergunta em voz alta.

Não seria adequado.

“*Bom, pelo menos dessa vez ele avisou que estaria em casa mais tarde*”, uma vozinha comentou em meus pensamentos, tentando apaziguar a situação.

Isso era melhor, certo?

Incapaz de solucionar a indagação, voltei minha atenção para o meu prato e comecei a comer, gemendo de puro prazer ao constatar que minhas suspeitas sobre as habilidades culinárias dele estavam corretas: Roman, de fato, era um excelente cozinheiro.

E isso girou uma espécie de chavinha na minha cabeça: eu precisava agir.

Precisava ser, de alguma forma, *útil* para ele.

Depois de hoje, ficou evidente que Roman era mais independente do que o imaginado, por isso, eu precisava descobrir uma forma de contribuir com o meu papel como esposa e *senhora* daquele lugar.

Só que eu não era uma boa dona de casa.

Tampouco entendia sobre negócios, o que restava...

Meu rosto ardeu com a conclusão do pensamento que surgiu pela minha mente.

Entretenimento.

Corada, fechei rapidamente as pernas, lutando contra a vontade de balançá-las como fazia sempre que estava extremamente nervosa..

Era para *isso* que ele precisava de mim?

De repente, a imagem da camisola presenteada pela minha irmã veio à tona, me fazendo morder os lábios com a percepção de que, talvez, Anna

soubesse, desde o início, dos reais motivos que levaram Roman à escolher uma esposa.

E agora, talvez fosse o momento de finalmente desempenhar o papel ao qual fui submetida — mesmo que cada célula do meu ser se contraísse de nervosismo.

08.

Fazendo jus ao que me garantiu mais cedo sobre “honrar com as próprias palavras”, Roman realmente apareceu para jantar.

Eram quase oito da noite quando ele voltou, e considerando que tive longas 10 horas para pensar no que fazer até o seu retorno, estava mais do que preparada quando ouvi o som da porta da frente sendo fechada, revelando a sua chegada.

No mesmo instante tratei de dar uma rápida conferida na minha aparência, e saí do quarto, praticamente correndo em direção à cozinha, desejando que meus planos para a noite fossem cumpridos com perfeição: capturando a luva de cozinheiro de cima da ilha, coloquei-a sob uma das mãos e rapidamente caminhei até o forno no intuito de retirar a travessa fumegante de seu interior.

Desenformando o suflê de frango na tigela de porcelana mais elegante que encontrei, fingi não notar quando o som dos passos cautelosos de Roman soaram, indicando sua aproximação.

Retirando a luva da minha mão, encarei, orgulhosa, o resultado de duradouras três horas na internet — seguidas de mais duas dedicadas ao preparo —, buscando pela melhor opção para servir num jantar como aquele que tinha em mente: a ideia é que não fosse nada muito elaborado — considerando a minha iminente inexperiência —, mas também nada simples demais; por isso, optei pelo suflê de frango.

Deslizando os olhos para a minha direita, rumo à Roman, dei tudo de mim para esboçar uma expressão de surpresa.

— Não sabia que já tinha chegado — menti, rogando para que meu rosto não entregasse a verdade por trás daquela situação forjada: eu estava tão nervosa, que minhas mãos tremiam levemente.

— Cheguei agora — murmurou ele, olhando apaticamente entre o suflê e meu rosto.

Endireitando os ombros, capturei um pano de prato e o usei para amortecer o calor entre minhas mãos, quando resolvi pegar a tigela. Abrindo um sorriso, me afastei da ilha e fiz um gesto para que Roman me seguisse.

— Preparei o jantar — anunciei, declarando o óbvio, após acomodar a tigela com o suflê sobre a mesa da sala de jantar — a mesma que, por

sinal, arrumei com as pratarias mais chiques que consegui encontrar.

Os olhos de Roman pousaram brevemente no vinho, antes de desviarem para o suflê e, então, para mim. Ele parecia intrigado. *Ótimo*. Era muito bom saber que consegui arrancar alguma reação dele — qualquer uma viria de muito bom grado.

— Espero que não se incomode — murmurei, captando toda a sua atenção na garrafa de vinho. — Usei alguns ingredientes da geladeira e peguei algumas coisas da adega também.

Para a minha surpresa, ele apenas balançou a cabeça, concordando em silêncio.

Com o cabelo castanho novamente penteado para trás e usando um terno escuro sob medida, estava evidente que, conforme informado mais cedo, Roman veio diretamente do trabalho. A verdade é que eu não sabia com o que, exatamente, ele trabalhava, mas considerando a maneira como observava a mesa posta com tamanha intriga e atenção, decidi que aquilo seria assunto para uma outra hora.

Eu descobriria tudo — *eventualmente*.

Naquele momento, eu tinha coisas mais importantes a fazer.

Reunindo uma dose de coragem, caminhei até Roman e, prendendo a respiração, me coloquei às suas costas, esticando, sem qualquer aviso prévio, as mãos em direção ao seu blazer, tentando desesperadamente soar o mais casual possível.

— Vou guardar — expliquei, sentindo-o enrijecer ante meu toque inesperado.

Entretanto, novamente me surpreendendo, Roman acabou cedendo, de tal modo que consegui retirar a peça de seu corpo sem qualquer dificuldade. Com o blazer em mãos, pedi que se sentasse à mesa, alegando que ao voltar, me uniria a ele.

Roman obedeceu.

Respirando fundo, caminhei até a sala e pus o blazer no gancho ao lado da porta, contando mentalmete até dez, tentando manter a calma.

Eu tinha me preparado para aquilo de todas as maneiras imagináveis — desde o preparo e execução da refeição, até a escolha minuciosa das roupas que usava.

Sendo bem sincera, realmente cheguei a cogitar na possibilidade de vestir a camisola que minha irmã me deu de presente, mas acabei mudando

de ideia tão logo a peguei do fundo da gaveta e constatei o quanto era pequena e apertada.

Existia um certo limite para se alcançar, e vestir *aquilo* definitivamente ultrapassava completamente o meu.

Ademais, caso a vestisse, deixaria bem claro, no momento em que a mostrasse para Roman, o verdadeiro intuito daquele jantar — e preferia a morte a permitir que Roman descobrisse que tudo não passou de um pretexto para chamar a sua atenção e posteriormente *seduzi-lo*.

Minhas bochechas esquentaram com o simples pensamento.

Dito isso, como não queria entregar as minhas reais intenções, optei por uma combinação não muito reveladora que, no entanto, ao mesmo tempo não era tão modesta assim: apenas uma blusa justa e vermelha de gola alta, unida a uma calça preta e um par de sandálias de salto médio. Seguindo a mesma lógica, no rosto, não pus nada além de um pouco de blush nas bochechas, e gloss nos lábios, aderindo ao velho dilema feminino de que “menos é mais”. Meu cabelo, em conformidade com o restante, estava solto e penteado de um jeito bem natural.

“*Você está ótima, Corinne. Tenha um pouco de confiança e, por favor, não estrague tudo*”, mentalizei, ao mesmo tempo que girava nos calcanhares, abria um sorriso e voltava para a sala de jantar.

Roman já ocupava um dos assentos quando entrei, e pela maneira como bebericava a taça de vinho, ficou evidente que, caso eu demorasse mais um pouco, começaria a refeição *sem mim*.

— Desculpe pela demora — murmurei, ocupando o assento do outro lado da mesa, bem à frente do seu.

Cada um de meus movimentos era meticulosamente calculado, sendo sutil na medida certa, de modo a não deixar nada muito óbvio.

Roman não respondeu; em vez disso, me observou enquanto levava a taça aos lábios e dava um gole. Arrastei o olhar de seu rosto para o movimento de deglutição em sua garganta, achando, por algum motivo desconhecido, o gesto estranhamente atraente.

Balançando mentalmente a cabeça, cruzei ambas as pernas e o lancei um olhar, ciente de que não ousei romper com o contato visual por um segundo sequer.

Identificando o gesto como um incentivo, afastei educadamente a cadeira e me pus de pé. Então, com os olhos nos dele, me aproximei até

parar ao seu lado, diante da vasilha com o suflê e a louça cara que escolhi a dedo.

— Vou servi-lo — informei, ainda que a testa dele tenha franzido em resposta.

Sentindo as mãos tremerem, cortei uma fatia bem farta do suflê e a coloquei em um dos pratos, no qual, segundos depois, foi delicadamente estendido em sua direção, em uma oferta gentil.

Roman não olhou nos meus olhos quando aceitou o prato e murmurou um agradecimento. Lamentavelmente, o mesmo não pôde ser dito de mim que, atenta ao seu rosto como um psicopata a espreita de sua próxima vítima, observei cuidadosamente cada uma de suas reações conforme levava uma garfada do suflê à boca, experimentando-o. Com o coração martelando contra o peito, ainda de pé, engoli em seco, na excruciante espera pelo seu veredito.

Completamente alheio a toda a minha apreensão, Roman pareceu surpreso quando finalmente levou o olhar até o meu, notando que eu ainda estava de pé e que, ainda por cima, o observava esperançosamente.

— Está muito bom — murmurou, após mastigar e fazer uma pausa para mais um gole do vinho. — Não sabia que você cozinhava.

De repente, foi como se um peso imenso houvesse sido tirado de meus ombros.

A primeira parte do meu plano foi cumprida com sucesso.

Ganhando um pouco de confiança, desisti de voltar para o outro lado da mesa e, ocupando aquele mesmo assento, tratei de me servir, sorrindo ao constatar que seus olhos se mantinham sobre mim, na espera por uma resposta.

— Foi uma habilidade recém-descoberta — admiti. — Não há nada que a internet não consiga nos ensinar.

Roman assentiu, desviando sua atenção para seu respectivo prato.

Bebericando um pouco do meu vinho, o assisti comer da minha comida sem qualquer cerimônia, o que me causou uma estranha sensação de satisfação.

Escondendo um sorriso, segui seu exemplo e também comecei a comer. O silêncio instantaneamente pairou sob nós e me recriminei mentalmente por não ter lembrado de colocar alguma música para tocar. Com o som do raspar de nossos talheres sobre os pratos preenchendo o ambiente, prometi internamente que da próxima vez, além de música,

acrescentaria algumas velas à mesa também, de modo a tornar a iluminação e o clima mais agradáveis.

— Obrigado pela refeição. Estava muito apetitosa.

Ao som da voz baixa e levemente rouca dele, sobressaltei de leve e no mesmo instante virei meu rosto para ele, vendo-o empurrar a cadeira para trás, prestes a ficar de pé.

Chocada, olhei para seu prato, avistando-o completamente vazio.

Deus, ele comia tão rápido assim?

Ou será que fui eu que divaguei por tempo demais?

Àquela altura do campeonato, Roman já estava de pé, puxando a gravata e se encaminhando para o corredor que levava até a suíte.

Droga, ele não podia ir agora!

— Roman — chamei inconscientemente, ficando de pé e o encarando com urgência.

De imediato, ele parou e me olhou por cima do ombro.

— Sim? — respondeu, estreitando levemente os olhos.

Engoli em seco, sentindo o pouco da coragem recém-adquirida sendo completamente drenada de meu corpo conforme captava a maneira penetrante — e frígida, sobretudo — como seus olhos se agarravam aos meus, aguardando.

Não vá.

Fique um pouco mais.

Fique comigo.

Por favor.

Em vez de dar voz a cada uma das súplicas surgindo pelos meus pensamentos, fiz exatamente o contrário, dando lugar à razão, invés da emoção: endireitando a postura e abrindo o sorriso mais casual que consegui, falei:

— Da próxima vez, não precisa preparar o meu café da manhã. Acho que dou conta de prepará-lo sozinha.

Ele apenas assentiu.

— Você já cozinhou. Deixe as louças com o pessoal da limpeza amanhã.

Concordei, olhando esperançosamente para ele, esperando por... *qualquer coisa.*

— Ficarei no escritório, tenho algumas coisas para resolver. Se precisar de alguma coisa, me chame. Espero que tenha uma boa noite.

Balançando lentamente a cabeça para cima e para baixo, meu sorriso foi morrendo conforme ele desaparecia em uma das portas do corredor, local no qual permaneceu pelo restante da noite.

Feito uma idiota, realmente cheguei a tomar um banho e ir para o quarto — o *nosso* quarto —, na tola esperança de encontrá-lo, mas, como dito anteriormente, Roman não saiu do escritório. E isso serviu para me lembrar de algo importante, um fator determinante para que finalmente me desse conta da gravidade da situação em que me encontrava enquadrada: pensando melhor, naquela manhã, quando acordei, o lado da cama de Roman estava completamente arrumado; ou seja, apesar de estar em casa, ele não dormiu comigo na noite passada.

“E tampouco dormirá nessa também”, uma vozinha no fundo da minha cabeça concluiu, sendo o bastante para que abraçasse meus próprios joelhos contra o peito e tentasse, desesperadamente, vasculhar a mente em busca de respostas.

Será que eu tinha feito alguma coisa de errado?

O que estava acontecendo?

Por que Roman estava se recusando a dividir uma cama comigo?

Com tais dilemas em mente, em determinado momento, com os pensamentos a mil por hora, imersos em tantas possibilidades distintas, acabei adormecendo.

09.

— Existe alguma mulher na vida dele?

A intenção não era soar tão desesperada; a priori, o objetivo era ligar para Anna e coletar, aos poucos, o máximo de informações possíveis a respeito da vida pessoal de Roman.

Entretanto, o simples som da voz extremamente familiar da minha irmã me fez desabar e revelar muito mais do que estava disposta a dar, expurgando toda a aflição que vinha me corroendo recentemente.

Ante a minha pergunta inesperada, Anna ficou em silêncio.

— Anna... — chamei baixinho, mordendo apreensivamente a unha do polegar. — Ainda está aí?

— Estou — a voz dela saiu abafada, seguida pelo som de alguma porta sendo fechada. Alguns passos soaram e então, Anna prosseguiu, um pouco mais alto: — Só estava buscando por um pouco de privacidade. Pelo tom na sua voz, ficou óbvio que se trata de alguma urgência.

— Então? — pressionei, flexionando os dedos dos pés. — Ele tem outra ou não?

— Espere um pouco, vamos com calma. Que tal começarmos do início: por que raios está me perguntando isso?

— Ainda não respondeu à minha pergunta.

Anna bufou.

— Não, Corinne. Roman não tem nenhuma mulher além de você.

— Como pode ter tanta certeza?

— Porque, acredite em mim, se ele tivesse, Landon saberia. E meu marido não esconderia algo tão importante de mim, sabendo que, caso a omitisse, seria justo *você* a maior vítima de tudo.

Afastando uma mecha de cabelo do rosto com a mão livre, me recostei na cabeceira acolchoada e soltei um suspiro de alívio.

“*Pelo menos ele não estava me traindo*”, concluí, tentando focar no lado positivo.

E, ao que parece, meu devaneio foi tão duradouro e intenso, que minha irmã indagou, em um tom preocupado:

— Qual é o problema, Corinne?

— É a mesma pergunta que venho me fazendo frequentemente.

Anna emudeceu.

Suspirando, brinquei desleixadamente com a bainha da minha blusa, enquanto pensava na melhor maneira de abordar aquele assunto tão delicado.

Era bem cedo e, como de costume, Roman já tinha saído, me deixando na companhia de Nancy e duas moças responsáveis pela limpeza do apartamento.

Desde o jantar em que cozinhei para ele, há duas noites, vínhamos seguindo o mesmo esquema: Roman passava o dia inteiro fora e, ao voltar, à noite, depois de jantarmos — no completo silêncio —, se enfiava no escritório e só saía de lá na manhã seguinte, surgindo no quarto, bem cedo, para tomar um banho e, assim, retomando o ciclo vicioso no qual estávamos, os dois vivendo.

— Eu não sei — admiti, odiando o fato de que minha voz saía trêmula. — Não sei mais o que fazer, Anna.

Captando toda a minha aflição, Anna insistiu.

— O que está acontecendo, Corinne?

Soltei uma longa respiração.

— É como se fôssemos dois estranhos vivendo sob o mesmo teto.

— Vocês são recém casados, Corinne. É totalmente normal que não tenham tanta intimidade no início.

— É aí que está o problema — murmurei baixinho. — Não temos *qualquer* tipo de intimidade, se é que você me entende.

Anna ficou em silêncio.

Mordi o lábio inferior, me arrependendo imediatamente de tê-la contado sobre aquilo.

Já era ruim o bastante remoer aquele problema internamente a cada madito segundo, mas expressá-lo em voz alta conseguia ser surpreendentemente ainda *pior*.

— Vai completar uma semana desde que se casaram — foi a única coisa que minha irmã disse, toda a sua perplexidade transparecendo em cada palavra.

Fiquei na defensiva.

— Não é como se você tivesse se entregado tão rapidamente para o seu marido. Ou vai me dizer que dormiu com Landon logo de primeira? — soltei, incomodada pela sua declaração anterior. — Aposto que não devem ter demorado menos do que *um mês* para consumir o casamento.

— O meu caso é totalmente diferente do seu — justificou. — Meu casamento foi *forçado*, Corinne. São situações completamente distintas.

— Não me casei por livre e espontânea vontade, se é o que está tentando insinuar.

— Mas também não foi praticamente arrastada para a igreja como *eu* fui.

Dessa vez me calei, sabendo que minha irmã tinha um ponto. Nesse aspecto, realmente não havia como discutir com ela, já que no meu caso, o termo “casamento por conveniência” se esquadava bem melhor do que o “casamento forçado”, ao qual ela foi submetida.

— Desculpe — pedi baixinho. — Não quis ser grosseira.

— Tudo bem — minha irmã sussurrou de volta. — E me desculpe também. Não quis ofendê-la e nem nada do tipo. Só estou... surpresa. Roman realmente não tentou nada desde o casamento?

— Não — murmurei. — Eu até tentei... *algumas coisas*. Mas Roman simplesmente não percebe. E, se o percebe, ignora. É horrível, Anna. Me sinto uma idiota.

— Certo, e o que, exatamente, você fez?

— Cozinhei para ele numa noite. Com vinho e tudo.

Anna emudeceu, parecendo ponderar a respeito.

— Por acaso usou a camisola que eu a dei?

E foi a minha vez de ficar em silêncio.

— Corinne — Anna insistiu. — Usou ou não a camisola?

— Não — confessei.

Anna bufou.

— Ok, então agora sabemos que *você* não está fazendo tudo o que está ao seu alcance para instigá-lo.

Fechei a boca com força.

Então agora a culpa era minha?

— Não posso simplesmente aparecer vestida naquilo, quando ele não faz questão de sequer *dividir a mesma cama que eu*.

Outra vez, silêncio.

Afastei o bocal do celular do ouvido e verifiquei a tela, checando se a chamada ainda estava ativa.

— Anna?

— Ainda estou aqui.

Soltei um gemido esganado.

— Então, o que devo fazer?

— A camisola — Anna soltou simplesmente. — Use a camisola, Corinne. Seja direta. *Deixe bem claro* o que quer. Talvez Roman esteja apenas tentando respeitar o seu espaço.

Bufei desdenhosamente.

— Duvido.

— Tente a camisola. Não desista antes de tentar, Corinne. Em situações assim, precisamos usar todas as armas ao nosso dispor.

Corei, sabendo exatamente sobre qual tipo de arma ela estava se referindo: *o meu corpo*.

— Quanto tempo levou com você? — perguntei, tentando não pensar muito a respeito. Eu já estava envergonhada demais.

Anna hesitou, parecendo confusa.

— Para consumir o casamento — esclareci. — Quanto tempo levou?

— Um mês, mais ou menos — revelou. — Mas não por falta de tentativas da parte dele. Demorou por minha causa: era eu quem estava relutante.

Um nó se formou na minha garganta, e a sensação era de tê-la sendo apertada firmemente por uma mão invisível e com garras pontiagudas.

Do outro lado da linha, minha irmã suspirou, provavelmente interpretando o meu silêncio como insegurança unida a nervosismo — eu poderia mentir para qualquer outra pessoa no mundo, menos para Anna; às vezes parecia que ela me conhecia melhor do que eu mesma, o que era assustador.

— Faça o que estou dizendo, Corinne — aconselhou.

— Tudo bem — murmurei baixinho.

— Promete que fará mesmo?

— Sim, Anna. Prometo — cedi, em um tom de voz cansado.

— Ótimo. Quero uma ligação amanhã com todos os detalhes.

Senti meu rosto esquentar.

Ainda era estranho pensar na ideia de comentar sobre assuntos tão íntimos com alguém — mesmo que esse alguém fosse a minha própria irmã.

— Boa sorte, Corinne. Confio no seu potencial.

— Obrigada. Até mais.

Encerramos a ligação ao mesmo tempo.

Largando o celular na cama, ao meu lado, encarei o teto, pensativa, e estiquei uma das mãos, levando-a para o alto, focando a atenção no anel

brilhante em meu dedo.

Anna parecia extremamente confiante de que uma simples camisola resolveria toda a situação entre Roman e eu — ou em palavras melhores, a evidente falta de interesse que ele tinha por mim.

Soltando um suspiro, sentei na cama e, jogando as pernas para o lado, fiquei de pé, caminhando decididamente até o closet.

Parei bem diante do enorme espelho, encarando minha própria aparência através do reflexo. Graças ao tamanho, tinha acesso a uma visão de mim mesma em tamanho real.

Posicionando uma mecha de meu cabelo atrás da orelha, encarei, vidrada, cada detalhe que compunha a minha aparência: meus lábios, assim como meu nariz e orelhas, era pequeno e delicado, o primeiro sendo salpicado por algumas sardas. As maçãs de meu rosto eram altas, e acentuavam seu formato oval.

Deslizei minha atenção para meus cabelos, observando o contraste entre a raiz lisa — e de tonalidade mais escura do que o restante —, e as leves e praticamente imperceptíveis ondulações nas pontas. Quando criança, meu cabelo era tão claro, que beirava ao branco; agora, ele mesclava entre o loiro nude — na raiz — e o mel, um pouco puxado para o dourado, em sua extensão.

Descendo um pouco mais o olhar, joguei o cabelo por cima do ombro e observei as minhas roupas: blusa de lã preta, com jeans desbotados e um par de pantufas quentes e confortáveis.

“Agora sabemos que você não está fazendo tudo ao seu alcance para instigá-lo”, minha irmã tinha apontado e, com um sobressalto, percebi que talvez estivesse certa — em partes, é claro.

Como a própria Anna fez questão de lembrar, Roman e eu completávamos uma semana de casados dali a dois dias; nesse período de tempo, jamais fui direta sobre as minhas verdadeiras intenções. Fiz, sim, um jantar, e dei indícios, aqui e ali, mas nada muito óbvio; não cheguei a, realmente, ser clara sobre o que esperava dele.

“Talvez Roman esteja apenas respeitando o seu espaço”.

De repente, as palavras de minha irmã vieram à mente, fazendo mais sentido do que eu gostaria de admitir.

Franzi a testa, ponderando à respeito.

E se Anna estivesse certa?

E se aquilo de que tanto precisávamos, fosse apenas um pouco de *sinceridade*?

Com um frio na barriga, girei nos calcanhares e me dirigi até o meu lado do closet, dobrando um pouco o joelho para poder vasculhar melhor uma das diversas gavetas em busca daquilo que poderia muito bem ser a peça chave de toda aquela situação: a camisola branca e rendada que minha irmã havia me presenteado.

Engolindo em seco, peguei-a junto do conjunto de peça íntima e respirei fundo, bloqueando cada um dos pensamentos autodepreciativos que surgiram pela minha cabeça, quando apertei a peça junto do peito e me imaginei usando-a.

Hoje não, Corrinne. Não permita que seus medos estraguem tudo; tenha confiança.

Anna depositou toda a sua esperança em mim ao sugerir que eu vestisse aquela camisola.

Ela *acreditava* em mim e no meu potencial como mulher.

Não queria — e tampouco *podia* — decepcioná-la.

Com a camisola em mãos, erguendo o queixo, parti para o banheiro, decidida a me conceder um verdadeiro ritual de embelezamento.

E, enquanto me despia e preparava o meu banho, repeti mentalmente que tudo daria certo; que dessa vez... tudo seria diferente.

Dessa vez, eu não falharia.

Dessa vez, não me esconderia debaixo da minha covardia.

Dessa vez, seria tudo ou nada.

Dessa vez... *eu o teria*.

10.

Parada diante da porta, foram necessários dez longos e excruciantes segundos de hesitação até que finalmente conseguisse reunir coragem o bastante para esticar uma das mãos e bater, pedindo por passagem.

Mesmo que a conversa com minha irmã tivesse me feito refletir sobre algumas de minhas atitudes, estaria mentindo se dissesse que, enquanto vestia a camisola, não senti um turbilhão de pensamentos negativos atravessarem meus pensamentos, quase me fazendo mudar de ideia.

E então, junto da insegurança, veio um sentimento ainda pior: *auto comparação*.

Espiando a minha aparência no espelho, enquanto encarava o meu corpo — já vestido na camisola rendada —, foi impossível olhar para os meus seios minúsculos e não lembrar da ruiva deslumbrante com a qual Roman costumava ser casado.

Então, inesperadamente, fragmentos de uma conversa específica que tive com Nancy há alguns dias vieram à tona, tornando tudo ainda pior: segundo ela, na noite de núpcias dos dois, Roman tinha passado a noite inteira ao lado dela, segurando seu cabelo, enquanto Elsa vomitava; na nossa, por outro lado, ele nem *apareceu*.

Meu peito apertou.

O que tinha de errado comigo?

Será que Roman tinha um tipo específico de mulher?

Não lembrava muito bem de Elsa, mas podia apostar com toda a certeza que era mais baixa e graciosa do que eu — além de possuir um decote que certamente preencheria aquela camisola que eu vestia com perfeição.

Meu estômago embrulhou.

Com que tipo de mulheres Roman estava acostumado a se deitar?

Será que gostava das mais baixas e delicadas, assim como sua tão estimada Elsa era, e por isso — por *eu* fugir de seus padrões —, ele se recusava a ir para a cama comigo?

Quando minhas mãos começaram a tremer e meus olhos arderem de leve, me obriguei a parar, certa de que, caso continuasse dando ouvidos as

minhas inseguranças, acabaria desistindo e, conseqüentemente, estragando tudo.

“*Pare com isso, Corinne*”, repreendi, a cada passo que dava em direção ao escritório. Em direção à *ele*. “*Controle-se*”.

Endireitando os ombros, dei mais uma batida na porta e, outra vez sem resposta, resolvi tentar a sorte: girando de leve a maçaneta, esperei encontrá-la travada, mas, para a minha surpresa, a porta abriu imediatamente.

Ouvindo-a ranger ante meu toque, prendi a respiração e, tentando manter a calma, adentrei.

A primeira coisa que avistei quando meus pés se moveram para o interior do ambiente, foram livros; uma estante imensa e repleta deles. Piscando, percebi, levemente sobressaltada, que aquela era a primeira vez que entrava ali — e de imediato me arrependi, pois se existia algo de que tanto sentia falta na minha antiga casa — a mansão em *Long Island* —, era da biblioteca privativa que possuía lá. Diante disso, caso soubesse que o “escritório”, estava mais para “espaço de leitura” — vulgo *biblioteca particular* —, já o teria desbravado há muito tempo.

Impressionada, virei um pouco o rosto e, de repente, encontrei mais e mais livros, todos perfeitamente aninhados em estantes que iam do chão ao teto. Fechando delicadamente a porta com o quadril, passei rapidamente os olhos pelo lugar, fascinada com cada detalhe que o compunha: as paredes eram inteiramente preenchidas pelas estantes de livros e, ao centro, um quadro de um cavalo jazia acima da única parede revestida de pedras — aquela oriunda da enorme lareira —, a qual era contornada por um sofá e duas poltronas de couro e uma mesinha de centro, ambas situadas sobre um tapete velho e aparentemente caro.

Franzi a testa, minha atenção pousando sobre o lençol perfeitamente dobrado sobre o sofá de couro posto diante da lareira.

Era aqui que Roman vinha passando todas as noites?

Quase como se à mando do destino, meus olhos de repente se moveram para um canto da sala, à direita, próximo ao aparador e então, eu o vi.

De costas para mim, suas mãos mexiam em algo que, apenas após movê-las um pouco, descobri ser uma garrafa: estava se servindo de uma bebida âmbar — uísque, concluí, quando Roman se virou e, assim, o vidro

da garrafa, acomodada sobre o aparador, ficou exposto; *Woodford Reserve*, dizia no rótulo.

Desviando os olhos da garrafa, me deparei com Roman de pé, imóvel, com os olhos em mim. E, para o meu espanto, aquela foi a primeira vez que realmente consegui enxergar surpresa em suas feições — mesmo que não tenha durado mais do que cinco segundos.

Com o copo recém-servido em mãos, Roman rapidamente recuperou a postura, recolocando a máscara de indiferença no rosto enquanto me lançava um olhar apático.

— O que está fazendo aqui? — quis saber, impassível.

Engolindo em seco, fui subitamente tomada pelo desejo de abraçar meu próprio corpo, omitindo-o de seus olhos — felizmente havia colocado um robe de cetim por cima da camisola, mas nem mesmo a vestimenta pareceu capaz de omitir todo o meu desconforto.

Lutando contra a vontade de me cobrir, ergui o queixo, sustentando seu olhar.

Eu já tinha chegado até ali; não podia desistir agora.

— Vim ver se estava precisando de alguma coisa — sussurrei.

Meu comentário o fez arquear levemente uma das sobrancelhas, antes de dar um gole em sua bebida e atravessar o curto percurso até a uma das poltronas, voltando a se acomodar sobre a mesma sem qualquer hesitação.

— Estou bem, como pode ver.

Existia tanta apatia em suas palavras, que meus punhos cerraram instintivamente contra os lados do meu corpo. Ele, em reposta, apenas se recostou contra a poltrona de couro, me lançando um olhar inexpressivo à medida que levava o copo aos lábios, bebericando um pouco do uísque.

Por puro instinto, cada célula do meu corpo praticamente gritou para que eu saísse dali. Para que escapasse o quanto antes; que preservasse meu orgulho, enquanto ainda era tempo. Mas a outra parte de mim, aquela que estava farta de ser ignorada, rugiu com tanta intensidade que, quando dei por mim, já levava uma das mãos até a tira do meu robe, desfazendo o laço. Atirando-o ao chão, mantive meus olhos em Roman, atenta ao quanto seu olhar parecia mais cauteloso conforme minhas mãos se moviam pelo robe, passando-o pelos meus ombros e, assim, retirando-o do meu corpo.

Em questão de segundos, o tecido caiu aos meus pés, exibindo a camisola rendada e, consequentemente, o meu próprio corpo — já que o tecido mal cobria o contorno de meus mamilos.

Erguendo o queixo, reprimi a vontade de me cobrir e permaneci ali, em pé, me exibindo; me *oferecendo*.

“*Olhe para mim. Venha. Me reivindique*”, eu quase suplicava com o olhar, mas Roman continuou imóvel, em silêncio, me observando com aquele olhar vazio de sempre.

Reprimindo a vontade de pegar o robe do chão e voltar a cobrir meu corpo, endireitei a postura, estufando o peito, e joguei o cabelo por cima do ombro, concedendo ao meu marido uma visão ainda melhor de mim mesma.

Com certa satisfação, notei seus olhos deslizarem relutantemente para baixo, passando pelos meios seios — totalmente visíveis sob o tecido fino —, e descendo um pouco mais, indo da barriga, até a barra da camisola pairando na altura das minhas coxas.

O rosto de Roman continuava em branco quando levou o olhar de volta para o meu, mas um simples gesto me deu coragem o bastante para fazer com que meus pés avançassem alguns passos em sua direção: o movimento praticamente imperceptível da veia saltando em seu pescoço.

Palpitação.

Isso era bom; *muito bom*.

Significava que Roman não era tão indiferente a mim quanto fazia parecer.

Sem romper com o contato visual, parei exatamente à frente dele, que continuava sentado na poltrona, seus olhos escuros e misteriosos, fixos nos meus. Me inclinando de leve, peguei o copo com a bebida de uma das mãos e o posicionei sobre a mesa de centro, atrás de mim, totalmente consciente de que, ao virar, o proporcionaria uma visão privilegiada da calcinha fiodental que eu usava por debaixo da camisola de renda transparente.

Voltando a encará-lo, não deixei passar despercebida a maneira como trincou de leve a mandíbula ante a minha aproximação. Em razão do recém-descoberto efeito que meu corpo exercia nele, sentindo a pulsação vibrar de pura adrenalina enquanto mantinha o contato visual, levei uma das mãos até a dele e, então, a puxei delicadamente até o meu peito, pondo a palma aberta bem acima do meu coração.

Os olhos de Roman ainda estavam nos meus, frígidos e impassíveis, quando, insatisfeita, apertei de leve sua palma sob a minha, fazendo-a apalpar levemente meu seio esquerdo. Dessa vez, uma sombra perpassou pelo castanho-escuro de suas írises, tornando-as quase negras, conforme seu olhar se cravava em minha mão, sob a sua, em meu seio. E então, no

momento em que pensei que teria que movimentá-la novamente, instigando-o a me tocar, para a minha total surpresa, seus dedos se moveram por vontade própria, agarrando o meu seio com tanta firmeza, que suspirei, surpresa.

No mesmo instante, seus olhos se voltaram para os meus — ainda mais escuros do que antes —, e algo na maneira como sua mão livre se fechou sobre o braço da poltrona, me fez perceber que aquilo, de alguma forma, o afetou — e bem mais do que gostaria, à julgar pela forma como franziu os lábios, parecendo debater internamente o que fazer em seguida.

Comprovando o meu ponto, Roman tentou subitamente recolher sua mão, mas fui mais rápida e o detive; não me importava se minha atitude demonstrasse certo desespero. Eu só queria que ele me tocasse.

E, sobretudo, que me *quisesse*.

Com os olhos nos dele, praticamente supliquei para que não parasse; para que me tocasse e *me fizesse, finalmente, sua*.

Levando sua mão de volta ao meu seio, eu o encarei fixamente, fazendo questão de apertar sua palma contra o meu peito, deixando as minhas intenções claras e, principalmente, desejando que meus olhos pudessem transmitir cada um dos meus anseios.

Não pare.

Não resista.

Não me rejeite, por favor.

Em um primeiro momento, Roman não fez nada; apenas me observou com escrutínio, seu olhar penetrante fixo no meu, parecendo desejar enxergar a minha própria alma. Então, sem qualquer aviso, ele puxou sua mão da minha e eu recuei, notando que, agora, ele se colocava de pé, sua sombra sobrepondo-se à mim.

Durante o pouco tempo que tínhamos como marido e mulher, nunca tinha reparado no quanto ele era alto: com meus 1,70 de altura, eu não era exatamente baixa, mas o homem diante de mim era, pelo menos, vinte centímetros mais alto, de tal modo que tive de erguer o rosto para poder encará-lo.

Seu cabelo estava penteado para trás, as pontas atingindo a altura de sua nuca, ao passo que vestia uma camisa social aberta nos três primeiros botões, sem a gravata, e arregaçada nas mangas, abrindo brechas para a possibilidade de já estar ali há um bom tempo — Roman sempre saía de casa com um terno perfeitamente alinhado, evidenciando que teve um tempo considerável para se livrar da gravata e do blazer, e ficar confortável.

Com o peito subindo e descendo desregulado, sustentei o olhar dele com apreensão, incapaz de ler a expressão em seu rosto; seus olhos se agarravam aos meus de uma maneira tão dolorosamente crua, que senti os pelos da minha nuca arrepiarem em contemplação.

Naquele momento, éramos como uma presa e seu predador: eu era o coelhinho assustado que foi encurralado pelo lobo perigoso e voraz, que, após ser cutucado com uma vara, parecia sedento por sangue.

Captando isso — toda a minha vulnerabilidade —, rapidamente recuperei a compostura; eu tinha prometido à mim mesma e a minha própria irmã que deixaria a covardia de lado e lidaria, de frente, com aquele problema.

Por isso, ergui o queixo e endireitei a postura, sustentando decididamente o olhar de Roman.

“Seja bem direta, Corinne. Deixe bem claro o que quer”.

Ao recordar das palavras de minha irmã, engoli em seco e, quando ficou evidente que Roman não faria nada além de me observar com aquela expressão de — literalmente — tirar o fôlego, resolvi seguir à risca o conselho de Anna: ficando na ponta dos pés, sem nunca romper com o contato visual, aniquilei a distância entre nós e, envolvendo seu rosto com as mãos trêmulas, levei meus lábios aos dele, beijando-o.

Me beije, eu quase suplicava mentalmente, enquanto roçava delicadamente meus lábios nos seus, ansiando para que me beijasse de volta. *Por favor, reaja*.

Só que, para a minha total consternação, com a mesma agilidade que utilizei para beijá-lo, Roman recuou.

Abrindo os olhos, com as mãos tolamente suspensas no ar, me deparei com seu olhar penetrante. Com as sobrancelhas franzidas, formando um vinco no meio de sua testa, Roman me fitou como se eu fosse louca e tivesse perdido completamente as estribeiras.

Verdade seja dita, eu tinha mesmo; e era tudo graças a *ele* e toda a sua indiferença.

Reconhecendo a derrota, deixei minhas mãos caírem desoladamente contra os lados do meu corpo, preparada para o que viria a seguir: as consequências por toda a minha urgência escancarada e humilhante para seduzi-lo.

Resistindo à vontade de me encolher e simplesmente sair correndo, continuei parada, na espera, me recusando a desviar o olhar do dele.

Em resposta, ele apenas me observou em completo silêncio, os olhos escuros cravados nos meus, me analisando com escrutínio.

Por um breve momento, a única coisa que consegui ouvir foi o som da madeira crepitando na lareira e da minha respiração acelerada preencherem o ambiente.

Então, de repente, *tudo mudou*.

Em um segundo, Roman me encarava, calmo, sereno, *frio*, e no outro, enfiava a mão em meus cabelos e me puxava para si, esmagando nossos lábios juntos.

A priori, fiquei um pouco chocada, mas bastou um simples movimento de uma das mãos dele sob a minha camisola, serpenteando por debaixo do tecido, para que meu corpo reagisse e todo o restante simplesmente *desaparecesse*.

Eu mal podia acreditar.

Deus, estava acontecendo.

Roman estava me beijando.

Já tínhamos nos beijado uma vez, durante o nosso casamento, é claro, mas o beijo de agora... esse beijo era *completamente diferente*.

Não existia qualquer delicadeza na maneira como os lábios de Roman reivindicavam os meus. Ou na forma como suas mãos, grandes e calejadas, se agarravam à minha pele com pura necessidade.

Era voraz.

Lascivo.

Rude.

E, Deus, simplesmente *irresistível*.

Por alguma razão desconhecida, toda a rispidez utilizada por ele apenas tornava tudo *ainda melhor*.

Com uma das mãos nos meus cabelos, enfiada em meus cabelos, Roman moveu bruscamente aquela que segurava a minha perna, passando-a da parte inferior da minha coxa, até a bunda, seus dedos cavando na pele com tanta força, que certamente deixariam uma marca. Arfei contra a sua boca em resposta e, tirando proveito da deixa, ele penetrou meus lábios com a língua, aprofundando o beijo, fazendo com que o gosto do uísque invadissem os meus sentidos.

Fiquei zozza com a sensação da língua dele provocando a minha, seus lábios firmes e insistentes, parecendo nunca satisfeitos.

Sem muita noção do que fazer, movi timidamente a língua contra a dele e, de repente, o aperto contra o meu traseiro se tornou ainda mais firme, me puxando em direção ao seu membro, quase como se desejando fundir nossos corpos. O movimento inesperado me fez arfar contra a sua boca, completamente extasiada com as sensações que estava despertando em mim. Então, partilhando do mesmo anseio por fricção, levei uma das mãos até a nuca dele, prendendo meus dedos entre seus cabelos e nesse mesmo momento seus lábios desceram para o meu pescoço, mordiscando e sugando, me deixando cada vez mais ofegante e desejosa.

Nunca tinha me sentido daquela forma antes; havia, sim, me tocado algumas vezes, por pura curiosidade para saber do que, exatamente, gostava.

Mas *aquilo*... ia muito além de tudo o que a minha rasa experiência tinha me proporcionado.

Dominada pela excitação, ao toque calejado da mão de Roman vagando sob a minha camisola, seus dedos se movendo até pairarem sobre um dos meios seios, conforme seus lábios continuam em meu pescoço, emiti um ruído tão irreconhecível que, quando o ouvi, levei alguns segundos para perceber que veio diretamente do fundo da minha garganta. Fiquei horrorizada; mas não tive muito tempo para pensar a respeito, entretanto, porque meus pensamentos desapareceram tão logo os lábios de Roman se abriram sobre a minha pele, depositando beijos de boca aberta capazes de arrepiar e incendiar cada centímetro do meu corpo.

Ofegante, mantive uma das mãos na nuca dele, à medida que me perdia na sensação deliciosa da barba por fazer arranhando de leve na região sensível do meu pescoço, seus lábios cada vez mais perto do vale entre meus seios. Sua mão livre continuava se movendo avidamente, inspecionando cada pedaço de pele que encontrava disponível por debaixo da camisola, e à julgar pela maneira como grunhiu contra o meu pescoço quando voltou a espalmar o meu seio, pude ter certeza de que eu não era a única a estar ansiosa por aquela carícia.

Jogando a cabeça para trás e lambendo os lábios, não consegui fazer nada além de arfar e gemer baixinho, incapacitada de formular qualquer frase coerente. Levando os lábios de volta aos meus, Roman me beijou com força, me arrancando não somente o fôlego, como qualquer resquício de autocontrole também: desesperada por mais, comecei a me esfregar desavergonhadamente contra ele, que, em resposta, deslizou uma das mãos para o ponto entre as minhas pernas que pulsava de desejo por ele.

— Porra — gemeu, rouco, contra a minha pele. Segundos antes, seus lábios tinham se movido um pouco, pairando em ponto logo abaixo da minha orelha. — Você está molhada. *Molhada pra caralho.*

Sua voz, áspera e baixa, vibrou contra mim de uma maneira tão intensa que, arrebatada, mordisquei o lábio inferior, impedindo que outro gemido me escapasse. Alheio ao movimento, Roman moveu um pouco mais a mão, tocando inesperadamente o meu clítoris sob a calcinha e, dessa vez, foi impossível reprimir o som que saiu do fundo da minha garganta em resposta. Meus dedos voaram para os ombros dele, se agarrando firmemente ao tecido de sua camisa, ao mesmo tempo que meus lábios abriam e minha respiração acelerava.

— Roman — gemi baixinho contra o ouvido dele, em um tom de voz suplicante que, até aquele momento, me era totalmente desconhecido.

A intenção era instigá-lo a não parar de me tocar, mas o meu pedido acabou tendo o efeito totalmente reverso: em vez de ampliar as carícias, Roman de repente enrijeceu. E em meu estupor, não fui capaz de perceber a péssima decisão que havia tomado até notar a maneira como a expressão dele, assim como toda a sua postura, alternou de excitada para transtornada, em questão de míseros segundos.

Sem qualquer aviso prévio, Roman se afastou tão de repente que levei um tempo considerável para finalmente me dar conta de que havia recuado pelo menos três passos, se posicionando ao lado da lareira — o mais longe possível de mim. Confusa, eu apenas pisquei, tentando entender o que estava acontecendo. E então, quando fiz menção de avançar um passo, ele levantou subitamente uma das mãos, me interceptando. Parei no mesmo instante, chocada, sem acreditar no que estava vendo.

Na mudança absurda que aconteceu bem diante de meus olhos e não fui capaz de registrar.

— Roman? — chamei, baixinho, em um fiasco de voz.

Ele estava de costas agora, com as mãos no cabelo, mas o fato de não estar olhando para mim dizia o bastante.

— Vá embora — pediu em um tom de voz cortante.

Pisquei algumas vezes, ainda sem entender.

— Roman, o que...

— Vá embora, Corinne — grunhiu rispidamente.

Ele ainda não olhava para mim, mas o movimento frenético das suas mãos em seu cabelo — um tanto desganhado em razão das minhas

ministrações —, evidenciaram o quanto estava se esforçando para manter a calma.

— Roman — tentei mais uma vez, novamente em vão.

— Não vou repetir três vezes, Corinne. Saia. *Agora*.

Eu sabia que deveria obedecer; que, caso saísse logo, ainda conseguiria manter uma pequena parte do orgulho intacto. Mas em minha tola esperança de decifrá-lo, me peguei avançando alguns passos hesitantes em sua direção.

Converse comigo, eu queria dizer, mas dos meus lábios não saía nada; eu só conseguia me aproximar dele a passadas vacilantes e ansiosas, desesperada para compreendê-lo.

Parando às suas costas, estiquei um dos braços e tentei tocar seu ombro, desejando virá-lo para mim, mas Roman se desvencilhou do meu toque tão rispidamente, que me assustei.

— *Não* — grunhiu rudemente. Ainda de costas, ele esfregou nervosamente o rosto e se afastou, ignorando completamente a minha presença.

Chocada, eu o avistei andar de um lado para o outro, próximo do aparador, e se servir de mais um pouco de bebida — dessa vez, diretamente da garrafa.

Abraçando desoladamente o meu próprio corpo, o observei, descrente daquilo que meus olhos estavam vendo.

Aquilo não podia estar acontecendo.

Ele não podia estar fazendo aquilo, me tratar com toda a costumeira indiferença, depois do que tinha acontecido entre nós. Não depois de me beijar *daquele jeito*.

Sentindo a confusão se unir à raiva e a perplexidade, cerrei os punhos e o chamei.

— Roman...

— Eu já falei — ele me cortou, contudo, sem ao menos me ouvir, enquanto me lançava um olhar por cima do ombro. Seus olhos estavam mais sombrios do que alguma vez já pensei tê-los visto, e a expressão em seu rosto era de puro desprezo conforme as seguintes palavras escapavam de seus lábios :— Dê o fora daqui, *porra*.

Dessa vez, eu congelei.

Não conseguia compreender o que estava acontecendo. O motivo de Roman estar me tratando, agora, não com indiferença, mas raiva. E *desprezo*.

Meus olhos arderam com a sensação de rejeição, uma lágrima quente deslizando pela minha bochecha em reflexo, mas imediatamente, tratei de enxugá-la.

Não chore, ordenei a mim mesma, conforme endurecia a expressão e dava o meu melhor para mascarar toda a dor e o sofrimento que suas palavras causaram em mim. Dessa maneira, em vez de ceder às lágrimas quentes que ameaçavam escapar pelos meus olhos a qualquer momento, reunindo o último resquício de dignidade que me restava, ergui o queixo e obedeci ao pedido... não, a *ordem* dele, saindo com toda a casualidade que, em minha situação atual, consegui forjar.

Chegando no quarto, contudo, desabei.

Cobrindo a boca com as palmas trêmulas, repassei mentalmente todo o ocorrido, lembrando desde o beijo alucinante e cada uma das carícias, até a expressão de ódio no rosto de Roman quando me mandou embora.

Deslizando com as costas pela porta, abracei meus próprios joelhos e chorei até soluçar, tentando, a todo momento, compreender o que tinha acontecido. *Como* tinha acontecido.

O que foi que perdi?

Quando todo aquele desejo se transformou em ódio?

O pensamento fez um soluço alto escapar do fundo da minha garganta. Fungando, enxuguei as lágrimas com as costas da mão e, temendo que todo o silêncio do apartamento pudesse entregar o meu estado de desolação, caminhei rapidamente até a cama e me lancei sobre ela, abafando cada um dos meus soluços com o travesseiro.

Enquanto chorava, lembrei de Anna e toda a sua tola esperança confiança ao acreditar que uma simples peça de roupa resolveria o verdadeiro *iceberg* entre Roman e eu.

O que ela não imaginava, é que não importaria o que eu vestisse, nada daria jeito; quando saí do escritório, depois de ser praticamente expulsa de lá por Roman, no fundo da minha mente, repeti comigo mesma que não entendia o motivo por trás da sua brusca mudança de atitude. No entanto, por mais doloroso que pudesse soar, a verdade é que eu sabia, sim: o problema não era a roupa, o penteado ou qualquer coisa do tipo; o real problema era *eu*.

Meu marido não me queria.

A percepção me fez chorar ainda mais alto, um aperto cruel se cravando em meu peito, feito uma apunhalada, quando lembrava da

expressão em seu rosto e da esquiva quando tentei tocá-lo.

Em determinado momento, em meio a soluços, tremores e mais e mais lágrimas descendo desgovernadas pelo meu rosto, adormeci.

PARTE II

ALIANÇA.

*“Tudo o que você tem é o seu fogo
E o lugar que você precisa atingir
Nunca dome seus demônios
Mas sempre os mantenha em uma coleira”*
— **Arsonist 's Lullabye, Hozier.**

11.

Roman Foxworth

Duas semanas atrás.

Maxim Hamilton era um filho da puta manipulador.

Eu sempre soube disso; mesmo antes de Anna Chamberlain, a esposa de meu meio-irmão, Landon, me dizer.

A história de como a própria Anna foi parar na nossa família já falava por si só, mas, de toda maneira, a verdade é que consegui enxergar a real índole de seu pai — e toda a obscuridade escondida por debaixo dela — bem antes de minha cunhada resolver expô-la.

Meu pai tinha diversos conhecidos espalhados pelos arredores, por isso, fui praticamente forçado a conviver com alguns durante boa parte da minha vida — dentre os quais estava Maxim Hamilton. Não conseguia lembrar com exatidão da primeira vez em que topei com o imbecil, mas o que podia afirmar com convicção é que recordava com clareza do merda que negociou a mão de sua própria filha em troca de uma aliança duradoura com o meu pai.

O acontecimento em si não deveria me surpreender, afinal, tanto ele, quanto o meu próprio pai, pertenciam ao submundo de Nova York — algo que, por si só, já deveria justificar tudo, afinal, comportamentos assim eram de se esperar de pessoas como eles.

Entretanto, mesmo estando ciente do tipo de pessoas que os dois eram, a forma como tudo aconteceu, me pegou de jeito: o combinado consistia basicamente em uma mútua colaboração nos contrabandos de ambos os lados — enquanto Maxim Hamilton facilitaria a venda e distribuição de armas e munições para o pessoal do meu pai, o “generoso” Jeremy Foxworth forneceria, em troca, um passe-livre para o entretenimento concedido por uma das casas de prostituição mais famosos de Nova York: o *La Bouche*.

O que Maxim não imaginava, contudo, é que meu pai conseguia ser ainda mais calculista do que ele — em situações normais, meu pai não

entregaria um herdeiro seu assim, tão facilmente; mas não pelas razões imaginadas: não era como se ele amasse demais os filhos ou algo do tipo. Jeremy apenas prezava demais pelo sobrenome que carregava e especialmente tudo aquilo que representava: anos e anos em que os Foxworth se mantiveram no topo da pirâmide social do tráfico, fazendo dinheiro da maneira mais suja e sorrateira possível.

Para o meu pai, era imprescindível que os Foxworth estivessem com alguém igualmente importante ao seu lado. E, como prova disso, estava o fato de que eu, seu primogênito e único herdeiro legítimo, tinha sido prometido a filha de outra família igualmente poderosa — um dos maiores narcotraficantes da cidade —, no momento em que vim ao mundo. Mas quando surgiu a oportunidade de formar uma aliança com um contrabandista bélico cuja fortuna não vinha de herança de várias gerações — como no nosso caso —, contudo, ele simplesmente fez uso de Landon, o fruto de um de seus diversos casos extraconjugais espalhados por aí — cuja paternidade, por sinal, ele tampouco se ao trabalho de reconhecer —, e aceitou o acordo relativamente “barato” com Maxim sem qualquer proposto.

Jeremy Foxworth fazia questão de estar no topo, sempre um passo à frente de qualquer um que tentasse acompanhá-lo e, se não era para ser o melhor em algo, ele nem *tentava*. Com isso em mente, ele não media esforços para alcançar seus objetivos — nada era demais para ele.

E foi com esse dilema em mente, que ele casou seu único bastardo com Anna Hamilton — ainda que o acordo inicial tivesse como objeto a primogênita dos Hamiltons, Corinne Hamilton.

Não sei ao certo como, exatamente, aconteceu, já que na época eu já estava casado e tinha a meus próprios problemas para lidar, mas o que soube foi que, contrariando às expectativas, Landon escolheu Anna, a caçula, em vez de sua real prometida.

De acordo com o próprio Landon, Maxim, o pai de ambas, tentou adverti-lo sobre o temperamento rebelde da caçula da família, garantindo que Corinne seria a melhor opção, mas meu irmão o ignorou, mantendo o seu desejo em casar com Anna.

No final das contas, Maxim — e tampouco nosso pai — fez qualquer protesto acerca da mudança no acordo, por isso o casamento entre Landon e Anna acabou acontecendo naquele mesmo mês.

Desde então, três anos já haviam se passado e junto do avanço no tempo, diversas mudanças tinham se estabelecido em nossas vidas: desde a

morte de nosso pai — e nossa eventual posse aos negócios da família —, até a minha precoce viuvez.

Com a minha bebida em mãos, observei a esposa de meu meio-irmão adentrar na sala de estar do meu apartamento com uma expressão preocupada no rosto.

Os dois estavam de volta à Nova York depois de alguns meses em Londres, e tão logo regressaram, meu irmão resolveu me fazer uma visita.

— Aconteceu alguma coisa? — exigiu saber Landon, se colocando de pé no exato momento em que o som dos passos apressados de sua esposa soaram pelo ambiente.

Minha cunhada, que atualmente se mostrava bem mais tranquila do que na época em que se tornou a Sra. Chamberlain, era uma mulher jovem, loira, pequena e magra — muito embora desde que descobriu sobre a gravidez viesse ganhando alguns quilos discretos.

— Ele pretende casá-la — foi a única resposta de Anna.

Intrigado, deslizei os olhos de volta para Landon, a maneira como baixou os olhos para os próprios pés evidenciando que estava a par de seja lá o que fosse aquilo que sua esposa falava.

Anna empalideceu.

— Ai meu Deus — murmurou, arregalando os olhos azuis. — Você sabia, não é?

Landon suspirou.

— Tinha suspeitas.

— Quando ia me contar?

— Quando tivesse a certeza.

Eles compartilharam um olhar, o dela transpassando raiva unida a uma pitada de mágoa, ao passo que o dele, transbordava culpa.

Estreitando os olhos, com o copo de uísque ainda em mãos, olhei entre ambos, esperando que algum dos dois esclarecesse o que estava acontecendo, mas para a minha infelicidade, Anna apenas cruzou ambos os braços sob o peito, fuzilando seu marido com o olhar. Registrando isso, Landon soltou um suspiro e rapidamente caminhou até ela.

— Desculpe, querida — pediu, envolvendo-a entre seus braços. — Não queria preocupá-la.

Desde que descobriu sobre a gravidez de Anna, Landon vinha sendo mais protetor e cuidadoso do que nunca com ela — algo que, na maioria das vezes, irritava sua bela e jovem esposa.

— Ela é a minha irmã, Landon — Anna retrucou, sem retribuir o abraço dele. Seus braços continuaram cruzados sob o peito, ao passo que seu lábio inferior projetado levemente para a frente indicava que parecia prestes a desabar em lágrimas. — Tenho o direito de saber sobre qualquer coisa que a envolva. Especialmente algo tão sério quanto isso.

Plantando um beijo no topo da cabeça dela, Landon se afastou e a encarou.

— Vamos dar um jeito, está bem? Prometo.

Ela o fitou com os olhos azuis marejados.

— Como? Ele já está negociando o arranjo. Viajou para Los Angeles *especialmente* para isso.

Landon franziu o cenho.

— Como ficou sabendo isso?

— Dorothy — Anna informou, suspirando e se afastando um pouco de Landon para poder andar de um lado para o outro, pela sala, enquanto mordida a unha do polegar. Parecia transtornada. — Ela é a minha única fonte realmente confiável dentro daquela casa.

Landon assentiu compreensivamente.

Pelo que soube, Maxim Hamilton era um filho da puta tão assustadoramente manipulador, que restringia e monitorava a quantidade de ligações realizadas entre Anna e Corinne, seguindo o argumento de merda de que Anna poderia tentar “corromper” sua obediente filha mais velha.

E a pior parte é que a segunda nem mesmo *sabia* disso.

— Anna, fique calma — pediu Landon, atento a forma como sua esposa caminhava em círculos pela sala do meu apartamento, parecendo prestes a surtar.

Anna parou de repente, o lançando um olhar mortal.

— Como posso fazer isso, Landon, quando sei o que meu pai está tentando fazer com a minha irmã? Quando sei o tipo de *monstro* que escolheu para desposá-la?

Sentado sobre o sofá, com o uísque ainda em mãos, fez uma careta para o termo escolhido por Anna, mesmo sabendo o quão antiquado Maxim Hamilton era: não bastando a educação extremamente rígida que impôs às suas filhas em casa, o bastardo ainda teve a ousadia de proibir as proibi-las de darem continuidade aos estudos quando concluíram a escola.

— Então já sabe quem é? — Landon indagou, hesitante.

Abraçando o próprio corpo, Anna balançou lentamente a cabeça, concordando.

— Morgan Lewis, um influente traficante de drogas de Los Angeles cuja abominável reputação atravessa fronteiras — falou, seus olhos suplicantes se voltando para o seu marido. — Sabe o que isso quer dizer, Landon? Que ele bate em suas esposas. *Todas elas*. E já foram três, até o momento. E sabe a pior parte? Não são elas que pedem o divórcio; não têm forças e tampouco coragem para tanto. Depois de agredi-las de todas as maneiras imagináveis, é ele quem as larga, após se cansar delas e então parte para a próxima vítima.

Landon praguejou baixinho. Anna fungou. Alto. Estava chorando agora.

Angustiado, meu irmão aniquilou a distância entre eles e a abraçou. Dessa vez, ela correspondeu, o envolvendo como se sua vida dependesse disso.

— Não posso simplesmente ficar de braços cruzados. Alguma coisa precisa ser feita, ou Corinne vai acabar... — soluçou entre os braços dele. — Não posso mais deixá-la naquela casa, Landon. Preciso tirá-la de lá.

— Não podemos, Anna. Ele é o pai dela.

Anna afastou o rosto para encará-lo.

— Ela tem vinte e quatro anos. Não é mais uma criança.

Landon a observou com suavidade, acariciando delicadamente a sua bochecha enquanto falava:

— Você sabe que não é tão simples assim, querida.

Os lábios de Anna tremeram, algumas lágrimas deslizando pelas suas bochechas conforme seu rosto se enfiava no pescoço de seu marido, indícios irrefutáveis de que estava totalmente ciente de que Landon estava certo.

Em um mundo como o nosso, onde tínhamos nossos futuros traçados desde o nascimento, a realidade funcionava de maneira bem diferente do restante das outras pessoas — especialmente a das mulheres. E Anna, mais do que ninguém, deveria saber disso; ademais, foi graças a uma tentativa de fuga que acabou sendo obrigada a casar, depois que Landon a escolheu em vez de sua irmã mais velha.

— Ele vai destruí-la, Landon — murmurou Anna, com a voz chorosa, contra o pescoço de seu marido. — Vai forçá-la a casar com aquele mostro, e minha irmã nunca mais será a mesma. Sei que não, porque a conheço melhor do que ninguém.

Acariciando os cabelos de sua esposa, Landon apenas concordou com a cabeça, consciente de que aquela era a verdade: que num mundo como o nosso, pessoas como Corinne Hamilton não duravam por muito tempo. Apesar de não conhecê-la — sendo sincero, nem sabia se alguma vez a tinha visto pessoalmente —, com base no pouco que sabia ao seu respeito, tinha certeza de que estava fadada à um destino impiedoso.

— Sinto muito, amor — Landon sussurrou contra os cabelos de Anna. — Mas não há nada que possamos fazer para ajudá-la. Não podemos intervir. Sabe disso.

Anna fungou, parecendo ainda mais desesperada.

Observei a cena com atenção, ainda sentado sobre o sofá, com as pernas cruzadas e o copo com uísque em mãos.

Landon estava coberto de razão: enquanto estivesse sob a tutela de seu pai, não havia nada a ser feito com relação ao caso de Corinne.

A menos que...

— A menos que ela se case — expus, dando voz aos meus pensamentos e falando pela primeira vez desde que minha cunhada havia invadido a sala do meu apartamento.

Piscando, Anna virou subitamente o rosto em minha direção, parecendo só então se dar conta da minha presença. Com os braços ainda envoltos na cintura de sua esposa, Landon seguiu seu exemplo e também me fitou com atenção.

Arqueei uma das sobrancelhas, detectando toda a confusão em seus rostos.

— Sua irmã precisa se casar com alguém antes que seu pai conclua a negociação — expliquei calmamente. — É a única alternativa.

Landon franziu a testa.

— Está propondo um casamento às escondidas?

Olhei para ele.

— É de Maxim Hamilton que estamos falando. Acha mesmo que ele permitiria que alguma de suas filhas se safasse depois de desobedecê-lo?

Foi Anna quem respondeu, estremecendo de leve.

— Claro que não — disse e, ironicamente, era a prova viva disso.

Landon assentiu, ponderando a respeito.

— Faz sentido. Mas a pergunta é: como?

— Com uma proposta melhor do que aquela que está em negociação — expliquei.

Modéstia a parte, no mundo dos negócios, quase ninguém era tão bom quanto eu — nem mesmo Landon; e é por isso que eu quem comandava as finanças e a administração do *La Bouche*, enquanto meu irmão cuidava da clientela. Ao passo que eu era bom com números e estratégias, Landon era espetacular na arte do trato e manipulação pessoal.

Para o nosso infortúnio — ou não —, o negócio da família não foi a única coisa que foi igualmente repartido para nós após a morte de nosso pai: suas habilidades profissionais também; e era justamente por conta disso que eu costumava dizer que, separados, meu irmão e eu éramos bons. Mas juntos, éramos *imbatíveis*.

Comprovando o meu ponto, em apenas dois anos do falecimento de nosso pai, conseguimos reconstruir o império hereditário dos Foxworth: depois de liberar cada uma das pobres mulheres em situação precária que eram, muitas das vezes, obrigadas a se prostituir em troca de moradia e comida, Landon e eu revolucionamos completamente o *La Bouche*.

Mantivemos o nome e a ideia central do lugar, é claro, mas, dessa vez, fizemos tudo da maneira mais adequada — considerando as nossas posições — possível: com perfeitas condições de trabalho para cada um de nossos funcionários, transformamos a antiga casa de prostituição mais famosa das redondezas, em um cassino.

Jogos de azar, garotas bonitas, música alta, drogas e bebidas andavam bem longe de ser o mais politicamente correto, mas, como dito anteriormente, era o melhor que poderíamos fazer em nossas posições.

— E você tem algo em mente? — Landon indagou, me arrancando de meus devaneios.

Dei de ombros, voltando a bebericar a minha bebida.

— Não. Já dei a solução. Não posso fazer tudo sozinho. O resto é com você.

Landon revirou dramaticamente os olhos, voltando a fixá-los em sua esposa que, para o meu espanto, olhava diretamente para mim, a testa franzida e os lábios levemente abertos. De repente seus olhos piscaram com força, parecendo saírem do estupor, e desvencilhando-se delicadamente do toque de seu marido, Anna avançou alguns passos em minha direção, seus olhos sendo dominado por um brilho que indicava pura determinação.

Ainda que intrigado, conservei a minha expressão padrão e esperei, sentado pacientemente no sofá, pela conclusão de seja lá o que fosse aquilo que se passou pela sua cabeça.

— Case-se com ela.

Sendo bem honesto, poucas coisas na vida conseguiram me surpreender tanto quanto aquele repentino pedido.

Estreitei os olhos, tentando omitir todo o meu choque.

— Perdão?

— Case-se com ela, Roman — repetiu. — Por favor.

Mantendo a expressão em branco, fiz uma pausa proposital destinada a posicionar o copo com o uísque sobre a mesinha de centro para, então, voltar a me recostar no estofado do sofá, esbanjando de toda a tranquilidade que me vi capaz de esboçar.

— Não estou à procura de uma esposa, Anna.

— Mas deveria — ela me cortou prontamente. — Já fazem dois anos, Roman. Dois anos desde que Elsa faleceu. Posso imaginar o quanto é complicado, mas... não acha que está na hora de desapegar do passado e finalmente se casar de novo?

Cerrei os punhos sobre o braço do sofá, subitamente incomodado com o rumo que aquela conversa tomava.

— Com todo respeito, cara cunhada, mas isso não é da sua conta.

E nem de mais ninguém.

Anna hesitou, captando a advertência implícita em minhas palavras.

Merda, por mais que detestasse admitir, sabia que ela não tinha dito qualquer atrocidade: até mesmo *eu* tinha noção de que as pessoas estavam começando a comentar sobre o fato de eu não ter me casado de novo depois de quase dois anos de viuvez; e essa situação somada ao fato de que, aos vinte e nove anos, eu ainda não tinha filhos, tornava tudo ainda pior.

Só que essa merda não era da porra da conta de ninguém.

— Desculpe — Anna murmurou baixinho, provavelmente ao se dar conta de que havia ido um pouco longe demais ao mencionar a morte de minha esposa. — Não queria ofendê-lo.

— Não ofendeu.

Apenas me irritou.

Sem esperar pela sua resposta, lancei um olhar mortal para Landon, soltando um “*controle a sua esposa*” com os olhos que foi rapidamente respondido com outro igualmente fugaz facilmente traduzido com um “*controle-se você, porra*”.

Lutei contra a vontade de revirar os olhos.

Voltando a atenção para a minha cunhada, notei que havia endurecido a expressão e recuperado a postura, me fitando com um olhar de determinação renovado.

— Realmente, a sua vida não é da minha conta — concordou convictamente. — Mas a da minha irmã, sim. E é por isso que peço novamente para que me ajude.

— Está desperdiçando o seu tempo comigo, Anna. Já dei a minha resposta. Procure outra pessoa.

— *Quem?* — soltou, exasperada, atirando as mãos para o alto. Arqueei uma das sobrancelhas ante a sua reação e, recompondo-se, ela liberou uma respiração antes de recomeçar, em um tom mais calmo: — Não conheço muitas pessoas do nosso meio, Roman, e duvido muito que meu pai permitiria que minha irmã se casasse com qualquer um que não pertença ao nosso mundo. Além do mais, não tenho tempo. A qualquer momento meu pai pode encerrar as negociações com aquele bastardo asqueroso e, assim, entregar a minha irmã de mão beijada à ele. E não posso permitir isso, Roman. Então, por favor, me ajude.

Sustentei o olhar dela, realmente impressionado com a sua esperança tola ao acreditar que conseguiria me fazer mudar de ideia.

O quão pouco minha cunhada me conhecia?

— Sinto muito, Anna. Mas mantenho a minha resposta — murmurei, impassível, fazendo jus ao bastardo impiedoso que eu era.

Mas estava terrivelmente enganado se achava que ela desistiria, pois Anna Chamberlain era insistente. Insuportavelmente insistente.

— Roman, por favor. Eu o imploro.

Suspirei.

— Anna...

— Não precisa fazer isso por mim, Roman. Faça por *ela*. Pelo futuro de uma jovem que está prestes a ser arruinado, caso não façamos nada.

Reprimindo um gemido, eu a lancei um olhar cético.

— Lamento desapontar, cunhada, mas não sou tão nobre quanto está imaginando. Não costumo sair distribuindo caridade para desconhecidos por aí. Para mim, cada ação *deve* ter uma reação.

Se percebeu a insinuação de um insulto contida em minhas palavras, ela ignorou.

— Não precisa ser caridade — murmurou. — Você é ótimo com negociações, certo? Converse com o meu pai. Entre em um acordo. Sei que

um casamento entre você e minha irmã fortaleceria o vínculo entre nossas respectivas famílias, então faça valer a pena para os dois lados. Una o útil ao agradável e a ajude, Roman. *Por favor.*

Em silêncio, detive meu olhar no seu, ponderando a respeito.

Desde o falecimento de meu pai — e especialmente o fechamento das portas do *La Bouche* que todos costumavam conhecer, para uma eventual reabertura —, o acordo com os Hamiltons deu uma leve estremecida. Maxim não frequentava mais o cassino como antes e, por isso, também parou de priorizar a negociação bélica conosco.

Em algo, Anna estava correta: uma aliança agora, seria uma boa ideia.

Por que eu não tinha pensado nisso antes?

Erguendo o queixo, a encarei com atenção.

— Tudo bem — cedi.

Ela piscou repetidas vezes até finalmente acreditar na veracidade das minhas palavras. Com um sorriso enorme nos lábios, ela veio até mim e, ficando de joelhos, agarrou uma das minhas mãos e a apertou junto das suas.

— Obrigada, Roman. De verdade. Eu nem sei como agradecer-lo.

Assenti e, estranhando a súbita intimidade, recolhi rapidamente a mão. Nesse mesmo momento, Landon surgiu ao lado dela, ajudando-a a ficar de pé. Seus olhos, então, pairaram sobre os meus, me analisando. Eu quase conseguia ler a seguinte pergunta se formando pela sua cabeça: “*O que está tramando?*”

Recostando as costas no estofado do sofá, me limitei a arquear uma das sobrancelhas e curvar sutilmente os cantos dos lábios para cima, numa insinuação de sorriso.

— Consiga o número de Maxim Hamilton para mim, Landon. Entrarei em contato ainda hoje.

Os olhos escuros de meu irmão se estreitaram, em nítida cautela.

— Certo — murmurou, então olhou para Anna e pediu, com delicadeza: — Querida, vá descendo na frente e me espere no carro.

Se notou que seu marido a estava dispensando, Anna não disse nada, pois rapidamente tratou de obedecê-lo — certamente eufórica demais devido a minha súbita gentileza.

Ao som da porta da frente, Landon virou para mim e me lançou um olhar aguçado.

— O que está tramando, Roman?

Quase ri da sua previsibilidade.

Tamborilando os dedos no braço do sofá, ergui ironicamente uma das sobancelhas para ele.

— Por que está irritado? Estou tentando ajudar a sua esposa.

— Não minta para mim, porra. Nós dois sabemos muito bem que não é tão generoso a esse ponto. O que está tramando?

Suspirei.

— Nada. De verdade. Ao que parece, você tirou sorte grande. Sua esposa é surpreendentemente muito inteligente. Como ela mesma pontuou, uma aliança com os Hamiltons, agora, viria muito bem a calhar.

Landon não disse nada. Apenas me observou com atenção.

— Então realmente pretende se casar com Corinne?

Voltando a pegar o copo com o uísque de cima da mesa de centro, em meio a um gole, concordei com a cabeça. A expressão de meu irmão endureceu em resposta.

— Tenha bastante cuidado com ela, Roman. Corinne não é como as outras mulheres com as quais está acostumado a lidar.

Olhei para ele, sabendo exatamente aonde estava tentando chegar.

Corinne Hamilton definitivamente não era em nada parecida com as prostitutas que eu fodia por aí.

— Não vou tocar nela, se é com isso que está preocupado.

A testa de Landon franziu.

— O casamento será voltado a fins estritamente comerciais — expliquei, bebericando o meu uísque. — Não vou encostar nela.

A expressão de meu irmão suavizou — mas não da maneira como eu gostaria; substituindo toda a cautela de antes, lá estava aquele olhar de piedade que ele me lançava às vezes, sempre que alguém comentava alguma coisa referente a minha súbita viuvez..

Odiando isso, toda a sua complacência desnecessária, apontei com o queixo em direção à porta.

— Vá. Sua esposa já deve estar esperando por você.

Landon assentiu.

— Obrigado — sussurrou e, sem esperar por uma resposta, saiu, me deixando a sós.

Apenas algumas horas depois, ele me conseguiu o número de Maxim e, conforme o combinado, naquela mesma noite liguei para ele e fiz uma proposta irrecusável em troca da mão de sua primogênita.

12.

Para a minha surpresa, a mansão dos Hamilton era ainda mais bizarra do que imaginava.

Eu só tinha colocado os meus pés naquela casa por uma única vez durante toda a minha vida — na cerimônia de casamento de Landon e Anna —, mas a lembrança parecia tão distante que era como se, de fato, eu nunca houvesse estado ali antes.

Descendo do meu carro, enquanto acompanhava os funcionários rumo à entrada, observei atentamente a fachada em estilo gótico, nada surpreso ante a óbvia compatibilidade entre a arquitetura do lugar e a natureza obscura e arcaica de Maxim Hamilton.

A mansão, situada em *Long Island*, ficava um pouco isolada das demais, destoava completamente do estilo leve e exuberante de todas as residências da área, se destacando em meio à toda a ausência de cores e das particularidades indiscutivelmente luxuosas de cada parte que a compunha.

Ao adentrar na imensa porta de entrada, me deparei com uma sala que, em conformidade com o restante da estética, parecia saída de um filme no século XVII: com uma mobília em estilo clássico, uma enorme escada ao centro, quadros renascentistas espalhados por todos os lados, nas paredes, e um luxuoso lustre que parecia mais velho do que qualquer outra coisa ali, ficou óbvio que Maxim aparentava ter nascido na época errada.

— O Sr. Hamilton o está esperando na sala de visitas — explicou uma das moças, cuja touca no cabelo e o uniforme preto e branco padrão das empregadas domésticas deixou claro que Maxim realmente parecia preso à uma época distinta da nossa.

Assentindo, eu a segui pelo corredor, à esquerda, que levava à uma sala escura — e também parecida saída de um filme medieval.

— Roman Foxworth — cumprimentou Maxim, tão logo adentrei na sala. Acomodado em uma das duas poltronas situadas ao lado da lareira, Maxim fez um gesto para que eu me aproximasse.

— Maxim Hamilton — saudei de volta, conforme me aproximava.

Caminhando até ele, aceitei a mão que estendeu em minha direção e, então, quando apontou para a outra poltrona vazia à sua frente, neguei discretamente com a cabeça, explicando que preferia ficar de pé.

Respeitando o meu desejo, Maxim soltou um pigarreio e em questão de minutos, uma mulher apareceu diante de nós carregando uma bandeja com duas doses de bebida. Murmurando um agradecimento, aceitei de bom grado o copo com aquilo que, após bebericar, descobri ser uísque, ao passo que Maxim, sem ao menos olhar para a funcionária, pegava sua bebida e murmurava alguma coisa sobre verificar os “preparativos”. A mulher respondeu com algumas palavras sussurradas que, de imediato, fizeram a expressão no rosto de Maxim suavizar.

— Certo, então mande chamá-la, Dorothy — ordenou ele, então.

Com agilidade, levei meus olhos até ela, não deixando passar despercebido o nome familiar — o mesmo utilizado por Anna, no dia anterior, quando relatou sobre os planos cruéis que seu pai estava elaborando para o futuro de sua irmã mais velha; “ela é a minha única fonte realmente confiável dentro daquela casa”, confidenciou minha cunhada.

Escondendo o sorriso em meus lábios através do copo, observei a mulher magra — e bem mais jovem do que o imaginado —, sair da sala, deixando Maxim e eu a sós.

Ela era uma informante, concluí, fazendo uso da bebida em meu copo para não esboçar um sorriso sombrio. Interessante. Muito interessante.

— Devo confessar que fiquei surpreso quando recebi sua ligação ontem — revelou Maxim, me arrancando de meus devaneios. — Desde que seu pai faleceu, nós não temos mantido muito contato.

— A rotina está um caos — justifiquei. — Desde que meu irmão e eu assumimos o *La Bouche*, tudo tem sido muito complicado.

Maxim assentiu.

— Eu soube. Sobre o *La Bouche*, quero dizer. Você e Landon desmancharam tudo, certo? — indagou, arqueando uma das sobrancelhas enquanto dava um gole em sua bebida, sem nunca desviar o olhar.

— Fizemos algumas mudanças, sim, mas no geral, preservamos a essência do estabelecimento — expliquei.

Maxim soltou uma risadinha.

— Bem, confesso que quando soube que vocês retiraram a maioria das garotas, fiquei bastante decepcionado. Eu era cliente fixo de uma delas, uma ucraniana gostosa, e quando ela saiu de lá, perdemos totalmente o contato.

Lutei contra o asco.

Certamente a mulher sobre a qual estava se referindo, era uma das diversas que, devido a situação de irregularidade no país, acabou vendendo o próprio corpo em troca de comida, um teto e a *merreca* que chamavam de salário — pelo que eu soube, até mesma as roupas que usavam eram descontadas do pouquíssimo que recebiam como prostitutas do lugar.

— Lamento por isso, mas algumas das mudanças que fizemos foram realmente necessárias — falei, esboçando a insinuação de um sorriso superficial.

Maxim deu de ombros.

— Bem, contanto que possam chupar o meu pau da maneira como gosto, para mim está ótimo. Não sou exatamente muito exigente — comentou, curvando os lábios para cima em um sorriso desprezível.

Que filho da puta asqueroso.

Por pura obrigação, imitei o sorriso em seu rosto, mas, para a minha total felicidade, antes que precisasse recorrer a qualquer outra artimanha para me impedir de revirar os olhos ao som de qualquer outro comentário infeliz saído de sua boca, as portas da sala foram subitamente abertas.

E então eu finalmente a vi.

Usando um vestido rosa-salmão com mangas que pareciam capazes de cobrir cada pedaço de sua pele, um sorriso delicado no rosto, e os olhos presos aos próprios pés, Corinne Hamilton caminhou majestosamente até nós, cada passo executado com tanta graciosidade, que era quase como se eu estivesse diante da presença de algum membro da realeza britânica.

Uma vez parada ao lado de seu pai — e com o olhar ainda voltado para seus pés —, eu a observei: loira, alta, esbelta e, conforme imaginado, extremamente recatada.

Seus traços lembravam um pouco os de sua irmã, mas a fisionomia corporal de ambas, por outro lado, era quase inversa.

Anna era miúda, com curvas suaves, enormes olhos azuis-claros e um cabelo loiro-claro que, contrastando com o olhar afiado, as sobrancelhas arqueadas e os lábios cheios, conseguiam vincular a sua aparência angelical, a personalidade da mulher ousada e atraente que era. A jovem à minha frente, por outro lado, apesar de mais velha, não apresentava quaisquer vestígios da sensualidade naturalmente ostentada pela sua irmã: cada detalhe a respeito de Corinne Hamilton gritava *pureza*.

Apesar de ser um pouco mais alta do que sua irmã, cada detalhe no rosto de Corinne — desde o nariz pequeno, os lábios bem desenhados e até

mesmo o tom de loiro mais escuro do que o de sua irmã —, esbanjava delicadeza e inocência.

Ela era muito bela, é claro, mas de uma maneira mais discreta.

Captando o meu olhar cravado à sua filha, Maxim rapidamente se levantou da poltrona e se colocou ao lado dela, visivelmente satisfeito com o quanto a aparência de Corinne foi capaz de despertar a minha atenção.

— Roman, esta é Corinne, a minha primogênita — apresentou, com o sorriso presunçoso ainda a postos. Em reflexo, as bochechas da jovem em questão coraram com tanta intensidade, que seu rosto assumiu a tonalidade de um tomate. Ela ainda não tinha olhado para mim, mas a simples maneira como apertou discretamente as mãos evidenciou o quanto estava desconfortável com a situação.

Como prova disso, quando seu pai agarrou seu braço, Corinne quase saltou de susto.

— Não seja mal criada — repreendeu ele. — Se apresente.

Engolindo em seco, ela assentiu e então, lentamente, deslizou seu olhar até o meu, me fitando pela primeira vez.

Os olhos amendoados que agora encaravam os meus, possuíam a coloração difundida entre verde e um castanho médio, ao mesmo tempo que eram contornados por longos cílios loiros que, unidos as sardas salpicadas no nariz pequeno e delicado, apenas tornavam a sua face ainda mais harmônica.

— Me chamo Corinne. É um prazer — disse, ajustando a postura enquanto mantinha os olhos em mim, sustentando o meu olhar.

Assenti, sem nada dizer; e o ato provavelmente incomodou Maxim, considerando a maneira como pigarreou, fazendo com que sua filha, visivelmente tensa, engolisse em seco e estendesse um dos braços até mim, oferecendo a sua mão direita.

Em silêncio, aceitei sua mão e a beijei delicadamente, sem nunca desfazer o contato visual. Em resposta, as bochechas dela coraram um pouco.

— Então, o que me diz? — Maxim indagou de maneira brusca, ciente de toda a beleza e graciosidade de sua filha. Ignorando o desejo de socá-lo ali mesmo, devido a toda a sua soberba, me afastei de Corinne, voltando a encará-lo. — Ela é ou não do seu agrado?

Ante a pergunta totalmente inconveniente de seu pai, Corinne baixou os olhos para as próprios mãos. E eu não poderia condená-la por isso,

afinal, toda a sua apreensão não era de se surpreender, considerando a maneira deplorável como seu pai estava lidando com tudo, ao tratá-la como se ela fosse uma *mercadoria*.

— O casamento deverá acontecer o quanto antes — foi a única resposta que me vi capaz de emitir. — Tenho pressa.

No mesmo instante, os olhos cor de avelã de Corinne se voltaram para mim, surpresos. Maxim, totalmente alheio a reação de sua filha, apenas celebrou.

— Excelente! — exclamou, batendo animadamente as palmas. — Providenciarei tudo o mais rápido possível.

Compreendendo aonde estava querendo chegar, enrijei.

O que certamente não se passava pela cabeça de Maxim é que, para mim, aquele casamento não passava de uma aliança comercial; portanto, não existiria qualquer sentido em uma festa tão luxuosa quanto a que ele elaborou para Landon e Anna.

— Não será necessário — fiz questão de dizer, me recuperando do breve enrijecimento. — Não desejo nada extravagante, uma cerimônia simples e íntima bastará.

Maxim pareceu surpreso, mas felizmente não insistiu à respeito.

— Certo, então. Como quiser.

Inconscientemente, desloquei minha concentração de volta à Corinne, atento a maneira como me observava com nítida intriga. Seus olhos eram mais castanhos do que verdes, notei, enquanto sustentava seu olhar.

— Pois bem, temos um acordo? — Maxim quis saber, me obrigando a desviar a atenção de sua filha.

Como resposta, me limitei a fazer um gesto para que Corinne se aproximasse. Registrando isso, ela relutantemente o fez, parando bem à minha frente. Completamente ciente do quanto sua respiração estava acelerada, seu peito subindo e descendo com força, toquei delicadamente seu pulso direito e o levei para mim. Sua pele era macia ao toque, concluí, conforme retirava o anel do bolso da frente da minha calça e o colocava em um de seus dedos, esclarecendo a indagação de Maxim.

Sim, Maxim. Nós tínhamos um acordo.

Soltando a mão de Corinne, recuei um pouco e, recolocando a máscara de indiferença, virei o rosto para o meu, agora, futuro sogro.

— Ligarei amanhã para negociar o restante do arranjo — falei, sentindo, de relance o olhar de Corinne em mim.

— Não vai se unir à nós? — Maxim indagou. — Mandei preparar um jantar especialmente para recebê-lo.

A verdade é que eu não aguentaria mais um segundo sequer na presença daquele indivíduo — agora conseguia entender toda a urgência de Anna em escapar dali.

— Agradeço, mas terei que recusar — expliquei. — Preciso estar em casa o mais breve possível. Tenho alguns assuntos importantes para tratar amanhã bem cedo.

— Pois bem, seguirei no aguardo pela sua ligação para que possamos realizar os ajustes finais do arranjo — Maxim declarou.

Ignorando-o, voltei a fitar Corinne. Seus olhos castanho-esverdeados estavam novamente em mim, me analisando com intriga.

Concedendo-a um breve aceno como despedida, pus as mãos nos bolsos da calça social e saí, verdadeiramente aliviado por finalmente estar saindo daquela residência.

A primeira parte do acordo já estava cumprida.

Agora só restava a mais difícil: o *casamento*.

13.

Maxim e eu concluímos o restante das negociações em apenas dois dias.

Ficou acordado que, uma vez que meu pai já não estava mais entre nós, o novo arranjo seria estipulado diretamente entre mim e ele, tendo, também, algumas breves modificações: a prioridade no fornecimento de armas deveria se dar através de documentos que verificassem a legalidade da mercadoria; Landon e eu não queríamos mais problemas com a polícia além daqueles herdamos juntamente com o *La Bouche*. Em troca, garanti que Landon e eu nos encarregaríamos pessoalmente de disponibilizar as melhores profissionais que o estabelecimento dispunha, aprimorando a qualidade dos serviços de entretenimento oferecidos.

Dessa maneira, no fim, a aliança se mostrou ainda mais vantajosa do que o imaginado.

Nos cinco dias que sucederam o fim das negociações, me mantive o mais ocupado possível. Agora que estava prestes a me casar novamente, tive que fazer algumas mudanças no meu apartamento, de modo a adequá-lo melhor a jovem que estava prestes a chamar de esposa.

O simples pensamento fez uma das minhas mãos vacilar, enquanto ajustava o paletó.

Uma nova esposa.

Mesmo que dois anos já tivessem se passado, ainda parecia errado e sobretudo *precipitado* estar escolhendo uma nova esposa.

Foi visando uma aliança duradoura que meus pais e os de minha falecida esposa decidiram nossos destinos, nos vinculando um ao outro antes mesmo de usarmos fraudas: Elsa Howard era a filha caçula de um dos maiores narcotraficantes de Nova York, o que, aos olhos de meu pai, a tornaria uma verdadeira “gansa dos ovos de ouro”.

O fato é que, contrariando todas as expectativas, Elsa e eu tivemos um casamento muito mais promissor do que a maioria dos exemplos que conhecíamos: nossa união não foi exatamente consensual, mas, mesmo assim, funcionamos muito bem juntos; éramos tão parecidos, que divergências entre nós e nossas personalidades igualmente tranquilas, eram praticamente inexistentes — e como prova disso, estava o fato irrefutável de que os cinco

anos que passei ao lado dela, como seu marido, foram os melhores de toda a minha vida.

A vida com Elsa era fácil. Pacífica. *Certa* — mesmo com todas as suas limitações.

Minha esposa nasceu com uma saúde extremamente frágil que a impediu de levar uma vida normal. Sua condição delicada quase foi motivo de litígio entre nossos pais, pondo em risco o acordo que haviam feito, já que os médicos não deram muito tempo de vida para ela — “*com os cuidados certos viverá até, no máximo, 20 anos*”, foi que alertaram; mas provando que estavam errados, Elsa ultrapassou três anos além do previsto.

Elsa era uma mulher forte e extremamente sensata, qualidades estas que tornaram-na a primeira Foxworth depois de décadas.

Olhei para o meu próprio reflexo no espelho.

Até agora.

Com a atenção cravada em minha própria aparência, perdido em pensamentos distantes, quase saltei de susto quando as portas do meu quarto foram subitamente abertas, revelando um Landon visivelmente preocupado.

— Precisamos conversar.

O encarando através do espelho, meus olhos foram estreitando instintivamente conforme meu irmão avançava em minha direção e parava às minhas costas, cruzando ambos os braços sob o peito.

— O que foi? — indaguei calmamente, ao passo que ajustava a manga do meu paletó.

Landon mudou o peso do corpo de pé ao outro, demonstrando toda a sua inquietação.

— Estamos com sérios problemas — falou simplesmente.

Arqueei uma sobrancelha.

— Certo. Poderia, por gentileza, explaná-los? Não consigo ler mentes, caso não saiba.

— Acho que minha esposa não captou a verdadeira razão por trás do seu novo casamento — me cortou, ignorando a minha provocação.

— Seja mais específico, Landon. Ainda não consigo compreendê-lo.

— Ela está toda animada, Roman. Deveria ver o rosto dela, nesta manhã, quando saiu para encontrar com a irmã. Estava *radiante*. Não sei, parece que está agindo como se o casamento entre você e Corinne fosse de *verdade* — esclareceu seriamente.

Reprimi um suspiro.

— Pensei que tivesse deixado as minhas reais intenções bem claras naquele dia.

Landon coçou a nuca.

— É, eu sei. Também pensei isso, mas, ao que parece... minha esposa tem se encarregado de colocar algumas *coisinhas* na cabeça de sua irmã mais velha.

Estreitei os olhos.

— Que tipo de coisas?

— Eu não sei. Quer dizer, outro dia ouvi um telefonema extremamente suspeito entre as duas onde Anna fazia relatos minuciosos e animados sobre a sua visita à nossa casa e precisamente sobre as mudanças que tem feito no apartamento — fez uma pausa, suspirando e franzindo a testa. — Não sei, pode ser impressão minha, mas... temo que Anna não tenha repassado à Corinne a ideia central por trás do casamento.

Fechei os olhos, reprimindo um gemido interno.

Maravilha.

— Converse com ela. Peça que explique tudo — grunhi.

Landon fez uma careta.

— Não acha que está um pouco tarde demais para isso? A cerimônia acontecerá daqui a apenas *duas horas*, Roman.

Dei desdenhosamente de ombros.

— Não interessa. Diga à sua esposa para que esclareça tudo, afinal, é da irmã *dela* que estamos falando.

Landon fechou a cara.

— Não jogue toda a responsabilidade nela. Você também já deveria ter conversado com Corinne a sós e explicado tudo. Ou acha que não percebi que a está evitando?

Olhei para ele.

— Está insinuando que estou fugindo dela?

— Não — respondeu com um sorriso zombeteiro nos lábios. — Estou *afirmando*.

Bufei.

— Não seja ridículo, Landon.

— Não seja ridículo, *você* — rebateu. — Dentro de apenas algumas horas, Corinne se tornará sua esposa. Ou seja, sua *responsabilidade*. Trate pessoalmente de esclarecer a situação com ela.

O lancei um olhar afiado.

— Então a sua esposa fode com tudo e sou eu quem deve arcar com as consequências?

Landon arqueou uma das sobrancelhas, sua postura esbanjando desdém.

— O que foi Roman? Com medo de magoar uma jovem bela e *inocente*?

O infeliz fez questão de dar ênfase na última parte, deixando bem clara toda a pureza e castidade de minha futura esposa.

Filho da puta.

— Já disse que não irei encostar em um único fio de cabelo dela — fiz questão de assegurar, entredentes.

— Quantos anos ela tem mesmo? — o imbecil me cortou, fingindo ponderar à respeito. — 24, certo? Cinco bons anos a menos do que você — constatou, soltando uma risadinha desdenhosa. — Quero só ver *até quando* essa sua postura resistente irá durar, agora que terá ao seu lado uma mulher extremamente atraente como Corinne.

Curvando os lábios para cima em um sorriso irônico, o lancei um olhar zombeteiro.

— Irônico ouvi-lo dizer isso, depois de tê-la rejeitado no passado.

O sorriso dele desapareceu.

— Eu não a rejeitei.

Atento ao seu rosto através do reflexo do espelho, ergui uma das sobrancelhas, amando a maneira como sua expressão mudou de debochada para ofendida ante aquele simples comentário.

— Você literalmente a rejeitou no momento em que escolheu Anna em vez dela, Landon — acusei.

— Isso não vem ao caso — grunhiu, agindo feito o bobalhão que era, sempre que não conseguia argumentar sobre algo corretamente. — Isso é sobre *você* e a sua puta fixação em se manter preso ao passado, não sobre mim.

Desviei rapidamente o olhar para o meu próprio reflexo, odiando o rumo que a conversa tomava.

— Não sei do que está falando.

Landon riu com escárnio.

— Não banque o idiota, Roman. Não combina com você. Sabe muito bem do que estou falando.

Sim, eu sabia.

Meu irmão se referia ao fato de que, desde a morte de Elsa, eu nunca mais tinha me relacionado intimamente com nenhuma mulher — nada além do sexo sujo e bruto com algumas das prostitutas com quem trabalhávamos, relações sexuais estas em que cada tipo de carícia era meticulosamente analisada por mim preliminarmente.

Ignorando a sua provocação, me concentrei em terminar de ajustar a manga de meu paletó e, então, com toda a naturalidade, passei por ele, rumo à saída.

— Pare de falar bobagens e me siga. Temos um acordo para concluir.

Balançando negativamente a cabeça e suspirando, Landon pôs as mãos no bolso da calça social e obedeceu.

Sim, ele estava certo; eu realmente adquiri alguns problemas de merda relacionados a intimidade depois do falecimento de Elsa, mas, ainda que soubesse que precisava dar um jeito nisso, este era um assunto para outra outra.

A porra dos meus problemas emocionais não vinha ao caso agora, porque tínhamos coisas muito mais importantes para lidar, e eles tinham nome e sobrenome: Corinne Hamilton.

14.

Respeitando o meu pedido, o casamento foi íntimo e reservado apenas aos convidados mais próximos — o que inferia, em outras palavras, que da minha parte, só constaria como convidado uma única pessoa: Nancy Harlow, o mais próximo de um parente que eu já tive.

Minha mãe morreu quando eu tinha apenas 05 anos de idade, portanto, dizer que Nancy foi a base da minha criação chegava a soar como um puta eufemismo; com um pai cuja presença se dava apenas em datas comemorativas, e funcionários que me tratavam como se eu fosse uma espécie de boneco de porcelana, Nancy era a única naquela casa que realmente se preocupava e, sobretudo, que me tratava como uma pessoa de *verdade*.

Ela esteve comigo durante todas as fases da minha vida: desde a infância, até o meu casamento — momento no qual exigi ao meu pai para que pudesse levá-la comigo para a minha nova casa — e, bem, até recentemente, durante a minha viuvez, onde novamente solicitei seus serviços.

Em outro tempo, eu teria insistido para que ela se mudasse novamente junto comigo, mas considerando a recente perda de Elsa e precisamente toda a preocupação de Nancy disfarçada de profissionalismo, acabei decidindo que um lugar só para mim talvez pudesse me fazer bem — mesmo que, para manter Nancy, eu tenha comprado um apartamento a apenas alguns quarteirões de distância do meu.

Nancy Harlow sempre se manteve presente na minha vida, portanto, agora que estava prestes a me casar outra vez, sua presença se manteria inegociável — motivo pelo qual ela e Landon eram os meus únicos convidados para a cerimônia.

Desviando a atenção de um ponto avulso para a jovem à minha frente, cujo véu rendado e esbranquiçado lhe cobria quase completamente o rosto, foi quase impossível não pensar em Landon e sua provocação descabida, mais cedo, sobre não saber até quando eu seria “capaz de resistir”.

No momento, apesar da raiva, eu quase ri; diferentemente de um *certo alguém*, sempre usei a *cabeça de cima*, o que, por si só, já anulava completamente a sua suposição de merda acerca de uma suposta ruptura no

meu controle emocional. Modéstia a parte, eu era quase um mestre na arte de mascarar sentimentos intrusivos e comprimi-los a ponto de desaparecerem — o meu forte sempre foi a razão; portanto, emoções eram algo com que me esquivava com facilidade, pelo simples fato de serem *descartáveis*.

Quase que por instinto, meus olhos deslizaram para a direita, especificamente para o sujeito que observava à mim e Corinne com um sorrisinho que me fez trincar a mandíbula. A maneira como curvava os lábios para cima deixava evidente o fato de ele saber que tinha conseguido entrar na porra da minha cabeça com todas as alegações que soltou mais cedo, enquanto eu me arrumava. *Filho da mãe*. Ao seu lado, Anna Chamberlain tinha os olhos marejados e um sorriso tão grande que quase me fez revirar os olhos.

“*Minha esposa tem se encarregado de colocar algumas coisinhas na cabeça de sua irmã mais velha*”, informou Landon, mostrando o quanto sua esposa conseguia ser... ou melhor, *causar*, uma tremenda dor de cabeça quando queria.

Graças a ela, agora eu estava metido em uma verdadeira saia justa: contar à minha futura esposa que o casamento, na verdade, não passava de uma artimanha comercial.

Desviando os olhos de Anna para levá-los de volta para Corinne, a observei com mais minúcia: o cabelo loiro estava preso em um coque elegante acima de sua cabeça e o vestido que usava, assim como aquele da noite em que fui vê-la em sua casa, cobria o máximo de pele possível: com uma gola alta rendada, mangas lisas que revestiam toda a extensão de seu braço e o véu que cobria quase inteiramente o seu rosto, era quase como se ela estivesse envolta em uma segunda pele, todo aquele recato tornando a sua aparência digna de uma verdadeira santidade.

Casta. Pura. Ingênua. Inocente.

As palavras surgiram pela minha mente de uma maneira quase invasiva, mas antes que pudesse analisá-las com maior precisão, a seguinte frase soou:

— Pelos poderes a mim concedidos, eu vos declaro marido e mulher. O noivo já pode beijar a noiva.

Ante a deixa do padre, sem perda de tempo, estiquei as mãos na direção de Corinne e afastei delicadamente o véu de seu rosto, expondo-o para mim. Um par de amendoados olhos cor-de-avelã me encararam, ansiosos, à medida que aproximava nossos rostos, dando fim àquele rito

matrimonial: com agilidade, roçei levemente meus lábios nos dela, odiando o quanto estremeceu e suspirou em resposta, parecendo desejar se entregar de coração e alma àquilo.

À mim.

E a maneira como abriu os olhos, alguns segundos depois, quando recuei, rompendo com o beijo, deixou isso mais do que óbvio; com os olhos levemente arregalados, Corinne me lançou o pior tipo de olhar que eu poderia receber, em uma situação como a nossa: em seus olhos, não existia nada além de pura *esperança*.

Porra.

Essa merda não estava certa.

Corinne Hamilton definitivamente era o tipo de mulher obediente que desde muito cedo foi ensinada a se casar para satisfazer os desejos de seu marido e a acreditar em toda aquela porcaria de que a “maternidade transformaria a sua vida” — e a forma como ela vinha agindo deixou evidente que a educação antiquada que recebeu de seu pai obteve o efeito desejado, uma vez que, ao que tudo indicava, eram estes mesmos anseios que ela aparentava cogitar para o *nosso* casamento.

E, para piorar, levando em consideração o relato de Landon, Anna estava se encarregando pessoalmente de alimentar cada uma das ideias fantasiosas na cabeça de sua irmã mais velha.

Putá que pariu.

Eu precisava dar um jeito em toda a situação o mais rápido possível.

Mantendo a expressão em branco, me afastei sutilmente de Corinne e olhei para nossos convidados, observando atentamente a maneira como todos, com excessão de Nancy, aplaudiam fervorosamente.

Quanta estupidez.

Por que estavam agindo com tanta empolgação, quando sabiam que aquilo não passava de uma farsa?

Com a troca de alianças devidamente realizada, além da assinatura dos papéis, acompanhei Corinne até o local em que seus familiares nos esperavam e, ao parar ao lado dela, fiz questão de engatar uma conversa formal com seu pai. Nesse mesmo momento Anna a puxou discretamente para um lado e a entregou alguma coisa que, em razão da conversa com Maxim, não fui capaz de me atentar.

— Somos oficialmente da família agora — declarou Maxim.

Forcei um sorriso.

— Já pertencíamos a mesma família antes mesmo do casamento — aleguei, ciente de que aquela era a verdade: Landon e Anna tinham unido nossos laços sanguíneos antes de mim.

— É diferente agora — garantiu, erguendo orgulhosamente o queixo. — Uma de minhas filhas carrega, agora, o sobrenome oficial da família Foxworth.

Endureci a expressão, compreendendo seu ponto.

O que Maxim estava tentando dizer é que, agora, finalmente estava formalmente interligado à uma das famílias mais poderosas de Nova York: às vezes acabava esquecendo completamente que Landon não carregava o sobrenome consigo; por conseguinte, Anna também não.

Anna era uma de nós, mas o sobrenome que tinha junto não condizia com o nosso. Corinne, por outro lado, agora era oficialmente uma Foxworth — e este era o motivo de toda a felicidade de Maxim.

Lançando uma olhadela sutil na direção de Landon, analisei sua expressão em busca de mágoa ou qualquer coisa do tipo, mas meu irmão manteve o queixo erguido, totalmente indiferente a insinuação de ofensa implícita nas palavras de Maxim. A constatação me fez sorrir; há alguns anos, quando foi finalmente reconhecido como o herdeiro bastardo do poderoso Jeremy Foxworth, Landon costumava ser um rapaz extremamente temperamental; naquela época, uma simples crítica conseguiria deixá-lo sem chão. Aquele que eu fitava agora, no entanto, era a personificação da calma, mesmo que o babaca à nossa frente estivesse tentando inferiorizá-lo por conta de suas origens.

Landon tinha amadurecido — e, com um sobressalto, percebi que o sentimento em meu peito era orgulho.

— Quando irá pegar o restante das coisas de Corinne? — Maxim indagou, parecendo verdadeiramente desesperado para se livrar de sua filha. — Ela levou algumas malas, mas não é nem metade de tudo o que deixou.

— Mandarei o pessoal da mudança cuidar de tudo amanhã mesmo — assegurei.

Maxim assentiu, deslizando sua atenção para o local em que suas duas filhas conversavam, a apenas alguns passos de distância de onde estávamos.

Lado a lado, as duas tinham pelo menos cinco centímetros de diferença uma da outra, demonstrando o quão fisicamente distintas eram: com um vestido midi-avermelhado caindo na altura dos joelhos, inebriantes

olhos azuis e salto-altos com detalhes dourados nas pontas, Anna era a imagem da sofisticação, ao passo que, por sua vez, Corinne era a representação fiel da pureza.

Alheia ao meu olhar, Corinne parecia nervosa enquanto segurava o embrulho que sua irmã a tinha entregue segundos antes, apertando-o junto do peito enquanto lambia os lábios e concordava com seja lá aquilo que Anna lhe falava.

O simples ato me fez enrijecer.

Que tipo de atrocidade Anna estaria dizendo à ela agora?

Temendo pela resposta, fiz um gesto para que Nancy, educadamente parada do outro lado do salão, se aproximasse e ela rapidamente o fez, vindo até mim com uma expressão séria no rosto. Landon e Maxim tinham começado uma conversa àquela altura e estavam entretidos demais nela para perceberem a aproximação de Nancy, portanto eu não tinha que me preocupar com o caso de escutarem o que eu estava prestes a pedir.

— Sim? — perguntou Nancy, ao parar ao meu lado.

— Preciso que acompanhe minha esposa até em casa — expliquei, ignorando toda a estranheza ao pronunciar as palavras “esposa” e “casa” na mesma frase, depois de tanto tempo. — Maddox já deve estar lá fora esperando para levá-las. Preciso ficar um pouco mais. Tenho algumas pendências para resolver.

Nancy assentiu e a maneira como seguiu o meu olhar, comprovou que eu não era o único a estar desacostumado com toda aquela situação.

— Certo — disse ela, mais para si mesma do que para mim. — A Sra. Chamberlain virá conosco?

— Não — respondi rapidamente, em um grunhido.

Nancy piscou.

— Leve Corinne para casa. *Sozinha* — pedi. — Deixe o resto comigo.

Assentindo, ela se afastou rumo às duas irmãs que, ante a sua chegada, interromperam subitamente a conversa. Franzindo a testa, Anna me lançou um olhar discreto quando Nancy começou a falar, ao passo que Corinne se limitava a confirmar com a cabeça, em nítido desapontamento.

Ignorando a maneira fugaz com a qual minha cunhada me fitou quando sua irmã foi levada por Nancy rumo ao estacionamento, voltei toda a minha atenção para Landon e Maxim, verdadeiramente satisfeito pelo excelente pretexto.

Eu sabia que precisava lidar com Corinne e toda a situação entre nós, mas a verdade é que ela conseguiu despertar em mim algo que há muito tempo não me via capaz de reproduzir: *compaixão*.

E isso, a facilidade com a qual ela conseguiu arrancar algo assim de mim sem ao menos perceber, me assustava.

Para caralho.

E talvez tenha sido justamente por conta disso que não voltei para o meu apartamento naquela noite.

15.

Passei a noite de núpcias em um bar.

Assim como sempre acontecia quando algo fugia do meu controle, me isolei de tudo e todos, uma vez que encher a cara em um bar cercado de desconhecidos, com um pouco de uísque, me pareceu, de longe, a melhor opção.

Com exceção da ligação que fiz ontem à Nancy, perguntando se ela e Corinne haviam chegado bem no apartamento, não entrei em contato com nenhum conhecido. Estava cansado e estressado demais para tanto — razão pela qual me peguei acordando em um quarto de hotel, em vez do conforto do meu quarto.

Em circunstâncias normais, a casa de Landon seria a minha salvação: era para lá que eu ia sempre que meus pensamentos ficavam tão conflitantes, que a solidão se tornava insuportável. Entretanto, agora que estava casado com ninguém menos do que a irmã de sua esposa, sua casa se tornou automaticamente um território proibido.

Eu não queria ele e muito menos Anna se metendo na minha vida — *não mais do que já vinha fazendo, é claro.*

Lutando contra a ressaca, tomei um banho gelado e pedi para um de meus seguranças me arranjar alguma coisa decente para usar no trabalho. Landon tinha me dispensado das minhas funções no intuito de me conceder mais tempo para acertar as coisas com Corinne, mas não era como se ele fosse meu chefe ou algo do tipo — além do mais, já deveria estar ciente que eu não faltava no trabalho por absolutamente *nada*.

Terminado o banho, telefonei para o serviço de quarto, pedindo meu café, e esperei, de toalha, enquanto Jonah, um de meus homens de confiança, me arranjava alguma coisa para vestir. Aproveitando o período de ócio, peguei o celular e efetuei uma ligação para Nancy. Era bem cedo, mas ela atendeu no primeiro toque.

— Bom dia, Nancy — saudei. — Como está?

— Bom dia, Roman. Estou bem. E o senhor, como está?

Existia um contraste cômico na maneira como Nancy se referia à mim pelo primeiro nome, mas, ainda assim, não abria mão do “senhor”.

— Estou ótimo, obrigado por perguntar — menti, coçando a nuca. — Gostaria de lhe pedir um favor, Nancy.

Ela nem hesitou antes de responder.

— Claro, senhor. Pode falar.

— Marquei com o pessoal da mudança para levar o restante das coisas de Corinne para o apartamento. Poderia, por gentileza, acompanhar tudo? De acordo com Maxim... digo, com o meu sogro, Corinne tem diversos objetos valiosos e delicados. Fique de olho em tudo para que nada seja quebrado ou tirado de seu respectivo lugar.

— Certo. Algo mais?

Fiz uma pausa, lembrando de algo importante.

— Imagino que alguém como Corinne não esteja habituada a cozinhar, então, será que poderia preparar o café da manhã dela também?

Silêncio.

— O senhor não está em casa? — sussurrou, sem conseguir omitir o tom de surpresa em sua voz. — Pensei que tivesse voltado para o apartamento na noite anterior.

— Tive alguns imprevistos — declarei.

Outra vez, silêncio; Nancy nunca expressava curiosidade em relação a nada. Não era do seu feitio, ela era uma das pessoas mais tranquilas, leais e discretas que eu conhecia.

Entretanto, contrariando as minhas expectativas, ela soltou:

— Ela é uma mulher bonita — seu comentário soou de repente, me pegando desprevenido. — E gentil e educada também.

Fiquei subitamente desconfortável, sabendo aonde aquela conversa acabaria: *por que me casei novamente com uma mulher com a qual tampouco me empenhava em passar a própria noite de núpcias?*

Eu confiava em Nancy; sabia que ela não seria capaz de me trair. Mas, ainda assim, negócios eram assuntos que ultrapassavam a nosso nível de intimidade — portanto, no que dizia respeito ao casamento com Corinne, manteria a minha discrição.

— Sim, ela é — concordei. Então, pensando rápido e me esquivando de futuras indagações, continuei: — Quando terminarem de deixar as coisas dela no apartamento, gostaria que acomodasse tudo no closet, no lado que separei para ela, pode ser?

— Sim, senhor.

— Obrigado — murmurei. — Pretendo passar em casa esta noite, portanto, peço que não comente nada sobre esta ligação com a minha esposa. Não quero que ela pense que eu a estou colocando em segundo plano e nem nada do tipo.

Porra, quando é que eu tinha me tornado um mentiroso tão compulsivo?

Uma pausa.

— Claro, como quiser — Nancy respondeu, com certa hesitação.

— Excelente. Bem, agora, se me der licença, preciso desligar. Tenho algumas coisas para resolver. Até mais.

— Até mais. Tenha um bom dia.

— Um bom dia para você também, Nancy — desejei e, com isso, encerrei a ligação.

Jogando o celular contra a cama, me recostei contra a cabeceira acolchoada apenas a tempo de ouvir batidas à porta. Grunhindo, descii da cama e a abri, dando de cara com o funcionário responsável pelo serviço de quarto. Dando passagem para que ele pudesse empurrar o carrinho com o meu respectivo café-da-manhã para o interior do quarto, senti o odor delicioso invadindo minhas narinas mesmo antes de o garçom pedir licença e se retirar, me deixando enfim a sós com aquela comida.

Lambendo os lábios, espiei o interior de cada recipiente que armazenava a comida e então, sem qualquer hesitação, consumí um por um.



Depois do café da manhã, saí do hotel diretamente para o *La Bouche*.

Para a minha sorte, por ser um cliente fiel em uma loja de grife próxima, Jonah não teve qualquer dificuldade para me conseguir roupas novas: uma camiseta social-azul e calça de linho — também social — negra. Devido a ausência de um terno sob medida, acabei reutilizando o da noite anterior.

Atravessando as portas que levavam ao interior do estabelecimento, cumprimentei educadamente cada um dos funcionários pelos quais passava e me dirigi à minha sala. Para a minha total surpresa, ao chegar, dei de cara com Landon sentado na *minha* cadeira e debruçado sobre a minha mesa, utilizando-a para analisar alguns papéis, que, por sinal, estavam sob a minha responsabilidade.

Com os olhos estreitos, pigarreei e instantaneamente os olhos de Landon se moveram para mim, arregalados de surpresa.

— O que está fazendo aqui? — ele indagou.

— Eu ia fazer exatamente a mesma pergunta — retruquei, olhando sugestivamente entre ele e a pilha de papéis sobre a minha mesa.

— Eu o dispensei do trabalho hoje — lembrou, estreitando os olhos em uma acusação não verbal. — Não deveria estar em casa?

— Estou exatamente aonde deveria estar — rebati. — Diferente de você, obviamente. Tire a porra da bunda da minha cadeira e deixe os papéis comigo. É o meu trabalho, não seu.

Revirando dramaticamente os olhos, Landon obedeceu, saindo da minha cadeira com ambas as mãos erguidas em rendição.

— Só estava tentando ajudá-lo, seu ingrato — resmungou, ao mesmo tempo que eu passava por ele ocupava a cadeira, assumindo a minha posição.

— Agradeço a gentileza, mas não é necessário — falei, organizando alguns papéis.

Cruzando ambos os braços sob o peito, Landon me observou com uma expressão irônica. Somente ao erguer o olhar e encará-lo, é que percebi que, na realidade, não se tratava de ironia, mas sim desconfiança.

— O que foi? — quis saber, notando a maneira como seus olhos estavam estreitos em minha direção.

— Você não voltou para o seu apartamento ontem, não é?

Porra.

Como ele sabia disso?

Mantendo a expressão impassível, arqueei uma das sobrancelhas.

— Por que está me perguntando isso?

— Porque você está usando o mesmo terno de ontem — explicou, como se fosse algo óbvio. — E antes que tente se justificar, sei que é um maníaco por limpeza a ponto de se recusar a vestir a mesma uma roupa por mais de um dia.

Trinqueei a mandíbula, odiando toda a sua perspicácia.

— Tive alguns imprevistos.

Landon bufou.

— Passou a noite enchendo a cara, não é?

Emudeci, focando em organizar a pilha de papéis sobre a minha mesa.

— Caralho, Roman. Não acredito nisso. Largou Corinne sozinha na porra da noite de núpcias? — quis saber, me fuzilando com o olhar.

Passando uma das mãos pelo cabelo, o ignorei.

— Estou falando com você, porra. Diga alguma coisa! — grunhiu.

— Cuide da sua própria vida — cuspi, o lançando um olhar fugaz. — E peço que repasse meu pedido à sua esposa também. Caso ela não tivesse se metido naquilo não lhe dizia respeito, as coisas estariam bem melhores para *todos nós*.

A mandíbula de Landon travou, sua expressão endurecendo.

— Não acredito que está me dizendo isso — murmurou, balançando negativamente a cabeça. — Qual é o problema, Roman? Por que está agindo assim? — fez uma pausa, analisando meu rosto com atenção. De repente, um sorriso zombeteiro curvou seus lábios para cima, ao passo que o seguinte comentário lhe escapava: — Não me diga que Corinne Hamilton realmente foi capaz de atravessar a pedra de gelo que você chama de coração.

E foi a minha vez de bufar.

— Não seja ridículo, Landon.

— Não estou sendo — discordou. — Mas o mesmo não pode ser dito de você.

Decidido a não dar ouvidos à sua provocação, apontei em direção à porta.

— O que acha de ir trabalhar em vez de ficar perdendo o seu tempo falando bobagens?

Mas é claro que o bastardo não me deu ouvidos.

— Por que está tão na defensiva?

Grunhi.

— Aposto que você tem coisas muito mais importantes a fazer do que ficar aqui, me incomodando.

Landon não moveu um único músculo; em vez disso, se manteve lá, parado, com os olhos em mim.

— Anna está preocupada com a reação de Corinne quando descobrir a verdade — falou em um tom baixo. Com certa relutância, desviei os olhos dos papéis para ele, que tinha uma expressão séria no rosto. — E à julgar pela maneira como vem agindo, imagino que você também.

Soltei a pilha alguns dos papéis em minhas mãos contra a mesa com força, fazendo-os caírem ao chão, ao passo que lançava ao meu irmão um olhar que unia raiva à descrença.

— Qual é a porra do seu problema? Por acaso está drogado? Está delirando ou o quê?

— Não aja como se eu estivesse dizendo alguma barbaridade, Roman. Você está agindo diferente. E nós dois sabemos muito bem o porquê.

Novamente, ao invés de respondê-lo, o ignorei descaradamente, cerrando os punhos sobre a mesa e fechando os olhos enquanto inspirava com força, tentando manter a calma.

— Corinne acha que se casou com ela porque a quis — Landon revelou subitamente, indiferente a minha reação ao seu comentário anterior. — Se contar a verdade sem o devido cuidado, ela pode... se sentir rejeitada *novamente*.

Relutantemente, levei meus olhos aos dele; meu irmão tinha as sobrancelhas franzidas em pura preocupação.

— Eu sei que Anna piorou tudo ao não explicar, de antemão, o que estava acontecendo, Roman, mas ainda assim... é preciso ter cuidado com os sentimentos alheios. E acho que, por isso, Anna não contou tudo a ela desde o início. Estava preocupada em como sua irmã reagiria a tudo, depois de, bem, o que aconteceu no passado entre nós três.

Quando ele escolheu sua irmã, em vez dela.

Franzindo as sobrancelhas, concluí, com breve sobressalto, que aquilo nos olhos de meu irmão não era apenas preocupação; era culpa. Culpa por saber que, graças ao que ele fez no passado, submeteu Corinne o destino cruel que a aguardava como esposa de um sujeito bárbaro e violento, caso eu não intervisse.

Comprovando o meu ponto, meu irmão passou uma das mãos pelos cabelos negros e grossos e me fitou piedosamente.

— Sei que não tenho o direito de lhe pedir isso, mas, por favor, tenha um pouco de paciência com ela, Roman.

— Está pedindo que eu minta para ela?

— Não necessariamente. No momento, acredito que o termo “omitir” se encaixe melhor — declarou. — Dê um tempo ela. Não estou pedindo para que consume o casamento e nem nada do tipo, apenas que a trate como ela merece ser tratada.

— Como a minha esposa, você quer dizer — o corrigi.

Ele assentiu.

— Exatamente. Só que sem a parte do sexo, já que insiste tanto nisso. Ou será que já mudou de ideia?

— Acho que já está ciente da minha resposta.

Ignorando a minha colocação, Landon ergueu ironicamente uma das sobranceiras.

— Comigo e com Anna também demorou um pouco. Ela estava tão resistente quanto você, mas no fim, com o incentivo correto, consegui fazê-la ceder.

Endureci a expressão.

— Já disse que não vou tocar nela, Landon.

Meu irmão ergueu ambas as mãos para o alto.

— Tudo bem, Roman. Já entendi. Não vou insistir no assunto — comprimiu os lábios, parecendo debater internamente sobre prosseguir ou não. — No entanto, eu realmente gostaria de saber o motivo de toda a sua recusa em dormir com ela. É por causa do seu apego emocional à Elsa ou... o que o incomoda é o fato de Corinne ser virgem?

Um pouco dos dois.

— Isso não é da sua conta — respondi entre dentes.

Landon franziu o cenho.

— Mas é claro que sim. Estamos falando do meu irmão e da minha cunhada. Como algo assim não poderia ser da minha conta?

— Cuide da sua própria vida, Landon.

— Pare de se esquivar da minha pergunta: por que toda a recusa em consumir o seu casamento?

— Porque não é a porra de um casamento de verdade, caralho! — explodi.

Não se deixando afetar pelo meu tom de voz, meu irmão me observou com atenção.

— Certo, então isso quer dizer que você vai ficar de abstinência sexual pelo resto da vida? Ou será que pretende continuar se encontrando às escondidas com prostitutas com as quais costuma sair?

Sua indagação descabida me irritou.

— Tenho princípios, Landon. E traição foge completamente de cada um deles.

Ele assentiu.

— Fico aliviado em saber disso. Mas então quer dizer que irá aderir ao celibato, certo?

Fechei a boca com força.

— Saia da porra da minha sala e vá trabalhar.

— Faça o favor de parar de ser um fujão e volte para casa esta noite.

Me abstendo de respondê-lo, me limitei a indicar na direção da porta, ordenando silenciosamente para que ele saísse. Soltando uma risadinha, meu irmão obedeceu, sem antes me lançar uma piscadela e murmurar um agradecimento.

Com a porta uma vez fechada, esfregando o rosto, me inclinei contra a minha cadeira giratória e gemi em frustração.

Porra.

Em que eu estava pensando quando me meti em toda essa situação?

16.

Conforme garantido à Landon e Nancy, voltei para o apartamento depois do trabalho.

Eram quase quatro da manhã quando girei as chaves na maçaneta da porta e a atravessei, mas, de toda maneira, cumpri com o que disse; era uma questão de honra: quando dizia que faria algo, não costumava descumprir — a não ser em casos específicos.

De toda forma, quando cheguei no apartamento, as luzes estavam apagadas e todo o ambiente envolto no mais sublime silêncio. A passos cautelosos, passei pela sala e inspecionei silenciosamente cada cômodo, notando-os, assim como o restante, vazios. No fim, só restou um: suíte principal.

Com cuidado, girei a maçaneta da porta e, aos poucos, fui vislumbrando, em meio ao quarto mal iluminado e quieto, um leve amontoado sob os lençóis — Corinne. Coberta da cabeça aos pés, ela dormia profundamente na minha cama, totalmente alheia a minha presença. Então, fazendo uso da mesma prudência utilizada para adentrar no quarto, saí, fechando silenciosamente a porta às minhas costas e indo parar o meu escritório.

Chegando lá, retirei o blazer, arregacei as mangas da camisa e desabotoei os primeiros botões, me proporcionando um pouco de conforto. Dominado pelo cansaço, tirei os sapatos e em questão de segundos, me lancei sobre o sofá de couro, grato pela proeza de ter colocado uma manta reserva em caso de noites frias como aquela. Bocejando, me ajeitei no sofá e, cobrindo meu corpo com a manta, fechei os olhos e adormeci.

Quando despertei, cinco ou seis horas depois, já era dia.

Esticando os braços, joguei as pernas para fora do sofá e caminhei calmamente rumo à suíte. Uma vez parado diante da porta, no entanto, hesitei. Por mais que odiasse admitir, a verdade é que eu não sabia muito bem como agir diante da presença de Corinne — especialmente depois da conversa de ontem com Landon, quando ele me pediu para ter “paciência” com ele.

Após o que pareceu uma eternidade, girei a maçaneta e finalmente adentrei no quarto. Para a minha felicidade — ou não —, o ambiente estava

exatamente igual a como o encontrei na noite passada: imerso na escuridão — ainda que algumas brechas de luz escapassem pelas cortinas, indicando a progressão no tempo.

Ignorando o vislumbre de um cabelo loiro esparramado no lado direito da minha cama, fui até o banheiro e realizei a minha higiene matinal. Dando o meu melhor para não produzir qualquer ruído além do estritamente necessário e acabar acordando Corinne, tomei uma ducha o mais silenciosamente possível e, em seguida, me vesti, saindo do quarto em tempo recorde.

Passando a camiseta cinza-escura por cima da cabeça, caminhei até a cozinha e preparei o meu café da manhã: ovos mexidos com tiras de bacon acompanhados pelo meu rotineiro café preto. Mastigando em silêncio, pus as louças na pia e, após um breve olhar para o relógio pregado à parede, lembrei de algo importante: era terça-feira, dia em que Nancy costumava chegar um pouco mais tarde.

Lavando rapidamente as louças que utilizei para o preparo do meu café da manhã, fui até a geladeira e peguei alguns ingredientes, me perguntando internamente que tipo de coisa Corinne costumava comer pela manhã. No fim, acabei optando pelo convencional: panqueca, com tiras de bacon e ovos mexidos.

Há alguns anos, quando estava acostumado a ter a presença integral de funcionários em minha casa fazendo absolutamente tudo para mim, eu não sabia preparar nem mesmo um café; com a morte de Elsa e precisamente o meu desejo por um pouco de individualidade e independência, acabei aprendendo a fazer o básico sozinho. Graças a isso, nas manhãs em que Nancy chegava mais tarde, eu preparava o meu café da manhã sem qualquer dificuldade.

Foi necessário um tempo considerável até que eu entendesse que, se você deseja ter uma vida plena, precisa se livrar de todas as suas fraquezas; e dependência em excesso, definitivamente se converte em uma.

Conservando as panquecas e as tiras de bacon que sobraram do meu respectivo café da manhã sobre o balcão da ilha, me concentrei em recompor aquilo que faltava: a omelete.

Quebrando os ovos e os despejando na frigideira, eu os estava inspecionando, no aguardo para temperá-los, quando, pelo canto do olho, notei alguém se aproximando. No mesmo instante, tratei de endireitar os ombros e agir o mais casualmente possível, mas, para o meu espanto,

contrária a minha atitude, Corinne recuou um pouco, parecendo levemente assustada.

E não era de se surpreender, considerando que aquela era a primeira vez que nos encontrávamos desde o casamento — e especificamente que eu me dava ao trabalho de aparecer no meu apartamento.

No nosso apartamento, me obriguei a corrigir, conforme balançava mentalmente a cabeça e, decidido a aniquilar sua tentativa de fuga, virava o rosto, lançando-a um olhar por cima do ombro. Corinne parou quase que imediatamente, congelando no lugar enquanto sustentava o meu olhar. Com o rosto levemente corado, seu cabelo loiro estava preso em um rabo de cavalo, ao passo que seu corpo estava vestido com uma blusa de lã larga unida a jeans escuros e um par de pantufas. Tinha, obviamente, acabado de acordar.

Ajustando a postura e disfarçando todo o desconforto por meio de um sorriso vacilante no rosto, Corinne foi a primeira a desfazer o silêncio entre nós.

— Bom dia — disse, sorrindo.

— Bom dia, Corinne — murmurei de volta, retornando minha atenção para a frigideira com os ovos. Concentrado na tarefa, não desviei o olhar nem mesmo quando apontei sugestivamente para a ilha, especificamente para as panquecas recém preparadas e as tiras de bacon. — Tem panquecas e bacon ali. A omelete sairá daqui a pouco.

Ela emudeceu e deslizou os olhos para os próprios pés, parecendo envergonhada.

— Eu não sabia que estaria aqui — murmurou, comprovando o meu ponto. — Quer dizer... Nancy avisou, mas pensei que, assim como da última vez, o senhor...

— Somos casados, Corinne — eu a interceptei, sem ao menos encará-la. — Me chame pelo meu nome.

De relance, observei quando ela lambeu os lábios e assentiu, o rosto atingindo a tonalidade de um tomate.

— Certo — murmurou. — Bem, o que estava tentando dizer é que... hum, eu esperei por você. Até *bem tarde*. Então, como já passavam das três da manhã quando finalmente cedi ao sono, pensei que você não viria mais.

— Não costumo descumprir com o que digo — declarei firmemente, mantendo a atenção na frigideira.

Corinne empalideceu.

— Sim, claro, mas é que, se eu soubesse que realmente viria, teria acordado um pouco mais cedo e preparado o café da manhã.

— Não se preocupe com isso. Sou perfeitamente capaz de preparar o meu próprio café da manhã.

Mediante a minha resposta, Corinne parou no lugar e me observou com a testa franzida, parecendo desejar ler a minha alma. Falhando na missão, ela pigarreou e logo tratou de contornar a ilha e se posicionar sobre uma das banquetas, sentando bem à frente do prato com as panquecas e as tiras de bacon. Fisgando delicadamente os talheres que pus estrategicamente próximo a comida, Corinne espetou um pouco a panqueca, ao passo que me observava discretamente. Concentrado no preparo dos ovos, eu a ignorei, somente desviando a atenção da frigideira para poder vasculhar uma das gavetas em busca do pequeno compartimento em que guardava os temperos.

Localizando-o, retornei para o cook top.

— Como gosta do seu ovo?

Minha pergunta repentina certamente a pegou desprevenida, considerando a forma como quase engasgou com um pedaço de panqueca. Engolindo audivelmente, Corinne, então, rapidamente recuperou a compostura.

— Costumo comer com uma pitada de orégano — revelou.

Assentindo, vasculhei a caixa em minhas mãos em busca do tempero em questão e, uma vez o localizando, tratei de encher a mão com um punhado e em seguida o despejar contra a frigideira, temperando a omelete.

— E o café? — insisti. — Como costuma tomá-lo?

Corinne pareceu confusa.

— Puro.

A lancei um olhar rápido, erguendo uma das sobrancelhas em uma indagação silenciosa.

— Sem açúcar?

Ela assentiu e rapidamente refleti o movimento, satisfeito em saber que, nesse aspecto, combinávamos.

— Ótimo — murmurei para mim mesmo, ao mesmo tempo que apontava com o queixo em direção à garrafa térmica localizada ao lado do prato contendo as panquecas e as tiras de bacon.

Direcionando a atenção de volta à frigideira, eu estava dando uma última inspeccionada no aspecto dos ovos mexidos, quando fui subitamente forçado a encará-la, devido a pergunta inesperada que proferiu:

— Aonde está Nancy?

— Em dias como hoje, ela costuma chegar um pouco mais tarde —
foi a minha resposta.

Desligando o fogo, finalizei o preparo da omelete. Com a frigideira em mãos, caminhei até a ilha e, usando a espátula, pus o conteúdo no prato diante do rosto de Corinne. Em seguida, recuei até a pia e comecei a ensaboar a frigideira utilizada. Uma vez concluída a tarefa, deposei-a na secadora.

— Não vai comer? — Corinne quis saber.

Olhei brevemente para ela.

— Já comi.

Com o rosto corado, Corinne olhou para o prato.

— Desculpe — sussurrou, sem me encarar, largando delicadamente os talheres e recolhendo as mãos, posicionando-as sobre o colo.

Me detendo, eu a observei com atenção.

— Pelo que, exatamente?

As bochechas dela esquentaram.

— Por todo o trabalho. Sei que deveria ter acordado mais cedo e preparado o seu café da manhã, mas...

Ah, meu Deus.

Que tipo de educação de merda Maxim havia dado à ela?

— Não estamos mais no século XX, Corinne — falei. — Como já dito, na ausência de Nancy, sou perfeitamente capaz de cozinhar para nós dois.

Deslizando os olhos de volta para mim, ela me analisou com nítida apreensão. Sustentando o seu olhar, observei atentamente a maneira como franziu os lábios e a testa, parecendo desejar ler o meu rosto. Registrando o ato, desviei o olhar e comecei a guardar a frigideira. Depositando-a dentro da gaveta, eu a lancei um olhar.

— Vou sair daqui a pouco. Consegue cuidar do restante sozinha?

Corinne franziu um pouco o nariz, mas apenas assentiu em resposta.

— Ótimo — murmurei, caminhando até a geladeira e retirando de lá, a minha garrafa. Chacoalhando-a um pouco, comecei a me mover em direção ao quarto, mas acabei parando ao lembrar de algo importante. Eu não morava mais ali sozinho; portanto, deveria prestar os devidos esclarecimentos. Espiando por cima do ombro e arrisquei um outro olhar na

direção de Corinne, que rapidamente me encarou em resposta. — Vou descer e malhar um pouco. De lá, irei diretamente para o trabalho.

Sua expressão murchou rapidamente.

Ignorando a pontada de culpa, fui até a suíte e, do closet, peguei a minha bolsa de ginástica. A verdade é que eu poderia muito bem voltar para o apartamento depois da academia para me trocar, mas o vestiário me parecia uma opção melhor, portanto optaria pelo chuveiro de lá em vez daquele do meu banheiro — onde Corinne estaria.

Vindo do quarto, eu a flagrei fitando tristemente a comida — intocada — em seu prato, e isso foi mais do que suficiente para que me visse na obrigação de garantir:

— Voltarei mais tarde. Estarei em casa para o jantar — então, notando a maneira como me fitou com os olhos levemente arregalados, em visível surpresa, emendei: — Até logo.

Então, sem esperar por uma resposta, saí.

Equilibrando a alça da bolsa de ginástica debaixo do braço, entrei no elevador e disquei o número do respectivo andar em que a academia era situada, sem me deixar abalar pelo fato de ter deixado Corinne novamente sozinha em casa.

É temporário, assegurei mentalmente. Daqui a pouco Nancy chegaria para fazê-la companhia.

Com esse pensamento em mente, atravessei as portas assim que o som do andar soou e cheguei ao meu destino, deixando de lado quaisquer preocupações envolvendo minha esposa e toda a problemática situação em que estávamos envolvidos.

Ultimamente tudo vinha sendo extremamente estressante, portanto, um pouco de endorfina faria bem.

17.

Eram quase oito da noite quando voltei para casa.

Após a breve interação com Corinne na cozinha, o restante do dia transcorreu normalmente: depois do treino, fui para o trabalho, local no qual permaneci até a pouco, antes de pegar o carro e dirigir até o apartamento.

Cumprimentando os porteiros, disparei até o elevador, verdadeiramente grato pela ausência de ocupantes na cabine; poderia até soar como mesquinhez, mas a verdade é que eu não tinha energias nem mesmo para interagir o minimamente possível com estranhos.

Folgando a gravata, um suspiro genuinamente aliviado me escapou quando as portas do elevador abriram e me vi, enfim, em casa.

A sensação, contudo, foi subitamente substituída por intriga conforme adentrava na sala de estar e sentia o odor inconfundível de algo sendo assado. Com os olhos estreitos, avancei cautelosamente, passando pela sala de estar — a qual encontrei vazia — e indo até o cômodo mais lógico, dado o odor permeando o ambiente: a cozinha.

Chegando lá, dei de cara com algo ainda mais intrigante: Corinne desenformando uma travessa com algo que, após um breve olhei, notei ser alguma espécie de torta de frango.

Largado a luva de cozinha contra o balcão da ilha, ela encarou sorridente a tigela de porcelana — uma das diversas que eu tinha armazenadas — contendo a comida fumegante, antes de finalmente virar o rosto, me lançando um olhar.

— Não sabia que já tinha chegado — declarou, sustentando o meu olhar.

— Cheguei agora — murmurei, alternando a atenção entre ela e a tigela, verdadeiramente intrigado com toda a situação.

Capturando um pano de prato e o usando para proteger suas mãos do calor emanado da tigela fumegante, Corinne se afastou da ilha e fez um gesto para que eu a acompanhasse. Munido de desconfiança, eu a segui, somente parando quando a avistei acomodar a tigela sobre a mesa da sala de jantar — a qual, por sinal, estava abastecida com vinho e as melhores pratarias que eu tinha disponíveis.

Intrigado, passei rapidamente os olhos pela mesa e, então, os pousei no rosto de Corinne, que me observava com atenção, esboçando o que traduzi como sendo *satisfação*.

Estreitei os olhos ante a constatação, voltando a encarar o vinho, as taças e as pratarias elegantes. De repente, um alarme começou a soar pela minha cabeça.

O que estava acontecendo?

— Espero que não se incomode — Corinne murmurou, me forçando a desviar a atenção da garrafa de vinho para seu rosto. — Usei alguns ingredientes da geladeira e peguei algumas coisas da adega também.

Sem muita ideia de como respondê-la, me limitei a confirmar com a cabeça, sabendo que, de fato, não existia problema algum em ela mexer nas coisas do lugar que, agora, era de nosso uso comum.

O ritmo de meus pensamentos foi subitamente interrompido quando, sem qualquer aviso prévio, Corinne se aproximou, parando às minhas costas e esticando uma das mãos até meus ombros, tocando levemente o blazer.

Enrijeci instantaneamente.

— Vou guardar — ela explicou, provavelmente ciente do acontecimento.

Me obrigando a relaxar, permiti que Corinne retirasse o blazer e atendi, de bom grado, ao seu pedido quando solicitou que me sentasse à mesa, pois voltaria logo. Puxando a cadeira para que pudesse ocupá-la, me permiti lançar um olhar mais aguçado para a mesa, assim que Corinne me deu as costas, e constatei, com um breve sobressalto, todo o trabalho que ela certamente teve para preparar tudo aquilo.

Com tal dilema em mente, peguei uma das taças e me servi com um pouco do vinho, satisfeito ao perceber que aquilo era tudo de que mais precisava naquele momento — era quase como se Corinne tivesse lido meus pensamentos.

Quase como se à mando do destino, ela escolheu justamente esse momento para reaparecer, vinda da sala com um sorriso amigável nos lábios.

Discretamente, lancei um rápido olhar à sua aparência, conferindo-a: vestindo uma blusa de gola alta avermelhada, calça preta justa e um par de sandálias, ela parecia ainda mais bonita do que de costume.

O pensamento me assustou.

Naquela manhã, quando não tinha o menor conhecimento da minha presença, ela apareceu com o cabelo desarrumado e vestindo roupas mais

casuais.

O que me fez pensar no fato irrefutável de que, agora que tinha sido previamente informada sobre a minha aparição para o jantar, ter se preparado — isso explicava o vinho, a taça e a comida.

E quanto à aparência... *ela havia se arrumado?*

— Desculpe pela demora — ela pediu, totalmente alheia ao rumo de meus pensamentos, conforme se sentava à mesa, ocupando o assento exatamente à frente do meu, na outra extremidade da mesa.

Em vez de respondê-la, com a taça de vinho entre meus lábios, bebericando-o, me aproveitei da deixa para observá-la um pouco melhor: o cabelo loiro também estava um pouco mais liso e sedoso do que o de costume, ao passo que seus lábios pareciam brilhar sob a iluminação do ambiente.

Merda.

Ela definitivamente estava arrumada.

Arrumada para você, disse uma voz interna, ao mesmo tempo que notava os olhos cor de avelã de Corinne se fixando na minha garganta, conforme eu bebericava o vinho contido na taça em minhas mãos. Piscando, ela então desviou o olhar, deslizando-o para cima de modo a me encarar, mantendo o contato visual. Sustentando o seu olhar, observei atentamente quando a sua postura mudou e de repente sua cadeira era afastada para trás e ela se colocava de pé, vindo em minha direção com uma expressão decidida.

— Vou servi-lo — avisou, assim que pairou exatamente ao meu lado.

Franzi a testa em resposta, estranhando a sua atitude, mas se registrou o ato, Corinne ignorou, pois logo tratava de cortar um pedaço da torta de frango posta na vasilha de porcelana bem diante de seu rosto. Com precisão, ela retirou o pedaço e o depositou em um dos pratos que, no segundo seguinte, foi estendido para mim.

Sem reação, aceitei o prato e murmurei um agradecimento.

Como o cheiro estava bom o bastante para atizar o meu apetite, não perdi tempo: sem qualquer hesitação, capturei os talheres e experimentei. Eu não era exatamente o que podia se chamar de um excelente cozinheiro — apenas me virava com o básico —, mas definitivamente sabia reconhecer quando algo estava digno de uma salva de palmas. O que, infelizmente, não era o caso da torta de frango de Corinne; o recheio estava um pouco salgado demais e à julgar pela textura, a massa aparentava precisar de mais alguns minutos no forno. Entretanto, considerando toda a evidente inexperiência das

mãos que a prepararam, não estava de tão mal assim. Era preciso reconhecer o seu esforço.

Mastigando lentamente o pedaço de torta, não percebi que Corinne me observava no mesmo lugar — de pé, bem ao meu lado —, com nítida aflição.

— Está muito bom — opinei, após engolir o pedaço da torta em minha boca e fugar a taça para poder beber um pouco do vinho. — Não sabia que você cozinhava.

No mesmo instante, toda a apreensão de antes desapareceu completamente do rosto de Corinne, dando lugar à uma que traduzi como sendo alívio.

Com um sorriso pequeno nos lábios, Corinne desistiu de voltar ao seu lugar de origem e, em vez disso, se manteve ali mesmo, empurrando a cadeira à minha direita e a ocupando em um piscar de olhos. Em silêncio, analisei seu perfil, esperando por uma resposta.

— Foi uma habilidade recém-descoberta — revelou com um sorrisinho. — Não há nada que a internet não consiga nos ensinar.

Assentindo, voltei a me concentrar na torta, constatando que, a cada mordida, apesar de um pouco seca e salgada além do ponto, ela parecia mais apetitosa, comprovando que Corinne realmente tinha se saído muito bem na cozinha — *e em todo o restante também*. Era quase como se ela tivesse planejado tudo à dedo: desde a escolha do vinho, das peças de porcelana e dos talheres, até a arrumação da mesa.

Estava tudo organizado com perfeição.

O pensamento me fez parar, interrompendo até mesmo o movimento de mastigação. Lentamente, olhei entre as taças com vinho, o prato com a torta de frango e precisamente para ela, que comia da própria comida calmamente, totalmente alheia aos meus devaneios internos.

E então, sem mais nem menos, as peças do que quebra-cabeças foram se encaixando e assim, *tudo* fez sentido.

A mesa arrumada. A comida caseira. A porra do vinho.

Aquilo era um jantar romântico — ou pelo menos a tentativa de um.

Putá que pariu.

Como é que eu não tinha pensado nisso antes?

Acelerando o ritmo de cada mastigação, bebi o restante do vinho na minha taça em um único gole e após uma última garfada farta na torta de frango, finalizei a refeição.

— Obrigado pela refeição. Estava muito apetitosa — anunciei, afastando a cadeira para poder ficar de pé.

Corinne piscou, lançando um olhar perplexo para o prato vazio sobre a mesa.

Ignorando a sua reação, puxei a gravata, buscando por um pouco de ar e comecei a me mover rumo ao corredor, desesperado para escapar dali.

Enquanto caminhava, irritado comigo mesmo por ter sido cego a ponto de não conseguir enxergar, desde o início, todos os sinais que estavam ali, implícitos, passei nervosamente uma das mãos pelos cabelos.

Cacete.

Seja paciente com ela, pediu Landon, mas como poderia, quando estava óbvio que Corinne estava disposta a dificultar tanto as coisas para o meu lado?

Ela preparou a porra de um jantar para mim.

Cozinhou, pôs vinho e se *arrumou* para mim.

E era tudo culpa de Annabelle Chamberlain.

Porra, a esposa de Landon realmente tinha que se meter aonde não era chamada e encher a cabeça de sua irmã de merda?

— Roman — o chamado me despertou de meus devaneios, me obrigando a parar e lançar um olhar por cima do ombro.

De pé, com os olhos levemente arregalados, Corinne me observava com evidente apreensão.

— Sim? — murmurei, estreitando os olhos.

Engolindo em seco, ela abaixou o olhar para a minha gravata, antes que, de maneira inesperada, recuperasse a compostura, ajustando a postura e abrisse um sorriso.

— Da próxima vez, não precisa preparar o meu café da manhã. Acho que dou conta de prepará-lo sozinha.

Assenti, estranhando a aleatoriedade daquela afirmação.

— Você já cozinhou. Deixe as louças com o pessoal da limpeza amanhã — foi o que respondi, enquanto apontava sugestivamente para as louças sobre a mesa.

Ela concordou, e ainda que esboçasse uma expressão serena no rosto, existia certa... tensão na maneira como me observava, no aguardo por uma resposta. E foi justamente por esse motivo — e outros mais —, que me vi na obrigação de bancar o bastardo covarde e insensível de sempre.

— Ficarei no escritório, tenho algumas coisas para resolver. Se precisar de alguma coisa, me chame — avisei inexpressivamente. — Espero que tenha uma boa noite.

Não olhei para trás quando retomei o caminho até o corredor. Tampouco hesitei antes de entrar no escritório, meu refúgio pessoal, e trancar a porta, permanecendo lá durante o restante da noite.

Aquela jantar que Corinne preparou me fez perceber algo importante: estava caminhando em um território perigoso; cada passo meu deveria ser executado com cautela e constante premeditação.

Diferentemente do que Corinne pensava, eu não queria uma esposa. Estava muito bem sozinho e, se por acaso concordei com aquela *loucura*, foi, em uma pequena parte, por compaixão ao sofrimento ao qual ela estava destinada, caso não se casasse logo.

E ainda que Anna tivesse a convencido do contrário, aquele casamento não passava disso: *pura conveniência*.

Corinne Hamilton não era a minha esposa — não de verdade, pelo menos.

Não fazia ideia do que raios Anna tinha dito a ela, mas minhas intenções quanto àquele casamento se resumiam a pura estratégia comercial.

E nada e nem ninguém conseguiria mudar isso.

18.

— Ela cozinhou para mim.

Ante a minha revelação inesperada, Landon quase cuspiu o café que bebia de volta na xícara.

— O quê?

— Arrumou a mesa, pôs vinho e cozinhou para mim.

Landon piscou.

— E você...?

O lancei um olhar cético.

— O que acha? Comi.

Os olhos dele triplicaram de tamanho.

— Você fez o quê? — indagou, incrédulo.

Levei alguns segundos até finalmente entender que rumo, especificamente, sua mente ridiculamente infantil e depravada estava tomando.

— A comida, Landon — grunhi. — Comi a *comida*.

O filho da puta ainda teve a ousadia de soar levemente desapontado.

— Ah — murmurou, voltando a bebericar o café fumegante. — Certo. E o que aconteceu depois?

— Como assim “o que aconteceu depois”?

Ele me fitou como se eu tivesse dito alguma estupidez.

— O que você fez depois do jantar, Roman.

Estreitei os olhos, sem entender aonde estava tentando chegar.

— Fui para o escritório — revelei, como se fosse algo óbvio.

Landon suspirou, largando a xícara sobre a minha mesa da minha sala com um ruído, ao passo que balançava mentalmente a cabeça, em desaprovação.

— Pobrezinha — murmurou. — Estava apenas tentando chamar a sua atenção.

O fuzilei com o olhar.

— O que queria que eu fizesse, Landon?

— Não sei, talvez que tivesse ao menos feito companhia à ela pelo restante da noite, considerando todo o trabalho que teve para cozinhar para você, em vez de se esconder no seu escritório — ironizou.

Trinquei a mandíbula.

— Não me escondi no meu escritório — discordei.

Landon arqueou uma das sobrancelhas.

— É mesmo? Então vai me dizer que não passou a noite lá, ou que, nesta manhã, ao encontrar com Corinne, você a encarou e, agindo feito o *adulto* que é, ao menos conversou com ela antes de vir para cá? — debochou, já sabendo da resposta.

Fechei a boca com força.

Bastardo arrogante.

Não, eu não tinha conversado com ela; verdade seja dita? Eu tinha saído do apartamento propositalmente mais cedo do que de costume justamente no intuito de não ter que encará-la. E, sim, eu tinha dormido no escritório — mas preferia à morte a admitir isso para Landon, pois caso o fizesse, provaria que ele estava certo.

E eu simplesmente *não* daria esse gostinho à ele.

— Se a sua esposa não tivesse se metido, nada disso estaria acontecendo — acusei.

Landon revirou os olhos.

— Ora, Landon, por favor! Não coloque toda a culpa em Anna.

— Não vejo como a culpa pode ser de outra pessoa além dela — retruquei.

— Que tal se olhar um pouco no espelho, então? Porque, caso não tenha percebido, a responsabilidade de ter contado à Corinne desde o início era *sua*.

Soltei uma risada amarga.

— *Porra nenhuma* — grunhi, balançando negativamente a cabeça.

— Eu tinha tudo sob controle antes da sua esposa se meter.

A expressão de Landon se fechou.

— Ah, é? E o que, exatamente, tinha em mente? Porque, até onde eu sei, nunca estive nos seus planos se relacionar de verdade com Corinne. Então me diga: qual era o seu *brilhante* plano inicial?

— Eu ia contar a verdade para ela.

— Quando?

— Quando fosse o momento ideal.

— Certo, e quando, exatamente, seria esse “momento ideal”?

Franzi os lábios, o fuzilando com o olhar.

Landon riu.

— Às vezes você é extremamente previsível, Roman — debochou, fazendo uma pausa e me observando, antes de suspirar e prosseguir: — Você topou casar com Corinne sem qualquer dificuldade, Roman. Tinha, sim, interesse próprio envolvido pelo meio, mas ainda assim, você estava totalmente ciente do que estava fazendo. Então, por algum motivo, após visitar a sua prometida na mansão de Maxim, passou a fugir dela como o diabo fuge da cruz.

Me recostei na poltrona, bufando.

— Não diga bobagens, Landon.

— Não estou. E sabe disso tanto quanto eu — alegou.

O ignorando, passei ambas as mãos pelo cabelo enquanto encarava fixamente o quadro de uma pintura pregado à parede, em vez de seu rosto.

Landon suspirou.

— Pedi que tivesse paciência com ela, Roman.

Olhei para ele.

— E é o que venho fazendo desde então.

— Se esquivar de Corinne não é tratá-la com paciência, Roman. É apenas *covardia*.

Trinquei a mandíbula.

— Não é tão fácil quanto está pensando — disparei. — Para a sua informação, Corinne não está facilitando as coisas para mim.

Ele franziu a testa.

— Está dizendo isso por causa do jantar que ela preparou para você? Suspirei.

— Não sei, acho que é o conjunto. A forma como ela age ou olha para mim, ou... — fiz uma pausa, soltando uma respiração profunda. — É complicado. Parece que ela está sempre nos cantos, à espreita, me encarando com aquele olhar todo esperançoso. Estar na presença dela é simplesmente... *sufocante*.

Para a minha surpresa, Landon assentiu compreensivamente.

— Eu entendo — respondeu. — E é isso que o tem assustado?

Fiz uma careta.

— Não diria “assustar”, mas sim “manter em alerta”.

Landon assentiu novamente.

— E o que pretende fazer? Não pode continuar fugindo dela para sempre.

— Não sei — admiti. — Ainda é estranho. A situação toda, quero dizer. Completaremos uma semana de casados daqui a alguns dias, mas ainda é bizarro tê-la em casa, me esperando, cozinhando para mim... e me olhando *daquele jeito*.

Como se eu fosse tudo para ela.

Landon fez uma pausa, me analisando com atenção.

— Acha que ela está apaixonada por você?

Tamborilando os dedos contra a madeira da minha mesa, ponderei à respeito.

— Acho que está tentando fazer o casamento funcionar — concluí, me recusando a acreditar na sua suposição.

Landon assentiu, mantendo a atenção em mim.

— E você?

Pisquei.

— Eu o quê?

— Aonde está nessa situação toda?

Abri um sorriso zombeteiro.

— Desde quando começou a bancar o psicólogo, Landon?

O infeliz replicou o sorriso em meu rosto.

— Desde quando se tornou o paciente que se esquivava das perguntas de um psicólogo, Roman?

Senti o sorriso vacilar.

Filho da puta.

— Precisa parar de ignorá-la, Roman — Landon aconselhou, após um suspiro. — Fugir dela pode até parecer o caminho mais fácil, mas não é o mais adequado.

— O mais adequado seria contar a verdade — declarei, fazendo sua expressão confiante hesitar.

Esfregando o rosto, meu irmão se manteve em silêncio por um bom tempo, refletindo, até, finalmente, me olhar e indagar, sem mais nem menos:

— Realmente não sente absolutamente nada por ela, Roman?

Fechei a cara.

— Já disse que não irei encostar em um único fio de cabelo dela.

— Não foi isso o que perguntei.

Erguendo o queixo, em vez de respondê-lo, passei desleixadamente as pontas dos dedos pela barba por fazer, o ignorando descaradamente.

Landon bufou.

— Não precisa ser tão difícil, Landon. Está mais do que óbvio que Corinne está se esforçando para tentar fazer o casamento dar certo. Por que não segue o exemplo dela e ao menos *tenta* em vez de ficar agindo feito a porra de um covarde?

Irritado, me inclinei contra a mesa, minhas palmas se fechando em punhos sobre a madeira conforme o lançava um olhar mortal.

— Porque, para início de conversa, casar novamente *nunca esteve na porra dos meus planos; eu não queria uma esposa*. Não precisava e *ainda não preciso* de uma.

— E por acaso acha que Corinne queria casar com você? — Landon rebateu. — É óbvio que não. Mas mesmo assim ela está se esforçando. E, porra, Roman, tudo porque acha que você a quer! Não esqueça que foi *você* que a pediu em casamento.

Trinquei a mandíbula.

— Não haja como se não soubesse os motivos que tive para fazer isso.

— É claro que sei que, para você, tudo não passa de pura conveniência, Roman. Mas não esqueça que *ela* não faz a menor ideia disso — meu irmão retrucou.

Fechei a boca com força, obrigado a reconhecer que Landon estava certo.

Eu conhecia cada uma das razões que me levaram a propôr o casamento, mas, por outro lado, o mesmo não podia ser dito de Corinne, cujas rasas explicações estavam limitadas ao fato irrefutável de que *eu* fui aquele a ir atrás dela e propôr sua mão. E, pensando melhor, isso explicava todo o seu esforço para tentar me agradar.

Caralho.

Sibilando, passei uma das mãos pelo rosto, odiando o quanto a percepção me fez sentir um verdadeiro *pedaço de lixo*.

— Vou perguntar de novo, Roman: realmente não sente absolutamente nada por ela?

Olhei para ele.

— Não sou cego, Landon. É claro que reconheço que Corinne é uma mulher extremamente atraente.

Meu irmão pareceu confuso.

— Então qual é o problema?

— O problema é que alguém como ela merece muito mais do que *alguém como eu* está disposto a oferecer — sibilei.

Landon franziu a testa.

— Como assim? Do que está falando?

Grunhi.

— Já olhou alguma vez para ela, Landon? — retoriquei. — Já reparou no quanto ela é delicada e, porra, tão ingênua e indefesa? — suspirei, lembrando da maneira como Corinne agia na primeira vez em que a encontrei na mansão de seu pai: ela parecia um coelhinho assustado. — Corinne precisa de um marido, Landon. Precisa de alguém ao seu lado para protegê-la. E eu...

— Você o quê? — meu irmão pressionou quando me interrompi, sem conseguir concluir a fala.

O lancei um olhar cansado.

— Eu não posso dar isso à ela, porque não funciona como o restante das pessoas. Eu não sei... *sentir* como elas.

Landon estreitou os olhos para mim.

— Mas ainda assim, me parece que conseguiu “sentir” muito bem durante todo o tempo em que estive casado com Elsa e, se me permite dizer, até mesmo depois, quando passou a sair com todas aquelas mulheres — lembrou.

É diferente agora, eu quis dizer. Com Elsa, eu já sabia o que me esperava antes mesmo de conhecê-la. Eu simplesmente sabia que ela seria para mim e eu para ela; nunca houve qualquer interrogação. Éramos apenas certos um para o outro, sem qualquer empecilho. Com Corinne, no entanto... cada passo é uma verdadeira incógnita. E eu não gosto nada disso.

Balançando mentalmente a cabeça, em vez de demonstrar toda a minha inquietação mental, me recostei contra a poltrona e recoloquei a máscara de indiferença, lançando ao meu irmão um olhar repleto de apatia, enquanto proferia as seguintes palavras:

— O pouco de sentimentalismo que Elsa conseguiu despertar em mim, se foi junto dela, direto para o *túmulo* — não satisfeito, emendei, no mesmo tom frio: — E quanto ao sexo, eis a resposta: apenas isso, *sexo*. Ainda consigo desfrutar do prazer, mesmo que, para mim, todas as mulheres que fodi não passassem de corpos quentes para afundar o meu pau.

Meu irmão balançou negativamente a cabeça, horrorizado com o meu comentário — propositalmente — insensível.

— Quer saber de uma coisa? Acho que está certo. Você definitivamente tem algum problema — murmurou, afastando a cadeira para trás e se colocando de pé. — Mas não está no seu sistema cognitivo, como diz; está na *porra da sua cabeça*.

Palavras ditas e ele saiu, furioso, batendo a porta e me deixando sozinho.

Não era como se eu me importasse com aquela atitude rebelde e irritadiça, porque aqui estava o total de coisas com as quais eu me importava: *zero*.

Ignorando a xícara que meu irmão deixou sobre a mesa, voltei ao trabalho, bloqueando, enquanto arrumava as papeladas postas sobre a minha mesa, qualquer pensamento que envolvesse Landon, Anna e, principalmente, Corinne.

Eu lidaria com tudo mais tarde.

Por agora, eu só queria um pouco de paz.

19.

Às vezes o gosto amargo do uísque queimando em minha garganta era a única coisa capaz de me trazer um pouco de paz.

Eu já consumia álcool desde muito novo, mas desde a morte de Elsa e precisamente toda a responsabilidade que recaiu sob mim quando tive de assumir o *La Bouche*, o que costumava ser apenas algo ocasional, se transformou em rotina: toda noite, um pouco antes de dormir, eu me servia com uma dose da bebida mais forte que encontrava; com a chegada de Corinne, sobretudo, passei a *dobrar a quantidade*.

A verdade é que eu estava no meu limite; antes, já era bem difícil tentar conciliar tudo, mas com toda a problemática envolvendo o casamento e precisamente a presença constante da minha nova esposa, em casa, o meu antes considerado *refúgio*, todo o meu sossego se transformou em agonia pura.

Agora, era principalmente dentro da minha própria casa que tinha de tomar mais cuidado — e por essa mesma razão é que eu tinha de recorrer ao meu escritório, o único lugar do apartamento que ninguém além de mim mesmo tinha acesso, para poder pôr as ideias no lugar e tentar relaxar um pouco.

Despejando uma quantidade da bebida âmbar no meu copo, encarei inexpressivamente a minha própria sombra, refletida através das chamas da lareira à minha direita, enquanto repassava mentalmente a conversa com meu irmão, mais cedo.

Simplesmente detestava toda a ignorância de Landon acerca dos meus reais sentimentos — ou melhor: da *falta* deles.

Por que raios ele não colocava na porra da cabeça dele que eu não conseguia corresponder às expectativas de Corinne?

Que, para ela, o que era um casamento, para mim não passava de um negócio?

Sibilando um palavrão, virei a bebida de uma só vez, dando um gole e logo tratei de reabastecer o copo, voltando a enchê-lo com um pouco de uísque.

Eu tinha voltado do trabalho há algumas horas e, sem ao menos me dar ao trabalho de procurar por Corinne, fui para o escritório, permanecendo

lá até agora; na busca por um pouco de paz, tentei folhear algum livro sobre filosofia para tentar filtrar os pensamentos, mas como não teve o efeito desejado — já que não consegui me concentrar —, acabei descartando a opção e ido direto para a bebida.

Com o copo reabastecido em mãos, virei o corpo e, prestes bebericá-lo, congelei no lugar ao avistar algo totalmente inesperado: ninguém menos do que Corinne, parada, de pé, a apenas alguns passos de distância.

Cacete.

Quando foi que ela entrou aqui?

Reprimindo um palavrão, lutei contra a vontade de atirar a porra daquele copo na minha própria cabeça, quando constatei que, ao entrar, tinha esquecido de trancar a porta.

Omitindo toda a minha fúria, pus a expressão mais neutra que consegui e a encarei.

— O que está fazendo aqui? — indaguei.

Engolindo em seco, Corinne parecia nervosa enquanto se obrigava a manter contato visual comigo.

— Vim ver se estava precisando de alguma coisa.

Claro que sim.

Arqueando uma das sobrancelhas, dei um longo gole na minha bebida e me dirigi até uma das poltronas, bancando o filho da puta indiferente de sempre; em dias normais, eu tentaria manter a calma e procuraria a maneira mais sensata de mandá-la embora sem parecer muito grosseiro, mas como aquele fugia do habitual, me limitei a manter a postura desinteressada, cansado demais para debater.

Me acomodando na poltrona, cruzei as pernas e a olhei, tão friamente quanto fosse possível, no intuito de fazer com que minha atitude demonstrasse tudo aquilo que passava pela minha mente no momento: *Saia. Fique longe.*

— Estou bem, como pode ver — respondi apaticamente.

Corinne enrijeceu em resposta, mas contrariando todas as minhas expectativas, em vez de dar meia-volta, como pensei que faria após captar toda a frieza contida em minhas palavras, simplesmente levou ambas as mãos até o nó da tira do robe que vestia, desatando-o. A tira caiu no chão quase tão rápido quanto suas mãos se moveram pelos seus ombros, retirando a peça de seda que revestia seu corpo. De repente, já não era mais o robe

esbranquiçado que eu encarava, mas sim os detalhes de uma camisola rendada na mesma cor. Erguendo o queixo, Corinne endireitou a postura e afastou o cabelo dos ombros, me permitindo observá-la melhor.

A camisola de seda era rendada e possuía um decote em V que, unido ao fato de que a barra media na altura de suas coxas, deixando suas pernas expostas, conseguiam tornar a visão ainda mais interessante.

Dando o meu melhor para desviar o olhar dos seios pequenos e visíveis através do tecido — quase — transparente, levei minha atenção de volta ao seu rosto, mantendo a expressão o mais indiferente possível. Entretanto, para a minha total infelicidade, todo o meu esforço para me manter impassível se mostrou em vão tão logo Corinne avançou na minha direção, parando exatamente à minha frente. Então, com os olhos nos meus, ela se inclinou um pouco e capturou o copo da minha mão, o colocando sobre a mesa de centro às suas costas. E, se eu achava que a camisola já era reveladora o bastante, estava terrivelmente equivocado: ao virar, vislumbrei detalhes da calcinha fio-dental que usava por debaixo da peça.

Meu pau agitou sob o tecido da calça em resposta.

Inspirando com força, fui forçado a trincar a mandíbula quando ela virou de volta para mim, ainda mais perto do que da outra vez. E foi justamente nesse momento inoportuno que Corinne capturou uma das minhas mãos na sua e a puxou delicadamente para si, posicionando-a sobre seu seio, bem acima do coração. Sem nunca desviar o olhar, ela, então, intensificou o aperto, me fazendo apalpá-la de leve.

Cerrando os dentes, olhei bruscamente para o seio pequeno sob a minha mão, notando o quanto era macio e, porra, cabia perfeitamente na palma da minha mão. Em um ato puramente instintivo, para testar o ponto, fechei a palma da mão sobre o mesmo, apertando-o ríspidamente e no mesmo instante Corinne suspirou, os olhos arregalados com surpresa e...

Porra.

Comprimindo os lábios, observei seu rosto, atento à maneira como os olhos cor-de-avelã brilhavam e o cabelo loiro parecia reluzir ante a iluminação da lareira, ao passo que sentia a rigidez de seu mamilo sob a palma da mão.

A última parte quase me fez gemer.

Cacete, eu estava ficando duro.

Duro pra caralho.

Fechando instintivamente a mão livre contra o braço do sofá, não fiz outra coisa se não encará-la, tentando, a todo custo, manter o controle das minhas próprias emoções.

Contudo, ao que tudo indicava, Corinne estava disposta a tornar tudo ainda mais difícil para mim: seus olhos castanho-esverdeados me encararam de volta, mais brilhantes do que nunca, ao mesmo tempo que passava a ponta da língua pelos lábios rosados e delicados, umedecendo-os.

Meu pau contraiu em resposta.

Merda, ela era linda.

E inocente.

E errada.

Tão fodidamente errada.

Com tal constatação em mente, tentando manter o controle, procurei recolher a mão, mas no mesmo instante ela me impediu, segurando o meu pulso antes mesmo que pudesse afastá-lo de seu alcance. Sustentando o meu olhar, a respiração de Corinne acelerou quando ela voltou a posicionar minha palma sob seu seio, apertando-a de leve ali. Com um brilho determinado no olhar, ela me analisou com atenção, deixando seu corpo falar por si só; o pedido era claro: *me toque*.

Put. Que. Pariu.

Ciente de que estava bem próximo do meu limite, puxei bruscamente a mão de volta e tratei de ficar de pé, tentando me manter o mais longe possível dela. Em resposta, ela recuou um pouco, me lançando um olhar assustado conforme eu me posicionava exatamente à sua frente. Corinne não era exatamente baixa, mas diante de mim, nossa diferença de altura era gritante: de frente um para o outro, o topo da cabeça dela media na altura do meu queixo, de tal modo que teve de olhar para cima para poder encontrar o meu olhar.

Com a respiração acelerada, Corinne me destinou um olhar repleto de ansiedade, indicando todo o seu evidente nervosismo. Não fiz nada; me limitei a analisá-la com bastante cuidado. E foi graças a toda à minha cautela que fui capaz de notar a brusca mudança em sua postura: erguendo o queixo, ela endireitou os ombros, estufando o peito, e manteve os olhos em mim. Dessa vez, uma outra espécie de brilho tingiu seus olhos, aniquilando por completo toda a apreensão de antes.

Estreitei os olhos, estranhando a repentina mudança de comportamento, o que tornou o momento extremamente propício para que

ela, tirando proveito da minha distração, ficasse na ponta dos pés e espalmasse meu rosto, levando os lábios aos meus sem que eu ao menos pudesse perceber o que fazia.

Foi apenas um breve roçar de lábios, mas, sendo sincero, foi mais do que suficiente para mim: recuando como se aquele breve contato entre nossas bocas na verdade queimasse, eu a lancei um olhar perplexo.

Deixando as mãos caírem ao lado do corpo, ela levou alguns segundos me encarando em silêncio, o peito subindo e descendo desreguladamente conforme a expressão confiante de antes ia desaparecendo aos poucos, dando lugar à uma completamente ansiosa e insegura.

Eu deveria tê-la mandado embora ali mesmo. Seria o momento ideal para acabar com aquilo antes que fosse tarde demais. Entretanto, em vez de escutar a vozinha em minha mente que me instruí a me afastar, me peguei observando a maneira fascinante como os lábios rosados e delicados de Corinne estavam entreabertos, soando irresistivelmente convidativos.

E então, merda, aquela foi a gota d'água para mim: em um impulso primitivo, puxei-a pela parte de trás de sua cabeça e esmaguei nossos lábios juntos.

Já nem sabia quanto tempo fazia desde que beijava alguém; desde a morte de Elsa, passei a controlar cada uma das interações que tinha na hora do sexo, definindo desde as posições desejadas, até o tipo de carícias; e beijo na boca simplesmente estava fora de cogitação. Sexo era apenas sexo; se tratava apenas de prazer, portanto, qualquer tipo de intimidade além do contato puramente físico, estava além dos meus limites.

Até aquele momento.

Visivelmente tensa contra meus lábios, toda a hesitação de Corinne foi desaparecendo à medida que uma das minhas mãos serpenteava por debaixo da sua camisola, tocando-a com tanta urgência, que era quase como se a minha vida dependesse daquilo. Em reflexo, ampliei a intensidade do beijo, reivindicando seus lábios com mais força, ao mesmo tempo que mantinha uma das mãos em seus cabelos, conduzindo o beijo e deslizava a outra, de sua coxa, até a bunda, apertando firmemente a carne macia ali disposta. Ela arfou contra os meus lábios em reação à última parte e, sem perder tempo, tirei proveito da deixa para enfiar a língua em sua boca, aprofundando o beijo.

Quase gemi.

Corinne tinha gosto do maldito pecado.

E então, quando senti sua língua se movendo tímida e hesitante contra a minha, perdi completamente qualquer prudência: reforçando a intensidade da força utilizada para segurá-la, puxei-a para ainda mais perto, em direção ao meu membro que pulsante. O contato brusco fez com que novamente arfasse contra o beijo, entreabrindo os lábios. Dedos cumpridos e magros deslizaram para a minha nuca, agarrando meus cabelos, ao passo que descia meus lábios para o seu pescoço, beijando, sugando e mordiscando a pele sensível. Ao toque de meus dedos sob a sua camisola, subindo da barriga lisa e esguia, até os seios pequenos e avantajados, Corinne gemeu. E, que Deus tivesse piedade de mim, eu quase gozei ali mesmo. Segurando seus cabelos com ainda mais força, despejei uma trilha de beijos de boca aberta na extensão de seu pescoço, deslizando até bem perto do vale entre seus seios.

Cacete, aquilo era errado.

Eu não deveria tocá-la daquele modo; ela não era *minha* para tanto. Mas, ainda assim, enquanto sentia seu corpo se derretendo ao toque de meus dedos, não consegui pensar em nada além do quanto ansiava por aquilo: me enterrar nela com tanta força e urgência, a ponto de fazê-la gritar por mais.

Mantendo os lábios em seu pescoço, continuei explorando a pele macia sob a camisola, me detendo em um dos seios macios, o qual espalmei com tanta firmeza, que certamente deixaria a marca de meus dedos na pele imaculada. Conforme imaginado, cabia perfeitamente em minha mão e a constatação me fez grunhir contra a pele dela, cada vez mais excitado e ganancioso por *mais*.

Gemendo baixinho, afastei o rosto de seu pescoço e voltei a beijá-la com força, até deixá-la literalmente sem ar. Sem romper com o contato entre nossos lábios, Corinne começou a se esfregar contra mim, buscando por alívio. Grunhindo, levei uma das mãos para baixo, tocando-a entre as pernas.

— Porra — gemi rispidamente contra sua pele perfumada, enquanto tateava o tecido úmido da calcinha que vestia. Estava encharcado. — Você está molhada. *Molhada pra caralho.*

Existia uma mistura entre fascínio e horror presente no tom de voz utilizado por mim.

Merda, aquilo era errado — e, no entanto, tão deliciosamente irresistível.

Alheio a qualquer outra coisa senão aquele momento, deslizei os dedos sob o tecido da calcinha, tocando o clitoris inchado e, no mesmo

instante, Corinne gemeu alto, seus dedos se agarrando ao tecido da minha camisa com tanta força, que era quase como se estivessem tocando diretamente a pele ali debaixo.

— Roman — gemeu com tanta adoração, que congelei.

De repente, tudo parou.

E, junto do silêncio, veio a realidade, que bateu com tanta força, que me fez enrijecer.

Cacete.

Eu não deveria ter feito aquilo.

Não era certo.

Merda, merda, merda.

Me afastando tão rápido quanto fosse possível, recuei até estar ao lado da lareira — o mais longe que consegui ficar —, ao mesmo tempo que a encarava, notando a expressão confusa e excitada em seu rosto, e me odiava por saber que tinha sido eu a deixá-la assim.

Puta que pariu.

O que eu tinha feito?

Transtornado, esfreguei o rosto e nesse mesmo momento Corinne fez menção de se aproximar, algo que prontamente intervim, ao erguer uma das mãos, pedindo silenciosamente para que parasse. Ela felizmente o fez.

— Roman? — chamou baixinho, seu tom de voz indefeso soando como a porra de um soco no estômago.

Incapaz de encará-la, virei de costas, passando nervosamente as mãos pelos cabelos enquanto tentava colocar não somente os pensamentos, como a própria respiração em ordem.

— Vá embora — mandei duramente.

Não foi preciso olhá-la para saber que hesitou, cada vez mais confusa.

— Roman, o que...

— Vá embora, Corinne.

Àquela altura, minhas mãos continuavam em meus cabelos, despenteando-os nervosamente, enquanto tentava recuperar a compostura.

— Roman.

Trinquei a mandíbula.

Porra, por que ela não ia embora de uma vez?

— Não vou repetir três vezes, Corinne. Saia. *Agora.*

Parte de mim já deveria saber que ela não obedeceria; que era boa demais para tanto, mas ainda assim, me peguei surpreso ao notar a sua aproximação. Parada às minhas costas, ela ainda tentou tocar em mim, desejando me virar para encará-la, mas tão logo registrei o movimento, me esquivei, sem me importar com toda a brutalidade utilizada para isso. Corinne encolheu.

— *Não* — foi a única coisa que disse, enquanto me afastava de novo e começava a esfregar o rosto, completamente atordoado.

Eu tinha fodido com tudo.

Andando de um lado para o outro, só consegui controlar toda a minha inquietação quando recorri à bebida, me servindo, dessa vez, diretamente da garrafa.

— Roman...

Inspirei com força.

Porra, eu precisava fazer alguma coisa. Mas para isso, ela *precisava* sair dali; não conseguia pensar com clareza diante da sua presença.

— Eu já falei — grunhi, olhando-a por cima do ombro com a expressão mais fria que consegui esboçar. — Dê o fora daqui, *porra*.

Dessa vez, seus lábios tremeram um pouco e seus olhos marejaram de tal maneira que uma lágrima grossa escorreu pela sua bochecha. Em um piscar de olhos, contudo, Corinne tratou de secá-la com as costas da mão. Em seguida, erguendo o queixo, ela atendeu ao meu pedido, saindo do escritório com uma calma impressionante.

Em contraste com o seu comportamento civilizado, ao som da porta sendo fechada, larguei a garrafa de uísque sobre o aparador e esfreguei o rosto, voltando a caminhar em círculos pelo ambiente enquanto repassava mentalmente os últimos acontecimentos.

Eu não deveria tê-la tocado — muito menos *daquela forma*.

Soltando um palavrão, afastei a lembrança da sensação do seu corpo contra o meu, e precisamente da maneira como gemeu ante o toque das minhas mãos.

Porra, eu tinha estragado tudo.

Cerrando os punhos, capturei outra vez a garrafa e a virei de uma só vez, dando um longo gole.

Eu precisava beber, pois era apenas daquela maneira que conseguiria lidar com toda a merda que tinha feito: *bebendo até esquecer da porra do meu nome*.

Não sei ao certo quantas doses tomei. Ou quanto tempo foi necessário até que me embriagasse por completo, mas o fato é que, em determinado momento, caí de costas no sofá de couro e ali permaneci até que a noite se transformasse em dia.

PARTE III

CONTROVERSO.

*“Oh, eu amo e odeio isso ao mesmo tempo
Você e eu bebemos o veneno da mesma videira
Oh, eu amo e odeio ao mesmo tempo
Escondendo nossos pecados da luz do dia”*
— **Daylight, David Kushner.**

20.

Corinne Foxworth

Pela primeira vez desde que me casei, fiquei feliz por acordar sozinha.

Não queria sequer *pensar* na possibilidade de sair e dar de cara com Roman novamente; o simples pensamento fez meu estômago embrulhar.

Me encolhendo na cama, abracei meus próprios joelhos, sentindo algumas lágrimas se formando debaixo dos meus olhos.

Como eu conseguiria olhar para ele agora?

Sentindo os lábios tremerem, levei as mãos ao rosto e o sequei, livrando-o das lágrimas sorrateiras.

Céus, eu tinha chorado até adormecer na noite passada, como era possível que ainda tivesse tantas lágrimas para derramar?

Fungando, voltei a abraçar os joelhos e observei os arredores, constatando a minha solidão; e de pensar que há alguns dias eu só queria que Roman estivesse ali comigo, quando agora, nem mesmo sabia o que fazer quando isso acontecesse.

O simples pensamento fez com que sentisse a minha garganta se fechando.

Ainda doía lembrar da noite passada e precisamente em tudo o que ela representou: o ponto crucial para que finalmente desistisse da ideia de consumir o meu casamento.

Com os lábios trêmulos e os joelhos abraçados contra o peito, me recostei na cabeceira da cama e fechei os olhos com força, sentindo as lágrimas quentes escorrerem pelo meu rosto.

Deus, qual seria o meu real propósito?

Para que eu estava ali?

Quando é que as coisas tomariam um novo rumo?

Quando é que eu seria útil para alguma coisa além de simplesmente *existir*?

O que raios eu estava fazendo ali, se estava óbvio que Roman não me queria como esposa e tampouco *mulher*?

Uma lágrima grossa deslizou pelo meu rosto em resposta.

Quando saí de casa, há quase uma semana, estava certa de que as coisas finalmente seriam diferentes; que ao menos agora, eu não seria mais um estorvo para ninguém. Mas a verdade é que ainda que tivesse trocado de sobrenome e mudado de endereço, absolutamente nada havia mudado. Assim como papai, Roman também me ignorava tanto quanto fosse possível, além de deixar mais do que claro que não estava interessado em nada ao meu respeito.

Mantendo a cabeça apontada para cima, encarando o teto, e chorando baixinho, fui forçada a sair da minha névoa de tristeza tão logo o som do meu celular tocou, soando exatamente ao meu lado, sobre a mesa de cabeceira. No mesmo instante eu o encarei, a pulsação acelerando conforme avistava o nome de minha irmã surgindo pela tela.

“Quero uma ligação amanhã com todos os detalhes”, pediu Anna na noite anterior, sem a menor noção de que seu plano falharia miseravelmente.

Encarando inexpressivamente o celular tocando, não fiz qualquer menção de tocá-lo; em vez disso, me mantive imóvel, sentindo as lágrimas escorrerem pelo meu rosto e molharem os lençóis.

Como é que eu ia dizer à minha irmã toda a verdade?

Ela jamais conseguiria entender tudo.

Como poderia fazê-lo, quando vivia em uma realidade completamente contrária à minha? Quando tinha não somente um marido que a amava com devoção, como também o respeito e admiração de todos aqueles com quem convivia?

Como ela conseguiria entender o lado de uma mulher miserável como eu, que tampouco possuía a afeição do *próprio marido*?

Apoiando o queixo nos joelhos, os pressionando contra o peito, fechei os olhos e tapei os ouvidos, tentando desesperadamente ignorar o som do toque do celular, à medida que o aperto sob meu peito se tornava cada vez mais cruel e insuportável.

Vai passar. Vai passar. Vai passar, repeti incansavelmente, comigo mesma, enquanto continuava naquela posição, tentando escapar de toda a dor cravada em mim.

Então, de repente, o toque do celular cessou e absolutamente todo o restante parou, dando lugar a um silêncio ensurdecedor.

E junto do silêncio, vieram todos os pensamentos invasivos de que tanto vinha tentando me esquivar; cada um deles tinha rosto e nome próprio:

Roman. Papai. Anna.

Tentando manter a calma, lentamente afastei as mãos dos ouvidos e simplesmente virei o rosto para a direita, ainda abraçada aos joelhos, encarando as cortinas fechadas do quarto. Já era manhã, por isso alguns fachos de luz escapavam pelas frestas, iluminando brevemente o quarto. Fechando os olhos, senti uma última lágrima escorrer pela minha bochecha, antes que cedesse ao cansaço e mais uma vez sucumbisse ao sono.



Acordei com um leve chacoalhar em um dos ombros.

No mesmo instante, sentei na cama, em estado de alerta.

— Bom dia, Corinne — cumprimentou a senhora cuja voz eu já estava tão familiarizada: *Nancy*. Aos poucos, relaxei. — Desculpe, não queria assustá-la.

Esfregando o rosto, bocejei antes de esticar os braços, me alongando e, só então, levei meu olhar ao dela, que carregava consigo uma bandeja com café, torrada e ovos mexidos.

— Trouxe o seu café da manhã — explicou ela, notando o meu olhar.

Fiz uma careta.

— Que horas são?

— Quase onze da manhã.

Sobressaltei.

Eu tinha cochilado por tanto tempo assim?

Não percebi que tinha comentado isso em voz alta, até ouvir *Nancy*:

— Cheguei no mesmo horário de sempre, encontrando o apartamento vazio. Então como não localizei *Roman*, imaginei que ele já tinha saído para a academia — confidenciou, colocando a bandeja sobre a mesa de cabeceira. — E não pode imaginar o tamanho do meu susto quando o encontrei na cozinha, tomando uma dose de aspirina.

Toda a minha atenção foi fisgada ante a última parte de sua revelação.

Registrando isso, *Nancy* sorriu e logo emendou:

— Notando o estado em que ele se encontrava, o preparei um café da manhã reforçado. Imagino que a noite passada tenha sido regada de diversão, considerando que fazia bastante tempo que não presenciava *Roman* enfrentando uma ressaca.

Inesperadamente, fragmentos da noite passada, quando Roman se servia com doses generosas de bebida vieram a tona, me fazendo chegar a uma conclusão: podia apostar que depois que saí do escritório, ele deve ter se embrigado com aquela garrafa de uísque caro.

Mascarando a pontada de dor que as palavras de Nancy trouxeram, me limitei a encarar minhas próprias mãos, me abstendo de respondê-la. De relance, senti seus olhos em mim, atentos à expressão — certamente — derrotada em meu rosto.

— Está tudo bem? — sussurrou.

Levei meu olhar ao dela, atenta à maneira como me observava com cuidado, parecendo genuinamente preocupada

E, de verdade, por um segundo, eu quis ser honesta e contar absolutamente tudo aquilo que me afligia. Contudo, o medo da condenação e precisamente toda a insegurança falaram mais alto, fazendo com que eu apenas abrisse um sorriso triste e balançasse positivamente a cabeça.

Mas Nancy era perspicaz o suficiente para saber que eu estava mentindo.

— Tem certeza?

Meu lábio inferior tremeu um pouco.

Não, não está nada bem. Longe disso, foi o que desejei dizer, mesmo que, em vez disso, tenha forçado outro sorriso falso e balançado novamente a cabeça, concordando.

O sorriso terno no rosto de Nancy vacilou um pouco. Endireitando a coluna, ela limpou a garganta e fez um gesto em direção à comida. Toda a gentileza de antes havia se esvaído por completo de suas feições, dando lugar à rotineira expressão de severidade.

— Vou deixar o seu café da manhã aqui — anunciou mecanicamente.
— Coma um pouco.

Assentindo, observei suas costas desaparecerem de vista e, em vez de acatar ao seu pedido, voltei a abraçar os joelhos contra o peito e encarar inexpressivamente as cortinas do quarto, certa de que, assim como meu orgulho, todo e qualquer resquício de apetite havia sido retirado de mim.

Eu só queria permanecer ali, na cama e... *desaparecer*.

Intensificando o aperto contra meus joelhos, foi impossível não lembrar do incidente decorrido na noite anterior, a mera recordação me fazendo encolher e fechar os olhos com força, tentando, inutilmente, lutar

contra a vergonha e a humilhação crescentes, queimando em meu rosto conforme me apegava à cada detalhe.

Meu Deus.

Como eu seria capaz de encará-lo dali por diante?

Quase como se à mando do destino, meu celular voltou a tocar sobre a mesa de cabeceira e assim como da outra vez, tapei os ouvidos, bloqueando o som, e chorei.

O que seria de mim agora?

21.

Roman Foxworth

— O que aconteceu com a minha irmã?

As palavras inesperadas me fizeram erguer bruscamente a atenção da tela do meu notebook, para a mulher recém-chegada, cuja expressão furiosa combinava perfeitamente com o tom duro e autoritário em sua voz.

Reprimindo um gemido interno, me recostei na poltrona ao passo que conferia as horas em meu relógio: quatorze e trinta.

— Boa tarde para você também, cunhada — saudei, levando aos lábios um sorriso forçadamente educado.

Annabelle parou diante da minha mesa, cruzando ambos os braços sob o peito, ao passo que me fuzilava com o olhar, deixando claro que não estava para brincadeira. Nesse mesmo momento Landon apareceu, entrando rapidamente na minha sala e batendo a porta às suas costas, de modo a nos conceder mais privacidade.

Olhei entre ambos.

O assunto seria sério.

— Estou tentando conversar com a minha irmã desde cedo, mas ela não atende — Anna explicou. — Quero saber se está tudo bem com ela.

Mantendo a expressão impassível, me limitei a arquear ironicamente uma das sobrancelhas.

— Claro que sim. Sua irmã está sendo tratada da melhor maneira possível.

Ela estreitou os olhos azulados para mim.

— É, eu posso imaginar — murmurou.

— Está tentando insinuar alguma coisa? — soltei, me inclinando contra a mesa após captar o tom levemente zombeteiro em sua voz.

Anna sequer vacilou.

— Quero vê-la.

Pisquei.

— Como?

— É o que ouviu. Eu quero vê-la — esclareceu rispidamente.

Voltando a apoiar as costas no encosto na poltrona acolchoada, a lancei um olhar repleto de apatia.

— Lamento, mas não será possível. Não acho que seja uma boa ideia.

A expressão decidida em seu rosto finalmente hesitou.

— “Não acha que seja uma boa ideia”? — repetiu incrédula. — Está brincando comigo, Roman?

Desviei a atenção para Landon, que se mantinha defensivamente ao lado de sua esposa com ambos os braços cruzados sob o peito e os malditos olhos em mim. Se registrou o olhar dotado de advertência que o direcionei, o bastardo ignorou, pois não fez absolutamente nada além de se manter ali, ao lado de Anna, me olhando como se *eu* é que tivesse *invadido* o ambiente de trabalho de outra pessoa para insultá-la.

Maldito filho da mãe.

Annabelle definitivamente o havia domado com perfeição.

Erguendo orgulhosamente o queixo, deslizei a atenção de volta para Anna, que parecia cada vez mais irritada com a minha indiferença à toda a sua agressividade.

— Não costumo fazer qualquer tipo de joguinhos, Annabelle. Portanto, não. Eu não estou brincando com você. Falei sério.

A loira trincou a mandíbula. Me destilando um olhar mortal, ela parecia disposta a avançar sobre mim, não fosse pelo toque sutil e tranquilizador de seu marido em suas costas, esfregando delicadamente a palma de cima a baixo, fazendo-a relaxar aos poucos.

— Não sei se está recordado disso, mas o único motivo pelo qual pedi para que casasse com minha irmã, foi para livrá-la da jaula em que vivia e, assim, eu pudesse vê-la com mais frequência — sibilou. — Entretanto, ao que parece, as coisas não estão indo de acordo com o imaginado, já que assim como antes, minha irmã continua trancafiada e, graças a você, *não consigo vê-la*.

— Não a estou mantendo em cárcere privado — me defendi, fazendo uso de toda a tranquilidade que eu sabia que a faria ferver de ódio internamente.

— Bem, mas não é o que está parecendo, considerando que está claramente me impedindo de vê-la — rebateu Anna, voltando a ficar tensa.

Tamborilando os dedos contra a borda da mesa de madeira, não ousei desfazer o contato visual. Annabelle e eu sempre tivemos um

relacionamento formidável, mas desde que me casei com sua irmã, as coisas iam de mal a pior entre nós.

E era tudo graças a ela e sua mania insuportável de ficar se metendo em assuntos que não lhe correspondiam — podia apostar que, inclusive, era Anna a responsável por trás daquela camisola minúscula que Corinne usou na noite passada.

O pensamento me fez trincar a mandíbula.

— Sua presença não faz bem à Corinne.

Se antes parecia brava, Anna agora estava *furiosa*.

— Como é? — exigiu saber, fazendo menção de inclinar ameaçadoramente o corpo contra a mesa. Em um movimento rápido, Landon a impediu, fazendo-a voltar à posição ereta após puxá-la defensivamente para si, abraçando e acariciando um de seus ombros.

Ante a visão, tive de lutar contra a vontade de revirar os olhos.

— Não sei se o seu *estimado marido* a confidenciou, mas fiquei ciente, através do próprio, que você tem o péssimo costume de encher a cabeça da sua irmã com bobagens — murmurei maliciosamente, lançando ao indivíduo em questão, um olhar rápido.

Anna olhou bruscamente para ele, que em resposta, enrijeceu.

Bingo.

— Você disse isso a ele? — Anna quis saber.

Landon suspirou.

— Claro que não, querida. Não *assim*.

Curvando os lábios para cima em um sorriso diabólico, observei atentamente os dois, atento à toda a tensão subitamente estabelecida graças a um simples comentário da minha parte. Comprovando isso, Anna ainda fuzilava seu marido com o olhar, quando limpei a garganta, clamando por atenção. Os dois me fitaram quase que imediatamente.

— Depois do que acabei de presenciar, acho que está óbvio que tem questões no seu próprio casamento para resolver, Anna — provoquei. — Sugiro que trate de todas elas, antes de pensar em se meter no *meu*.

Fechando a boca com força, minha cunhada rapidamente recuperou a compostura, finalmente captando a minha estratégia: irritá-la até esquecer que o objetivo inicial era Corinne e eu, não ela e Landon.

— Esteja preparado para nos receber amanhã à noite — anunciou subitamente. — Landon e eu jantaremos com vocês e verei, por mim mesma,

como minha irmã está sendo tratada. E só para ficar claro, isso não é um pedido.

Erguendo o queixo, sustentei seu olhar decidido com um severo, consciente de que meu irmão idiota fazia o mesmo. Então, quando ficou claro que nenhum dos três diria nada, me vi na obrigação de romper com o silêncio.

— Tudo bem, cunhada. Abriremos as portas com todo o prazer para vocês — assegurei, abrindo um sorriso forçado.

Ajustando a postura, Anna me observou atentamente. O cabelo loiro-claro estava preso em um rabo de cavalo alto, e o corpo pequeno estava revestido por um sobretudo acima de um vestido vermelho e seus salto-altos marca registrada.

Como de costume, Annabelle Chamberlain era a imagem da elegância.

— Assim espero — a esposa de meu irmão murmurou arrogantemente, antes de destinar ao seu marido um olhar severo e, erguendo o queixo, passar pela porta por onde entrou, ostentando toda a sua elegância a cada passo dado.

Ao som da porta sendo fechada, Landon suspirou.

— Siga o exemplo — cuspi sem ao menos olhá-lo. Minha atenção estava de volta ao notebook, executando a tarefa da qual fui abruptamente interrompido no momento da chegada de Anna.

Landon piscou, o que me fez ter de encará-lo.

— Dê o fora — esclareci rispidamente.

O queixo dele caiu.

— Está falando sério?

Me limitei a lançá-lo um olhar apático em resposta. Incrédulo, meu irmão balançou negativamente a cabeça antes de bufar e voltar a me fitar.

— Ela é a minha esposa, Roman — declarou. — Não posso permitir que *ninguém* falte com o respeito com ela.

— E eu sou seu *irmão*, porra — grunhi.

— Um irmão perfeitamente capaz de defender a si mesmo — replicou.

Revirando os olhos, indiquei na direção da porta.

— *Dê. O. Fora.*

Landon fez uma careta.

— O que houve? Está mais irritadiço do que de costume — observou, me analisando com atenção.

Me abstive de respondê-lo, concentrando toda a minha atenção na tarefa realizada diante do notebook. Registrando isso, meu irmão bufou.

— Tudo bem, Roman. Já estou de saída. Nos vemos amanhã.

Em silêncio, esperei até que ele saísse para enfim soltar a respiração que vinha prendendo desde o momento em que Anna comunicou sobre o jantar em minha casa na noite de amanhã.

Sibilando, esfreguei o rosto.

Caralho.

Eu tinha que fazer alguma coisa.

E bem rápido.



Passadas algumas horas da visita inusitada de Anna ao cassino, resolvi ir embora do cassino um pouco mais cedo, para tentar resolver a situação com Corinne antes do jantar que teríamos amanhã.

Saindo do *La Bouche* boas cinco horas antes do habitual, o deixei sob a responsabilidade de Landon, peguei meu carro e dirigi até em casa, tentando, durante todo o percurso até o apartamento, pensar em alternativas para o embate atual com Corinne.

Como eu ia explicar o que havia acontecido ontem?

Sibilando, entreguei as chaves do meu carro para o motorista e adentrei nas imensas portas de entrada do prédio, não detendo o passo até estar dentro do elevador. Esfregando nervosamente o rosto, encarei meu próprio reflexo através das portas espelhadas enquanto tentava pensar com a cabeça, contrário ao que fiz na noite passada, quando fiz uso da *cabeça de baixo*.

Porra.

O que caralhos deu em mim para agir tão impulsivamente?

Eu era um filho da puta extremamente frio e calculista; sempre colocava a razão acima da emoção, então por que raios agi diferente na noite anterior?

Provavelmente porque você ficou excitado feito a porra de um adolescente ao vê-la naquela camisola sexy, uma vizinha sondou em meus pensamentos, mas fui obrigado a afastá-la quando o apito do andar soou, indicando que eu havia chegado à cobertura.

Engolindo em seco, esperei as portas se abrirem e então entrei.

Nancy retirava o casaco do gancho próximo a porta quando me avistou. Nitidamente surpresa, ela parou, os olhos arregalados.

— Roman — soltou, chocada. — Não esperava encontrá-lo tão cedo. Afrouxando a gravata, acenei respeitosamente para ela.

— Resolvi voltar um pouco mais cedo — expliquei.

Ela assentiu, lançando olhadelas ansiosas em direção à cozinha.

— Como não sabia que viria jantar, preparei somente a refeição de Corinne. Mas como ela quase não comeu, imagino que possa pegar as sobras e...

— Como assim ela quase não comeu? — a interrompi, sem me dar conta de que o fazia.

Nancy piscou.

— Hum, sim. Corinne não comeu muito. Não se alimentou bem pelo restante do dia, na verdade. Beliscou um pouco do café da manhã, mas pulou o almoço e quase não tocou no jantar. Até pensei em comunicá-lo, mas como imaginei que estivesse atarefado demais, não quis incomodá-lo.

Praguejar baixinho.

Caralho.

Eu já deveria imaginar o quanto ela era sensível.

Porra, era tudo culpa minha.

Retirando o blazer, notei que Nancy me observava atentamente, esperando por uma resposta. Endireitando os ombros, sustentei seu olhar com seriedade.

— Quando algo assim acontecer, por favor, me comunique de imediato. Corinne é minha esposa. Preciso estar a par de tudo o que aconteça com ela.

Nancy assentiu, murmurando um pedido de desculpas que dispensei com um sorriso tranquilizador.

— Está tudo bem. Não se preocupe com isso — garanti, meu sorriso vacilando conforme desviava o olhar para a sala. — Aonde ela está?

— No quarto. Não sai de lá desde cedo.

Porra.

— Certo. Obrigado. Já pode ir para casa, eu assumo daqui.

Balançando positivamente a cabeça, Nancy vestiu o casaco e atravessou a porta, acatando ao meu pedido. Suspirando, tirei a gravata,

ajustei a abotoadura e arregacei as mangas da camisa social, desejando um pouco mais de conforto e liberdade.

A passos cautelosos, atravessei a sala de estar e posteriormente os demais cômodos que surgiram, diretamente até a suíte, em busca de Corinne. Chegando ao destino, contudo, dei de cara com a suíte vazia. Franzindo o cenho, vasculhei o closet e, então, bati na porta do banheiro, mas novamente, sem qualquer sinal dela.

Confuso, recuei e tornei a verificar porta por porta, até estar diante da última restante: aquela que levava ao escritório.

Um tanto tenso, engoli em seco antes de girar a maçaneta, adentrando no escritório.

E então, para a minha surpresa, encolhida em uma das poltronas, com um livro no colo, lá estava ela.

À luz das chamas na lareira, o cabelo loiro atingia a tonalidade de ouro derretido, ao passo que os cílios, ainda mais claros do que a cor de seu cabelo, desapareciam ante a iluminação das chamas crepitantes.

Fechando silenciosamente a porta às minhas costas, foi quase impossível não me impressionar com a visão fascinante de alguém, além de mim, usando àquele espaço tão especial.

Inconscientemente, me vi parado, observando-a feito um idiota.

E foi quando percebi que a situação era ainda mais grave do que o imaginado, pois Corinne Hamilton... *não*, Corinne *Foxworth* estava conseguindo atravessar gradativamente cada uma das barreiras que impus entre nós, se infiltrando sorrateiramente em cada mísero aspecto da minha vida.

E isso era simplesmente *assustador*.

22.

Corinne Foxworth

Na mansão, ler costumava ser o meu passatempo favorito.

Os momentos na biblioteca eram os únicos realmente prazerosos dentro daquela residência que, apesar de imensa, era completamente *vazia*.

Me descobri como leitora aos quatorze anos; desde então, não parei mais. Os livros não necessariamente me ajudavam a lidar com os problemas que me cercavam diariamente, mas sim a *fugir* deles. Enquanto mergulhava em histórias de amor desconhecidas e fantasiosas, não me restava tempo algum para pensar em papai e precisamente no destino cruel ao qual minha irmã e eu estávamos fadadas a possuir. Naqueles raros momentos de prazer, era apenas eu e os livros. *Nada mais importava*.

Então, se a vida na mansão já era solitária o bastante, quando minha irmã casou, a situação conseguiu ficar ainda pior, já que Anna levou consigo todo e qualquer resquício de paz e felicidade dali, o que, por sua vez, acabou me transformando em uma leitora insaciável.

E agora que não tinha mais a minha biblioteca particular ao meu dispor, estava cada vez mais frustrada e perdida — pelo menos até descobrir toda a diversidade de livros que o tal “escritório” que Roman mantinha trancafiado a sete chaves possuía.

Após longas horas na cama, refletindo sobre a minha vida miserável, resolvi sair um pouco do quarto. Como não me restava nada a fazer além de observar Nancy trabalhando, me voltei para o último lugar no apartamento que deveria tentar: o escritório.

Ao passar pela porta, fui invadida com recordações da noite anterior, mas em vez de remoê-las, sacudi a cabeça e me destinei ao meu verdadeiro objetivo: os livros.

Roman tinha um bocado deles espelhados pelas enormes estantes dispostas no ambiente e, enquanto observava o lugar, compreendi o motivo pelo qual ele se trancafiava ali: os livros junto da lareira, transmitiam uma sensação inexplicável de paz.

Espiando os arredores, peguei o volume de algum livro de filosofia que, após uma rápida espiada, constatei ser “*O Príncipe* [\[1\]](#)”, de *Maquiável*. A priori, esboçei uma careta instantânea. Aquela definitivamente não era o tipo de leitura que eu costumava consumir, mas como tinha tempo de sobra, resolvi dar uma chance e então, quando dei por mim, já estava sentada sobre uma das poltronas, totalmente imersa no livro entre minhas mãos.

Ler aquele livro me fez lembrar do quanto sentia falta dos *meus* livros; papai não permitiu que eu os levasse comigo para o apartamento de Roman, por julgá-los “bobos” e “fúteis” demais para uma mulher da minha idade, portanto, desde que fui embora da mansão, eu não tive o privilégio de me perder em uma leitura de novo.

Passando uma das páginas com a ponta dos dedos, não percebi a presença de ninguém até ouvir o som de um pigarreio. De imediato, olhei para cima. E então, congelei.

O que ele estava fazendo em casa tão cedo?

Vestindo as mesmas roupas elegantes de sempre — com exceção do terno perfeitamente alinhado e da gravata —, Roman estava parado a apenas alguns passos, me observando com uma expressão indecifrável.

Enrijecendo, larguei bruscamente o livro sobre a mesa de centro e me levantei, soltando a manta no processo. Felizmente, eu tinha tomado um banho mais cedo e trocado de roupa, o que me concedeu o *mínimo* de dignidade.

— Me desculpe — foi a única coisa que consegui dizer, sem ter coragem de ao menos fitá-lo. — Eu já estava de saída.

Sem esperar por uma resposta, com os olhos em meus próprios pés descalços, comecei a caminhar, desejando sair dali o quanto antes, mas acabei sendo interceptada quando Roman usou o próprio corpo para me barrar, no momento que tentei passar por ele.

— Espere, por favor — pediu, me obrigando a encará-lo, depois que recuei bons três passos, tomando uma distância segura. Abraçando defensivamente o próprio corpo, engoli em seco e, incapaz de manter o contato visual, encarei os botões de sua camisa. — Precisamos conversar.

Cravei as unhas contra a pele de meus braços.

Ai meu Deus.

Sem ousar respondê-lo, continuei em silêncio, mantendo o olhar nos botões de sua camisa, ao passo que Roman seguia o exemplo, conservando a sua quietude.

— Nancy me disse que você não se alimentou bem hoje — comentou, após uma pausa destinada a observar meu rosto com atenção.

— Eu não estava com fome — murmurei ainda sem olhá-lo.

— Você precisa comer, Corinne — assegurou firmemente e, dessa vez, ergui o olhar para seu rosto, o encarando.

Não aja como se realmente se importasse comigo, soltei internamente, odiando a maneira como suas falas e atitudes destoavam ultimamente; odiando o quanto ele me confundia, me montando e desmontando em questão de minutos.

— Eu comi — garanti.

Roman arqueou uma das sobrancelhas.

— Beliscar não é o mesmo que comer, Corinne — corrigiu. — Precisa de refeições completas, caso deseje permanecer saudável.

Desviando o olhar para um ponto avulso detrás de sua cabeça, espremi os lábios, ciente de que, para mim, o assunto estava encerrado.

Será que ele realmente não conseguia entender o motivo por trás de toda a minha falta de apetite? Que era ele quem estava causando tudo aquilo em mim?

Quando ficou evidente que eu não diria mais nada, Roman soltou um suspiro longo e cansado. Franzindo os lábios, arrisquei um olhar para seu rosto, me deparando com a maneira penetrante como suas orbes escuras se mantinham sobre mim. Nervosa, deslizei a atenção para seu queixo e, de repente, foi impossível não lembrar da sensação deliciosa que era ter a sua barba roçando na minha pele, arranhando de leve.

Parecendo partilhar das mesmas recordações, Roman limpou a garganta e enrijeceu, reassumindo a postura séria de sempre.

— Sua irmã virá jantar conosco amanhã — anunciou subitamente.

Pisquei.

— O quê? — indaguei, minha voz mal passando de um sussurro.

— Ela conversou comigo hoje, mais cedo — explicou. — Estava preocupada porque, segundo ela, ligou para você mas não foi correspondida. Então eu os convidei para jantar conosco amanhã.

Engoli em seco.

Droga.

Anna viria jantar conosco.

Céus, como é que eu conseguiria contar toda a verdade à ela?

— Pensei que ficaria feliz com a notícia — Roman murmurou, atento à expressão ansiosa em meu rosto.

Forcei um sorriso.

— É claro que estou feliz.

Ele me analisou.

— Não é o que parece.

Ergui o queixo.

— Isso é tudo?

Roman franziu o cenho.

— Como?

— Isso é o tudo o que tem a dizer? — pressionei, me referindo, implicitamente, ao que aconteceu ontem. — Você disse que precisávamos conversar. Não há nada mais a ser dito?

A expressão no rosto dele endureceu.

— Não — respondeu com um grunhido. — Isso é tudo. Já pode se retirar.

Descruzando ambos os braços, eu o destinei um olhar magoado, algumas lágrimas sorrateiras já se formando debaixo de meus olhos, devido a toda a sua apatia.

Ele realmente ia agir como se nada tivesse acontecido?

Lambendo os lábios, chacoalhei mentalmente a cabeça e me obriguei a recuperar a compostura; eu não choraria na frente dele.

— Realmente não vamos conversar sobre o que aconteceu ontem? — indaguei, odiando que a minha voz estivesse soando trêmula.

Roman engoliu em seco, mas foi a única reação meramente *humana* que conseguiu esboçar; de resto, seu rosto continuava impassível, convertido em uma verdadeira máscara de indiferença.

— Sinto muito.

Meu queixo caiu.

— “Sinto muito”? — repeti, perplexa. — Isso é tudo o que tem a dizer?

Piscando, ele desviou o olhar para o chão e concluí, com certa satisfação, que aquela foi a primeira vez que realmente consegui deixá-lo sem graça. Cerrando os punhos, tomada pela pitada de confiança, avancei alguns passos em sua direção, aproximando nossos corpos e, assim, o obrigando a me encarar.

— Você me tocou, Roman — o recordei com um sussurro quase inaudível. — Me beijou e... quando pensei que... — lambi os lábios, nervosa, me interrompendo na tentativa de encontrar as palavras certas, algo em que falhei miseravelmente.

Fechando os olhos com força, a expressão transtornada no rosto de Roman demonstrou o quanto a simples lembrança parecia insuportável de ser revivida.

Meu peito apertou.

— Qual é o problema? — sussurrei, os lábios trêmulos.

Ele inspirou com força, os olhos ainda fechados, sem me olhar.

Em pura aflição, estiquei as mãos e espalmei seu rosto, puxando-o para mim, forçando-o a me olhar.

— Por favor, Roman, eu preciso entender... — sussurrei, desesperada demais para me importar com o quanto soava miserável, estando naquela posição humilhante. — Por que fez aquilo?

Por que me rejeitou depois de ter me beijado daquele jeito?, era a pergunta que desejava fazer, mas em minha situação deplorável, esclarecer a pergunta e dizê-la em voz alta não era uma opção.

Dessa vez, seus olhos se abriram. E, para a minha consternação, não havia qualquer gentileza neles, enquanto afastava seu rosto das minhas mãos trêmulas e voltava a me encarar.

— Você estava quase implorando — foi a sua resposta.

O mundo, de repente, parou.

Pisquei, uma, duas e então três vezes, até finalmente entender.

Você estava quase implorando.

Foram apenas quatro palavras; apenas quatro *miseras* palavras e todo o ar foi sugado de meus pulmões, me deixando literalmente sem chão. Como podia doer tanto? Como ele conseguia me atingir tão dura e cruelmente, com *tão pouco*?

Deixando ambas as mãos caírem desoladamente contra os lados do meu corpo, meus olhos vasculharam seu rosto frio e sério, tentando digerir a informação.

Era como se suas palavras equivalessem a perfuração de uma adaga, a qual ele, com suas próprias mãos, girava contra o meu peito, me fazendo sagrar de dentro para fora.

Meus joelhos fraquejaram, ameaçando ceder à toda a dor deferida sob meu peito. E então, junto da dor tangente, veio a humilhação.

Piedade.

Foi por isso que Roman me beijou?

Porque se apiedou da pobre e desesperada mulher que praticamente se atirou em seus braços, sedenta por um pouco de amor e atenção?

Meu Deus.

Como pude ser tão estúpida?

Incapaz de resistir às lágrimas, comecei a chorar freneticamente, dividida entre a tristeza, a humilhação e a raiva pelo que tinha feito: me oferecido descaradamente à ele que, em troca, só me tocou por *compaixão*.

Sentindo as lágrimas rolares cada vez mais desenfreadas pelo meu rosto, molhando-o inteiro, cobri a boca, tentando omitir os ruídos advindos dos soluços que ameaçavam escapar do fundo da minha garganta a qualquer momento. Em contrapartida, Roman me observou calmamente, a mandíbula travada e os olhos firmes, fixos em minha expressão miserável, contrastando com toda a sua aparente frieza.

Levando as mãos a cabeça, segurei os cabelos com tanta força, que era quase como se os estivesse puxando pela raiz. Chorando ruidosamente, balancei negativamente a cabeça, em um movimento puramente instintivo.

Deus, aquilo não podia estar acontecendo.

Não podia ser real.

Por favor. Por favor. Por favor.

Demonstrando não ser tão indiferente ao meu desalento quanto o imaginado, Roman fechou brevemente os olhos antes de avançar um passo, fazendo menção de tocar um dos meus ombros. No mesmo instante tratei de recuar.

— Não — sussurrei, reunindo forças para erguer o olhar para fitá-lo. Meus olhos estavam inundados pelas lágrimas que escorriam pelo meu rosto, mas nem isso, — a minha condição deplorável —, me impediu de manter o contato visual e emendar, o mais firmemente possível: — Não me toque.

Mediante a dureza de minhas palavras, Roman congelou; só que estava enganado se achava que eu estava disposta a continuar com aquele verdadeiro exercício de humilhação: reunindo o último resquício de dignidade que me restava, sequei as lágrimas em meu rosto com as costas das mãos e passei por ele, tomando todo o cuidado para não encostar o minimamente possível em seu corpo no percurso até a porta.

Àquela altura do campeonato, já nem me importava com o fato de que estava tremendo e que meu rosto certamente estaria inchado em razão de

todas aquelas lágrimas: em meio a tropeços, desesperada por um pouco de ar, simplesmente saí de lá.

Fechando a porta do escritório às minhas costas, pus a mão no peito, bem acima do coração e, de fato, foi como se tivesse recebido uma apunhalada certa.

Com os joelhos fracos, me forcei a caminhar um pouco mais e só parei quando me vi na segurança da suíte, o único lugar naquele apartamento que Roman não ousaria colocar os pés àquela hora da noite.

O motivo, agora estava mais do que óbvio: porque sua jovem e estúpida esposa estava lá, esperando para receber migalhas de atenção.

Soluçando, cobri os lábios e desabei, caindo no chão.

De joelhos, tremendo dos pés à cabeça, chorei até não me restarem mais lágrimas.

E assim, da dor, veio a raiva.

Raiva de mim.

Da minha vida miserável.

Da minha ingenuidade por acreditar na fantasia ridícula de que finalmente viveria num conto de fadas.

Estúpida. Estúpida. Estúpida.

Quando dei por mim, meu rosto já começava a arder em razão de todas os golpes que deferi contra uma das bochechas, tentando lidar, de algum modo, com toda a raiva que tinha dentro de mim.

Será que eu nunca aprenderia a lição?

23.

Ronan Foxworth

Se eu pensava que ter que lidar com a presença constante de Corinne já era ruim o bastante, ser ignorado por ela se mostrou *ainda pior*.

Desde o incidente na noite passada, quando anunciei que Anna e Landon jantariam conosco e precisamente após a conversa que sucedeu tal notícia, Corinne não estava mais à vista.

Pela manhã, quando despertei, fui ao seu encontro, na suíte, para tentar conversar; eu não tinha conseguido dormir depois de ter que recorrer a medidas extremas para impedi-la de tentar se aproximar mais, mas, sendo honesto, odiei o preço que tive de pagar: vê-la chorar daquela forma tão desolada só serviu para me fazer lembrar do por que de aquilo, o nosso casamento, não estar *nada* certo.

Corinne queria um marido; alguém para cuidar e amar. Eu, por outro lado, queria uma mulher. Mas não no mesmo sentido emocional que ela: só queria alguém para esquentar a minha cama e me dar o prazer e alívio que praticamente nada em minha vida miserável era capaz de me conceber.

E foi por essa razão, que tocá-la não foi certo: pois o que para ela envolvia sentimento, para mim se tratava apenas de alívio físico.

Ela era como a luz do dia, vívida e pura, ao passo que eu era a noite; corrupto. Sorrateiro. Imprevisível. *Cruel*.

Éramos errados um para o outro por tantos motivos, que a simples ideia das minhas mãos sujas em sua pele imaculada me fazia sentir vontade de socar qualquer coisa que encontrasse pelo caminho.

Depois de uma longa e interminável noite destinada a refletir sobre minhas atitudes, decidi que, ao acordar, eu iria ao seu encontro; contudo, quando tentei entrar na suíte, a encontrei completamente vazia. Desconfiado, dei meia volta e passei a vasculhar o restante do apartamento, indo de cômodo em cômodo, até ficar desesperado ao constatar que o lugar estava vazio.

Recolhendo o blazer do grampo preso à porta, eu estava prestes a descer à procura de Corinne, quando ela surgiu no elevador junto de Nancy.

— Bom dia — desejou a última, adentrando no apartamento.

Confuso, lancei um olhar à Corinne, que, sem me olhar nos olhos, passou por mim, vestida com roupas de ginástica. Desviando o olhar de suas costas, voltei a encarar Nancy, que por sua vez, me observava com intriga.

— O que aconteceu? — exigi saber. — Aonde vocês estavam tão cedo da manhã?

— Encontrei com Corinne no andar de baixo — relatou.

— Corinne saiu sozinha? — a interrompi, chocado com o fato.

Eu tinha tratado pessoalmente de deixar assegurado na portaria que não permitissem que Corinne saísse do prédio sem o devido acompanhamento, portanto, a revelação de Nancy não poderia ter me pego mais desprevenido.

Sendo filho de quem era, ainda que já não seguisse o mesmo ritmo sujo de negócios gerido pelo infame, era importante estar sempre seguro de eventuais problemas oriundos das inimizades realizadas pelo meu pai. E nisso, estava incluso Corinne também, tendo em mente que agora era a minha esposa.

— Ela estava na academia, Roman — assegurou Nancy, captando a dureza em minhas feições ante o fato de ter sido duramente desobedecido. — Não saiu do apartamento, como está imaginando. Apenas pegou o elevador e se dirigiu ao andar em que a academia está situada.

Soltei uma longa respiração, aliviado.

Ótimo, isso era menos mal.

— Está tudo bem? — Nancy indagou, franzindo a testa e me tirando de meus próprios pensamentos. Em meio ao caos, não percebi que coçava desleixadamente o queixo, até notá-la encarando fixamente o movimento insistente de meus dedos contra a minha barba.

Porra.

Eu costumava ser bem melhor na arte de esconder emoções.

Recuperando a compostura, ergui o queixo e afastei a mão do rosto, pondo-a, dessa vez, dentro dos bolsos da minha calça.

— Sim, Nancy. Está tudo ótimo.

Ela assentiu, deslizando os olhos perspicazes pela extensão do meu corpo, atenta à cada mínimo detalhe.

— Não trocou de roupas na noite anterior, certo?

Existia um determinado tom de insinuação em sua voz, como se ela estivesse me testando, mas Nancy estava redondamente enganada se achava

que conseguiria fazê-lo; eu já tinha perdido demais o controle das coisas ultimamente. Não repetiria o mesmo erro por mais vezes.

— Haverá um jantar mais tarde — anunciei, me esquivando educadamente de sua pergunta invasiva. — Quero que cuide de todos os preparativos.

Nancy assentiu, nitidamente surpresa.

— Para quantas pessoas?

— Quatro. Seremos Corinne, eu, Landon e sua esposa, Anna.

Nancy piscou, me acompanhando pelo apartamento assim que comecei a me mover em direção à sala. Seguindo meus passos, ela pegou um pequeno bloco de notas e uma caneta do bolso da calça e só parou quando fiz o mesmo, me sentando sobre o sofá da sala.

— O que vai querer para o jantar? — indagou, me fitando com expectativa. — O cardápio, quero dizer. Algo específico?

Coei a nuca, refletindo a respeito.

— Encomende algum prato italiano. É o estilo culinário favorito de Landon.

Nancy confirmou com a cabeça, anotando o meu pedido no pequeno bloco de notas em suas mãos feito uma garçonete durante seu atendimento.

— Também quero que fique de olho em Corinne — murmurei de súbito, lançando uma olhadela na direção da cozinha, verificando se a mulher em questão estava por perto.

O movimento fez Nancy parar e me olhar, franzindo a testa.

— Está me pedindo para espioná-la?

Olhei para ela.

— Observá-la seria um termo mais adequado — corriji calmamente. — Não quero que minha esposa saia perambulando por aí, sem a devida companhia, como fez mais cedo. E é por isso que estou pedindo para você supervisioná-la.

Nancy hesitou um pouco, mas no fim acabou confirmando.

— Claro, Roman. Como desejar.

Assenti.

— Obrigado — murmurei, me levantando do sofá e caminhando rumo ao corredor que levava à suíte. — Vou tomar um banho agora. Tenho uma reunião importante hoje e não posso me atrasar.

Sem parar para aguardar por um retorno, segui pelo corredor, somente reduzindo o ritmo de meus passos quando atravesssei a porta e me

vi, enfim, dentro da suíte. Em circunstâncias normais, eu teria deduzido de primeira quem, exatamente, estaria lá dentro, mas a situação atual era tão conflitante, que não raciocinei e sequer cogitei na possibilidade, até entrar no closet e dar de cara com Corinne recém saída do banho.

Com o cabelo loiro-escuro solto e molhado, caindo feito cascata pelos ombros magros, ela me encarou com os olhos arregalados conforme intensificava o aperto do nó na toalha esbranquiçada que usava para cobrir seu corpo. Fazendo esforço para não fitar suas pernas nuas, mantive o olhar em seu rosto, captando o exato momento em que seu semblante mudou de assustado para tenso, à medida que erguia o queixo e passava por mim, em completo silêncio, voltando para o interior do quarto.

Passando nervosamente uma das mãos pelos cabelos, ignorei a vontade de repreendê-la pela sua atitude e simplesmente adentrei no banheiro, me deparando, ao fechar e trancar a porta às minhas costas, com o odor inconfundível de lavanda e baunilha que permeava o banheiro.

O cheiro *dela*.

Sua fragrância já me era algo estranhamente familiar agora que éramos marido e mulher e sobretudo depois do incidente no escritório, anteontem, quando experimentei a essência diretamente de sua pele delicada, macia e perfumada.

Chacoalhando mentalmente a cabeça, afastei rapidamente o pensamento, certo de que qualquer lembrança daquela noite deveria ser *deletada* o quanto antes da minha mente.

Retirando peça por peça, fiquei nu e sem qualquer demora tratei de entrar debaixo do chuveiro, desejando que a água pudesse lavar a minha alma de todas as dificuldades estabelecidas logo depois que decidi tornar aquela jovem doce e inexperiente, a minha esposa.

Ensaboando meu corpo, fui subitamente invadido com a lembrança da sensação da pele de Corinne contra a minha; do quanto era sensível ao toque, se contorcendo mediante uma simples carícia em seus seios pequenos e empinados.

Como será que reagiria caso eu a tocasse do jeito como realmente gostava?

Será que gemeria meu nome como fez quando espalmei seus seios por debaixo da camisola?

Ou será se simplesmente se esfregaria em mim, buscando por alívio, quando toquei em sua boceta apertada?

Sibilando, fui abruptamente arrastado de meus pensamentos depravados à medida que abria os olhos e percebia, perplexo, que tinha uma ereção dura e pulsante entre uma das mãos.

Caralho.

Lambendo os lábios, usei a mão livre para desligar a torneira do chuveiro e fechei os olhos, revivendo a lembrança que, ironicamente, apenas alguns segundos antes garanti que deveria ser deletada por completo da mente.

Segurando o meu pau em uma das mãos feito a porra de um adolescente, intensifiquei o aperto, fantasiando que, em vez de a minha mão ali, eram os lábios *dela*, que de joelhos, abocanhava meu membro, me recebendo por inteiro.

Fechando um dos punhos contra a parede de azulejos, soltei um gemido baixo, cada vez mais afetado pela imagem mental de Corinne nua, de joelhos, com a porra dos olhos em mim, me observando enquanto me levava à loucura.

Com um grunhido, cheguei ao êxtase.

Encostando a testa na parede, inspirei e expirei com força, aguardando minha respiração voltar ao ritmo normal. E então, ao abrir os olhos, enfim percebi que tudo não passou da merda de uma fantasia sexual — a qual eu *já* *jamais* *poderia* *tornar* *real*.

Put. Que. Pariu.

Abrindo a torneira e voltando a enfiar o rosto debaixo da água corrente, espalmei a parede e fechei os olhos, tentando recobrar a razão.

Porra, o que é que eu estava fazendo?

Masturbação era um nível baixo até mesmo para os meus padrões de merda; e tal constatação me fez lembrar de algo igualmente preocupante: “*Quero só ver até quando essa sua postura resistente irá durar, agora que terá ao seu lado uma mulher extremamente atraente como Corinne*”.

Praguejando, desliguei o chuveiro e saí, pegando uma toalha para secar os cabelos e vestindo o meu roupão.

Passando o tecido felpudo pela cabeça, esfregando-a contra meus cabelos, repassei mentalmente mais um fragmento de uma das diversas conversas que tive com meu irmão: na ocasião, ele me questionou sobre eu ter certeza de que realmente não sentia nada em relação à Corinne. No momento, respondi prontamente que não, pois a simples possibilidade soava ridícula para mim. Mas agora, no entanto... agora que eu a tinha tocado e a

presenciado se desfazer ao mero toque das minhas mãos, a situação tinha tomado um rumo diferente.

Não era amor — disso eu tinha absoluta certeza; a ereção entre minhas pernas, contudo, revelava algo totalmente inesperado: *desejo*.

Lascívia pura e desenfreada, capaz de arrancar qualquer um dos eixos — exatamente como havia acabado de acontecer comigo.

Destrancando a porta do banheiro, ainda que soasse patético, roguei internamente para não encontrar com Corinne novamente quando saísse do closet. E, para a minha felicidade, assim aconteceu.

Voltando para o interior do closet, escolhi minhas roupas e as vesti, pronto para mais um dia de trabalho no *La Bouche*. Uma importante reunião com um grande investidor me aguardava, portanto, eu tinha de estar no horário e local combinado, para que tudo fosse executado com perfeição.

Terminando de ajustar as abotoaduras do meu terno, estava prestes a me encaminhar novamente para o interior do quarto, quando Corinne ressurgiu, vestindo uma camiseta de lã e jeans escuros. O cabelo loiro ainda estava solto, mas à julgar pela forma como estava puxado para trás, estava claro que ela obviamente o havia penteado.

Em visível surpresa, Corinne congelou brevemente antes de recuar e fazer menção de voltar para o quarto, tentando escapar.

— Já estou de saída — revelei alto o bastante para que ela pudesse ouvir. Atento à imagem de suas costas fornecida através do reflexo do espelho à minha frente, observei atentamente a maneira como recuou ante o meu comentário. Comprimindo os lábios, ousei emendar: — Não precisa sair só porque estou aqui, Corinne.

Dessa vez, seus punhos cerraram e ela enrijeceu.

Virando lentamente o rosto para mim, seus olhos castanho-esverdeados me analisaram com tanta fixação, que eu *quase* rompi com o contato visual.

Ostentando um olhar tão firme quanto aquele que ela me direcionava, esperei por uma réplica, mas, para o meu espanto, nada além de um silêncio sublime veio; Corinne apenas me observou, esboçando uma expressão indecifrável.

— O jantar será servido às nove em ponto — anunciei, quando ficou evidente que nenhum de nós romperia com aquele clima tenso subitamente estabelecido. — Já pedi à Nancy que cuide de todos os preparativos,

portanto, você não terá nada com que se preocupar, a não ser em estar pronta no horário certo.

Mantendo os olhos em mim, Corinne apenas assentiu respeitosamente e atravessou o closet, indo em direção ao banheiro. Fechando calmamente a porta atrás de si, o som da tranca soou quase tão rápido quanto o da água corrente na pia. No intuito de lhe conceder um pouco de privacidade, concluí os ajustes finais do meu terno, me retirando do closet e, eventualmente, da suíte.

Passando pela cozinha e posteriormente pela sala de estar, me despedi de Nancy e fui diretamente ao elevador, com destino ao *La Bouche*.

Eu não tinha tempo a perder com trivialidades; precisava ser objetivo e lidar com todos os problemas de frente — o que, por sua vez, incluía uma dificuldade particularmente irritante e preocupante: *Anna Chamberlain*.

A esposa de Landon certamente estaria de olho em mim durante aquela noite e caso qualquer coisa fugisse da normalidade, decerto que Anna desconfiaria e ficaria no meu pé dali por diante.

O pensamento apenas serviu como uma comprovação do quanto aquele jantar foi uma ideia ruim. Só que agora não tinha mais volta; eu precisava enfrentar Anna de frente e impedir que ela se convertesse em um problema duradouro.

E só existia uma única maneira de impossibilitar isso: evitando que ambas se encontrassem a sós.

Eu não conhecia o real nível de intimidade e proximidade entre Corinne e Anna, mas podia apostar que, devido a maneira caótica como as coisas em nosso casamento vinham acontecendo, Anna não precisaria de muito para fazer sua irmã abrir a boca e contar sobre o incidente no escritório, quando *quase* consumei o casamento.

Caso descobrisse sobre o acontecimento, Anna não somente me recriminaria de todas as maneiras imagináveis, como me obrigaria a arcar com as consequências daquilo que fez: em outras palavras, *levar o casamento a sério*.

E isso simplesmente não era uma opção.

Tentando manter a calma, contei mentalmente até dez e decidi, internamente, que naquela noite, tomaria todo o cuidado para que nada saísse do meu controle outra vez.

24.

Corinne Foxworth

— Adorei o seu vestido, Corinne.

A voz mansa e gentil de minha irmã foi a primeira coisa capaz de me fazer desviar a atenção do meu próprio prato, desde o momento de sua chegada junto de seu marido.

Assim como o combinado, o jantar foi servido às nove em ponto. Era algo íntimo, apesar de toda a sofisticação contida em cada um dos mínimos detalhes selecionados por Nancy: na mesa, tínhamos ao nosso dispor uma variedade impressionante de pratos da culinária italiana que, embora indiscutivelmente tentadores, não conseguiram despertar o meu apetite. Além disso, champanhe, vinho e taças caríssimas também mostravam presença, comprovando o meu ponto.

Levando um sorriso aos lábios, agradei discretamente pelo comentário de minha irmã.

Insatisfeita com a minha resposta limitada, Anna me observou com cautela, antes de se inclinar sutilmente em minha direção, e esticar suas mãos até as minhas, sobre a mesa, completamente indiferente à conversa estabelecida entre nossos respectivos maridos, ambos posicionados nos assentos à nossa esquerda, na mesa.

— Você sabe que pode contar comigo para absolutamente qualquer coisa, não é? — indagou baixinho, ao passo que apertava nossas mãos juntas. — Está ciente de que estou aqui por e para você, certo, irmã?

Meu queixo tremeu um pouco.

Estou aqui por e para você.

Minha doce, nobre e leal Annabelle; a única virtude que eu possuía em minha vida miserável.

Éramos a metade uma da outra. Dois polos apostos que, de alguma forma, se complementavam com perfeição. Minha irmã era linda. Gentil. Espirituosa; tinha diversos anseios para o seu futuro, ao passo que eu apenas... *existia*.

Por muito tempo, Anna foi minha espada; vivi por ela, na esperança de que conseguiria escapar da nossa lamentável realidade, e quando finalmente aconteceu, me vi indefesa e sob total atenção de nosso pai, que, sem uma das filhas, passou a controlar com ainda mais firmeza os passos da primogênita, aquela que arruinou seus planos iniciais por não ser tão bonita e interessante quanto a virtuoso Annabelle.

Anna.

Minha Anna.

A única pessoa em todo o mundo que realmente se importava comigo.

Céus, como é que eu conseguiria olhar em seus olhos e mentir bem diante de seu rosto tenro e gentil?

Piscando para afastar as lágrimas que ameaçavam escapar, retirei delicadamente as mãos das delas, pondo-as no colo, e abri um sorriso delicado, rogando para que fosse o bastante para despistar a verdade.

— Eu sei, Anna. E agradeço, mas estou ótima — respondi o mais calmamente possível, puxando os lábios para cima no sorriso mais amistoso que consegui esboçar.

O sorriso antes confortador de minha irmã desapareceu aos poucos e esse simples acontecimento serviu para que eu me odiasse internamente.

Quando foi que comecei a mentir e a trair a confiança da minha própria irmã?

No que eu tinha me transformado?

Um pigarreio de repente soou e somente então Anna e eu percebemos que estávamos sendo, desde o início, assistidas pelos nossos respectivos maridos.

Recolhendo as mãos que segundos atrás acariciavam gentilmente as minhas, minha irmã me observou longa e demoradamente, parecendo tentar decifrar o que estava por trás de toda a maquiagem e adereços que pus, na tola tentativa de mascarar toda a minha miséria.

No dia seguinte, Roman e eu completaríamos uma semana de casados.

Uma semana desde que saí de casa, na patética esperança de ter uma vida melhor.

Uma semana desde que troquei os livros na biblioteca da mansão, pela solidão insuportável daquele apartamento luxuoso.

Uma semana desde que o silêncio e apatia cruéis de papai foram substituído pelas atitudes contraditórias de Roman.

Era tudo reutilizado, como uma espécie de ciclo vicioso: os mesmos problemas. As mesmas dores. Os mesmos anseios. Os mesmos dilemas.

Nada era novo.

Incapaz de sustentar o olhar de minha irmã, concentrei a atenção no ponto em que seu marido, Landon, a tocava, desenhando círculos invisíveis e confortadores na mão que ela havia acomodado segundos antes sobre a mesa.

No mesmo instante, desviei o olhar para o meu próprio prato, detestando a pontada de inveja que a visão despertou em mim.

Estúpida, sondou uma voz interior. *Pare de invejar o que não é seu. Você jamais terá algo assim.*

E, Deus, eu sabia que era verdade.

Eu tinha feito absolutamente de tudo.

E ainda assim, mesmo diante de cada um de meus tolos e incansáveis esforços, continuei na mesma, cega demais para entender que não importaria o que eu fizesse, nada resolveria a situação.

— Corinne, poderia fazer a gentileza de me mostrar aonde fica o banheiro? — pediu subitamente minha irmã, me arrancando de meus pensamentos. Piscando, olhei para ela, que já se colocava de pé. Piscando um dos olhos para mim, Anna emendou: — Vamos lá, aposto que nossos maridos nem irão se dar conta da nossa ausência, já que parecem tão entretidos na própria conversa.

Ela falava como se estivéssemos sozinhas, ignorando completamente não tão somente o fato de que Landon e Roman também estavam ali, mas principalmente que ambos tinham interrompido a fala logo depois de seu comentário inesperado e que, agora, a fitavam com expressões igualmente desconfiadas.

Sorrindo para mim, minha irmã fez um gesto com a cabeça para que eu me levantasse e atendesse ao seu pedido de uma vez, conduzindo-a pelo apartamento. Ainda que soubesse o que, exatamente, toda aquela pressa significava, puxei a cadeira para trás e a obedeci, solicitando que me acompanhasse enquanto eu a orientava rumo a um dos banheiros que abrigávamos no apartamento.

Uma vez longe da sala de jantar, local em que nossos respectivos maridos permaneciam, Anna agarrou um dos meus braços e então, sem

qualquer aviso prévio, me empurrou na primeira porta que encontrou entreaberta pelo caminho do corredor.

Cambaleando, tive que usar as mãos como apoio para evitar de cair de cara no chão.

Arrumando a postura, avalei superficialmente o ambiente, me deparando com os detalhes do banheiro social situado no início do corredor, aquele que Roman utilizava para acomodar as visitas.

— O que está acontecendo? — a pergunta de Anna veio antes mesmo de eu virar o rosto e encontrar seu olhar. Com ambos os braços cruzados sob o peito, minha irmã me analisou minuciosamente.

Endireitando a coluna, me virei para ela e a encarei, esboçando a expressão mais casual que consegui.

— Como assim o que está acontecendo?

Anna bufou.

— Ora, por favor, Corinne. Não banque a desentendida. Não combina com você.

Engolindo em seco, mantive a expressão em branco.

— Não sei do que está falando.

Anna comprimiu os lábios, parecendo imersa em um verdadeiro debate interno sobre como prosseguir.

— Passei a manhã de ontem inteira ligando para você — confidenciou em um tom mais calmo.

Desviei o olhar para o colar perolado em seu pescoço.

— Eu estava ocupada.

Anna grunhiu.

— Nós tínhamos um acordo, Corinne — recordou rispidamente. — Você me ligou naquele dia, me pedindo conselhos, e eu dei. Então combinamos que na manhã seguinte, você me retornaria com todas as atualizações. E eu esperei. E quando você não me ligou, tentei contato, mas fui duramente ignorada.

Abraçando o próprio corpo, passei desleixadamente as pontas dos dedos pela pele dos meus braços, evitando a todo custo contato visual com Anna.

— Sinto muito — foi a única coisa que consegui dizer.

Um silêncio longo e ensurdecidor pairou sob nós após a minha fala limitada e desesperada por uma reação de minha irmã, acabei levando o

olhar de volta ao seu. O arrependimento bateu com força, contudo, tão logo avistei a forma como me avaliava com visível mágoa em seus olhos azuis.

Os meus olhos que tantas vezes cuidou e zelou pelo meu bem estar, quando ninguém mais o fazia.

Meu Deus, o que eu estava fazendo?

De repente, senti lágrimas se formando debaixo dos meus olhos.

Anna só queria o meu bem. Não era certo mentir para ela; não quando foi e sempre seria a única com quem realmente podia contar.

Temerosa quanto a possibilidade de minha irmã captar uma rachadura na máscara de indiferença que eu vinha forçando ao rosto, levei as mãos ao rosto e as sequei discretamente, tentando, a todo momento, manter a seriedade.

— Desculpe — murmurei baixinho.

Em vez de me responder, Anna descruzou os braços e avançou alguns passos na minha direção, parando exatamente à minha frente. Sem coragem para encontrar o seu olhar, encarei meus próprios pés. Com delicadeza, senti o toque das mãos pequenas e delicadas de Anna em meu rosto, erguendo-o lentamente para si.

— Somos irmãs, Corinne — declarou, mantendo os olhos fixos nos meus. — Irmãs de sangue e *alma*. Nada e nem ninguém pode mudar isso. Sabe disso, não é?

Tocando suas palmas em meu rosto com as minhas próprias mãos, assenti, lutando contra a vontade de chorar.

Para a minha infelicidade, todo o meu esforço se mostrou em vão quando constatei que os olhos de Anna estavam vermelhos e seus lábios levemente trêmulos, comprovando que ela, assim como eu, estava tentando arduamente resistir às lágrimas.

— Se a sua resposta é sim, então por que está tentando esconder coisas de mim? — prosseguiu baixinho, suas palavras sussurradas soando como um verdadeiro soco no pé do meu estômago. — Em que momento eu deixei de ser confiável, Corinne?

Apertando suas mãos ainda espalmadas em meu rosto, a lancei um olhar arregalado.

— Eu nunca disse isso, Anna.

— Suas atitudes vêm respondendo por si só: além de ignorar cada uma das minhas ligações, você não olhou para mim por uma única vez sequer durante todo o jantar.

Dessa vez, a pontada de culpa me atingiu em cheio.

Encostando a testa na dela, mantive o contato sobre suas mãos, ainda espalmadas em meu rosto, e a encarei no fundo de seus olhos, desejando que aquilo, o olhar de cumplicidade, pudesse transmitir cada uma das palavras que sondavam pelos meus pensamentos.

— Você é a minha metade, Anna — assegurei. — Faz parte do meu ser. Confio em você de olhos fechados. E isso *já* mudará.

Recolhendo as mãos, Anna recuou um pouco, os olhos azulados em mim, me analisando e, assim, demonstrando o quão pouco convincente eu soei.

— Mas não é isso que está parecendo, Corinne. Seus lábios dizem uma coisa, mas suas atitudes demonstram o completo oposto — alegou. — Eu... por acaso fiz ou falei alguma coisa?

Tornando a aniquilar a distância entre nós, segurei nossas mãos juntas.

— Claro que não!

— Então qual é o problema?

Hesitei.

Eu sou o problema.

Lambendo os lábios, afastei delicadamente as mãos das dela e fechei os olhos, tentando encontrar as palavras certas para usar.

Como conseguiria explicar à ela o que vinha acontecendo com Roman?

Que sua tentativa de tentar persuadi-lo somente me fez perceber o quão insignificante e desesperada eu soava para ele?

No fim, depois de muito pensar, reabri os olhos e encarei minha irmã com toda a bravura que me restava.

— É complicado, Anna.

Ela franziu a testa.

— Você usou a camisola?

Sua pergunta fez meu estômago embrulhar com a lembrança das palavras cruéis de Roman naquela noite, no escritório.

Fechando os olhos com força, senti uma lágrima gorda deslizar pela minha bochecha direita.

— Anna, *por favor* — supliquei.

Mas ela não me ouviu.

— O que, exatamente, é complicado, Corinne?

Suspirei.

— *Tudo.*

— Então converse comigo. Me faça entender. Me deixe ajudar.

Você nunca entenderia.

Balançando negativamente a cabeça, com um sorriso nos lábios, peguei suas mãos.

— Prometo que irei contar tudo. — garanti. — Mas eventualmente, não agora. Tem tantas coisas que... apenas, *por favor*, me dê um tempo para poder tentar digerir tudo.

Existia tanta súplica contida no tom de voz que usei, que os olhos de Anna brilharam um pouco com a insinuação de algumas lágrimas, ao mesmo tempo que ela apertava minhas mãos junto das suas e assentia ansiosamente.

— Tudo bem — murmurou, erguendo decididamente o queixo e endurecendo o tom de voz conforme acrescentava: — Mas, de antemão, preciso saber de uma coisa: *ele* fez alguma coisa com você?

Desviei o olhar. Anna segurou meu rosto e me forçou a olhá-la de novo.

— Corinne — repetiu seriamente. — Roman fez alguma coisa com você?

Me perguntava como ela reagiria caso soubesse que o problema estava justamente no fato de ele *se recusar a fazer algo comigo*.

Maneei lentamente a cabeça.

— Ele não fez nada — revelei, soltando uma meia-verdade.

Ela pareceu aliviada, assentindo e afastando as mãos do meu rosto.

— Não se preocupe — sussurrei, espalmando gentilmente seu rosto. — Eu vou ficar bem. Prometo. Só preciso que entenda que preciso de um pouco de tempo. Que, agora, não posso e nem quero conversar sobre isso.

Seus olhos azuis voaram para os meus e as lágrimas que ela antes tentava reprimir, à essa altura do campeonato, já desciam pelas suas bochechas a todo vapor.

— Vou respeitar a sua vontade — confidenciou. — Mas, por favor, não se sobrecarregue. Se alguma coisa acontecer... por favor, preciso saber. Odeio vê-la infeliz, Corinne.

Infelicidade não é novidade alguma para alguém como eu, irmãzinha. Já aprendi a conviver com ela.

Em vez de explanar meus pensamentos, sorrindo, sequei as lágrimas em seu rosto com os polegares e então a enfiei entre meus braços,

envolvendo-a apertado.

— Tudo ficará bem, não se preocupe — sussurrei, mas restava a pergunta: *era a ela que eu tentava convencer, ou a mim mesma?*

Estávamos tão imersas naquele raro momento que sobressaltamos de leve quando ouvimos o som de batidas à porta. Anna foi a primeira a se afastar, olhando desconfiada na direção da porta. Abrindo um sorriso, ela apertou uma das minhas mãos antes de ir na direção da porta e fechá-la às suas costas, me concedendo um tempo para tentar acalmar as emoções turbulentas fluando em mim.

Conferindo a minha própria aparência no reflexo do espelho, lavei e sequei o borrão do rímel formado debaixo dos meus olhos em razão das lágrimas e arrumei o cabelo, tentando me reerguer; não queria que Landon e tampouco Roman soubessem que eu estava chorando.

Eu já vinha me esforçando o bastante para não demonstrar nada na frente de meu marido, então não podia estragar tudo agora.

Diante do espelho, contei mentalmente até dez antes de finalmente girar nos calcanhares e abrir a porta, planejando retornar à mesa. Minha determinação, no entanto, foi vacilando conforme avistava alguém esperando por mim do lado de fora.

Roman.

Engolindo em seco, fechei silenciosamente a porta às minhas costas e o encarei, tentando manter o rosto o mais tranquilo possível. Seus olhos escuros me analisaram com atenção e então, de repente, sua boca se moveu.

— Está tudo bem? — indagou enfim.

Confusa, eu o observei atentamente, tentando decifrá-lo.

E lá estavam novamente as suas falas e atitudes contraditórias; em um momento, ele me ignorava. No outro, me olhava daquele modo, fazendo parecer que, de fato, se importava comigo.

Eu estava farta disso.

Fechando os olhos com força, balancei instintivamente a cabeça.

— Será que poderia parar com isso?

— Parar com o quê?

Levando o olhar de volta ao dele, pus a expressão mais séria que consegui.

— De se contradizer — expliquei. — Não aja como se realmente se importasse comigo, Roman, depois do que me disse ontem. Você não tem esse direito.

O lampejo de alguma coisa passou pelo rosto dele em reação ao meu comentário, mas em questão de segundos, a máscara de indiferença voltou a postos. Com a mandíbula travada, Roman me estudou em silêncio por um bom tempo, até finalmente fazer menção de romper com o silêncio entre nós.

— Corinne, eu...

— Não — o cortei baixinho, erguendo uma das mãos na tentativa de silenciá-lo. — Eu não quero ouvir. *Não mais.* Você já deixou tudo muito bem explicado ontem. Não há necessidade para mais.

Não aguentarei mais, é o que queria realmente dizer, mas estava exausta demais para me dar ao luxo de expôr toda a minha vulnerabilidade.

Passando uma das mãos pela saia do meu vestido, assenti educadamente para Roman uma última vez antes de endireitar os ombros e, sem esperar por uma resposta, voltei para a sala de estar, deixando-o sozinho. E enquanto caminhava pelo corredor, no intuito de reencontrar Anna e Landon, senti uma pontada de orgulho; eu finalmente tinha conseguido me impôr o bastante para evitar que Roman conseguisse me magoar ainda mais.

Ao menos daquela vez, naquela minúscula batalha, eu tinha vencido.

Com os punhos cerrados ao lado do corpo, abri um sorriso tão logo voltei a me posicionar na sala de estar, local em que Anna e seu marido já aguardavam, de pé, com expressões igualmente tensas. Parando, os observei: minha irmã tinha ambos os braços cruzados sob o peito, ao passo que Landon fitava os próprios pés.

Oscilando a atenção entre os dois, levei um tempo considerável até entender para onde, especificamente, minha irmã olhava com tanta severidade: o homem alto e esguio parado exatamente ao meu lado.

Meu marido, Roman.

25.

Ronan Foxworth

Desde o início, eu já deveria saber que o jantar com Landon e Anna seria uma má ideia — *só não fazia ideia do quanto.*

Endireitando os ombros, dei o meu melhor para não demonstrar o quanto o olhar feroz que minha cunhada me lançava agora, minutos depois de ter uma conversa a sós com sua irmã, e assim acabar entregando tudo de mão beijada à ela.

Eu sabia que não deveria ter permitido; sabia o quanto era arriscado deixar as duas sozinhas. E foi tendo isso em mente que fiz o possível para evitar o incidente: naquela noite, desde que saí do cassino, agi do modo mais casual e despretensioso possível, de modo a não encurralar Corinne novamente.

Para a minha surpresa, tudo foi indo muito bem: nos cumprimentamos educadamente quando cheguei ao apartamento e inclusive dividimos o closet da suíte — ainda que ela não tenha ousado um único olhar na minha direção durante todo o tempo que estivemos lá; mas não era como se eu estivesse reclamando, porque, sendo sincero, olhar para ela enquanto escolhia uma roupa para a noite era a última coisa que eu precisava.

De toda forma, tudo ia correndo muito bem até a chegada de meu irmão e sua esposa que, para a minha total consternação, era mais geniosa do que eu imaginava.

Durante o jantar, mesmo que tivesse os olhos em Landon, assentindo para tudo o que dizia, era em Corinne e Anna que minha atenção estava; a primeira parecia desejar se comunicar secretamente através de olhares, mas para o seu infortúnio, Corinne não aparentava estar disposta para tanto. Em vez disso, se manteve em silêncio o tempo todo, atenta ao respectivo prato, completamente alheia ao olhar ansioso de sua irmã.

E então, por um breve momento, eu *quase* acreditei que tudo daria certo; pelo menos até Anna praticamente arrastar sua irmã para longe, usando a desculpa esfarrapada de que precisava usar o banheiro e gostaria que alguém lhe mostrasse o caminho até lá.

Foi patético.

Não era como se ela já não estivesse tão habituada à aquele apartamento, quanto à sua própria casa; por isso, suas intenções ficaram óbvias até mesmo para Landon, que um tanto envergonhado, desviou bruscamente a atenção para se próprio prato.

Observando as duas saírem, eu quase as segui; mas não queria correr o risco de soar tão previsível quanto Anna, então esperei um pouco mais. Só que dez minutos se passaram e nem sinal delas, o que me fez perceber que era hora de agir, mesmo com todos os protestos de Landon.

Feito a porra de um stalker, me encaminhei até o banheiro social e esperei.

Detrás da porta, ouvi sons de vozes sussurradas e fungados.

E foi demais para mim: impaciente, bati à porta.

Em questão de segundos, Anna saiu do banheiro, me lançando um olhar mortal à medida que balançava negativamente a cabeça e atravessava o corredor, indo ao encontro de seu marido. Segundos depois, foi a vez de Corinne.

Naquela noite, ela estava particularmente mais atraente do que de costume, naquele vestido midi-avermelhado. Com o cabelo preso em um rabo de cavalo alto e brincos tão elegantes quanto o vestido que usava, ela parecia saída de um evento da elite Nova Iorque.

Contudo, não foi a sua aparência que chamou a minha atenção quando saiu do banheiro: foram os olhos avermelhados e a maquiagem levemente borrada.

Estava chorando.

Apreensivo, tentei questioná-la sobre seu estado, mas ela se recusou prontamente a me dar detalhes, se mantendo o tempo inteiro na defensiva. Senti uma pontada de culpa, pois sabia que sua postura atual se dava pelo que eu a tinha dito na noite anterior, após ela ter me pressionado sobre o motivo de eu tê-la tocado — *tesão*, era a resposta, muito embora eu tenha mentido, arriscando um caminho mais seguro.

No final das contas, sem me responder, ela saiu, me deixando para trás.

Aflito, esperei apenas alguns segundos até segui-la, voltando para sala de estar.

E foi quando aconteceu: percebi na merda em que estava metido, ao concordar com aquele jantar.

Com ambos os braços cruzados sob o peito, Anna Chamberlain me destinou um olhar rápido antes de voltar a encarar sua irmã e suavizar instantaneamente a expressão, pondo um sorriso nos lábios. De relance, observei Corinne que, para a minha sorte, parecia mais confusa do que desconfiada. Isso era bom; se estava confusa, significava que não tinha entregue toda a verdade à Anna como supus.

Que assim fosse.

— Roman — a voz de Landon me arrancou de meus devaneios. — Anna e eu já estamos de saída.

Quase suspirei de alívio — *infelizmente, rápido demais.*

— Mas antes de irmos, gostaríamos de fazer um convite — emendou a esposa de meu irmão, arrancando o pouco de tranquilidade que a fala de meu irmão me causou.

Forçando um sorriso, assenti.

— Claro, cunhada. Como quiser.

Olhando rapidamente para seu marido, ela sorriu para ele antes de voltar a me fitar.

— Estamos planejando fazer alguma coisa para anunciar formalmente a minha gravidez — anunciou. — E então, chegamos ao consenso de que queremos uma coisa restrita aos familiares e amigos íntimos, sem todo o caos que a movimentada cidade de Nova York carrega consigo.

Franzi a testa, tentando entender.

— Decidimos que faremos a cerimônia na tranquilidade e restrição da nossa residência, nos Hamptons — esclareceu meu irmão.

Claro, a mansão luxuosa que Landon comprou para Anna assim que se casaram. Era, de fato, uma ótima alternativa para quem estava em busca de um pouco de paz.

Assenti.

— É uma ótima ideia.

Anna sorriu.

— Obrigada — com o sorriso orgulhoso nos lábios, ela, então, acrescentou: — Marcamos a data para daqui a três semanas. Contudo, como se trata de um evento extremamente importante, viajarei para lá o quanto antes para poder resolver todos os preparativos.

Confirmando lentamente com a cabeça, estreitei os olhos.

Aonde ela estava tentando chegar?

— ... e para isso, desejo contar com a ajuda da minha irmã.

Ao meu lado, Corinne piscou.

— Comigo? — murmurou confusa.

Anna assentiu.

— Ninguém melhor do que você para estar ao meu lado nesse momento tão especial, irmãzinha.

Corinne sorriu. Landon me observou. E então, finalmente, a ficha caiu: foi tudo minuciosamente arquitetado; o interrogatório no cassino. O jantar. A gentileza forçada.

Anna estava tentando levar a irmã dali; tentando mantê-la por perto, para, assim, afastá-la de *mim*.

Cerrando os punhos, a lancei um olhar mortal e o sorriso presunçoso que abriu em resposta, falou por si só.

Filha da puta.

— Então, Corinne, o que me diz? — indagou, abrindo um sorriso doce totalmente distinto daquele venenoso que me lançava antes, para sua irmã. — Aceita viajar comigo para os Hamptons e me ajudar com os preparativos?

Se eu já estava abalado o suficiente com a armadilha de Anna, a resposta de Corinne definitivamente conseguiu me tirar dos eixos.

— Seria uma honra — afirmou.

Chocado, olhei para ela, que sorria animadamente para a irmã.

Caralho.

Aquilo não podia estar acontecendo.

Caminhando até Corinne, Anna envolveu sua irmã entre seus braços, o olhar fugaz que me lançou por trás destoando completamente da maneira carinhosa como abraçava sua irmã, sendo, assim, um indicativo suficiente de suas reais intenções: arrastar Corinne para o mais longe possível de mim.

Trincando os dentes, cerrei os punhos.

Porra, eu deveria estar aliviado.

Não era isso, um pouco de paz, o que eu tanto queria desde que me casei novamente?

Então qual era a porra do problema?

Provavelmente o fato que, uma vez que Corinne abra a boca para Anna, acabe por revelar a sua conduta deplorável e assim, você será forçado a arcar com as consequências dos seus atos imprudentes, uma vozinha sussurrou em meus pensamentos, me fazendo relaxar um pouco.

Não havia outra explicação; *só podia ser isso.*

Inspirando com força, observei Anna recuar com um sorriso doce totalmente contrário ao mordaz que me direcionava há pouco, longe dos olhos de Corinne e seu marido, que, por sinal, continuava inutilmente parado, assistindo à tudo com uma expressão indecifrável.

— Pretendo viajar amanhã — relatou Anna, segurando as mãos de Corinne. — Vou pedir para o meu motorista vir buscá-la bem cedo, certo? Teremos muito o que fazer durante essas três semanas de preparativos.

Estreitei os olhos para ela, detestando a maneira como ignorava descaradamente a minha presença.

— Por mim tudo bem — Corinne respondeu com um sussurro. Um sorriso leve e sincero despontava de seus lábios enquanto emendava: — Vou preparar as minhas malas ainda nesta noite.

O sorriso de Anna cresceu, revelando os dentes brancos e alinhados. — Perfeito.

Dando mais um abraço rápido em sua irmã, minha cunhada me lançou um outro olhar severo antes de se afastar e voltar a reassumir o lugar ao lado de Landon, que prontamente segurou a mão dela junto da sua. Compartilhando um olhar cúmplice, os olhos castanhos de meu irmão, então, se voltaram para mim.

— Já está ficando tarde — declarou. — Foi um excelente jantar, mas Anna e eu precisamos ir. Muito obrigado pelo convite.

Traidor, foi o que eu desejei que meu olhar transmitisse, enquanto o panaca me encarava, esperando por uma resposta. Quando ficou evidente que eu não diria nada, contudo, ele foi forçado a desviar o olhar para o chão e puxar delicadamente a mão de sua esposa em direção à porta, indicando que precisavam sair.

Com um sorriso destinado diretamente à sua irmã, Anna o seguiu e em questão de minutos, o som do elevador soou, entregando a partida de ambos.

Uma vez a sós, ousei olhar para Corinne, mas para a minha surpresa, ela já me dava às costas, caminhando calmamente em direção ao quarto. Furioso, olhei para todos os pratos sobre a mesa e foi impossível não lembrar daquele jantar que ela preparou para mim, há apenas algumas noites, e precisamente em como tudo tinha mudado de lá para cá.

Naquela noite, Corinne parecia ansiosa, tentando a todo custo me agradar.

Agora, mal olhava para mim.

Esfregando o rosto, comecei a caminhar em círculos.

Qual era a porra do meu problema?

Por que caralhos estava tão incomodado com o fato de ela estar me ignorando?

Não era isso o que eu queria desde o início?

Porra. Porra. Porra.

Me sentindo completamente impotente, não me restaram alternativas a não ser agir e seguir Corinne até a suíte, pouco me importando com o fato de que ela não queria conversar.

Eu precisava dar um jeito naquilo.

E rápido.

À passos rápidos e apressados, atravessei a sala, a cozinha e logo passava pelo corredor, rumo ao meu destino final. Sem qualquer hesitação, girei a maçaneta da porta, me deparando com minha esposa de costas para mim, de pé, com os olhos na visão que a imensa janela da suíte proporcionava: à noite, Nova York conseguia ser ainda mais bela, com todos aqueles pontos de luz — os prédios —, iluminando a noite estrelada.

Sem me importar em ser cuidadoso, bati audivelmente a porta às minhas costas, e de repente, Corinne sobressaltou, olhando bruscamente por cima do ombro. Ainda usava o vestido avermelhado, mas tanto a maquiagem, quanto os brincos, os sapatos e até mesmo o penteado, tinham ido embora.

Com uma escova de cabelos em mãos, Corinne me observou assustada, ao passo que avançava na sua direção, furioso demais para me incomodar com toda a minha rispidez.

— Precisamos conversar — grunhi.

Engolindo em seco, ela endireitou os ombros e deslizou o olhar para os botões da minha camisa, o aperto contra a escova de cabelos intensificando conforme eu me aproximava mais e mais.

— Estou cansada. Quero dormir — sussurrou, ainda sem me fitar.

— Por que concordou em ir para os Hamptons com Anna? — disparei, ignorando sua resposta anterior.

Ela piscou.

— Porque ela me convidou — replicou pausadamente, me fitando como se eu estivesse dizendo alguma estupidez. — Algum problema? Eu não deveria ter aceito?

— Não, Corinne. É claro que não deveria ter aceito — praticamente cuspi.

Se estava confusa, agora ela parecia chocada.

— Por que não?

— Porque você é uma mulher casada agora — soltei. — E ficar viajando por aí com Anna, em menos de 1 semana desde que se casou não é nada apropriado.

— Ela é a minha irmã — anunciou, como se o fato em si justificasse qualquer coisa.

— E eu sou o seu *marido* e digo que *não* deve ir — rebati.

A escova que antes pairava a poucos metros de seu rosto, se chocou subitamente contra o chão, demonstrando o peso que minhas palavras tinham causado nela, que agora me destinava um olhar repleto de incredulidade.

— Está me proibindo de visitar a minha *própria* irmã?

Trinquei a mandíbula, odiando o quanto sua pergunta me fazia sentir a porra de um filho da puta.

Diante do meu silêncio, a expressão de Corinne endureceu.

— Por que está agindo assim? — indagou. — Pensei que ficaria *feliz* com a viagem com Anna, afinal, dessa forma, não terá que ser forçado a lidar com a minha insuportável presença por três semanas inteiras.

Ante a sua acusação, cerrei os punhos.

— Eu nunca disse isso.

— Não com essas palavras — retrucou, o tom de voz suavizando à medida que esfregava o rosto e emendava, todo o seu cansaço transparecendo a cada palavra: — Mas, de toda forma, não importa. Não mais, pelo menos. Só quero dormir. Será que poderia sair?

— Ainda não terminamos de conversar, Corinne — resmunguei, ignorando a sua mão apontada em direção à porta.

O fato, aparentemente, a enfureceu.

— O que mais há para conversarmos, Roman? — esbravejou, atirando as mãos para o alto. — Eu já fiz a minha parte. Já banquei a esposa troféu a noite inteira, então agora, faça um favor a nós dois e *saia*.

Vacilei, chocado com toda a sua rispidez.

— Não me olhe assim — declarou, registrando a minha mudança de atitude. Balançando negativamente a cabeça, com os olhos avermelhados, prosseguiu: — Sabe que não estou dizendo nenhuma barbaridade. Afinal de contas, é apenas para isso que precisa de mim, não é? Para manter as aparências. Apenas um enfeite para combinar com o restante deste apartamento *luxuoso* e *vazio*.

Indignado com a sua provocação, avancei instintivamente em sua direção, parando bem à sua frente. Contrariando as minhas expectativas, em vez de recuar, como vez em todas as outras vezes, Corinne ergueu decididamente o queixo, me desafiando.

Inspirando com força, analisei seu rosto, atento a cada mínimo detalhe que o compunha, tão próximo, que conseguia sentir a sua respiração contra a minha. Mantendo o contato visual, Corinne me fitou de volta, os olhos brilhando de raiva e determinação.

Estreitei os olhos.

De onde veio toda aquela postura petulante?

Deixei meus olhos vagarem por toda a extensão de seu rosto, parando em seus lábios e, então, voltando para os seus olhos.

De repente, lembranças invasivas da fantasia sexual que tive dentro do banheiro, com aqueles mesmos olhos castanho-esverdeados que encarava agora, nos meus, enquanto os lábios rosados e macios envolviam o meu pau vieram à tona, me fazendo engolir em seco.

Senti meu membro endurecer contra a calça.

Porra.

Impulsivamente, estiquei uma das mãos e agarrei a parte de trás da cabeça dela, trazendo seu rosto para mais perto do meu. O brilho petulante subitamente desapareceu das orbes de Corinne, à medida que a sua respiração engatava, e a minha, por outro lado, acelerava em contemplação pela nova cintilação transparente em seu olhar: lascívia.

Caralho.

Aquilo era perigoso.

Ela era perigosa.

Em completo estupor, sem desfazer o aperto em sua nuca, usei a mão livre para tocar seu rosto, roçando delicadamente ponta do polegar em seu lábio inferior, hipnotizado com a maciez. Então, junto da sensação satisfatória, veio a lembrança do quanto foi bom ter aqueles lábios contra os meus, depois de tanto tempo sem beijar alguém.

Corinne tinha um gosto doce que combinava perfeitamente com ela: delicada, sensível e inocente.

A última parte me atingiu com força: *inocente.*

Porra, o que eu estava fazendo?

Reunindo todo o meu autocontrole, com certa relutância afastei as mãos de seu rosto e cabelos, liberando-a de meu toque à medida que

recuava, tomando uma distância segura de sua presença tentadora.

Comprimindo os lábios, a observei com atenção: com os lábios entreabertos e os cabelos loiros levemente assanhados em razão do meu toque bruto, ela parecia pronta para uma foda dura.

Afastei rapidamente o pensamento.

Mas que porra?

Reassumindo a postura, obriguei meus olhos a se manterem nos dela, ignorando completamente o rosto corado e os lábios rosados praticamente suplicando para serem reivindicados.

— Tudo bem — declarei, mais para mim mesmo do que para ela, que me encarou confusa ante a minha fala abrupta. — Faça uma boa viagem.

Sem esperar por uma resposta, girei nos calcanhares, dando-a as costas, e saí, concedendo a sua tão desejada privacidade.

Enquanto caminhava em direção ao escritório, tive de lutar contra a vontade de socar o meu próprio rosto, conforme lembrava do meu *quase* desliz: outra vez, por pouco eu não tinha perdido o controle e a beijado novamente.

Porra, talvez passar um tempo com Anna não fosse uma ideia tão ruim, afinal.

Eu precisava de um tempo sozinho para poder colocar as ideias no lugar e pensar com clareza, longe da presença constante e envolvente de Corinne dentro de casa.

Sibilando, fechei a porta do escritório às minhas costas e rapidamente me encaminhei até o aparador, me servindo com uma dose do uísque mais caro e forte que tinha em estoque.

Virando o copo de shot de uma só vez, senti a bebida queimando em minha garganta ao passo que me sentava na poltrona e ficava lá, refletindo.

Merda, quando é que tudo ficou tão complicado?

26.

Corinne Foxworth

Conforme o combinado, às sete em ponto o motorista de Anna estacionou na frente do prédio.

Equilibrando as minhas bagagens, fechei a porta do quarto o mais silenciosamente possível e saí, tomando todo o cuidado para não emitir qualquer ruído estridente demais.

Puxando a mala, roguei internamente para que o barulho das rodinhas não entregasse a minha presença, ao passo que ajustava as alças da mochila e olhava os arredores, constatando o estado de quietude do apartamento tão cedo da manhã. *Ótimo*. Eu precisava sair dali o quanto antes e preferencialmente sem que Roman notasse.

Não queria pensar nele depois da noite de ontem.

A verdade é que absolutamente tudo ao seu respeito me confundia de uma maneira insana e agonizante: desde a maneira frígida como falava, até os toques inesperados e brusca mudança de atitude, que conseguiam me tirar dos eixos.

Não pense nele, Corinne, me repreendi mentalmente à medida que discava o número do andar no painel do elevador e aguardava impacientemente, ansiosa para escapar daquele prédio e respirar um pouco de ar puro pela primeira vez em *uma semana*.

Parecia uma eternidade, mas meu casamento com Roman contabilizava apenas sete dias a partir de hoje.

O pensamento me fez intensificar o aperto contra a alça da minha mochila e fechar os olhos com força conforme rogava mentalmente para que o respectivo andar chegasse logo, me livrando assim de todos aqueles devaneios angustiantes.

Não queria pensar em Roman — ou em qualquer outra coisa ao seu respeito.

A única coisa que queria, era um pouco de paz ao lado de alguém que realmente apreciava a minha presença: minha irmã, Anna.

Agradecendo a ajuda de alguns funcionários na recepção do prédio, atravessei rapidamente o salão, me deparando, ao passar pelas imensas portas duplas, com um rapaz vestido com um terno preto encostado em de uma *Range Rover*^[2], já à minha espera.

Ante a minha chegada, ele fez um gesto respeitoso com a cabeça e agilmente auxiliou o restante dos funcionários que carregavam minhas malas, pondo-as no bagageiro.

Desconfortável, observei atentamente a cena, abraçando nervosamente meu próprio corpo, sem ideia de como agir. E então, de repente, a porta do passageiro abriu e de lá surgiu minha irmã, descendo do carro com um sorriso imenso nos lábios.

Abrindo os braços, ela prontamente me envolveu apertado.

— Bom dia! — desejou, enquanto me abraçava. — Pronta para a viagem?

Retribuindo o abraço, eu apenas assenti, aliviada demais por vê-la para dizer qualquer outra coisa.

Recuando, seus olhos azuis serpentearam pelo meu rosto, me analisando com atenção.

— Tudo bem? — indagou, franzindo a testa.

Forcei um sorriso.

— Sim. Está tudo ótimo.

Só me tire daqui de uma vez, por favor.

Embora nitidamente pouco convencida, minha irmã assentiu, me conduzindo ao interior do carro ao passo que lançava um olhar em direção às minhas bagagens.

— Só trouxe aquilo? — quis saber, acomodando o assento ao meu lado. — Uma mala e uma mochila? Serão duas semanas inteiras, Corinne.

Envergonhada, assenti.

— Eu não sabia exatamente o que levar, então optei apenas pelo realmente necessário.

A verdade é que, em casa, apesar de vestirmos do bom e do melhor, nossas roupas nunca seguiram as tendências de moda da época; sempre me uniformizei de acordo com os padrões fornecidos por meu pai, e em reflexo disso, até aquele momento, nunca tinha percebido o quanto as minhas roupas pareciam simples se comparadas às de minha irmã — cujo guarda roupa mudou drasticamente desde que se tornou a Sra. Chamberlain. Naquele exato momento, por exemplo, ao passo que eu vestia um suéter de lã

esverdeado por cima de jeans escuros e um par de tênis brancos, minha irmã usava um sobretudo por cima de um vestido elegante que unido às botas e aos óculos escuros sobre sua cabeça, tornavam-na extremamente elegante.

Esse era apenas um dos diversos aspectos que me faziam sentir inferior à ela e tudo o que se tornou depois que foi embora da mansão.

Com esse pensamento em mente, me encolhi no banco. Registrando o movimento, sem insistir no assunto, Anna levou sua mão para a minha, acomodada sobre o meu joelho, e a apertou junto da sua em uma carícia tranquilizadora.

— Quando chegarmos, vamos fazer compras — prometeu. — Vai ser divertido.

Sorrindo, pus a mão livre acima da dela e assenti.

Nesse mesmo momento, o motorista adentrou no carro e logo estávamos em movimento, dando início à viagem.

Confusa, olhei pelos arredores do ambiente confortável e espaçoso, à procura de Landon.

— Seu marido não virá conosco? — indaguei.

— Não, ele ficará para resolver algumas coisas no cassino.

Franzi a testa.

— Ele permite que você viaje sozinha?

O sorriso de Anna vacilou.

— Landon não vê qualquer problema, desde que saiba que estarei à salvo — explicou, me observando com atenção. — Mas, de toda forma, não é como se eu realmente tivesse que pedir autorização para ele ou algo do tipo, sempre que quiser sair. Sou sua esposa, não propriedade.

Desviando o olhar para a paisagem lá fora, tentei não lembrar de como Roman me proibiu de comparecer àquela viagem, na noite passada.

— Tudo bem? — a voz de minha irmã me forçou a virar o rosto de volta para ela, que me analisava com evidente preocupação.

Levando um sorriso aos lábios, confirmei com a cabeça.

— Tudo ótimo. Só estou um pouco cansada. Dormi bem pouco na noite passada.

O rosto de minha irmã se converteu em uma expressão solidária.

— Claro — murmurou. — Landon e eu saímos bem tarde, imagino que não tenha lhe restado muito tempo para descansar — deduziu, acertando em cheio. Balançando compreensivamente a cabeça, Anna, então, apontou a unha pintada de vermelho em direção ao banco do carro e afirmou: —

Descanse. Teremos algumas horas pela frente, então use-as para poder dormir um pouco.

Murmurando um agradecimento, encostei a cabeça no travesseiro do banco do carro e virei o rosto, seguindo seu conselho e fechando os olhos na busca por um pouco de tranquilidade.



O percurso até os Hamptons durou aproximadamente duas horas.

No trajeto, passávamos por *Long Island*^[3] e provavelmente foi por isso que me entreguei tão seriamente ao sono: não queria dar de cara com o passado e ser invadida com todas as recordações que aquela mansão em que morei por toda a minha vida carregava.

Bocejando, estiquei ambos os braços antes de finalmente seguir os comandos de Anna e descer do carro. De imediato, uma brisa fresca e deliciosa atravessou meus sentidos, balançando meus cabelos e me fazendo sorrir ao inspirar o cheiro salgado do mar. Abrindo os olhos, com o sorriso ainda a postos, me vi diante de uma bela e imensa mansão: tingida em tons de branco, seguindo a estética de casas de praia, com janelas francesas espalhadas por todos os lados, concedendo um ar de leveza e conforto, o cenário era de fato algo extremamente lindo de se ver.

— Vamos lá, está esperando o quê? — Anna instigou, esticando uma das mãos para mim, que prontamente a segurei, caminhando de mãos dadas com ela pelo curto percurso até o interior da casa.

Alguns empregados já estavam à nossa espera quando atravessamos as portas, adentrando na casa; e assim como a fachada, o interior era tão belo quanto: em conceito aberto, cada móvel que constituía a mobília do ambiente parecia ter sido escolhido a dedo, considerando o quanto cada pequeno detalhe combinava com a estética do lugar.

— Bom dia, Sra. Chamberlain — cumprimentou uma das moças paradas diante das escadas duplas, conforme Anna e eu nos aproximávamos, rumo ao segundo andar.

— Bom dia, Jullian — respondeu minha irmã enquanto subia as escadas de braços dados comigo, que encarava tudo boquiaberta. — Vou mostrar o seu quarto. Tome um banho, descanse e então depois vou levá-la para um passeio para que possa conhecer o restante da casa.

Assentindo animadamente, acompanhei cada um de seus passos com um sorriso nos lábios, verdadeiramente empolgada.

Aquilo parecia um sonho.

Desde a casa, até o momento em si: duas semanas inteiras curtindo ao lado da pessoa que mais amava no mundo, depois daquela angustiante semana que passei dentro daquele apartamento, tentando desesperadamente chamar a atenção do homem cuja minha presença, parecia enojá-lo.

Afastei o pensamento.

Não pense nele, Corinne, repreendi, ao passo que Anna abria uma das diversas portas espalhadas pelo corredor do segundo andar da casa. Uma cama enorme de casal dossel estava localizada bem ao centro do quarto, sendo contornada por duas cômodas com abajures, um guarda-roupas à esquerda, uma penteadeira na outra extremidade e, claro, a minha parte favorita: uma porta com varanda para vista do mar.

— É lindo, não é? — minha irmã sussurrou, certamente captando a expressão maravilhada em meu rosto.

— Demais — sussurrei de volta. — É perfeito, Anna.

Ela sorriu.

— Landon comprou esta propriedade para mim há alguns anos — revelou. — Tínhamos acabado de nos casar e como eu odiava a rotina caótica de Nova York, além da própria presença dele, Landon resolveu me presentear com esta casa para que pudesse passar um tempo aqui e refletir, longe de tudo e todos.

Assenti, incapaz de resistir à pontada de inveja que sua revelação me causou.

Antes mesmo de ter os sentimentos correspondidos, Landon parecia disposto a qualquer coisa para fazer Anna feliz.

Meu peito apertou.

Roman, por outro lado, não fazia o mínimo.

— Terei que deixá-la aqui, está bem? — Anna anunciou, me arrancando de meus devaneios. — Vou conversar com o restante dos funcionários para organizar algumas coisas e mais tarde nos encontramos.

— Certo — murmurei, abrindo um sorriso. Vendo-a se afastar, me vi na obrigação de sussurrar, com o coração transbordando de gratidão: — Obrigada.

Anna parou e, lentamente, me destinou um sorriso.

— Disponha, irmãzinha.

Palavras ditas e ela desapareceu porta afora, me deixando sozinha naquele verdadeiro paraíso. Maravilhada, caminhei apressadamente até a

varanda, me deparando com a belíssima visão do mar, a pouquíssimos metros de distância dali.

Fechando os olhos, inspirei a brisa salgada.

Deus, era perfeito.

Reabrindo os olhos, afastei um pouco o olhar, vendo que, no andar de baixo, os funcionários continuavam a descarregar as malas e encaminhando-as aos demais funcionários, responsáveis por transportá-las para o interior da mansão.

Observando a cena, apoiei o queixo em uma das mãos e deslizei o olhar para o mar azul, apenas alguns metros adiante, toda a paz e tranquilidade que as ondas emanavam acalmando a minha alma.

Há quanto tempo eu não apreciava algo, sem qualquer preocupação?

Muito, definitivamente, a resposta soou feito uma confissão solene.

Fechando os olhos, inspirei novamente o cheiro salgado e permaneci ali, desfrutando da sensação deliciosa de paz.

Aquelas três semanas certamente me fariam muito bem.

27.

Roman Foxworth

— Não o incomoda? — indaguei de repente, expondo a pergunta que não queria calar desde que saí do apartamento, algumas horas antes, deixando-o completamente vazio, sem a presença de Corinne.

Landon franziu a testa.

Tínhamos acabado de sair de uma conferência com fornecedores importantes e agora, almoçávamos na própria mesa de reuniões — em dias normais, Landon voltava para almoçar em casa, mas considerando que sua esposa, assim como a minha, estava de viagem, naquele dia ele optou por seguir o meu exemplo e almoçar no próprio *La Bouche*.

Fazendo uma pausa para dar um gole no próprio suco, meu irmão me observou atentamente enquanto colava o gargalo da garrafa de plástico nos lábios.

— O que, exatamente, não me incomoda? — quis saber, colocando a garrafa plástica de volta na mesa.

Mastigando lentamente, tomei meu próprio tempo para finalmente esclarecer a minha pergunta.

— Sua esposa viajando sozinha por tanto tempo — expliquei, com pura e real curiosidade. — Não o incomoda?

Abrindo um sorriso de canto, meu irmão parou bruscamente de brincar com a própria comida para levar o olhar de volta ao meu, me analisando.

— Anna é um espírito livre, Roman — afirmou. — Claro que não me incomodo, contanto que eu saiba o que e com quem estará, afinal, sua segurança sempre virá em primeiro lugar.

Assenti, examinando sua expressão.

— Mas ela está grávida.

Landon deu de ombros.

— Mais um motivo para redobrar a atenção e deixá-la se divertir um pouco. O período de gravidez pode ser muito estressante para a gestante, caso não seja tratado da maneira certa.

Passei a língua pelos dentes.

— Então admite que sabia da viagem desde o início — provoquei.

Os olhos de Landon se voltaram para os meus enevoados.

— Não com todos os detalhes. Sabia, sim, que Anna estava organizando alguma coisa na nossa casa de praia no intuito de fazer o anúncio formal da gravidez, mas, como já dito, não fazia ideia que ela planejava levar Corinne consigo.

Estreitei os olhos para o tom irritadiço em sua voz.

Meu irmão sabia que, ainda que não demonstrasse, eu estava bravo com ele por toda a sua atitude de merda na noite passada, e parecia disposto a reafirmar quantas vezes fossem necessárias que não compactuou completamente com o plano de sua esposa — no qual consistia, basicamente, em praticamente arrastar Corinne para longe de mim.

Me observando com atenção, Landon largou bruscamente os talheres para poder se inclinar contra a mesa, me lançando um olhar intrigado.

— Mas, me diga, Roman, qual o motivo por trás de toda a sua postura atual? — quis saber. — Quer dizer, pensei que ter Corinne longe de vista fosse deixá-lo aliviado, não *irritado*.

Enrijei.

— Não gosto que ajam pelas minhas costas, Landon, e foi exatamente isso o que sua esposa fez.

Landon arqueou uma das sobrancelhas.

— Mas esse era o plano inicial — recordou. — O casamento com você seria apenas uma forma de livrar Corinne do pai e, assim, uni-la à Anna. Não entendo o porquê de estar tão incomodado.

Trinqueei a mandíbula.

Nem mesmo eu sabia tal resposta.

Sentindo os olhos de meu irmão em mim, voltei a mexer em minha comida, ignorando-o descaradamente.

— Não faz ideia do inferno que aquelas duas enfrentaram enquanto viviam com o pai — Landon confidenciou de repente, com uma expressão sombria.

Parei, meu coração disparando contra o peito à medida que prosseguia, tenso:

— Ele... batia nelas?

Para o meu alívio, Landon balançou a cabeça, negando.

— Não. Mas isso não alivia toda a merda que fez — revelou, fazendo a sensação de alívio se esvaír de mim, conforme prosseguia: — Anna contou que ele era emocionalmente distante e quase nunca estava em casa, mas caso elas ousassem desobedecê-lo, ele as castigava duramente.

Intensifiquei o aperto contra os talheres.

— Que tipo de castigo?

Landon contraiu os lábios, raiva transbordando de seu semblante.

— Anna me relatou sobre uma vez em que, por se recusar a participar de uma das aulas de piano que tinha durante a semana, ele a trancou no quarto e a deixou sem comer por dois dias inteiros.

— Que filho da puta — grunhi, furioso.

— Ele era um bastardo extremamente cruel. Não permitia que as filhas saíssem e mesmo quase nunca estando presente, impôs bastante rigor na educação delas, contratando professores particulares que a enchiam de lições e todo o tipo de coisa que deveriam aprender em uma escola de verdade — Landon murmurou baixo. Parecia transtornado com cada revelação. — Anna foi quem mais sofreu com todos os castigos impostos pelo pai em razão do temperamento. Diferente dela, Corinne quase nunca saía da linha: era obediente e sempre seguia as ordens de seu pai com fervor, temendo pelas punições caso o desobedecesse.

Cerrei os punhos, lembrando do comportamento quieto e cabisbaixo que Corinne exibiu na primeira vez em que pus meus olhos nela, na noite em que fui visitá-la na mansão.

Merda.

Tudo fazia sentido agora: a porra do pai praticava pressão psicológica contra ela.

Cacete.

Por isso Corinne era tão submissa?

Trincando a mandíbula, apertei o garfo com tanta força, que os nós dos meus dedos ficaram brancos.

— Agora entende o motivo de Anna estar tão desesperada para tirar a irmã daquela casa? — Landon questionou, me forçando a olhá-lo. — Se já era difícil com as duas vivendo juntas, imagine como deve ter sido quando Anna casou, deixando Corinne para trás. Imagine o quanto Maxim deve ter ampliado os abusos agora que só restava uma das filha dentro de casa para controlar.

Merda, é claro que eu sabia — ou, pelo menos, conseguia imaginar.

Cerrei os dentes e fechei os punhos com tanta força, que o aperto fez minhas mãos doerem um pouco.

O rumo de meus pensamentos foi subitamente interceptado quando a porta da sala abriu, revelando Lacey, uma das moças responsáveis pelo entretenimento da clientela, vestida no traje para a noite: uma fantasia de cabaré^[4] dos anos 60.

Um tanto surpresa devido a presença inesperada de meu irmão, Lacey assentiu respeitosamente para mim antes de se aproximar, parando bem ao lado de Landon, que manteve a atenção na própria comida.

— Os trajes deram certo, Roman — informou. — Todos eles. As meninas já os provaram. Pediram para eu avisá-lo.

Me recostando na poltrona, assenti.

— Certo, Lacey. Obrigado.

Corando um pouco, ela sorriu antes de lançar um olhar sugestivo na minha direção e girar nos calcanhares, saindo exatamente por onde veio.

Com o som da porta sendo fechada, deslizei a atenção de volta à Landon que, para o meu espanto, me examinava atentamente.

Eu soube o que diria antes mesmo que abrisse a boca e começasse a falar.

— Aquela é a mulher com quem você costumava transar algumas vezes, não é?

“Transar” não era o termo mais apropriado, considerando o tipo de coisa que fazíamos, mas óbvio que não alimentaria a mente depravada de meu irmão com mais detalhes.

— Foram apenas duas vezes — resmunguei, ciente de que era a verdade: eu não costumava trepar com a mesma mulher por mais de uma vez e especialmente aquelas com quem trabalhava.

Lacey foi uma exceção: nas duas vezes, eu estava entediado e ela, excitada; unimos o útil ao agradável, mas, no fim, depois de duas trepadas, pus um ponto final nas coisas entre nós, garantindo que aquilo não voltaria a acontecer.

Com os olhos nos meus, Landon tamborilou as pontas dos dedos sobre a mesa, refletindo.

— Como pretende aproveitar a sua recém-solteirice?

Pisquei.

— Como?

— Corinne está fora, não é? Como pretende aproveitar o momento?

Estreitei os olhos.

— Do que raios está falando, Landon?

— Estou perguntando se pretende foder alguma mulher — esclareceu rudemente, sem manear nas palavras. — Pelo que entendi, você não tocou em mulher alguma desde que casou com Corinne e já que se recusa a tocá-la, me pergunto se agora que a oportunidade surgiu, irá aproveitá-la.

Cerrei discretamente os punhos por debaixo da mesa.

Meu irmão não fazia a menor ideia do que estava falando: sim, era verdade que não estive com nenhuma mulher desde que casei com Corinne; também era verdade que eu me recusava a tocá-la...

Pelo menos até aquela noite.

Afastando rapidamente a lembrança, estreitei os olhos para meu irmão.

— Está insinuando que devo traí-la?

— Foi você quem disse que não era um casamento de verdade. Portanto, caso decida ficar com outra mulher, não vejo como uma traição.

Fechei a boca com força.

— O fato de o casamento ser ou não real para mim, não anula aquele de que, para ela, a situação é totalmente contrária — murmurei firmemente. — E isso já é mais do que suficiente para que mantenha a minha palavra e cumpra com a fidelidade matrimonial.

Os cantos dos lábios de meu irmão puxaram para cima e então, de repente, a ficha caiu: era um teste.

E, aparentemente, eu tinha passado.

Filho da puta.

— Confesso que estou bastante intrigado com a sua lógica — admitiu o bastardo, com um sorriso arrogante no rosto. — Está pondo sua total lealdade à sua esposa, mesmo garantindo que não se trata de um casamento de verdade?

Fechei a boca com força.

— Caso não saiba, tive uma educação repleta de princípios, Landon.

— Ah, estou ciente disso, não se preocupe — me cortou, erguendo ambas as mãos em rendição. — E me desculpe se o ofendi, mas é que sua atitude realmente me pegou de surpresa.

Ignorando sua afirmação, apontei rudemente em direção à porta.

— Vejo que já terminou de comer, então por que não faz algo de útil e leva as embalagens lá para fora em vez de ficar perdendo tempo falando

todas essas bobagens?

Em vez de ceder à minha provocação ríspida, Landon apenas riu — e seria mil vezes melhor se tivesse me xingado de volta ou feito qualquer outra coisa do tipo, do que reagir daquela forma, pois qualquer coisa seria melhor do que aquele sorrisinho descarado em seu rosto de merda.

— Como desejar, Roman — anunciou ele animadamente, acatando ao meu pedido e recolhendo as embalagens com nossas respectivas refeições.

Com o sorriso arrogante ainda a postos, levantando da cadeira sem qualquer cerimônia, Landon saiu sem sequer me lançar um único olhar, o seu deboche espreto através de cada passo excessivamente tranquilo que dava em direção a porta.

Bastardo.

Sibilando, cerrei os punhos sobre a mesa e gemi em pura frustração.

Merda, quando foi que passei a ser tão transparente, permitindo que minhas emoções tomassem conta daquele modo tão patético?

Eu costumava lidar muito bem com cada uma delas, omitindo-as de modo a impossibilitar completamente que qualquer um tentasse usá-las contra mim.

Agora, contudo, Landon estava claramente conseguindo enxergar muito além do desejado por mim.

Caralho.

Uma das lições mais valiosas que aprendi com o meu falecido pai, foi que sentimentos eram fragmentos de fragilidade que deveriam sempre estar muito bem guardados. Uma vez que você os expusesse, no entanto, permitindo que alguém mais os visse, se tornaria fraco e acessível aos demais.

Cerrando os punhos, refleti à respeito.

Como cheguei àquele ponto?

A resposta, embora um tanto óbvia, era difícil demais de ser expressa em voz alta, portanto, balançando mentalmente a cabeça, me livreí de tais pensamentos e voltei ao trabalho.

Foco, Roman, repeti mentalmente. Mantenha a porra do foco.

28.

Corinne Foxworth

— Vermelho definitivamente é a sua cor.

O comentário de minha irmã me fez sorrir enquanto equilibrava o sorvete e desfrutava da sensação deliciosa do sol abraçando minha pele.

Hoje completavam sete dias desde que Anna e eu chegamos ao Hamptons, período em que tratamos de todos os assuntos envolvendo o jantar de anúncio da sua gravidez. Àquela altura do campeonato, já tínhamos escolhido o buffet, decoração e, claro, ido às compras, fazendo uma verdadeira reforma em meu guarda-roupas.

Dando uma espiada em apenas um, de meus diversos vestidos novos, mordi o lábio inferior, um tanto sem graça.

— Prometo que vou pagar por tudo que tem gastado comigo assim que chegar em casa — afirmei, mesmo sem ter qualquer ideia de como conseguiria tanto dinheiro.

Anna bufou, largando o coquetel sobre a mesa ao lado da cadeira de sol em que estava sentada, para me lançar um olhar irônico.

— Não seja boba, Corinne. Já disse que não precisa se preocupar com isso. Considere como o meu presente de casamento.

A última parte fez meu sorriso vacilar.

Observando o sorvete começando a derreter em minha mão, fui momentaneamente invadida com a dura realidade sucedida em minha vida: aquele paraíso não duraria para sempre. Nada daquilo era permanente; o mar, as risadas, as roupas... logo, logo, tudo desapareceria, pois aquela não era a minha vida. Era a vida de *Anna*.

— Landon mandou lembranças — minha irmã comentou de repente, enquanto sugava o canudo do coquetel em uma de suas mãos. Piscando, virei o rosto para olhá-la. — Ele ligou ontem — explicou. — Perguntou como estavam as coisas e mandou lembrança à você.

Sorri.

— Foi muito gentil da parte dele.

Anna soltou uma risadinha.

— Acredite, essa foi a única coisa realmente gentil e apropriada que ele disse durante toda a ligação.

Franzindo a testa, analisei seu rosto, falhando miseravelmente ao tentar decifrar a mensagem implícita contida em suas palavras.

— Como assim?

Dando um longo gole no coquetel, Anna o posicionou de volta sobre a mesinha e virou o rosto para mim, me fitando com um sorrisinho sugestivo nos lábios.

— Digamos apenas que Landon fez uma descrição detalhada de tudo o que pretende fazer comigo quando vier para cá, daqui a duas semanas.

Corei.

Desviando rapidamente o olhar para a piscina, levei o sorvete aos lábios apenas por não saber o que dizer. Contraindo os dedos dos pés, continuei atenta à água da piscina por mais alguns segundos, tentando desesperadamente omitir todo o meu constrangimento.

Captando o gesto, Anna riu.

— Me desculpe. Não queria deixá-la com vergonha.

— Não estou — me defendi.

Ela arqueou uma das sobrancelhas.

— Você está vermelha, Corinne.

— Está quente — rebati rapidamente. — Veja só a situação do meu sorvete. Estou quase seguindo o exemplo, a um passo de ferver de calor.

Balançando negativamente a cabeça, com um sorriso divertido nos lábios, Anna voltou a apoiar a cabeça contra o encosto da cadeira de sol.

— Se você está dizendo, não vou discutir — murmurou, ajustando os óculos de sol no topo de sua cabeça.

Colocando o sorvete sobre a mesinha ao lado da cadeira de sol que ocupava, segui o exemplo de minha irmã e tentei relaxar, encostando a cabeça na cadeira e observando atentamente a água azulada no interior da enorme piscina.

Dali a quatorze dias, Landon, assim como Roman, estariam de volta.

Fechei instintivamente os dedos contra o braço da cadeira, o comentário proferido por minha irmã instantes antes, acerca da ligação de seu marido, vindo instintivamente à tona.

Eu sabia que mesmo que Anna não comentasse — provavelmente em respeito à mim —, seu marido ligava para ela durante todas as noites, para

receber atualizações sobre a viagem e os preparativos do jantar de revelação da gravidez.

No caso de Roman, desde a manhã em que parti de seu apartamento, não recebi quaisquer notícias suas, já que não se deu ao trabalho de telefonar.

Me inclinando contra a cadeira, dobrei os joelhos e os posicionei contra o peito, abraçando-os desoladamente.

Será que estava aproveitando bem a minha ausência?

Será que tinha, enfim, voltado a dormir no quarto... ou, pior, que tinha levado outra para lá e feito com ela tudo o que tinha se recusado a fazer comigo?

A mera possibilidade fez meu queixo tremer.

— Landon disse que ele e Roman têm trabalhado incansavelmente desde que partimos de viagem — Anna revelou subitamente e me perguntei se, por acaso, estivesse me observando desde o princípio. — É um momento primordial para o *La Bouche* e ambos estão dando o melhor de si para aprimorarem o negócio.

— Roman não costuma me contar nada sobre o negócio da família — confessei, sem coragem de encontrar seu olhar.

De relance, senti os olhos azuis de Anna sobre mim.

— O *La Bouche* é um cassino — explicou, registrando a frustração implícita em minha confissão anterior. — Mas antes disso, era uma casa de prostituição. Roman e Landon reformaram tudo, concedendo, inclusive, melhores qualidades de vida para todas as moças que trabalham com eles.

Virei bruscamente o rosto para ela.

— Eles trabalham com... prostitutas?

A intenção não era depreciar ninguém e nem nada do gênero, mas ainda assim, meu tom de voz não conseguiu omitir todo o meu horror.

Anna assentiu.

— A prostituição continua sendo a maior fonte de renda do cassino.

Franzindo a testa, voltei a encarar meus pés.

— E isso não a incomoda? — perguntei baixinho. — O fato de seu marido trabalhar com esse tipo de coisa... tendo, bem... todas aquelas mulheres à seu dispor.

Anna fez uma pausa, considerando à respeito.

— Costumava me incomodar — admitiu. — Mas hoje, depois de tudo o que vivemos e estamos construindo, confio nele de olhos fechados —

declarou, acariciando delicadamente a leve protuberância em sua barriga.

Novamente, vendo a forma devota como se referia ao marido, foi impossível não sentir uma pontada de inveja.

O amor que sentiam um pelo outro era tão genuíno e forte, que sabia que estavam dispostos a morrer um pelo outro.

O que eu não daria para viver algo assim?

— Estava pensando em passar no salão mais tarde — Anna declarou, me arrancando de meus devaneios. — Quer ir comigo? Tenho um dos melhores cabeleireiros da região.

Virando o rosto em sua direção, fitei-a apreensivamente.

— Estou satisfeita com a cor do meu cabelo — murmurei.

Anna riu.

— Também adoro a cor do meu cabelo, por isso estava pensando em uma hidratação capilar.

Pisquei, me sentindo uma idiota.

— Bem, nessa caso... acho que será uma boa ideia.

Sorrindo, Anna recostou novamente a cabeça na cadeira de sol e no mesmo instante, segui o exemplo.

Então, quando o silêncio pairou sob nós, algo importante me veio em mente.

— Pretende convidar o nosso pai para o jantar?

A expressão tranquila no rosto de minha irmã desapareceu instantaneamente.

— Acho que é necessário — murmurou. — Ele é o nosso pai, afinal de contas.

Brincando com a borda da saia do meu vestido, concordei lentamente com a cabeça.

Eu não era a única a ter passado por diversas dificuldades naquela mansão, todas causadas pelo nosso pai. E, se era para ser justa, podia afirmar que Anna tinha sofrido ainda mais nas mãos dele, do que eu.

— Acho que mamãe ficaria muito orgulhosa de você e de tudo o que conquistou — sussurrei, rompendo com clima de tensão sucedido em razão da minha menção ao nosso pai. Virando o rosto, encarei atentamente o rosto de minha irmã, enquanto prosseguia: — Em uma realidade como a nossa, são poucos os que realmente conseguem contornar tudo e alcançar a felicidade.

Lauren Hamilton era um assunto delicado para Anna e eu.

Quase nunca a mencionávamos, pois mesmo depois de todos aqueles anos, pensar nela e na maneira como nos deixou, ainda doía.

Com os olhos marejados, Anna me encarou com um sorriso terno nos lábios.

— Mamãe também teria muito orgulho da mulher que se tornou, Corinne.

Quase soltei uma risadinha desdenhosa.

É claro que mamãe não teria orgulho de alguém que estava seguindo cada um de seus passos, ao unir a vida à de alguém que não a amava.

Só que existia tanta gentileza nos olhos de minha irmã, que não ousei contrariá-la.

Em vez disso, apenas copieei o sorriso em seu rosto e, quando ela desviou o olhar, voltei a encarar a piscina, tentando não pensar em qualquer assunto relacionado ao nosso pai e, em específico, ao meu próprio casamento.

Ironicamente, minha vida estava se tornando cada vez mais bizarramente semelhante à de minha mãe.

Só esperava que, no fim, não tivesse um fim como o dela: *sucedendo ao suicídio para escapar do marido tirano e da vida miserável que levava com ele.*

29.

Ronan Foxworth

Hoje completavam exatos nove dias desde que Corinne viajou para a casa de praia de Landon e Anna, nos Hamptons.

As coisas tinham voltado a normalidade desde então: nada além da monotonia e tranquilidade de antes do casamento; *antes de ela entrar na minha vida*.

Tudo tinha voltado aos eixos: pela manhã, eu saía de casa bem cedo, descia para a academia e permanecia lá por, pelo menos, uma hora antes de subir novamente para tomar um banho e trocar de roupa para ir ao trabalho — e essa era mais uma retomada que a ausência de Corinne me proporcionou: anteriormente à isso, quando ela estava no apartamento eu não voltava depois do treino; tomava um banho no vestiário da própria academia e, de lá, seguia direto para o *La Bouche*.

Era indiscutivelmente satisfatório voltar à realidade com a qual estava acostumado antes de toda aquela loucura que sucedeu o casamento, sem todo o estresse e cautela que ocorriam em razão da constante presença de Corinne.

Sem ela, tudo voltou ao que era antes, mas depois de sete dias, contudo, as coisas passaram a ficar quietas e pacatas *até demais*.

Retirando o blazer, o acomodei no gancho pregado a porta e afrouxei a gravata enquanto avançava rumo à sala, me deparando com a ilustre vista de Nova York à noite. Mesmo que já morasse naquele apartamento há um bom tempo, tinha de confessar que ainda me impressionava sempre que dava de cara com a visão privilegiada que dispunha.

Em meio à escuridão, os pequenos pontos de luz proporcionados pelas centenas de prédios espalhados pelas redondezas chegavam a competir com as estrelas no céu, tamanha a beleza e luminescência ofusca.

Impressionado, me peguei parando conforme fixava os olhos na belíssima visão.

Eram cerca de quatro da manhã e depois de mais um dia cheio no *La Bouche*, estar na calma e tranquilidade de casa era simplesmente

terapêutico.

Jogando a gravata em um lugar qualquer ao chão, desviando a atenção da paisagem, atravessei a sala e me encaminhei diretamente à cozinha, em busca do jantar que Nancy me informou, mais cedo, que deixou para mim no microondas. Apertando o botão, cruzei ambos os braços e, esperando a comida esquentar, avalei os arredores, atento ao silêncio e toda a calma que a solidão proporcionava.

Ninguém além de mim ou Nancy pôs os pés naquele lugar desde que Corinne saiu naquela manhã, sem ao menos se despedir.

Não que eu estivesse aguardando por uma despedida dramática ou algo do tipo, mas imaginava que ela ao menos esperaria até que eu estivesse desperto para poder descer, em vez de ter *escapado* do apartamento feito um criminoso fugindo da polícia.

De repente, tive uma atípica sensação de vazio no peito.

Lutando contra a emoção perturbante, fui arrancado de meus devaneios tão logo o microondas apitou, indicando que a refeição estava pronta para consumo. Desligando o aparelho, abri a tampa e retirei o prato com a comida, congelando, entretanto, à medida que espiava o interior e me deparava com um prato indiscutivelmente familiar: torta de frango.

Então, de súbito, meu apetite se esvaiu completamente conforme um pensamento tenebroso vinha em mente.

Porra, por que raios cada detalhe naquele maldito lugar me fazia lembrar dela?

Sibilando, descartei o prato intocado sobre a ilha e, pisando duro, girei nos calcanhares e me dirigi à suíte, desesperado por um banho quente e reconfortante.

Sem diminuir o ritmo dos passos, rapidamente atravessei a porta da suíte, a qual, sem qualquer hesitação, transpassei diretamente rumo ao banheiro. Chegando ao closet que servia de divisa entre ambos os ambientes, fui parando gradativamente, à medida que avistava uma peça em especial, em meio a imensidão de roupas postas no lado de Corinne: era uma camisola branca, rendada e pequena.

A mesma que Corinne usou naquela noite, quando veio ao meu encontro no escritório e quase perdi o controle.

Engolindo em seco, me aproximei cautelosamente da peça, até estar perto o suficiente para segurá-la em minhas mãos e, então, avaliá-la. Atento a cada mínimo detalhe da camisola delicada, senti um alarme mental soar em

meus pensamentos conforme a levava ao rosto e inspirava profundamente, sentindo o cheiro familiar de baunilha.

E a mera fragrância unida à lembrança que a veste trazia, foi o bastante para me deixar duro.

Cacete.

Largando a camisola contra o chão como se ela na verdade queimasse, a encarei horrorizado, antes de balançar mentalmente a cabeça e atravessar de vez o closet, retomando o destino inicial: o banheiro.

Me livrando das minhas roupas sem muita dificuldade, me posicionei debaixo do chuveiro e liguei a torneira, rogando que água pudesse lavar o meu corpo e livrá-lo de toda a confusão estabelecida desde a ida de Corinne aos Hamptons.

Ensaboando meus ombros, tentei pensar com clareza, vasculhando os pensamentos em busca de qualquer coisa que não fosse ela, mas, no fim, para o meu desalento, tudo levava à ela e ao quanto conseguiu, de alguma forma, deixar sua marca em cada pedaço daquele apartamento.

Sibilando, pus o sabonete de volta na saboneteira e espalmei os azulejos enquanto deixava a água enxaguar meus cabelos, fechando os olhos em contemplação a algo recém descoberto: *se estar na presença de Corinne em casa já era agonizante... sua ausência conseguia ser um milhão de vezes pior.*

Abrindo subitamente os olhos, fui invadido com a recordação da sensação do corpo dela contra o meu e, de repente, eu estava duro feito a porra de uma pedra.

Cacete.

Lambendo os lábios, imaginei estar de volta àquela noite em que Corinne surgiu diante de mim usando aquela camisolinha e então, inspirando com força, outra vez fantasiei sobre estar dentro dela, corrompendo a sua inocência e pureza da maneira mais dura e suja possível.

Quando dei por mim, um gemido áspero me escapou, em um indício de que tinha atingido o ápice.

Porra, eu tinha me masturbado novamente.

E, assim como da outra vez, ela era a razão por trás de tudo.

Reabrindo os olhos, fechei fortemente as mãos contra os azulejos e encarei meus próprios pés, tentando recobrar a sanidade.

Merda, eu precisava fazer alguma coisa ou ia acabar enlouquecendo.

E só existia uma única forma de acabar com isso.

Mesmo que fosse de encontro a tudo pelo que vinha fazendo atualmente, jogando fora todo o esforço que tive para tentar reprimir aquilo, a porra do sentimento crescendo desenfreadamente pelo meu peito, e descendo para baixo, quente e pulsante.

Respirando fundo, ajustei a postura e desliguei o chuveiro, sendo invadido por uma onda de determinação: era hora de agir.

Mesmo que o que tinha em mente soasse totalmente errado, imprudente e descabido.

— Mande preparar o jato — anunciei subitamente, assim que adentrei na minha sala e encontrei meu irmão lá, já à minha espera.

Confuso, Landon franziu a testa.

— Como?

— Eu disse para mandar prepararem o nosso jato particular — expliquei. — Iremos para os Hamptons ainda hoje.

Os olhos de meu irmão triplicaram de tamanho.

— Mas o anúncio de Anna não será apenas daqui a doze dias, quando combinamos de nos encontrarmos lá?

Dei de ombros, ignorando seu olhar perplexo conforme passava por ele, contornando a mesa, e me posicionava em meu lugar habitual, na minha cadeira atrás da mesa.

— Mudança de planos.

Landon parecia tão chocado, que só voltou a si quando estalei ambos os dedos, tentando tirá-lo de seu estado de estupor.

— Vamos, Landon — pressionei. — Não teremos o dia todo. Cuide da viagem, que cuido dos preparativos para esta noite e as demais que surgirão enquanto estivermos de viagem. Ande, se apresse.

Piscando, ele o fez e nunca me senti tão aliviado, quanto quando ouvi o som da porta sendo fechada, indicando que eu estava, enfim, sozinho.

Suspirando, passei as mãos pelos cabelos enquanto encarava o teto, frustrado.

Uma viagem de última hora aos Hamptons era de longe uma boa ideia.

Eu sabia que era arriscado, imprudente e estúpido, até.

Mas ainda assim... nunca pareceu tão certo, pois a agonia que vinha sentindo, não poderia ser aniquilada por mais ninguém além *dela*.

Merda, eu estaria mentindo se dissesse que na noite passada, enquanto me masturbava feito a porra de um adolescente excitado apenas com o cheiro dela, não tinha pensado em aliviar o stress da maneira mais adequada: com uma trepada dura e suja.

Modéstia à parte, eu sabia que não teria qualquer problema para encontrar uma pretendente, mas ainda assim, a simples ideia de ficar com outra, enquanto estava casado e precisamente durante a ausência de Corinne, me enojava profundamente.

Eu era, sim, um filho da puta normalmente frio e insensível. Mas tinha princípios, e me recusava a ignorá-los por conta de algo tão banal quanto tesão.

Quem está tentando enganar?, a pergunta soou pelos meus pensamentos feito uma maldição, me fazendo trincar a mandíbula em contemplação. *Não é tão simples assim. Nem mesmo de perto.*

Era como se Corinne fosse uma parte vital de mim que estava fora do lugar, sendo essencial e insubstituível.

Fechando os olhos, com a cabeça ainda inclinada para cima, soltei um palavrão baixinho.

Porra, Corinne, o que você estava fazendo comigo?

PARTE IV

UNIÃO.

*“Oh, sinta nossos corpos crescerem
E nossas almas se misturarem
Yeah, amor, espero que você saiba
O quanto meu coração depende do seu
Mas eu acho que isso é amor
Eu não posso fingir”*
— **Can’t Pretend, Tom Odell.**

30.

Corinne Foxworth

Anna e eu estávamos na área da piscina conversando com Lauren, quando recebemos a notícia.

Taylor Lynn Hills era uma famosa decoradora, conhecida por elaborar as festas mais sofisticadas e elegantes das redondezas. Ela estava familiarizada com o público-alvo dos Hamptons, portanto, sua escolha pareceu quase óbvia para Anna, que buscava justamente algo no padrão normalmente utilizado por Taylor.

Eram cerca de quatorze da tarde, quando tivemos a negociação de mais um arranjo de flores selecionados para compôr a decoração do jantar brutalmente interrompida por uma das funcionárias da mansão, que veio apressadamente até nós, para anunciar a novidade: a chegada precoce de Landon e Roman.

No mesmo instante minha irmã levantou da cadeira, eufórica com a notícia.

— Landon já chegou? — indagou com um sorriso imenso nos lábios.

A funcionária assentiu.

— Sim, senhora. Desembarcaram em uma das pistas privativas e, de acordo com o pessoal da segurança, já estão a caminho.

Minha respiração ficou presa na garganta.

Roman e Landon já estavam vindo?

Destoando completamente de toda a minha aflição interna, minha irmã bateu animadamente as palmas juntas, quase pulando de felicidade. Registrando os olhares de Taylor e eu, que continuávamos sentadas, a observando em silêncio, minha irmã rapidamente esboçou um sorrisinho de desculpas.

— Será que podemos adiar esta conversa para amanhã? — pediu baixinho. — Meu marido está à caminho. Quero recepcioná-lo da maneira correta.

Taylor se pôs de pé no mesmo instante.

— Claro que não, Sra. Chamberlain. Podemos remarcar para amanhã, se não houver problemas.

— Perfeito. E é Anna, por favor. Não há necessidade de toda essa formalidade.

Sorrindo, Taylor assentiu respeitosamente para ela antes de pedir licença e sair, deixando minha irmã e eu sozinhas.

Virando o rosto para mim, o sorriso de Anna era tão belo e brilhante, que facilmente seria confundido com o de alguma celebridade hollywoodiana.

— Nossos maridos estão a caminho — repetiu ela, exultante.

Dei o meu melhor para esboçar um sorriso, ao passo que Anna, alheia a toda a minha apreensão, se abanava freneticamente.

— Ok, preciso trocar de roupas e pedir para que o pessoal da cozinha prepare alguma coisa para eles. Aposto que não comeram nada.

Franzindo a testa, encarei minhas mãos.

Por que será que vieram tão cedo?

A intenção não era soar pessimista e nem nada do tipo, já que se tratava apenas de uma reflexão interna, mas a verdade é que não percebi que tinha divagado em voz alta, até notar os olhos de Anna em mim.

— Como assim “por quê”? — murmurou, levando as mãos a cintura, aparentando estar ofendida. — Não é óbvio? Estavam com saudade!

Quase soltei uma risada irônica.

No caso de Landon, até podia ser; mas o mesmo evidentemente não podia ser dito de Roman, apenas tornando tudo ainda mais confuso, em relação ao motivo que o trouxe até ali, doze dias antes do combinado.

— Vamos lá, precisamos nos trocar! — anunciou Anna, apontando sugestivamente para as próprias roupas. — Preciso tomar um banho e colocar outro vestido. Não quero que Landon me veja assim.

Não tinha nada de errado com a roupa que ela usava, mas uma vez que já parecia convencida do contrário, me pareceu mais sensato não discutir e simplesmente obedecer.

Suspirando, me pus de pé, sendo imediatamente recepcionada pelos olhos de minha irmã, que me encararam com certa reprovação.

— Por que não segue o meu exemplo, toma um banho e coloca algum dos vestidos que compramos?

Arqueei uma das sobrancelhas, apontando sugestivamente para o vestido que usava.

— Mas *este* é um dos vestidos que comprou para mim.

Ela fez uma careta.

— Eu sei. E ele é lindo, mas, não sei. Não acha que poderia caprichar um pouco mais? Aposto que se procurarmos, teremos opções ainda melhores do que essa.

Maneando a cabeça, abri um sorriso fraco.

— Não acho que seja necessário, Anna. Estou ótima assim.

Não importa se estarei vestida com o vestido mais caro e elegante de todos ou com um saco de batatas, nada do que eu usar será o bastante para impressioná-lo, é o que eu queria dizer, mas me segurei antes que as palavras efetivamente escaparem.

Suspirando, Anna assentiu, não insistindo no assunto e respeitando a minha decisão.

— Tudo bem — cedeu. — Vou entrar. Preciso deixar tudo preparado. Vai ficar aqui?

Assenti.

Observando-a desaparecer gradativamente porta adentro, virei o rosto de volta para a piscina e encarei inexpressivamente as águas límpidas e azuladas, sendo tomada pela sensação de impotência e apreensão.

Roman estava de volta.

Cerrando os punhos, tentei não me sentir o pior ser humano do mundo enquanto dobrava os joelhos, os abraçando junto do peito e chegava à conclusão de que, junto de Roman, vinha toda a sensação de inquietação, incerteza e impotência.

Tão rápido quanto surgiu, o paraíso ia embora.



Cerca de vinte ou trinta minutos posteriores ao momento em que uma das funcionárias fez o anúncio, Roman e Landon chegaram à mansão.

Na ocasião, Anna e eu os esperávamos do lado de fora, bem diante da fachada, agindo feito as esposas-troféus que éramos.

Bem, pelo menos no meu caso; com Anna, a situação era outra.

Com agilidade, o carro preto e blindado estacionou diante de nós e em questão de segundos, de lá saíram dois homens, ambos com expressões contrárias, conforme desciam e avistavam as respectivas esposas os esperando fielmente: ao passo que o rosto de Landon tinha um sorriso

imenso e os olhos gentis, o de Roman estava impassível, sem qualquer emoção visível.

Endireitando a coluna, permaneci imóvel ao passo que Anna corria em direção à Landon e se atirava em seus braços. Em resposta, ele a encheu de beijos, ambos sorrindo amplamente um para o outro, antes de se afastarem e enfim caminharem até mim, o braço dele acomodado em um dos ombros dela, a abraçando, conforme se aproximavam de onde eu os esperava. Engolindo em seco, encarei fixamente o chão à medida que sentia os três chegando cada vez mais perto.

Com a pulsação acelerando, intensifiquei discretamente o aperto em minhas mãos, sentindo as unhas cravarem na pele com tanta força, a ponto de arder.

Sem ousar erguer o olhar para Roman, somente me atrevi a mover um músculo quando os três passaram por mim, adentrando na mansão. Tomando uma respiração, finalmente os segui.

Sendo recepcionado a cada passo que dava por alguns funcionários, Landon ainda envolvia um dos ombros de sua esposa com o braço, quando subitamente parou e lançou um olhar para seu irmão. Eu estava propositalmente três passos atrás de Roman e estava tão distraída com meus próprios pensamentos, que acabei tombando nele ante o inesperado movimento de Landon.

— Desculpe — sussurrei baixinho assim que me recompus, odiando que o acontecimento capturou sua atenção a ponto de *finalmente* me olhar.

Mordendo a parte interior da bochecha, senti seus olhos em mim, me analisando.

Apesar de não ter trocado de roupa e optado por algo mais sofisticado como Anna, usando um vestido branco com decote transpassado e sandálias em estilo praiano, eu sabia que minha aparência estava bem distinta daquela de quase duas semanas atrás, durante a última vez em que Roman e eu tínhamos nos visto.

E à julgar pela maneira como seus olhos escuros serpentearam descaradamente por cada centímetro de mim, tive certeza de que eu não era a única a pensar assim.

Nervosa, cerrei os punhos e mantive o olhar cravado em meus próprios pés, detestando o quanto, mesmo depois de tudo, sua presença ainda me afetava.

— Não estamos vestidos à caráter, Roman — comentou Landon, rompendo com o breve momento de tensão entre Roman e eu. Com certa relutância, os olhos de Roman foram desviando gradativamente para seu irmão, que prosseguiu: — Se continuarmos assim, vamos derreter.

De relance, avistei Roman assentindo.

De fato, os dois ainda estavam no terno e na roupa social que usavam no trabalho e considerando o quanto estava quente, decerto que a fala de Landon se concretizaria.

Landon encarou o irmão com expectativa, mas em vez de respondê-lo, os olhos escuros de Roman se voltaram para mim, que permaneci rígida feito uma pedra, ainda sem reunir coragem para encará-lo nos olhos.

Era como se estivéssemos de volta ao início, na primeira vez em que ele apareceu na mansão para negociar a minha mão; as — *quase* — duas semanas ali me desacostumaram completamente da rotina de vê-lo todos os dias, naquele apartamento enorme e isolado.

Em razão disso, toda a ansiedade de antes do casamento voltou com força total, me fazendo esquecer por completo de como reagir diante de sua presença.

Detectando toda a minha tensão, oscilando a atenção entre Roman e eu, Anna rapidamente se afastou de seu marido e veio para o meu lado, entrelaçando os braços nos meus. Era a sua própria maneira de demonstrar que estava ali, me apoiando.

— Vocês podem ir se trocando lá em cima — anunciou ela. — Minha irmã e eu os esperamos lá fora, na área da piscina. Já pedi para o pessoal da cozinha preparar uma refeição, então, depois que descerem, vão diretamente para lá e se unam a nós.

Assentindo, Landon abriu um sorriso amoroso antes de tocar o sutilmente em um dos ombros do irmão e fazer um gesto para que ele o acompanhasse.

— Pedi para que levassem nossas coisas lá para cima — informou. — Vamos. Preciso de um banho bem gelado para refrescar.

Em silêncio, Roman obedeceu, seguindo-o pelas escadas duplas rumo ao andar de cima, local em que alguns funcionários subiam e desciam com suas bagagens, levando-as para seus respectivos quartos.

Observando as costas de Roman desaparecendo conforme ele e Landon subiam os degraus, senti os olhos de minha irmã em mim, me estudando.

— Está tudo bem? — quis saber, quando virei o rosto para ela, sustentando seu olhar visivelmente preocupado. — Parece tensa.

Forcei um sorriso.

— Estou ótima.

Comprimindo os lábios, demonstrando estar nada convencida, Anna assentiu e gentilmente me conduziu para as portas francesas que levavam à área da piscina. Com os entrelaçados, caminhamos em silêncio até lá, toda a súbita quietude estabelecida entre nós, indicando que tínhamos nossos próprios embates internos e que eu não era a única a mantê-los em sigilo.

A percepção me fez sentir um pouco aliviada.

Era confortador saber que eu não era a única a romper com a nossa lealdade, ao manter meus próprios medos e apreensões em segredos.

Anna não entenderia.

E, verdade seja dita, não queria perturbá-la com meus próprios problemas, quando estava óbvio que tinha suas preocupações e tantas responsabilidades para lidar.

Ela era a senhora daquela mansão enorme, afinal.

Por isso, o melhor a fazer era voltar ao mesmo comportamento de antes, mantendo as aparências e fingindo que estava tudo bem entre Roman e eu.

Era o melhor para todos.

31.

Roman Foxworth

— Quando é que vai romper com o silêncio e me contar o motivo de termos largado tudo em Nova York para virmos para cá doze dias antes do planejado?

Ante a inesperada pergunta, parei de abotoar a minha camisa para encará-lo.

— Já falei. Estava entediado.

Landon zombou.

— Ah, sim. Claro. Por isso dispensou o pessoal e mandou que fechassem o *La Bouche* até segunda ordem?

Franzi os lábios.

— Por que está reclamando? Pensei que estivesse ansioso para vir para cá de uma vez.

— Não me entenda mal, eu realmente estou muito feliz por ter vindo antes do pretendido. Mas isso não anula toda a minha intriga pelo fato de *você* ser o responsável por estarmos aqui tão cedo, quando é uma verdadeira máquina no trabalho.

Virando de costas, encarei a belíssima paisagem proporcionada pela varanda de seu quarto enquanto terminava de abotoar a camisa.

Landon era um verdadeiro pé no saco quando queria, portanto, eu sabia que não conseguiria me esquivar de suas perguntas para sempre — não quando já o havia feito durante a viagem inteira até ali, período em que não poupou as perguntas acerca da minha repentina e inesperada decisão.

— Estava estressado — expliquei. — E esse lugar tranquilo e paradisíaco é excelente para acalmar os pensamentos.

— Pensei que não gostasse muito daqui. Não era você que sempre reclamava da areia e do tempo quente?

Reprimi um suspiro, grato pelo fato de ainda estar de costas para ele, o que o impossibilitava de analisar a minha expressão.

Me abstendo de responder à sua provocação, continuei atento à paisagem, ao passo que terminava de abotoar minha camisa e calçava o par

de chinelas, me adequando ao estilo praiano do lugar.

Mas é claro que a porra do meu irmão não se daria por satisfeito.

— O que? Não me diga que ficou com medo que minha esposa tenha corrompido sua doce e inocente Corinne e a apresentado alguém que finalmente possa executar o papel que você está se recusando a cumprir?

Fechando a boca com força, finalmente o lancei um olhar mortal por cima do ombro.

— Quando foi que se tornou tão desprezível, Landon?

O sorriso do infeliz triplicou de tamanho.

— Ei, eu estava brincando. Mas, já que a carapuça serviu, realmente deveria verificar se está tudo nos eixos.

Estreitei os olhos.

— Como assim?

Ele deu de ombros.

— Você sabe... verificar se tudo continua em seu devido lugar.

— Pare de falar em códigos e seja direto, Landon. Não consigo compreendê-lo.

— Estou dizendo para verificar se sua esposa permanece tão intocada quanto da última vez em que a viu. No que diz respeito à aparência, já temos um veredito: houve uma brusca mudança.

Retesei.

Em relação a isso, tinha de concordar com ele: Corinne realmente estava bem diferente da última vez em que a vi. Talvez fosse por conta do tempo, mas agora usava roupas mais leves e decotadas e até mesmo o cabelo parecia diferente, mais brilhante e volumoso do que antes.

— Está insinuando que ela se deitou com outro?

— Não. Estou tentando dizer que ela é jovem, bonita e que tem necessidades assim como qualquer um. Já que se recusa a cumprir com as suas funções matrimôniais, talvez ela tenha cansado de esperar por você e resolvido...

— Não ouse terminar essa frase — o interrompi duramente.

Mediante o tom de ameaça na minha voz, Landon parou, os olhos castanhos vasculhando meu rosto com intriga. Eu quase conseguia enxergar uma exclamação se formando acima de sua cabeça, a sua confusão unida à curiosidade ali, totalmente visível.

Desconfortável com todo o seu escrutínio, ergui decididamente o queixo e endureci a expressão, livrando-a de qualquer resquício de emoção.

— Já terminei de me arrumar. Vou descer e esperar por você lá embaixo — anunciei apaticamente, mudando descaradamente o rumo do assunto que debatíamos anteriormente.

Sem esperar por uma resposta, passei por ele e me encaminhei à porta, honrando com minha afirmação anterior.

Atravessando o corredor extenso que levava às escadas duplas, assenti educadamente para cada funcionário que encontrava pelo caminho enquanto tentava não pensar nas palavras grotescas de Landon e precisamente no significado que elas carregavam.

Não me diga que ficou com medo que minha esposa tenha corrompido sua doce e inocente Corinne e a apresentado alguém que finalmente possa executar o papel que você está se recusando a cumprir.

Esfregando o rosto, liberei um palavrão baixinho.

(...) ela é jovem, bonita e que tem necessidades assim como qualquer um. Já que se recusa a cumprir com as suas funções matrimôniais, talvez ela tenha cansado de esperar por você e resolvido...

Porra.

Ela não podia ter feito isso.

Balançando mentalmente a cabeça, me obriguei a retomar a lucidez.

Quanta estupidez.

É claro que ela não fez nada daquilo.

Aquilo era apenas um truque de Landon para me provocar, testando meus limites. Era bem típico dele fazer aquele tipo de jogo psicológico: me empurrar o máximo para ver até onde eu iria.

Filho da mãe.

Grunhindo, cheguei ao primeiro andar quase tão rápido quanto me encaminhei até a área da piscina, local em que encontrei, conforme informado inicialmente, minha cunhada e esposa acomodadas nos sofás, já à minha espera.

Com um leque em mãos, Anna foi a primeira a notar a minha presença.

— Roman — cumprimentou sem muito empolgação, o tom usado unido ao sorriso igualmente forçado, evidenciando que a situação entre nós não estava das melhores.

Retribuindo o sorriso superficial em seu rosto, parei à sua frente, exatamente ao lado do sofá em que Corinne se encontrava sentada, e assenti.

— Anna.

— Vejo que já se adequou às temperaturas daqui — observou a loira em questão, passando desdenhosamente os olhos pela extensão do meu corpo, reparando na minha troca de roupas: no lugar da calça sob medida unida ao blazer à camisa social, pus uma camisa branca de botões com uma calça azul e um par de chinelas.

Existia certo deboche contido no tom de voz selecionado por Anna, mas em vez de respondê-la à altura como normalmente fazia, ciente da presença de Corinne, simplesmente abri um sorriso falso e confirmei com a cabeça.

— O mesmo pode ser dito de você, cunhada.

Com o cabelo loiro-claro preso em um coque elegante, um par de argolas e um vestido longo e solto acrescido de um par de sandálias elegantes, Annabelle Chamberlain fazia jus a posição como proprietária daquela luxuosa mansão.

Abrindo um sorrisinho descarado, Anna deslizou os olhos para a minha direita e em reflexo fiz o mesmo, me deparando com Corinne sentada ereta sobre o sofá em formato de concha, os olhos cor-de-avelã oscilando entre Anna e eu.

Aparentemente, Anna e eu éramos péssimos em manter as aparências e fingir que estava tudo bem entre nós.

Chegando à mesma conclusão, pigarreando, Anna rapidamente pôs um sorriso no rosto e fez um gesto para que eu ocupasse a única poltrona disponível, a mesma estando situada ao lado dos sofás em que ambas assentavam. Sem muita demora, atendi ao pedido silencioso, sem nunca deixar de lançar olhadelas na direção de Corinne, que encarava a irmã em silêncio.

Passando as pontas dos dedos no queixo, sentindo a aspereza da barba por fazer, deixei meus olhos vagarem pelo seu rosto, atento à maneira como o nariz pequeno e delicado parecia ter sido esculpida à mão naquela posição, a qual me fornecia uma visão privilegiada de seu perfil. Não satisfeito, deslizei o olhar, reparando em todos os demais detalhes que constituíam a sua aparência: o cabelo loiro caía feito cascata pelas suas costas, apenas algumas singelas ondulações nas pontas, ao passo que, em razão do vestido um tanto revelador que usava, parecia quase crime expôr uma pele tão pálida quanto a sua, a temperaturas tão severas quanto aquelas que enfrentávamos.

Corinne era delicada e sensível demais para aquele lugar.

— Landon irá demorar muito? — não percebi que a pergunta estava sendo direcionada à mim, até notar o momento em que Corinne, seguindo o exemplo da irmã, virou subitamente o rosto em minha direção, me pegando no flagra encarando-a.

Disfarçando o breve sobressalto, movi casualmente os olhos para Anna, conforme mantinha a expressão em branco.

— Estava terminando de arrumar a camisa quando descí — informei.

Ela assentiu lentamente, os olhos azuis indo de Corinne, para mim. Registrando o movimento, olhei de volta para Corinne, que para o meu espanto, me encarava curiosamente.

Os lábios bem desenhados estavam franzidos, ao passo que as sobrancelhas seguiam o exemplo, formando um vinco, comprovando o quanto parecia confusa.

Sentado confortavelmente com os tornozelos cruzados e os antebraços apoiados nos braços da poltrona, sustentei seu olhar, sem deixar passar despercebida a maneira como desviou rapidamente o olhar quando, sem desfazer o contato visual, umedeci os lábios.

O momento foi abruptamente interrompido assim que Landon surgiu diante de nós, vestindo uma camisa azul-clara de botões, com uma bermuda caqui e um par de chinelos.

— Então, quais os planos para a tarde? — perguntou, sendo recepcionado pela sua esposa com um abraço caloroso.

Beijando o topo da cabeça de Anna, Landon abriu um sorrisinho satisfeito conforme sua esposa se aninhava ao seu peito, abraçando sua cintura.

— Estava pensando em levarmos Corinne para um passeio no barco, já que ela ainda não conhece a marina — Anna declarou com a cabeça encostada no peito dele. — Mas, antes de tudo, acho melhor se alimentarem um pouco. Não comeram nada de *Manhattan* para cá, não é?

Encostando o rosto no topo da cabeça dela, Landon fez que não com a cabeça.

— De fato, não comemos. Mas não estou com fome. A não ser que meu irmão discorde, por mim, podemos ir agora mesmo para a marina.

Três pares de olhos diferentes se moveram para mim.

Dei de ombros.

— Por mim pode ser. Também estou sem fome.

O sorriso de Anna cresceu, ao passo que afastava o rosto do peito do marido para poder lançar um olhar animado para Corinne.

— Ouviu só, Corinne? Finalmente vai conhecer a marina daqui. Prometo que não irá se arrepender.

Corinne abriu um sorriso fraco.

Sem demora, Anna entrelaçou os dedos nos de seu marido e anunciou, animada:

— Então, o que estamos esperando?

Foram necessários apenas alguns segundos até que percebesse que a palavra de Anna era lei naquela casa, tendo em mente que todos começaram a segui-la sem qualquer protesto quando começou a caminhar em direção à entrada da casa, aonde tínhamos estacionado os carros.

Sem muitas alternativas, segui o exemplo.

Aquele era o território dela, portanto, eu estava submetido às suas regras de convivência — ainda que a ideia não me agradasse em nada.

Pondo ambas as mãos nos bolsos da minha calça, mantive os olhos em Corinne, atento à maneira graciosa como caminhava e tentava desesperadamente não sucumbir à semente de dúvida que Landon plantou em mim mais cedo, quando insinuou que ela, talvez, tivesse outro.

Balançando mentalmente a cabeça, afastei o pensamento e me obriguei a manter a compostura.

32.

Corinne Foxworth

Anna estava certa: a marina era realmente impressionante.

Situada a alguns metros de distância da mansão de Landon e Anna, foram cerca de cinco minutos, de carro, até que chegássemos ao destino final.

Caminhando entre todas aquelas embarcações, foi quase impossível não encarar tudo aquilo com certa fascinação: desde o cenário paradisíaco, até os barcos e lanchas e, claro, o fato igualmente impressionante de que Anna e Landon eram proprietários de um.

— Eu sabia que você ia amar — Anna opinou, notando o meu olhar encabulado.

Sorrindo, fingi não notar quando Roman me lançou um olhar demorado por cima do ombro, e simplesmente assenti para minha irmã e seu marido, que tinha um dos braços envoltos em sua cintura.

— É lindo — sussurrei.

— Daqui por diante, pode vir para cá sempre que quiser — anunciou minha irmã, me fitando amavelmente. — As portas estarão sempre abertas para você.

Olhei entre ela e seu marido, que refletia o sorriso gentil nos lábios dela, anuindo.

O convite foi feito exclusivamente para mim, mas se reparou nisso, Roman não disse nada; pensando melhor, ele de fato não disse nada o caminho inteiro até ali, estando constantemente em silêncio, parecendo refletir internamente sobre algo.

O cassino, concluí sem muita dificuldade. Pelo que entendi, a pedido de Landon, os dois vieram às pressas, tendo de fechar as portas de seu negócio politicamente incorreto até segunda ordem.

Se Roman estava aqui, não era por respeito à Anna ou tampouco por minha causa: se algo justificava sua presença, era Landon. Veio única e exclusivamente por conta do irmão, para acompanhá-lo.

Apesar de discutirem com certa frequência, os dois pareciam dispostos a matar um pelo outro — *assim como Anna e eu estávamos dispostas a morrer uma pela outra.*

No final das contas, acabamos entrando em um dos barcos, saindo da marina e adentrando no mar. Landon era quem pilotava e o fazia com tanta habilidade, que ficou óbvio que estava acostumado a conduzir.

Acomodadas próximas à proa da embarcação, Anna e eu permanecemos ali, sentadas, observando a belíssima paisagem por um bom tempo, desfrutando da brisa deliciosa do mar, enquanto entrelaçávamos nossas mãos e apreciávamos a vista.

Estar ali, naquele lugar paradisíaco, na companhia de minha irmã e sem quaisquer preocupações referentes à nosso pai e a constante apreensão que sentíamos de seu comportamento extremamente imprevisível, ainda parecia surreal.

Àquela altura do campeonato, o paradeiro de Roman me era totalmente desconhecido, mas enquanto tivesse a cabeça de Anna apoiada na minha e nossas mãos unidas, trazendo à tona lembranças distantes da infância, quando tudo parecia mais fácil e descontraído, nada mais importava.

Ela era a minha prioridade número um.

O passeio no barco teve mais ou menos cinco horas de duração. Em reflexo, o sol já se punha quando regressamos à marina e, em seguida, para o carro, realizando o curso percurso de volta para a residência de Anna e Landon.

Enquanto Landon dava meia-volta na *Lange Rover*, saindo da marina, não pude deixar de suspirar ao ter que me despedir daquele lugar espetacular. Em tons alaranjados, o céu límpido ia escurecendo, à medida que o sol se escondia, levando consigo o calor e, assim, a brisa amena da noite surgia gradativamente, comprovando que o dia, de fato, tinha ido embora.

Encostando o rosto no banco, virando-o em direção ao vidro da janela do passageiro, observei com atenção cada detalhe da paisagem paradisíaco por onde passávamos, desejando gravá-la na minha memória.

Ainda que Anna tivesse garantido que as portas de sua casa estariam sempre abertas para mim, como esposa de quem eu era — e principalmente considerando a vida que levava —, podia apostar que, mesmo se quisesse, não voltaria para ali tão facilmente. Roman quase não permitiu que eu fosse

daquela vez, então certamente a história se repetiria caso tentasse escapar para a casa de Anna novamente.

Você é uma mulher casada agora, foi o que ele alegou na noite em que Anna fez o convite para que eu a acompanhasse. *Sou seu marido e digo que não deve ir.*

Cerrando os punhos, tentei afastar o pensamento, lutando contra a mágoa, a raiva e a decepção que a recordação trazia.

Virando um pouco o rosto, por puro instinto, espiei sua expressão.

Roman estava sentado à minha direita, posicionado ao lado da outra janela, encarando fixamente a paisagem com uma expressão indecifrável no rosto.

Desde que chegou, ele ainda não havia me dirigido uma única palavra, apenas me lançado constantes olhadelas, me analisando em silêncio, o que me deixava extremamente ansiosa e nervosa.

Chegava a ser impressionante o fato de que, ante a sua simples chegada, toda a minha tranquilidade e sossego haviam ido embora drasticamente.

Fechando os olhos, virei o rosto de volta e, respirando fundo, limpei os pensamentos.

Não era hora para pensar naquilo.

Apoiando o rosto no encosto do banco, olhei mais uma vez para a paisagem lá fora, antes de fechar os olhos e adormecer, me desligando completamente do mundo.



Fui acordada com um toque suave em um de meus ombros, me sacudindo de leve.

Com certa relutância, enrugando o nariz, abri os olhos e o que avistei, não poderia me assustar mais: intensos e misteriosos olhos escuros me encarando de volta, de tão perto, que o ar foi subitamente sugado de meus pulmões.

Com um sobressalto, sentei ereta no banco, percebendo, tarde demais, que Roman não era o único a me observar: ao seu lado estavam Anna e Landon, os dois últimos já fora do carro, me esperando, ao passo que Roman, acomodado no banco, ao meu lado, analisava meu rosto com atenção.

— Está tudo bem? — quis saber, vasculhando minha expressão.

Ciente de que meu rosto certamente estava ruborizado, assenti.

— Ótimo. Então vamos entrar, estão esperando por nós — informou, apontando com o queixo na direção de Anna e Landon, que nos examinavam com atenção do lado de fora no carro, atentos à rara interação entre Roman e eu.

Desafivelando o cinto de segurança, confirmei com a cabeça, ainda sem olhá-lo, ao mesmo tempo que ele esticava um dos braços e o usava para abrir a porta do carro, liberando a minha passagem. Engolindo em seco, murmurei um agradecimento e descii, sendo recepcionada pelos olhos perspicazes de minha irmã.

— Está tudo bem? — indagou.

— Sim. Só estou um pouco cansada. Acho que peguei sol demais.

Landon balançou a cabeça, confirmando.

— Provavelmente. Você está vermelha. Talvez tenha sofrido alguma insolação.

Comprimindo os lábios, estiquei ambos os braços e verifiquei, surpresa, que, de fato, minha pele estava um pouco avermelhada.

— Ela precisa descansar — disse uma voz grave às minhas costas, me fazendo ficar em alerta.

Sem nem precisar olhar para trás, senti quando Roman se aproximou, ficando bem ao meu lado. Abraçando defensivamente o próprio corpo, olhei discretamente para ele, que tinha os olhos em mim, analisando meu corpo — evidentemente — avermelhado pelo sol.

— Não deveria tê-la deixado ficar na proa do barco por tanto tempo — Roman murmurou, lançando um olhar repleto de repreenda para Anna, que de imediato, cruzou ambos os braços sob o peito. — É evidente que se queimaria.

— Não é como se eu a tivesse largado lá sozinha, Roman. Estávamos juntas. Nos *divertindo*. E, além do mais, ela está ótima — Anna grunhiu. — Não precisa fazer tanto alarde por conta disso.

Roman arqueou uma das sobrancelhas.

— Alarde? Olhe para ela — apontou para mim. — Está *vermelha* por conta de toda a exposição solar. O mais prudente seria ao menos ter passado um pouco de protetor solar.

— Nós duas estávamos lá, Roman — Anna declarou impacientemente. — Estou acostumada a vir para cá e nunca ter problemas com insolação. Não pensei que seria diferente com Corinne.

— É, mas evidentemente *pensou errado*.

Anna fechou a boca com força, toda a prudência se esvaindo de suas feições.

— Corinne é *minha irmã*. Estamos juntas desde que nascemos, portanto, garanto que tenho propriedade para dizer o que é bom ou não para ela. E, para a sua informação, o sol atualmente é o *menor dos problemas*.

Mediante a evidente insinuação de uma provocação contida em seu comentário, deslizei os olhos para Roman, desejando ver sua reação, mas, para o meu espanto, em vez de fechar a cara ou simplesmente ignorá-la, como pensei que faria, meu marido abriu um sorriso de canto, no mais puro escárnio.

— Nesse aspecto, teremos que concordar. De fato, a exposição ao sol, nesse momento, é o menor dos problemas. Se é para sermos sensatos, acho que devemos investigar as causas um pouco mais a fundo, tomando todo o cuidado para *evitá-las* e, assim, não permitir que voltem a acontecer.

Dessa vez, a expressão furiosa de minha irmã vacilou um pouco, um vinco se formando no meio de sua testa, conforme vasculhava o rosto dele, avistando algo que infelizmente não fui capaz de enxergar.

Era quase como se os dois estivessem tendo alguma espécie de conversa silenciosa entre si, através de simples olhares.

Alternando a atenção entre um e outro, consegui registrar quando Anna ergueu orgulhosamente o queixo, comprimindo os lábios e arqueando uma das sobrancelhas, como se desafiando o homem à sua frente que, diferente dela, tinha os olhos estreitos e uma expressão sombria e frígida no rosto.

Cerrando os punhos, olhei de um a outro, estranhando toda a tensão subitamente estabelecida entre ambos: pareciam prestes a pular um no outro — e considerando a forma como Landon segurou defensivamente uma das mãos de Anna, me fez ter certeza de que a opinião era unânime.

Limpando a garganta, sem muito o que fazer, identifiquei aquele, como sendo o momento ideal para uma intervenção, antes que fosse tarde demais e aquela discussão acabasse levando um rumo indesejado.

— Realmente estou bem — garanti. — Não estou sentindo nada, além de um pouco de cansaço. Só preciso de um banho e, claro, deitar um pouco.

Com relutância, Anna afastou o olhar de Roman e o arrastou para mim, sua expressão suavizando imediatamente.

— Eu cuido disso — sussurrou, esticando uma das mãos na minha direção em um convite silencioso para que eu a unisse a minha e então a seguisse.

Minha mão já estava suspensa no ar, rumo a sua, quando, de repente, um toque abrupto a forçou para baixo, pondo-a de volta à posição inicial. Piscando, levei alguns segundos até finalmente entender o que estava acontecendo: dedos calejados e firmes seguravam meu pulso, mantendo-o no lugar, ao passo que os olhos frios e inexpressivos de Roman se fixavam nos de minha irmã.

— Acho que você já fez o bastante. Annabelle. Eu assumo daqui.

Literalmente sem palavras, não consegui formular qualquer frase coerente enquanto Roman, sem esperar pela resposta de minha irmã, intensificava o toque em meu pulso e o usava para me puxar junto de si, me fazendo acompanhá-lo.

Encarando as costas de Roman, ainda descrente do que acontecia, permitindo que me conduzisse, ouvi algumas palavras sussurradas vindas de Landon e Anna, às minhas costas, mas ainda que desejasse discernir o que diziam, não conseguiria; não quando toda a minha atenção estava em Roman e no quanto meu coração batia desgovernado contra o peito, à medida que ele me levava para dentro da casa, em direção ao quarto.

Deus, o que estava acontecendo?

33.

Roman Foxworth

Porra, aonde é que estava com a cabeça quando permiti que Corinne fosse àquela viagem com alguém tão irresponsável quanto Anna Chambarlain?

Desde o início, eu já deveria saber o quão arriscado e perigoso seria, mas, merda, até mesmo eu, que não estava acostumado à ambientes com temperaturas tão elevadas quanto aquelas que enfrentávamos atualmente, sabia dos danos que drásticas exposições solares poderiam causar — em especial a pessoas tão pálidas quanto Corinne.

Então, por que caralhos Anna não se precaveu e impediu que a irmã se queimasse tão descuidadamente?

O pior é que, na realidade, eu já imaginava que algo assim aconteceria, só pelo fato de tê-las visto passando tanto tempo na proa do barco, sentadas sob o sol, estando totalmente desprotegidas, mas, em minha defesa, realmente cheguei a pensar que Anna, assim como Landon fez comigo, teria o bom-senso de oferecer um pouco de protetor solar à sua irmã.

Mas é claro que ela não fez.

E agora, graças a isso, a pele de Corinne tinha a coloração semelhante à de uma lagosta e seu semblante não estava dos melhores.

Chegando ao quarto, abri espaço para que minha esposa passasse, e apontei com o indicador na direção do assento da penteadeira, ao mesmo tempo que recuava e, descendo apressadamente os degraus, voltava ao primeiro andar, rumo à cozinha. Capturando uma garrafa plástica contendo água gelada, além de compressas e toalhas que pedi ao pessoal responsável pelo cômodo me arranjam, voltei para o quarto em questão de minutos.

Equilibrando os itens em meus braços, me deparei com Corinne sentada obedientemente no assento, bem diante do espelho da penteadeira.

Parando ao seu lado, posicionei os itens sobre a mesa acoplada, antes de virar e lhe oferecer a garrafa d'água.

— Beba — ordenei.

Em silêncio, ela o fez, dando alguns goles modestos na garrafa que segurava entre suas mãos, os olhos fixos no espelho, me observando curiosamente através do reflexo.

Passando os olhos de seu rosto, até suas costas, observei a drástica divergência na tonalidade de sua pele em alguns pontos isolados, certo de que, graças ao vestido razoavelmente modesto que usava, os danos foram menores.

— Trouxe algumas compressas — informei, subindo o olhar para o dela, que me encarava silenciosamente. — Aplique uma na testa, pode ajudar a amenizar a temperatura corporal.

Corinne comprimiu os lábios, descendo o olhar para as mãos, sobre o colo, segurando a garrafa plástica.

— Eu... não menti quando disse que realmente estou bem, Roman — murmurou, erguendo os olhos para mim, emendou baixinho: — Só preciso de um banho. E de um pouco repouso. Minhas pálpebras estão pesadas.

Assentindo, eu a analisei em silêncio por mais alguns instantes até finalmente compreender seu pedido: estava desejando um pouco de privacidade.

Tudo bem.

Era compreensível.

Sendo honesto, em uma situação como a sua, eu também desejaria tal coisa; estava evidente que estava cansada, portanto, repouso definitivamente seria o mais indicado.

— Beba um pouco de água e aplique a compressa caso sinta a pele esquentar — orientei.

Girando nos calcanhares, não esperei por uma resposta.

Em silêncio, acatei ao seu pedido inicial, tratando de sair do quarto sem qualquer hesitação e, assim, concedendo-na sua tão estimada privacidade.

De repente, lembranças da breve discussão com Anna, minutos atrás, diante da presença de Corinne, vieram à tona, me fazendo constatar que, de fato, precisávamos deixar algumas coisas esclarecidas entre nós, antes de qualquer coisa.

Anna me desafiou.

Estava evidente que este era o plano, desde o dia em que sugeri um jantar em minha casa: levar Corinne para longe — foi tudo premeditado; artimanhas minuciosamente calculadas com este único intuito.

Não me diga que ficou com medo que minha esposa tenha corrompido sua doce e inocente Corinne e a apresentado alguém que finalmente possa executar o papel que você está se recusando a cumprir.

Trincando a mandíbula, feito uma maldição, as palavras de Landon voltaram com força, me fazendo cerrar os punhos ante a recordação.

E então, ao fechar a porta às minhas costas, quase como se à mando do destino, foi justamente ele, meu irmão, quem encontrei do lado de fora, no corredor, ao meu aguardo.

— O que foi aquilo? — quis saber ele, sem rodeios.

— Não sabia que costumava ouvir atrás de portas — zombei, ignorando sua pergunta inicial. Abrindo um sorriso sacana, emendei: — Olá para você também, Landon.

Arqueando uma das sobrancelhas, Landon me lançou um olhar minucioso.

— Só para constar, eu não estava ouvindo atrás da porta. Só estava esperando você sair, para que pudéssemos conversar um pouco sobre o que aconteceu lá embaixo.

Franzi o cenho.

— Não estou entendendo. Sobre o que, exatamente, precisamos conversar?

A expressão de Landon endureceu.

— Não se faça de bobo, Roman. Sabe perfeitamente sobre o que estou falando.

Enrijeci.

Sim, é claro que eu sabia.

Entretanto, considerando que nem mesmo eu, conseguia entender, com clareza, o que estava acontecendo, me manter na defensiva ainda era a melhor alternativa.

— Continuo sem saber, Landon — desconversei.

Ele trincou a mandíbula.

— Tudo bem, já que prefere o caminho mais difícil, vou ter soletrar a pergunta para você: estou me referindo ao seu tratamento de lixo à *minha esposa*, por conta de algo tão banal quanto queimaduras de sol.

Endireitei a postura.

— Não teremos essa conversa aqui — decretei mortalmente baixo.

Me aproximando dele e mantendo a expressão neutra, fiz um gesto para que me acompanhasse até o cômodo ao lado — apenas mais um, dentre

toda a infinidade de quartos que aquele corredor dispunha.

Ao som da porta sendo fechada, me virei para meu irmão, adotando uma postura diplomática: coluna reta e ambos os braços cruzados para trás.

— Já pode começar a falar — declarou Landon, com certa arrogância, ao caminhar até a cama do quarto e sentar sobre o colchão macio, pondo os olhos, perspicazes, em mim, atentos à minha expressão.

Impassível, olhei para ele.

— O que, exatamente, espera que eu diga?

Landon estreitou os olhos.

— O motivo de ter tratado Anna daquela maneira tão hostil já seria um bom começo.

Dei de ombros.

— Sua esposa estava me provocando.

— Não. Ela estava apenas se defendendo das suas acusações descabidas — discordou. — Porque, afinal de contas, foram apenas algumas queimaduras de sol, Roman.

— Queimaduras estas, que poderiam facilmente ter sido evitadas, caso Anna tivesse o mínimo de cuidado e responsabilidade com sua irmã — retruquei.

Landon fez uma careta.

— Corinne não é uma criança a quem Anna deve estar constantemente monitorando, Roman. Anna não a obrigou a nada. Se estava lá com ela, é porque queria. E, de toda maneira, desde quando se importa com coisas tão banais quanto simples queimaduras de sol?

Fechei a boca com força.

— Desde que *sua* esposa, apenas para me desafiar, expôs a *minha* esposa a uma situação de risco que poderia facilmente ser evitada — respondi entredentes. — E isso, para mim, é simplesmente intolerável.

Landon soltou uma risada sarcástica.

— Ora, por favor. Não seja tão narcisista, Roman. Nem tudo diz respeito à você — replicou, me fitando com desdém. — Até porque isso não é e nem nunca foi sobre você: é sobre Corinne. O casamento entre vocês, desde o início, surgiu com esse único intuito: livrar Corinne do pai e aproximá-la de Anna. Realmente pensei que tivesse entendido, mas obviamente, não o fez. Quantas vezes terei que repetir para você até que finalmente consiga entender?

Cerrando os punhos, senti o coração vibrar contra o peito com raiva, unida a incredulidade e outra coisa que não consegui identificar.

— Ela é *minha* esposa — grunhi, antes que pudesse me impedir. — Não vou permitir que nada e nem ninguém a inflija qualquer tipo de dano. Vou tomar todas as medidas cabíveis para evitar que se machuque mesmo que, para isso, tenha que livrá-la de cada um que tente levá-la a um caminho arriscado e impreciso.

Qualquer um que tente levá-la para longe de mim.

Dessa vez, em vez de responder à minha declaração, Landon me analisou em silêncio por instantes que pareceram durar uma verdadeira eternidade.

— O que? — soltei, erguendo orgulhosamente o queixo, me recusando a demonstrar todo o desconforto, quando ele não fez nada além de me observar com todo aquele escrutínio.

Alheio à toda a minha inquietação, abrindo um sorrisinho, Landon balançou negativamente a cabeça e riu.

— Vou levar Anna para jantar mais tarde — anunciou, levantando da cama e mudando descaradamente o rumo da conversa. Contados cinco passos em direção à porta, contudo, ele parou e, então, me lançando um breve olhar, prosseguiu: — Aposto que Anna vai querer que Corinne vá conosco, portanto, mesmo contra a sua vontade, vou convidá-la.

— Ela está descansando — informei rudemente.

Landon arqueou uma das sobrancelhas.

— Anna e eu não temos pressa. Podemos esperá-la.

— Não se deem a este trabalho, pois não será necessário. Vou ficar com ela — a resposta veio antes mesmo que pudesse me impedir, fazendo as sobrancelhas de Landon arquearem, revelando toda a sua surpresa.

Odiando a maneira como minhas emoções conflitantes foram expostas através daquele simples comentário, me forcei a manter a calma, esboçando a expressão mais frígida e indiferente possível.

Os olhos de Landon se mantiveram sobre mim por mais alguns segundos antes que, com o sorriso repugnante ainda a postos, ele assentisse e murmurasse mais algumas palavras, retomando o caminho até a porta, atravessando-a em questão de segundos e, assim, me deixando a sós.

Ao som do clique da porta, praguejei.

Cacete, o que eu estava fazendo?

Fitando inexpressivamente um ponto avulso na parede, refleti sobre a minha resposta automática e não custei nada a constatar o quão inadequada e imprudente ela soou, dadas as circunstâncias atuais.

Com aquelas simples palavras, entreguei a situação de mão beijada à Landon, permitindo que tivesse um vislumbre de toda a merda passando em minha cabeça.

Com estas mesmas simples palavras, expus ao meu irmão o segredo mais obscuro e conflitante que vinha guardando ultimamente: que, em algum momento despercebido, passei a me importar com minha esposa mais do que o desejável.

Mais do que era socialmente adequado.

E essa merda estava me assustando, uma vez que arrancava, aos poucos, cada resquício de autocontrole e autopreservação que comumente mantinha dentro de mim.

Trincando os dentes, esfreguei nervosamente o rosto antes de respirar fundo, me forçando a recuperar a compostura e seguir o exemplo de Landon, saindo pela porta, pondo a expressão mais calma e forçada que consegui forjar, rumo ao primeiro andar.



Às oito em ponto da noite, Anna e Landon saíram da mansão.

Deixando alguns funcionários responsáveis pelo preparo do jantar, minha cunhada não me dirigiu uma única palavra mesmo quando, minutos antes de deixar a propriedade, vestida elegantemente dos pés a cabeça, passou por mim — quase tombando o ombro no meu no percurso —, com o queixo erguido e entrelaçou uma das mãos à de seu marido.

Mas não era como se eu me importasse, de toda maneira.

Algumas horas longe de Anna e de toda a situação de merda que nos envolvia, viriam a calhar muito bem. Eu só queria um pouco de sossego, e considerando o clima hostil e repleto de tensão pairando entre nós ultimamente, estava mais do que claro que não conseguiria alcançá-lo em sua presença — o que, por sua vez, tornava a sua ausência algo verdadeiramente aliviador.

Em busca de um pouco de paz, pulei o jantar e fui direto para a área da piscina, levando comigo nada além de uma garrafa de uísque acompanhada por um copo de *shot*.

Eu precisava pensar.

Pensar sobre mim.

Sobre Corinne.

Sobre... *tudo*.

E em especial sobre como, em um momento, ela era apenas um meio para um fim e no outro, de repente, tudo mudou, fazendo com que se apossasse gradativamente de cada um dos meus pensamentos mais íntimos e, assim, se firmasse em mim como uma tatuagem.

Caralho.

Como pude permitir que isso acontecesse?

Como pude ser tão descuidado, a ponto de permitir que, sem pudesse ao menos perceber, a situação acabasse fugindo completamente do meu controle e tomado um rumo e proporção tão inesperados?

Soltando uma respiração, fechei os olhos e inspirei, tentando manter a calma.

Tudo daria certo.

Tinha que dar.

Usando a bebida como válvula de escape, permaneci ali, sentado próximo à piscina, refletindo por tanto tempo, que nem mesmo consegui captar sua progressão: em um piscar de olhos, a mansão foi esvaziando até restar apenas eu e meus próprios pensamentos.

Me servindo com mais uma dose do uísque, virei o copo de shot de uma só vez, sentindo a bebida queimar em minha garganta. Fazendo uma careta, pus a garrafa cara de volta ao chão e voltei a encarar fixamente a água límpida e azulada da piscina, decidindo sobre os próximos passos.

O que eu faria?

Como conseguiria escapar de tal situação tão crítica?

Infelizmente, fui arrancado de meus pensamentos antes mesmo que pudesse chegar à uma resposta decente: em meio à minhas reflexões, sons de passos soaram, me arrancando de meus devaneios. Sobressaltado, virei bruscamente o rosto em direção ao barulho inesperado, me deparando com uma silhueta em meio à luz fraca da noite, se aproximando de onde me encontrava sentado.

Por alguma razão desconhecida, não precisei de muito para identificar a visitante inusitada: com uma expressão distraída no rosto, o cabelo loiro solto e molhado caindo em ondas, e usando um vestido esbranquiçado que media na altura dos joelhos, Corinne parecia bem melhor do que algumas horas atrás.

Seu semblante tranquilo foi mudando, contudo, tão logo seus olhos foram focando em mim, seus passos vacilando à medida que se dava conta da minha presença.

Sentado na espreguiçadeira com vista para a piscina, mantive os olhos em seu rosto, somente os desviando quando, em reflexo, ela levou algo ao peito, pressionando-o junto de si: um livro.

— Desculpe — murmurou baixinho, me fazendo voltar a encará-la. — Não sabia que estava aqui. O pessoal da cozinha informou que Anna e Landon foram jantar, então pensei que tinha ido com eles e...

— Você não era a única a estar cansada — a interrompi calmamente, captando todo o seu nervosismo. — Preferi ficar e descansar.

Assentindo, ela pressionou o livro com mais força contra o peito e fitou os botões da minha camisa, evitando contato visual.

— Certo. Bem, então, se me der licença, vou entrar e procurar outro lugar para ficar.

— Este lugar é perfeitamente capaz de abrigar nós dois, Corinne — garanti.

Piscando, seus olhos castanhos voaram para os meus, assustados e confusos.

— Sente-se — convidei, quando ela não fez qualquer menção de se mover, apontando sugestivamente para a espreguiçadeira ao lado da minha, sem nunca desfazer o contato visual.

Em nítida relutância, ela o fez, se aproximando cautelosamente. No fim, com uma graciosidade surpreendente, ocupou a cadeira ao lado da minha, sentando, assim como eu, na beirada, bem de frente para a piscina. Afastando uma mecha de cabelo do rosto, abriu, então, o livro, e começou a lê-lo de prontidão.

Me servindo com mais um pouco do uísque, pus a garrafa de volta no chão e, enquanto a bebericava, espiei a expressão concentrada no rosto de Corinne, notando o quanto seu perfil era impressionantemente simétrico e toda a sua postura ereta e impecável, esbanjava delicadeza e elegância.

Passeando descaradamente os olhos por cada extensão de seu corpo, acabei detendo-nos em algo interessante: o livro entre suas mãos.

— O *Grande Gatsby*^[5] — li o título estampado na capa em voz alta, sem me importar com o fato de estar interrompendo sua leitura. — É uma excelente leitura, se me permite dizer.

No mesmo instante, Corinne abaixou o livro, posicionando-o sobre seu colo, e virou o rosto para mim, visivelmente surpresa.

— Você... já o leu? — indagou lentamente.

Com o copo em mãos, assenti.

— Há bastante tempo. Mas, sim, o li. Não lembro de todos os detalhes, mas garanto que é uma leitura enriquecedora.

Corinne abriu um sorriso fraco, encarando carinhosamente o livro em seu colo.

— Anna disse a mesma coisa — sussurrou. — Sobre ser uma excelente leitura, quero dizer. Infelizmente, ela não tem apreço pela leitura como eu, mas disse que, assim que pôs os olhos nele, imaginou que seria uma “leitura enriquecedora”.

A menção ao nome de minha cunhada, unida ao sorriso doce que Corinne abriu, fez meus lábios retorcerem involuntariamente.

Então quer dizer que além de roupas, Anna tinha comprado livros para ela?

— Tenho um exemplar igual a este em casa, no escritório — anunciei. — Pode pegá-lo sempre que quiser. Assim como qualquer um dos demais livros, aliás. Estão todos a sua disposição.

Posso lhe comprar a porra de uma biblioteca inteira, se quiser. Basta me pedir.

O pensamento invasivo me assustou.

Caralho.

Qual era a porra do meu problema?

Piscando, encarei o copo de shot em minha mão, atribuindo, mentalmente, toda a culpa à bebida — ainda que estivesse ciente de que precisaria de muito mais para me embriagar de verdade, já que estava completamente consciente de cada uma de minhas falas e ações.

— Obrigada — Corinne sussurrou baixinho.

Sem conseguir reunir coragem para encontrar seu olhar, posicionei o copo de shot vazio no chão, ao lado da garrafa, e voltei a fitar a piscina. De relance, notei que Corinne tinha deixado o livro de lado e seguido o exemplo, fixando os olhos nas luzes led iluminando a água.

— Está se sentindo melhor?

Minha pergunta repentina a assustou, fazendo com que virasse subitamente o rosto em minha direção.

— Sim — sussurrou. — Como falei mais cedo, eu realmente só precisava descansar um pouco.

Assenti, ainda sem olhá-la.

— Que bom — murmurei, relutando um pouco até finalmente virar o rosto, me deparando com seu perfil. — O pessoal da cozinha preparou o jantar.

— Não estou com fome.

Estreitando os olhos, a destinei um olhar repreensivo.

— Mas precisa comer. Não lembro de tê-la visto comendo nada desde que Landon e eu chegamos de viagem.

Dando de ombros, Corinne balançou distraidamente as pernas, com os olhos ainda presos à água. Parecia quase indiferente à minha advertência, tratando algo tão importante quanto a sua alimentação, como uma banalidade.

— Estou falando sério, Corinne. Você não pode passar tanto tempo sem se alimentar.

Dessa vez, o movimento incessante de suas pernas parou e, de súbito, seus olhos castanhos se moveram até os meus.

— Estou bem. De verdade — assegurou, abrindo um sorrisinho repleto de desdém, e emendando: — Não tenho quaisquer preocupações referentes ao meu peso. Não importa o quanta coma, continuarei igual. Minha magreza é oriunda de genética. É uma das únicas coisas que minha mãe deixou para mim.

Fiquei em silêncio.

Aquela era a primeira vez que Corinne mencionava a mãe e eu sabia perfeitamente bem o motivo: não era segredo para ninguém o fim drástico que Lauren Hamilton tomou.

Suicídio.

A única alternativa que encontrou, em meio à uma depressão severa, para se livrar do marido tirano e cruel — o mesmo destino perverso que Corinne estava fadada à possuir, caso eu não a tivesse tomado como esposa antes do imbecil com quem seu pai pretendia casá-la.

Cerrando os punhos, eu a analisei com cuidado.

Com um semblante cansado e os olhos tristemente fixos em um ponto avulso na água, além da postura curvada e derrotada, ficou mais do que óbvio que aquele assunto era um tópico sensível para ela.

Meu peito apertou contra o peito ante a visão.

A quanto mal alguém tão pura, jovem e bela quanto ela, foi obrigada a enfrentar para estar exatamente aonde estava agora... sendo a esposa de um babaca que alimentava o nítido sentimento de autodepreciação contido em si, ao rejeitá-la sem dó nem piedade?

Detestando a pontada de culpa que a última parte causou, fiz uma pausa destinada a fregar o copo de shot e servi-lo com um pouco mais de uísque, desejando que a bebida, de alguma forma, retirasse a sensação de mim. Ingerindo-o com um único gole, fiz uma careta enquanto a bebida queimava em minha garganta e voltei a posicionar a garrafa, junto do copo, no chão, antes de voltar à posição inicial e finalmente começar a falar.

— Algumas mulheres matariam para ter um corpo como o seu.

Com os olhos arregalados, Corinne virou bruscamente o rosto para mim, um rubor se formando em suas bochechas conforme me encarava, chocada com o que acabara de sair de meus lábios.

Fiquei um pouco incomodado com toda a surpresa presente em sua expressão, afinal, não era como se eu estivesse mentindo.

De fato, seu corpo — assim como a sua aparência, por inteiro —, constituía a personificação exata da idealização de muitas mulheres — além de constituir também, verdadeiro objeto de desejo dos homens, como no *meu caso*.

Porra, eu só tinha tocado nela uma única vez e, ainda assim, já tinha se mostrado ser mais do que suficiente, uma vez que ainda fantasiava constantemente com o momento, sendo dominado por uma onda de prazer sempre que lembrava da sensação deliciosa de seu corpo quente contra o meu, dos ruídos sexys que emitia a cada toque e especialmente de seu gosto doce e viciante.

Meu pau agitou contra a calça em recordação.

Mantendo o contato visual, em conformidade com os pensamentos sujos e inapropriados que surgiram pela minha cabeça, deixei meus olhos vagarem descaradamente pelo corpo de Corinne, registrando cada detalhe: desde os cabelos loiros caindo feito cascata pelos ombros, até as pernas lisas e levemente torneadas, e o decote em V do vestido esbranquiçado que, por sua vez, realçava os seios pequenos e empinados.

Umedeci os lábios.

Merda, o que eu não faria para ter aqueles peitos na boca, contra a minha língua?

Quase como se em uma provação divina, os mamilos de Corinne me receberam sob o tecido fino do tecido do vestido e, que Deus me perdoasse, mas a porra do meu pau, que antes já se agitava fortemente contra a calça, agora praticamente a rasgava ao meio, lutando por libertação.

Deslizando o olhar para cima, desviando-o de seus seios entumecidos, observei atentamente a maneira como seus lábios entreabriram, surpresos, e um brilho intenso que eu conhecia muito bem tomou conta de seu olhar, conforme seu peito subia e descia desregulado.

Putá. Que. Pariu.

Ela também me queria.

Lambendo os lábios, oscilei a atenção entre seus olhos e boca, lutando contra a tentação voraz de aniquilar a distância entre nós e acabar com aquilo de uma vez por todas, possuindo-a da maneira como vinha desejando fazer desde que ela apareceu no escritório, na primeira semana do nosso casamento, usando aquela camisola rendada e praticamente implorou para que eu a tomasse.

Com a respiração acelerada, Corinne refletiu meu olhar, alternando-o entre meus olhos e lábios e, merda, eu quase gemi.

Será que estava tão molhada quanto eu estava duro por ela?

Cerrando os punhos, movi a atenção para os lábios delicados e fodidamente convidativos e, *Deus*, quando ela mordeu inocentemente o inferior, foi demais para mim.

Porra.

Aquilo era uma tortura.

Reunindo todo o meu autocontrole, virei bruscamente o rosto de volta para a piscina e inspirei com força, me obrigando manter a calma.

Não estrague tudo, roguei mentalmente, conforme tentava assumir o domínio de minhas próprias emoções, fazendo o possível para impedir que o pior acontecesse.

— Está ficando tarde — anunciei casualmente, lutando para mascarar toda a minha excitação, pondo o tom mais neutro e indiferente possível, ao passo que, sem esperar por uma resposta, me colocava de pé. — Vou dormir.

Não houve qualquer retorno da parte dela.

Corinne apenas assentiu, tornando a encarar a piscina com uma expressão indecifrável.

— Tenha uma boa noite — desejei, antes de passar por ela e me encaminhar às portas francesas que levavam ao interior da mansão.

Eu ainda estava fodidamente duro à cada passo que me forçava a avançar e, não sendo suficiente, quando subi as escadas e me dirigi até o quarto, sentindo o cheiro dela em cada maldito centímetro do lugar, foi como se o *karma*^[6] tivesse ativado, pois não consegui relaxar por um único segundo sequer.

Minha mente, assim como meu corpo, continuava voltando constantemente para ela, praticamente suplicando para que eu mandasse todo o restante para a merda e desse fim àquela agonia de uma vez por todas.

Que a fizesse minha em todos os sentidos da palavra.

Só que o que essa pequena e estúpida parte de mim não fazia ideia, é que uma vez que estivesse dentro de Corinne, não haveria volta.

Caso a reivindicasse, eu estaria selando meu próprio destino.

E este preço, era algo que eu não estava disposto a pagar em hipótese alguma.

34.

Corinne Foxworth

Às vezes chegava a soar inacreditável o quanto eu conseguia ser tão estúpida.

Quantas vezes eu insistiria no mesmo erro, até aprender a lição?

Na noite passada, depois da insolação sucedida graças a toda a exposição solar no passeio de barco, após despertar de quase quatro horas de repouso, acabei encontrando com Roman na piscina, bebendo sozinho.

E foi nesse momento, enquanto estávamos os dois, sozinhos, na área da piscina, que *quase* estraguei tudo.

Em minha defesa, aquela situação era uma novidade para mim: até então, ninguém além de Anna tinha demonstrado tanta preocupação comigo antes; e todo o cuidado que Roman teve mais cedo, me trazendo água e compressas frias, e me pedindo para descansar, me afetou mais do que eu gostaria de admitir.

Todos esses fatores, unidos ao fato igualmente surpreendente de Roman também ter pedido para que eu ficasse ali, com ele, quando fiz menção de sair para não incomodá-lo, me fez sentir estupidamente esperançosa.

E a sensação fluorescente intensificou ainda mais à medida que olhava em seus olhos e enxergava algo além de toda a habitual frieza e indiferença de sempre — existia interesse genuíno ali.

Interesse em mim.

Roman ouviu com atenção a cada relato que fiz, tornando aquela, a primeira vez que conversamos *de verdade*.

E então, quando pensei que a situação não conseguiria ficar ainda mais surpreendente, Roman conseguiu me tirar dos eixos assim que voltou a esboçar a mesma preocupação com o meu bem-estar de mais cedo, me repreendendo após noticiar sobre o jantar e eu prontamente recusá-lo, por estar sem qualquer apetite.

Um tanto envergonhada com a situação, tentei desviar o rumo da conversa, mas o tiro acabou voltando pela culatra, graças à uma simples

menção à minha mãe.

Emudecendo, me perdi em memórias distantes e somente fui puxada de volta, quando uma fala completamente inesperada saiu dos lábios de Roman, me fazendo encará-lo de imediata, confusa e incrédula com o que tinha acabado de ouvir.

“Algumas mulheres matariam para ter um corpo como o seu”.

Em todos os meus vinte e quatro anos de idade, nunca me considerei alguém verdadeiramente atraente, e minhas suspeitas foram se comprovando ao longo de nosso casamento precoce, mediante cada uma das minhas tentativas frustrantes de seduzi-lo.

Em todas as vezes que tentei dissuadi-lo, ele me rejeitou.

Mas agora... estava me dizendo que minha aparência o agradava?

Completamente confusa, eu o encarei, o rosto vermelho, tentando decifrá-lo.

Para o meu total desalento, Roman Foxworth ainda era um completo quebra-cabeças para mim, a sua expressão frígida destoando completamente do que saía de seus lábios.

Só que daquela vez, contudo, algo estava diferente, e esse mísero detalhe foi capaz de entregá-lo: o brilho atípico em seus olhos escuros.

Em questão de minutos, por causa de um simples elogio unido a um único olhar, o tempo, de repente, mudou, de tal maneira que senti minha pele arrepiando e cada pelo do meu corpo eriçando, sendo o bastante para que eu *quase* colocasse tudo em risco.

Alternando a atenção entre meus olhos e boca, realmente cheguei a pensar que ele me beijaria e estava, de verdade, disposta a deixar tudo para trás apenas para desfrutar novamente de cada uma das sensações que ele despertou em mim, na única vez em que me tocou.

Assim como antes, no entanto, a história se repetiu, sendo concluída da mesmíssima maneira: comigo sendo novamente rejeitada.

Estúpida. Estúpida. Estúpida.

Deus, quando é que eu finalmente aprenderia a lição e deixaria de ser tão patética?

— Corinne, está me ouvindo?

A voz de Anna me arrastou de volta à realidade, fazendo com que piscasse com força e só então lembrasse onde e o que, exatamente, estava fazendo: acompanhando minha irmã nas últimas negociações do jantar de anúncio da gravidez.

— Desculpe — murmurei. — Acabei me perdendo na última parte. Será que poderia repetir, por favor?

Anna bufou.

— Bem, agora é tarde. Taylor acabou de sair daqui com as amostras de cores das toalhas de mesa.

Franzi o cenho.

— Não seriam brancas?

— Branco é o convencional, irmãzinha. Neste jantar, quero deixar a minha marca, selecionando cada mínimo detalhe com maestria.

Assentindo, murmurei outro pedido de desculpas, mas Anna rapidamente o dispensou ao balançar uma das mãos no ar.

— Já disse para parar de pedir tantas desculpas — repreendeu.

— Desc... — mordeu a língua antes de concluir.

Anna riu, balançando negativamente a cabeça enquanto pegava uma xícara de chá de cima da mesa e a bebericava, com os olhos ainda em mim, me analisando com interesse.

— Então, como foi a noite passada? Landon disse que ia convidá-la, mas Roman achou melhor não incomodá-la e deixá-la repousando um pouco mais.

Balancei positivamente a cabeça, evitando contato visual.

— Sim, eu realmente estava bastante cansada.

Anna assentiu, mantendo os olhos em mim, com nítida expectativa.

— Sua pele está com um aspecto melhor — notou.

— Sim. E é graças à Roman. Ele me disse para colocar algumas compressas contra a pele para evitar que...

— Roman realmente fez isso? — Anna me interrompeu, franzindo a testa. — Cuidar de você, quero dizer.

Cuidar.

Sentindo o peito aquecer, acabei assentindo, tentando desesperadamente omitir o rubor em minhas bochechas.

— Ele foi bastante atencioso — comentei, ciente de que era verdade; mesmo com a maneira desastrosa com a qual a noite acabou, Roman foi, sim, muito cuidadoso e gentil comigo, no trato dos sintomas de insolação que apresentei.

Sem toda a gentileza de antes, Anna pôs o pires sobre a mesinha de centro ruidosamente. Registrando a sua súbita mudança de humor, pigarreei.

— E você? Como foi a sua noite? — questionei.

Ela abriu um sorriso relutante.

— Foi ótima. Landon me levou para jantar em um dos meus restaurantes favoritos daqui. Reservou uma mesa à beira mar e jantamos a luz de velas. Foi perfeito.

Sorri.

— Que romântico.

— Muito — concordou com um suspiro de felicidade. — Não há um único dia em que não acorde e me sinta realizada por tê-lo do meu lado. Chega a ser inacreditável que o rejeitei por tanto tempo, no início de nosso casamento. Nunca pensei que pudesse amar alguém tanto quanto o amo. Landon é... meu ponto de paz.

Deslizei o olhar para um ponto avulso ao chão, refletindo sobre sua confissão romântica.

Ponto de paz.

E de pensar que o casamento com Landon foi, ironicamente, uma punição imposta por nosso, quando Anna demonstrou o seu interesse por mais do que nos era permitido desejar.

Encarando meus próprios dedos cerrados sobre o colo, sorri com a lembrança.

Tanta coisa tinha mudado desde a fatídica noite do casamento entre minha irmã e Landon — aquele que ela, surpreendentemente, jurou odiar pelo resto da vida.

Agora, ele era seu ponto de paz.

O sorriso em meu rosto foi morrendo, conforme percebia que, no meu caso, Roman estava bem longe de se equiparar a algo assim; na verdade, era o exato oposto: sua presença me enchia de sentimentos conflitantes, nenhum deles passando nem perto de representar a calma que Anna associava à seu marido.

— Os convites do jantar começarão a ser enviados amanhã — Anna revelou subitamente, me forçando a voltar para a realidade.

Balançando mentalmente a cabeça, me livrando do pensamento invasivo de antes, endireitei a coluna e voltei a fitar minha irmã, que bebericava o chá com uma expressão indecifrável no rosto.

— Que ótima notícia — sussurrei.

Ela suspirou, se inclinando contra a mesa para acomodar a xícara de volta.

— É, eu... acho que sim.

Fiz uma pausa, avaliando seu rosto com atenção.

— O que foi? Aconteceu alguma coisa?

Anna maneou a cabeça, soltando outra respiração cansada.

— Não. Quer dizer, *ainda* não. Mas consigo claramente visualizar todo o estresse que sucederá ante a presença de nosso pai.

Fiquei em silêncio, compreendendo toda a sua preocupação.

Desde o casamento, Anna fez o possível para manter nosso pai o mais longe possível de sua vida, no simples intuito de deixar o passado, e cada uma das barbáries que sofremos naquela mansão, para trás.

E agora, com o jantar de anúncio da gravidez, seria como convidar o próprio diabo para algo tão especial.

— Você não precisa convidá-lo se não quiser.

Ela me lançou um olhar exausto.

— Ele é nosso pai. Sangue do nosso sangue. Não posso dar um dos jantares mais importantes da minha vida e simplesmente não chamá-lo.

— O fato de ele ser nosso pai, não lhe dá o direito de fazer de nós o que bem entender. E, se é para sermos justas, sabe tanto quanto eu que ele nunca agiu como um pai de verdade para nós — argumentei. — Porque, afinal, ao contrário do que ele pensa, somos suas filhas, não *mercadorias*.

Foi impossível contar o rancor em minha voz, e a maneira como Anna me olhou quando as palavras saíram da minha boca, mostrou o quanto toda a minha mágoa e ressentimento estavam evidentes.

Levando rapidamente as mãos até as minhas, apertando-as juntas em um toque consolador, minha irmã me fitou com tanta convicção, que meus olhos se encheram com lágrimas de esperança.

— Vai ficar tudo bem — garantiu. — Vou convidá-lo, mas não permitirei que arruine a noite. Será tudo perfeito. Para todos nós. Eu prometo.

Abrindo um sorriso, afastei delicadamente as mãos das dela e enxuguei discretamente o rosto, impedindo que algumas lágrimas sorrateiras me escapassem.

Se percebeu que eu estava prestes a chorar, Anna não comentou — e eu não poderia ficar mais agradecida por toda a sua compreensão; estava cansada de me sentir tão miserável, e ademais, aquele, sem dúvidas, não era o momento para chorar. Não quando faltava bem pouco para uma das noites mais importantes da vida de minha irmã.

Eu não estragaria um momento tão especial com as minhas frustrações pessoais.

— O jantar desta noite será por conta de Landon — Anna informou casualmente, mudando drasticamente o rumo da conversa para algo mais agradável.

Afastando as mãos do rosto — já livre de lágrimas —, eu a encarei.

— Sêrio? Ele irá... cozinhar para nós?

Ela confirmou animadamente com a cabeça, balançando-a para cima e para baixo.

— E me garantiu também que nesta noite, jantamos os quatro juntos.

Meu sorriso vacilou um pouco com a imagem que surgiu de nós quatro em uma refeição; era uma honra receber tal convite, mas ainda assim, ter que dividir a mesa com o casal impressionantemente apaixonado que ela e Landon formavam, enquanto meu marido mal *olhava* para mim, não me parecia nada agradável.

— Aonde eles estão, a propósito? — indaguei, mascarando a expressão desanimada que surgiu em meu rosto. — Não os vejo desde o café da manhã.

Anna deu de ombros.

— Provavelmente na academia — apontou. Então, se colocando de pé em um movimento rápido, Anna abriu um sorriso. — Bom, mas de toda maneira, temos muito trabalho a fazer. O jantar está bem perto, portanto, precisamos nos adiantar e cuidar de todos os detalhes. Marquei com a moça responsável pelo buffet às dez em ponto, está na hora de irmos.

Toda a sua mudança de atitude me fez sorrir.

Anna foi de triste e desanimada para focada e destemida em questão de segundos.

Não era à toa que era tão linda e apaixonante — sua beleza exterior era apenas um reflexo daquela que carregava dentro de si.

Quem dera eu fosse mais decidida e positiva quanto ela.

Queria ser, pelo menos, 1/3 da mulher que se tornou.

Se assim fosse, eu definitivamente estaria vivenciando uma realidade completamente diferente da minha.

Talvez estivesse cursando literatura em algum lugar.

Ou sendo bailarina, recuperando todo o tempo perdido que surgiu quando decidi abandonar o *ballet* na infância.

Ou então, talvez... fosse apenas uma mulher que estivesse, de fato, casada com alguém que realmente a amava.

Nessa realidade, eu era feliz.

— Corinne? — Anna chamou. — Vamos? Não temos tempo para perder.

Confirmando com a cabeça, sem qualquer protesto me levantei do sofá e a segui, certa de que apenas naquele papel, eu não falharia: como irmã mais velha, era meu dever apoiá-la incondicionalmente.

35.

Roman Foxworth

— Acho que será um menino.

Ao som daquele comentário inesperado, pausei a execução do supino reto, encaixando a barra em seu devido lugar de origem.

Chegava a ser bizarro o fato de Landon ter uma academia só para si, mas mostrando que não brincava em serviço quando o assunto era o estilo de vida elevado e sofisticado ao qual estava habituado, meu irmão simplesmente mandou construir uma academia inteira em sua casa de verão.

— Acha ou quer? — indaguei, virando o rosto para poder lançá-lo um olhar irônico.

Landon, que fazia uma elevação lateral com halteres, parou de imediato, franzindo a testa, reflexivo.

— Não tenho qualquer preferência com o sexo — assegurou. — A prioridade é, e sempre será, a saúde do bebê.

— Mas...? — pressionei, captando toda a sua apreensão.

Pondo os halteres de volta no chão, Landon soltou uma longa e demorada respiração.

— Eu não... sei. Acho que, droga, não faço ideia de como lidar com tudo, caso seja uma menina. Não quero que minha filha passe pelo mesmo que Anna ou Corinne passaram.

Fiquei em silêncio, entendendo exatamente aonde ele estava tentando chegar: não queria que sua filha acabasse sendo submetida àquilo que tanto a mãe, quanto a tia, foram obrigadas ao passar, quando Maxim decidiu que estava na hora de casá-las.

— Você não será como Maxim, Landon — murmurei, voltando a praticar o exercício braçal. Com a barra um pouco abaixo da linha do meu ombro, eu a subi e desci, contraindo o abdômen durante o processo. Ofegante, tratei de emendar: — Tampouco será como o *nosso pai*, então, não se preocupe. Seu filho, seja ele menino ou menina, não passará por nada do que você, Anna ou Corinne passaram.

— Nada do que *nós* passamos — corrigiu. — Não se exclua da situação, já que não está isento de toda a merda que nosso pai nos causou. E, na verdade, você provavelmente foi aquele que mais sofreu danos entre nós dois, uma vez que teve o infortúnio de ser o único a conviver diariamente com o infeliz.

Talvez fosse verdade, mas o ponto não era aquele; aquilo era sobre Landon, não sobre mim.

— São águas passadas, Landon. O importante é focar no futuro. E garanto que não há nada com que se preocupar com o seu, pois aposto que será um excelente pai

Landon suspirou

— Obrigado. Agradeço pelas palavras e sei que não deveria me preocupar tanto, mas é que isso não é apenas sobre mim. Basta um simples olhar para Anna, para saber que nada é tão simples quanto parece e, principalmente, que ela está extremamente sobrecarregada com essa coisa toda do jantar.

Fiz uma careta, me arrastando no banco para, enfim, sentar.

— Pensei que seria algo reservado, restrito apenas para os mais íntimos.

— E será. Mas o real problema não está na quantidade de convidados, e sim, em um, em especial.

Franzi as sobrancelhas.

— Maxim — deduzi.

Landon assentiu.

— Anna pretende convidá-lo, mas sei que o fará por pura obrigação. Acho que, no fundo, por mais que relute em admitir, ela o odeia quase tanto quanto eu.

— Não desperdice o seu tempo com alguém tão insignificante — aconselhei. — Por mim, ele estaria fora do jantar.

— Ele é o pai dela, Roman.

— Um pai que, assim como o nosso, é um verdadeiro merda — grunhi. — Foda-se o parentesco. Se ela não quer convidá-lo, que não o faça por pura obrigação.

— Quem dera fosse tão simples.

Olhei para ele.

— Já que insiste tanto na presença dele, basta não dar atenção. Não gaste energias com ele. Cumprimente-o educadamente, mas nada além. O

segredo para evitar quaisquer aborrecimentos, está aí: indiferença. Você só vai permitir que as pessoas o atinjam, se demonstrar que se importa. Caso contrário, será quase inabalável.

Em vez de agradecer, como assumi que faria, Landon assentiu lentamente.

— Acho que você tem razão, irmão — murmurou, seu semblante mudando completamente à medida que abria um sorrisinho e emendava: — Preciso gastá-la com quem realmente merece.

Estreitei os olhos, estranhando a sua súbita mudança de humor.

— Como assim?

— Digamos apenas que tenho vinte e seis anos, e uma esposa linda e jovem que *adora* gastar energia comigo.

Fechei a cara.

Claro que o babaca levaria o rumo de uma conversa tão séria quanto aquela, para algo sexual.

Torcendo os lábios, balancei negativamente a cabeça e me levantei do banco, indo para o próximo aparelho: a cadeira extensora.

Enquanto ajustava o equipamento, senti os olhos de meu irmão em mim, o sorrisinho de antes ainda a postos.

— O quê? — grunhi.

— Nada, estou apenas curioso — murmurou.

Arqueei uma das sobrancelhas.

— Com o que, exatamente?

— Com toda a sua impressionante resistência — esclareceu lentamente, mantendo os olhos em mim. — Mas, me diga, só por curiosidade: há quanto tempo está mantendo a abstinência sexual?

Filho da mãe.

— Qual é a porra do seu problema? Por que está perguntando isso do nada?

Ele ergueu defensivamente as mãos para o alto, mantendo o sorriso descarado.

— Eu já disse: é apenas curiosidade.

Em vez de respondê-lo, concentrei toda a minha atenção no exercício, começando a praticá-lo sem me importar com o fato de que o estava ignorando descaradamente.

— Bem, só para você saber, o seu silêncio fala por si só — soltou o infeliz, insatisfeito com a minha ausência de resposta. E eu estava enganado

se achava que acabaria por ali: — Deixe eu adivinhar... desde o casamento, certo? Não toca em mulher alguma desde que se casou com Corinne.

Naquele momento isolado, senti uma vontade arrebatadora de arrancar o sorrisinho cínico nele ao contar que, na verdade, eu tinha, sim, tocado em Corinne — tanto fisicamente, quanto *mentalmente* algo que, por sinal, ocorria quase todos os malditos dias, debaixo da porra do chuveiro, desde que a única vez que a toquei de verdade.

Mas, por motivos óbvios, reprimi tal desejo, me abstendo de fazer a revelação.

— Feche a maldita boca e se concentre no que está fazendo. Caso contrário, o deixarei sozinho — ameacei.

O babaca riu.

— Tudo bem, tudo bem. Não precisa tanto estresse — declarou, rindo. Então, após apenas míseros cinco segundos em silêncio, prosseguiu: — Prometi à Anna que prepararia um jantar para ela nesta noite. E, só para constar, dessa vez não restará escapatórias para você, pois garanti que nós quatro jantaríamos juntos.

Olhei para ele.

— Nós quatro?

— Sim. Anna, eu, Corinne e você.

Suspirando, voltei a me concentrar na execução do exercício.

— Agradeço o convite, mas terei que recusar.

— Tudo bem, Roman. Você pode até não querer ir. É um direito seu. Mas saiba que a sua recusa não se estenderá para Corinne — alegou rispidamente, me cortando. — Caso ela queira ir, nem você e nem ninguém irá empatá-la de nada.

Trincando a mandíbula, estreitei os olhos e o fuzilei com o olhar.

— Nem adianta me olhar assim — replicou. — Não pode prendê-la do mundo, Roman. Não esqueça que foi justamente este, um dos principais fatores que levaram Anna a praticamente implorar para que você desposasse Corinne: para que ela pudesse se livrar do pai e ser, enfim, livre.

— Não entendo o motivo de você e sua esposa estarem implicando tanto comigo. Não sou o inimigo aqui, está bem?

— Então pare de agir como tal.

Fechando a boca com força, foi necessária uma grande quantidade de autocontrole para não mandá-lo cuidar da merda da própria vida. Portanto,

em vez de ceder aos meus instintos primitivos, ergui orgulhosamente o queixo e pus a expressão mais fria e indiferente possível.

— Em vez de toda essa postura, vocês deveriam estar me agradecendo. Garanto que, sem mim, Corinne estaria bem pior — soltei em um tom propositalmente esnobe, deixando evidente toda a prepotência contida em meu comentário.

Balançando negativamente a cabeça, Landon voltou sua atenção para o exercício, antes de soltar os halteres e pegar a garrafa com água do chão.

— Você é um babaca às vezes, sabia?

Não o respondi; não quando a resposta já estava óbvia: é claro que eu sabia que era um canalha. Que, na maioria das vezes, não pensava em nada e nem ninguém, além de mim mesmo e que, para atingir meus objetivos, o restante era apenas *um meio para um fim*.

Ou, pelo menos, era assim que as coisas costumavam acontecer antes *dela*.

Só que o que Landon e mais ninguém sabia, é que aquela era a minha única maneira de defesa: a indiferença e arrogância eram apenas artimanhas para mascarar a verdadeira merda que eu mantinha escondida de todos a sete chaves.

E a única pessoa a quem me permiti ser cem por cento real, concedendo livre acesso para toda a bagunça que eu era, estava agora a sete palmos do chão.

Em silêncio, Landon concluiu o exercício e logo voltou a dar mais um gole em sua garrafa, completamente indiferente ao meu olhar.

— O jantar será servido às nove da noite — informou. — Caso mude de ideia, basta descer. Estaremos à sua espera.

Com essas palavras, ele saiu, cumprindo com a ameaça que eu, ironicamente, o tinha feito, caso não parasse de falar besteiras, indo embora e me deixando ali, sozinho.

Fechando os olhos com força, soltei um suspiro exasperado, reconhecendo a minha derrota, ao passo que descontava a frustração nos exercícios, retomando o treino.

Evidentemente, os planos para a noite tinham acabado de mudar drasticamente.



Eram sete e trinta da noite quando Anna e Corinne finalmente deram as caras.

Ambas tinham passado o dia inteiro fora, cuidando, segundo Landon, dos preparativos finais para o jantar que aconteceria dali a alguns dias.

Depois do desabafo na academia, seguido por aquela brusca mudança de assunto referente à minha intimidade com Corinne, Landon felizmente não voltou a me incomodar com mais perguntas inconvenientes; não quando estava tão ocupado: fazendo jus à promessa que fez à sua esposa, meu irmão selecionou cuidadosamente cada ingrediente que utilizaria no preparo da refeição que serviria no jantar, além de ter interditado, também, a cozinha no intuito de garantir que tudo estivesse perfeito.

Sua devoção solene à mulher com quem casou nunca deixava de me surpreender.

De toda forma, assim que chegou à mansão e se deparou com o marido focado na cozinha, com um sorriso que ia de orelha a orelha, Anna praticamente arrastou a irmã consigo para o andar de cima, sob a alegação de que ambas precisavam “estar à altura da ocasião”. Em razão disso, as duas permaneceram lá pelas duas horas seguintes — período no qual Landon, que havia assumido integralmente o comando da cozinha ao dispensar todos os demais funcionários, concluiu com maestria os aperitivos para a noite.

Vendo todo o seu empenho para que tudo estivesse em ordem, mesmo à contragosto, acabei assumindo a tarefa de organizar a mesa, selecionando desde os pratos e talheres, até as taças e, claro, um bom e velho vinho tinto.

Eu estava quase acabando de colocar a mesa, quando Anna surgiu em meu campo de vista, vindo diretamente das escadas. Como de costume, estava estonteante: usando o cabelo loiro preso em um coque acima da cabeça, um vestido de mangas bufantes com um decote em V cujo cumprimento expunha as pernas que, por sua vez, estavam destacadas pelo detalhe do trançado em seus tornozelos das sandálias em estilo grego, Anna Chamberlain combinava perfeitamente com toda e estética luxuosa da casa da qual era proprietária.

Guardando a opinião para mim, continuei distribuindo os pratos e talheres em seus respectivos lugares, fingindo não notar a sua aproximação.

Partilhando da mesma cautela que eu, Anna foi parando gradativamente, até estar diante da mesa, seus olhos azuis voando em direção à cozinha.

— Cerca de cinco minutinhos até tudo estar pronto — murmurei, fazendo menção a informação que meu irmão havia me fornecido minutos antes. — Landon pediu para esperar até lá, pois “será coisa rápida”.

Assentindo, Anna cruzou ambos os braços sob o peito e continuou de pé, analisando a mesa que eu organizava.

— Aonde está Corinne? — indaguei, visando dar fim ao clima de tensão pairando entre nós, quando minha cunhada não manifestou qualquer interesse em iniciar uma conversa.

A simples menção ao nome de sua irmã, fez com que Anna enrijecesse.

— Está lá em cima terminando de se arrumar — revelou.

Conservando o rosto em branco, me limitei a concordar com a cabeça.

— Já pode se sentar. Estou quase acabando aqui. Landon me pediu para não marcar lugares, mas como imaginei que você...

— Realmente não vamos conversar sobre o que está acontecendo? — quis saber ela, me interrompendo.

Pausando o que fazia, eu a lancei um olhar inquiridor.

— E o que, precisamente, está acontecendo?

— Me diga você.

Estreitei os olhos.

— Ainda não consigo entendê-la, Anna. Seja mais direta.

Comprimindo os lábios, ela olhou rapidamente em direção à cozinha e, então, às escadas, antes de avançar alguns passos e finalmente começar a falar.

— Estou falando sobre Corinne. Qual é o jogo da vez, Roman?

Franzi o cenho.

— Jogo? Não há jogo algum, Anna.

— Certo, então poderia me explicar o que raios está acontecendo?

Ainda que estivesse ciente do que ela falava, segui na defensiva, me fazendo de bobo pelo simples fato de saber que seria o caminho mais fácil.

— Realmente terei que repetir a mesmo pedido de antes? Por favor, pare de falar em códigos e diga o que quer saber de uma vez.

Fechando a boca com força, a loira me fuzilou com o olhar.

— O que pensa que está fazendo, Roman? — soltou e quando arqueei uma das sobrancelhas, indagando-a silenciosamente, prontamente esclareceu: — Desde o casamento, você vem agindo como se mal suportasse

a presença de Corinne. E eu, apesar de odiar vê-la tão deprimida, compreendi o seu lado na situação. Você não queria casar. Foi um casamento por conveniência. Ok, algo totalmente compreensível. Contudo, de repente, você passou a tentar privá-la de mim, mantendo-a trancada naquele apartamento, longe de tudo e todos. E não bastando, quando tentei trazê-la para mais perto de mim e finalmente lhe dar o sossego que tanto aparentava desejar, você tentou boicotar a vinda dela para cá. Então, considerando isso e *todo o restante* que vem acontecendo desde que tomou a súbita decisão de viajar para cá mais cedo do que o planejado, me resta a perguntá-lo, Roman: o que pensa que está fazendo?

Literalmente sem palavras, tratei de endireitar os ombros e encará-la em silêncio, desejando que a minha expressão indiferente conseguisse mascarar com perfeição toda a confusão e o caos em que toda a *porra* da minha vida estava convertida ultimamente.

Para o meu infortúnio, no entanto, a sagacidade da esposa de meu irmão conseguiu superar a minha habilidade de reprimir emoções, pois sem que ao menos pudesse perceber, seus olhos, antes estreitos, arregalaram um pouco, e de seus lábios seguiu a seguinte pergunta:

— Você... está apaixonado por ela?

— Não — a resposta foi automática, sendo tão rápida e apática, que a expressão de minha cunhada endureceu, evidenciando o quanto minha fala a desagradou. — Mas me importo com ela, se é isso o que quer saber. E sei que posso protegê-la de qualquer um que tentar infringi-la qualquer tipo de dano. Portanto, não existem motivos para tanta implicância e preocupação exacerbada. Não sou o inimigo, Anna. Ela está segura comigo.

Franzindo as sobrancelhas, Anna me analisou com cuidado, os olhos brilhando conforme abria e fechava a boca, parecendo receosa sobre o que falar em seguida.

No fim, o silêncio foi rompido.

— Corinne é a minha alma, Roman — confidenciou. — Ela é uma parte de mim; *a melhor delas*. E não há nada no mundo que eu não faria por ela, para cuidar dela, como fez comigo, durante todos os anos em que vivemos naquele *inferno*. Caso não tenha percebido, minha irmã é especial. Tem um coração puro e que transborda bondade. Como consequência, é mais ingênua do que a maioria das pessoas, o que acaba por torná-la alguém facilmente manipulável — fez uma pausa, os lábios trêmulos. — E é por

isso, Roman, que imploro de todo o coração, para que não a machuque. Ela já sofreu demais. *Por favor, não parta o coração dela.*

— Eu nunca a machucaria — murmurei rapidamente.

— É nisso que quero acreditar — retrucou. — Porque, se for alguma espécie de jogo, juro por Deus que...

— Não há jogo algum aqui, Annabelle. Já falei: não sou o inimigo aqui.

A loira comprimiu os lábios, balançando lentamente a cabeça enquanto sustentava meu olhar, parecendo desejar enxergar além do que era humanamente possível.

— Não me restam alternativas a não ser acreditar em você. O único pedido que me resta fazer, é para que, por favor, não a decepcione.

Desviei rapidamente o olhar.

Eu já tinha feito isso — *e por incontáveis vezes.*

E a maneira como Anna me olhou, com toda aquela seriedade, mostrou que estava tão ciente disso, quanto eu.

— Corinne nunca teve grandes ambições em sua vida — relatou a loira em questão, a expressão suavizando à medida que emendava: — A única coisa com a qual sempre sonhou, foi em casar e ser *feliz*. Infelizmente, com a vida lastimável que levávamos, ela jamais teve tal opção. Nosso pai não permitiria que saíssemos daquela casa, a não ser casadas com alguém que *ele* escolhesse. E para mim, estava ótimo assim. Eu não queria casar. Corinne, sim. E quando a oportunidade de outro surgiu, eu... simplesmente estraguei tudo — sussurrou, a voz embargada. — Roubei o sonho dela, bem diante de seus olhos.

— Não foi sua culpa. Sabe disso — afirmei, convicto quanto a veracidade da informação.

Não ouve usurpação alguma de sonho: foi Landon quem a escolheu em vez de Corinne; e quanto a isso, Anna não teve alternativas a não ser casar com ele — *a força.*

Dito isso, chegava a ser uma baita estupidez que estivesse se condenando por algo do qual não tinha e nem nunca teve, qualquer parcela de culpa.

— Repeti comigo a mesma coisa por muito tempo, até finalmente entender — Anna murmurou, lágrimas quentes deslizando pelas bochechas, borrando levemente a maquiagem em seu rosto. — Mas sempre que recebia notícias de minha irmã, meu coração se partia. Ela nunca admitiu, mas sei

que depois do meu casamento, ficou... vazia, sem qualquer perspectiva de futuro. Bem, pelo menos até *você* chegar.

Fiquei em silêncio, algo que serviu como incentivo para que Anna disparasse:

— Seria demais pedir para que ao menos uma vez na vida, alguém consiga realizar o sonho dela, Roman?

Fechando os olhos com força, processei a informação, detestando a maneira como meu peito apertou contra o peito com o significado por trás de tal pedido.

“Corinne nunca teve muitas ambições em sua vida. A única coisa com a qual sempre sonhou, foi em casar e ser feliz”.

Feliz.

Ela só queria ser feliz.

Porra.

Sentindo a dor pungente em meu peito, soando como apunhaladas, balancei lentamente a cabeça, negando.

— Eu não... posso, Anna. Eu... — lambi os lábios. — Confesso que gosto e me preocupo com ela, mas ainda assim... não posso dá-la o que espera de mim.

— Alguém que está acostumado com o pior, jamais esperará por muito, Roman. Para pessoas assim, o mínimo é o máximo. E sabe por quê? Porque estão famintas. E *pessoas famintas comem qualquer coisa*^[7].

Emudeci, sentindo o peso de suas palavras me atingirem feito a porra de um soco no meio do estômago.

— Você se preocupa com ela — Anna continuou, registrando a minha repentina quietude. — Já é um bom começo. É muito mais do que Corinne acredita merecer.

— Mas eu não a amo — soltei duramente.

— Mas cuida dela como ninguém jamais fez antes — rebateu. — Presenciei a forma surpreendentemente atenciosa e protetora como agiu com ela ontem, por causa de simples queimaduras de sol. E isso, Roman, para ela, já é mais do que suficiente. Como dito anteriormente, minha irmã não é ambiciosa. Ela só precisa de... um pouco de zelo, cuidado e proteção. E ninguém além de você, pode fazer isso. Faça por ela, Roman. Nem que seja *forçado*.

Estreitei os olhos.

— Está me pedindo para mentir para ela?

— Não — murmurou, negando com a cabeça. — Estou pedindo para tratá-la da maneira como merece: como a sua *esposa*. Não seria pedir demais, certo? — fez uma pausa, estudando meu rosto, antes de endurecer o tom e prosseguir: — Mas fique sabendo que se o seu plano consiste em confundir-la apenas para eventualmente vir a magoá-la, por favor, deixe-a de uma vez. Ela não suportaria. É doce e pura demais para enxergar a maldade que há escondida por trás de muitos — algo com o qual eu, por outro lado, possuo vasta habilidade. Portanto, volto a suplicar: não a machuque. Se isso, por acaso, for alguma espécie de jogo, peço para que pare de uma vez, antes que seja tarde demais. Corinne merece o que há de melhor no mundo, Roman, mesmo que não consiga enxergar isso.

Antes mesmo que pudesse abrir os lábios para respondê-la, sons de passos vindos da escada soaram e de imediato, Anna e eu arrumamos a postura e voltamos à normalidade: ela enxugando rapidamente o rosto, e eu retomando a função de organizador da mesa, voltando a posicionar os talheres em seus respectivos lugares.

Com um sorriso no rosto, Corinne rapidamente parou ao lado da irmã que, notando sua aproximação, uniu suas mãos, apertando-as carinhosamente.

Corinne tinha o cabelo loiro-escuro solto, caindo em ondas, e usava um vestido vermelho longo, solto e liso, com um decote triangular que expunha os ombros magros.

Fingindo estar totalmente absorto na tarefa realizada pelos meus dedos, me permiti, discretamente, lhe lançar alguns olhares discretos, observando a maneira como sorria e cochichava animadamente para Anna.

Inconscientemente, algumas das palavras da última vieram à tona, me fazendo encarar Corinne por mais tempo do que o realmente pretendido.

“Corinne nunca teve grandes ambições em sua vida. A única coisa com a qual sempre sonhou, foi em casar e ser feliz. Infelizmente, em nossa drástica realidade, ela jamais teve tal opção. Pelo menos não até você chegar. Seria demais pedir para que ao menos uma vez na vida, alguém consiga realizar o sonho dela, Roman?”

Em verdadeiro conflito interno, só tirei a atenção de Corinne quando Landon se uniu à nós, trazendo alguns dos pratos que tinha preparado. Dali por diante, o jantar teve início. E muito embora estivesse desfrutando bastante de toda a comida e bebida, não consegui me divertir ou pelo menos relaxar de verdade.

Meus pensamentos, assim como meus próprios olhos, voltavam inconscientemente para Corinne, sentada do outro lado da mesa, e se agarravam a cada pequeno detalhe seu.

Cerrando os punhos por debaixo da mesa, me peguei observando-a pelo restante da noite, enquanto refletia mentalmente sobre o motivo de alguém tão doce e pura, estar casada com alguém como eu.

Anna foi bem sucinta em sua fala: era pegar ou largar.

Ou ficava com ela — preservando e cuidando dela da maneira como me foi concebida naquele dia, no altar —, ou a deixava de uma vez.

A resposta deveria ser óbvia: o caminho mais fácil, era sempre o mais adequado.

Infelizmente, na minha situação atual, a segunda opção simplesmente já não era mais praticável, porque era tarde demais para deixá-la.

36.

Corinne Foxworth

Anna não estava exagerando quando disse que seu marido possuía excelentes dotes culinários, pois Landon, de fato, era um excelente cozinheiro.

Como prova disso, notei que cada mínimo detalhe no jantar que ele preparou, parecia selecionado a dedo, com toda a minúcia e cuidado que um verdadeiro chefe de cozinha dispunha.

Como entrada, tivemos algumas batatas revogadas ao molho branco — algo leve, sutil e, no entanto, completamente delicioso. Em seguida, como prato principal, fomos servidos com um pouco de *Green Bean Casserole*^[8], acompanhado por uma salada verde que, unida ao salmão defumado — e principalmente ao vinho tinto —, conseguiram tornar a refeição ainda mais fantástica.

Sentada ao lado de Anna, foi impossível não me pegar sorrindo para cada revelação mirabolante referente ao seu casamento que fazia enquanto estávamos os quatro à mesa, nos debruçando com aquela refeição dos deuses. Em certa altura, contudo, o sorriso em meus lábios acabou desaparecendo, dando lugar a algumas lágrimas sorrateiras, conforme o momento exato da descoberta da gravidez era revelado, me deixando emotiva.

— Não viemos até aqui para chorar — Landon soltou repentinamente, após captar as lágrimas em meus olhos. Afastando a cadeira para trás, meu cunhado pigarreou dramaticamente antes de abrir um sorrisinho e, com os olhos em sua esposa, soltar: — Alexa, reproduza *Stand By Me*, de Ben King.

No mesmo instante, a batida inconfundível da referida música soou, fazendo com que minha irmã soltasse uma risadinha.

— Não acredito que colocou a nossa música para tocar.

Com o sorrisinho ainda a postos, Landon caminhou até minha irmã e estendeu uma das mãos para ela.

— Me concede esta dança, senhorita?

Anna riu.

— Deixei de ser uma “senhorita” há muito tempo. Agora sou uma senhora.

— Pois bem, Sra. Chamberlain — corrigiu-se, com uma das mãos ainda estendida, esperando pelo aceite. — Me concederia esta dança?

Não foi necessária uma resposta verbal da minha irmã, já que rapidamente tratou de aceitar sua mão, sendo conduzida, então, para o centro da sala, local em que começou a ser rodopiada sem parar, suas risadas animadas comprovando que aquela não era a primeira — e também seria a última vez — que faziam aquilo.

Deixando o vinho de lado, encarei os dois com um sorriso genuíno nos lábios.

Anna estava radiante — e conforme anunciado mais cedo, era tudo graças a Landon.

Ele era seu ponto de paz.

Em determinado ponto da música, os dois já estavam tão colados um no outro, dançando em ritmo lento e apaixonante, que eu soube que era hora de ir embora.

Desviando a atenção dos dois, olhei para Roman, que, para a minha surpresa, já tinha os olhos em mim, me observando atentamente, conforme bebericava na taça que carregava em uma das mãos.

Fugindo de seu olhar cravado ao meu rosto, sem dizer uma única palavra, fiz um gesto em direção às escadas e, para o meu alívio, Roman rapidamente captou a mensagem silenciosa, partilhando da mesma opinião que eu, referente ao fato de que era hora de sair e deixá-los a sós, de modo a concedê-los um pouco de privacidade.

Aquele jantar, afinal de contas, era sobre eles; consistia basicamente em uma tática brilhante de Landon para tentar tranquilizar sua esposa ansiosa dos últimos preparativos para o jantar que daria dali a alguns dias.

O mais silenciosamente possível, Roman e eu empurramos nossas cadeiras para trás e sem qualquer hesitação, nos afastamos rumo ao segundo andar, o som da voz de Ben E. King preenchendo o ambiente, à medida que nos afastamos, permanecendo audível o caminho inteiro até a suíte em que estávamos hospedados.

Estava tão inebriada com a cena romântica protagonizada pela minha irmã e seu marido, que não percebi, com exatidão, o que fazia, até entrar no quarto e ouvir a porta sendo fechada e, posteriormente, trancada às minhas

costas, o que significava, basicamente, que Roman e eu estávamos sozinhos no quarto.

Um arrepio atravessou a minha espinha com o mero pensamento.

Eu sabia que não deveria ficar tão nervosa com o acontecimento, especialmente se levado em consideração o fato de que já tínhamos dividido a cama na noite passada.

A diferença é que, na noite anterior, ele já estava adormecido quando você adentrou no quarto no meio da madrugada e deitou propositalmente na beirada da cama, ocupando o mínimo de espaço possível, sondou uma vozinha em meus pensamentos, como alerta, me deixando ainda mais nervosa e apreensiva.

De fato, já tínhamos, sim, dividido a cama; só que agora, a situação estava bem diferente, porque dessa vez, estávamos os dois, *muito bem acordados*.

Engolindo em seco, virei de costas, tirando meus sapatos e, feito a covarde que era, praticamente corri até a penteadeira, desesperada para escapar de seu olhar — o qual conseguia sentir constantemente sobre mim, me analisando daquela maneira literalmente sufocante.

— O jantar estava ótimo — comecei, tentando romper com o silêncio excruciante. Usando uma das mãos para tirar o brinco da minha orelha esquerda, encarei a imagem de Roman, posicionado a alguns poucos metros de distância de mim, através do reflexo do espelho. — Seu irmão cozinha muito bem.

Em silêncio, Roman assentiu, o som de seus passos cada vez mais próximos me deixando em alerta.

Não seja boba, Corinne, repreendi mentalmente. *Não irá acontecer nada. À essa altura do campeonato, já deveria ter entendido de uma vez por todos que ele não possui o menor interesse em você.*

E, sim, por mais humilhante e doloroso que pudesse parecer, aquela era a lastimável realidade: Roman não tinha interesse em mim — e isso era algo que eu já deveria ter entendido desde o começo.

— Landon aprendeu a cozinhar com a mãe — o homem em questão confidenciou, sem interromper o movimento de seus pés, que se aproximavam lentamente da penteadeira. — Ele cresceu no Brooklyn, e sua mãe era garçoneiro de uma lanchonete famosa pelas redondezas antes de tudo dar errado e... bem, ela acabar aonde acabou. — *como uma prostituta*, era o que ele queria dizer, mas em respeito ao irmão, se absteve. — De toda

forma, por conta do ofício de sua mãe, desde pequeno meu irmão desenvolveu certo apreço pela culinária. Óbvio que seu gosto foi refinando com o passar dos tempos, mas é essa mesma história que ele conta, sempre que o perguntam sobre suas habilidades na cozinha.

Assentindo silenciosamente, movi as mãos para a direita, utilizando-as para retirar o brinco da outra orelha. E muito embora estivesse diante do espelho, meus olhos permaneceram sobre Roman, que por sua vez, estava cada vez mais perto, encarando fixamente as minhas costas.

Sentindo o estômago dar um nó, uma vez concluída a tarefa de retirar os brincos, endireitei a postura, desejando, dessa vez, pentear o cabelo, o qual se encontrava moldado em algumas ondas. Pegando a escova de cima da penteadeira, comecei a passá-la pelos meus cabelos, ao mesmo tempo que, de relance, notava Roman, agora parado diante da cama, começando a desabotoar sua camiseta preta.

De repente, senti um aperto inexplicável no meio das pernas, em contemplação à simples visão de seus dedos se movendo pelos botões da camisa, expondo, aos poucos, os detalhes do peito nu.

Lamentavelmente, meu rosto corado certamente entregou o verdadeiro teor de meus pensamentos inapropriados, pois quase como se sentindo meus olhos em si, Roman virou bruscamente o rosto para mim, flagrando o momento exato em que encarava fixamente seus dedos desabotoando a camiseta. Registrando o meu olhar, com uma expressão em branco, ele afastou as mãos, os únicos três botões restantes me impedindo de visualizar seu peito nu.

No mesmo instante, tratei de desviar o olhar, odiando o fato de que, se antes meu rosto já se encontrava corado, nesse momento certamente estaria em *carne viva*.

Em um ato puramente instintivo, acomodei a escova de volta à penteadeira com um baque e me pus de pé, desejando ser capaz de me teletransportar para poder escapar daquela situação embaraçosa.

Céus, qual era o meu problema?

Feito uma maldição, a lembrança repentina da quantidade de vinho que ingeri durante o jantar veio à tona, servindo como um indício irrefutável de que precisava me manter longe de bebidas alcoólicas o máximo possível.

Incapaz de reunir coragem o suficiente para visualizar o rosto de Roman — cujo olhar, por sinal, conseguia sentir cravado sobre mim, queimando em minhas costas —, levei as mãos para o meu pescoço, visando

desfazer o nó do vestido ali atado. Só que, infelizmente, estava tão nervosa, que acabei me atrapalhando na tarefa.

Fechando os olhos com força, comprimi os lábios na tentativa de evitar que tremessem e, assim, revelassem o quanto me sentia envergonhada estando naquela situação degradante.

— Precisa de ajuda? — a voz grave e baixa soou tão repentinamente, que causou calafrios na minha pele, me obrigando a erguer um pouco o olhar e dar de cara com Roman, de pé e imóvel diante da cama, me encarando com uma expressão indecifrável.

Deixando as mãos caírem lentamente, com os olhos levemente arregalados, eu o observei através do reflexo do espelho: o cabelo castanho, que normalmente se mostrava perfeitamente penteado, estava levemente desgrehado, de modo que algumas madeixas sedosas caíam pela sua testa, emoldurando o rosto perfeito. E isso, unido à camiseta preta parcialmente desabotoada — na qual expunha vislumbres do peito musculoso e bronzeado —, conseguiam tornar sua aparência ainda mais impressionante.

Por que ele tinha que ser tão lindo?

Talvez tenha sido o vinho. Ou apenas a intuição me implorando para, por pelo menos daquela vez, seguir em frente e testar seus limites, mas de toda forma, mesmo estando ciente de que uma vozinha mental me alertava a parar e sair dali o quanto antes, me vi assentindo devagar.

Lentamente, Roman se afastou da cama e veio até mim, se posicionando às minhas costas. Engolindo em seco, não ousei esboçar qualquer reação nem mesmo quando senti suas mãos em meus cabelos, colocando-os de lado, de modo a liberar a pele de meu pescoço.

Fixando o olhar na iluminação da penteadeira, fiquei imóvel e esperei.

Com uma habilidade impressionante, Roman rapidamente desfez o nó do vestido, fazendo com que o tecido fino e leve soltasse e eu agilmente tratasse de abraçá-lo contra o peito, evitando que meus seios fossem expostos.

— Obrigada — sussurrei, esperando que meu agradecimento o fizesse recuar, mas, para o meu espanto, Roman não moveu um único músculo, permanecendo ali, às minhas costas.

Quando não obtive qualquer resposta, levei cautelosamente o olhar para seu rosto, flagrando suas orbes escuras fixas em mim. Em

contemplação, preendi a respiração, sentindo, de alguma forma, a intensidade daquele olhar queimando em cada parte do meu corpo.

Sem romper com o contato visual, Roman deslizou os nós dos dedos contra a pele das minhas costas, arrepiando cada centímetro por onde resvalavam.

— Vejo que sua pele está bem melhor — opinou, sem tirar os olhos de mim.

Engolindo em seco, assenti.

— Como pode ver, não foi nada sério — falei com a voz falha.

Movendo a atenção para um ponto em específico nas minhas costas nuas, Roman concordou com a cabeça.

— Que bom — murmurou, sua voz grave e baixa, vibrando contra a minha pele.

Com os olhos novamente em meu rosto, ele me observou com a atenção de um predador à espreita de sua presa, à medida que seus dedos tornavam resvalar em minhas costas, indo da altura do trapézio, próximo à nuca, até a lombar, o toque delicado se assemelhando a um beijo de plumas: dolorosamente lento e provocante.

Por instinto, fechei os olhos e arqueei o corpo, intensificando o aperto contra a seda do vestido agarrada ao meu peito, verdadeiramente grata pelo fato de que meus seios estavam omitidos, caso contrário, Roman saberia que meus mamilos estavam à mostra, entumecidos graças ao contato de seus dedos na minha pele.

Lambendo os lábios, inebriada com a sensação, só consegui abrir os olhos quando percebi que o toque havia cessado e que Roman havia afastado a mão, o que me fez olhá-lo, em um misto de confusão, decepção e vergonha.

Deus, o que eu estava fazendo?

Apertando ainda mais o tecido do vestido contra o peito, lutando contra o embaraço, visualizei sua expressão através do reflexo do espelho, me preparando mentalmente para o que viria a seguir: a *rejeição*.

Assim como ocorreu na noite passada — e em todas as demais —, a história se repetiria: depois de me ignorar descaradamente, Roman me olhava daquela maneira abrasadora e quando parecia que finalmente me tocaria, recuava, me deixando para trás.

Me fazendo sentir uma completa idiota.

Projetando o queixo para frente, mascarando toda a vergonha unida à tristeza e a humilhação que sentia naquele exato momento, continuei e imóvel

e esperei.

Vamos lá, me mande embora, sondei mentalmente. Faça como das outras vezes e me afaste, ou simplesmente vá embora.

Convicta de que meus pensamentos se concretizariam, me conservei no lugar, aguardando pacientemente. Contudo, para o meu espanto, me pegando totalmente desprevenida, Roman recuou subitamente um passo e estendeu uma das mãos em minha direção, utilizando-a para segurar delicadamente um de meus braços, em um pedido silencioso para que eu me virasse. Completamente atordoada, o fiz sem qualquer protesto, sem nunca soltar o tecido do vestido, o qual prensava defensivamente prensado contra o peito.

Uma vez à sua frente, diante de sua presença intimidadora, engoli em seco e espiei apreensivamente sua expressão, tentando lê-la.

O que estava acontecendo?

Descendo os olhos para os meus braços pressionados defensivamente contra o peito, segurando o tecido do vestido, o olhar de Roman continuou ali por um breve momento antes de voltar para o meu, o castanho-escuro mais intenso do que o habitual.

— Solte — murmurou em um tom grave e baixo, e levei um tempo considerável até finalmente entender o que, exatamente, estava pedindo.

Quando a compreensão me alcançou, corando, o lancei um olhar arregalado.

— Eu... não posso. Estou sem sutiã — sussurrei.

A insinuação de um sorriso surgiu em seu rosto, seus olhos, turvos e brilhantes, sem nunca deixar os meus.

— Eu sei — grunhiu baixinho. — Quero vê-la.

Sentindo o coração martelar contra o peito, eu o encarei por mais alguns segundos, tentando decifrá-lo, mas seu rosto, contudo, continuava neutro. *Ilegível.*

Cada vez mais confusa, franzi o cenho.

Aquilo era alguma espécie de jogo?

— Solte — ele então repetiu, arrancando todo o ar de meus pulmões, ao prosseguir: — Quero olhar para você.

De súbito, eu o encarei, a testa franzida e os olhos esbugalhados.

Ele estava realmente falando sério?

Ou tudo não passava de alguma espécie de teste?

Aparentando estar a par de meus pensamentos conflituosos, Roman me analisou atentamente antes de explicar, em um tom mais suave:

— Não precisa ficar com vergonha — resmungou, arqueando uma das sobrancelhas ao prosseguir: — Pelo que me lembro, não estava tão acanhada da última vez.

Minhas bochechas esquentaram com a recordação.

Inutilmente, fiz o possível para deixar a lembrança daquele incidente para trás e o fato de Roman trazê-lo à tona justo agora, tornava a situação ainda mais confusa e embaraçosa.

— Por que está fazendo isso? — sussurrei a pergunta que entonava em meus pensamentos, falhando ao manter o contato visual e fitando, em vez de seus olhos, seu pescoço, ao passo que ampliava a pressão contra o tecido do vestido.

Levando lentamente uma das mãos até meu rosto, tive meu queixo erguido sem que ao menos tivesse tempo para reagir.

— Não se preocupe — murmurou. — Prometo que não farei nada que não queira.

A última parte me fez vacilar, a promessa do desconhecido borrando meus pensamentos de tal modo que não consegui pensar em nada, a não ser no quanto queria aquilo. E, Deus, por mais que dissesse para mim que aceitá-lo tão facilmente depois de tudo o que aconteceu era extremamente errado e injusto comigo mesma, eu *ainda o queria*.

E tão desesperadamente, que chegava a assustar.

Respirando fundo, me forcei a manter a compostura.

— Você não respondeu à minha pergunta — sussurrei, o encarando no fundo dos olhos. — Por que está fazendo isso?

Por que justo agora, depois de me ignorar por tanto tempo?

— Porque já passou da hora de fazer isso — foi a única resposta que obtive, toda a sua evasão me deixando ainda mais apreensiva. Então, de maneira completamente inesperada, tudo mudou conforme as seguintes palavras escapavam de seus lábios: — Dispa-se para mim, Corinne.

Senti algo queimar em meu peito, a chama consumindo, aos poucos, cada pedacinho de mim — desde o topo da cabeça, até a ponta dos pés.

Desviando o olhar para o pomo de adão dele, com o coração a mil por hora, engoli duramente em seco antes de atender ao seu apelo, afastando os braços e, assim, fazendo com que o tecido liso do vestido caísse no chão, aos meus pés.

Meus seios imediatamente saudaram o homem diante de mim, a pele arrepiada e os mamilos enrijecidos.

Naquela noite, eu não tinha optado por nada muito chamativo, por isso descartei o uso do sutiã e fiquei apenas com a calcinha como peça íntima. Enquanto tentava manter a calma, contudo, o arrependimento tomou conta: ciente de que estava exposta para Roman agora, nunca desejei tanto ter sido um pouco mais cuidadosa e escolhido uma combinação de roupa íntima melhor.

Tentando resistir à vontade de me cobrir, detive minha atenção em seu pescoço, franzindo levemente as sobrancelhas conforme notava a maneira como engolia visivelmente em seco. Apreensiva, deslizei lentamente o olhar para cima, e o que avistei me atingiu em cheio, *bem no meio das pernas*.

Com a respiração acelerada e os olhos revestidos por um brilho primitivo, seu olhar estava cravado fixamente em meus seios, uma de suas mãos voando em direção ao seu cabelo, puxando-o para trás em visível agonia. Umedecendo os lábios, sua atenção se voltou subitamente para meu rosto e, de repente, uma mão grande tocava um dos lados do meu rosto, acariciando-o com o dorso.

— Você é linda — opinou, rouco.

Sentindo as bochechas esquentarem graças ao elogio inesperado, não fiz nada além de manter o contato visual, aguardando apreensivamente aos seus próximos movimentos. Com o olhar fixo na minha boca, observando atentamente seu polegar roçar contra meu lábio inferior, Roman parecia quase hipnotizado.

Meu peito inflou um pouco com orgulho e satisfação, devido o olhar voraz que me direcionava, um indício irrefutável de que minha aparência, de fato, o agradava — *bastante*.

Sem qualquer aviso prévio, Roman se aproximou um pouco mais e, de repente, inclinava o rosto contra o meu, pondo-o tão perto, que consegui sentir sua respiração quente se misturando à minha.

O repentino contato entre nossas bocas me fez arregalar os olhos e congelar, descrente do que acontecia.

Aquilo era real?

Roman estava realmente me beijando?

Quase como se conseguindo ler meus pensamentos, ele recuou um pouco e, atento à expressão em meu rosto, orientou baixinho:

— Abra os lábios.

Completamente atordoadada, o fiz e antes que pudesse perceber, seus lábios estavam novamente nos meus, dessa vez, mais firmes e persistentes, à medida que sua língua penetrava lentamente na minha boca, em consonância com uma de suas mãos, que, por sua vez, se movia mais para baixo, agarrando minha bunda e me puxando para mais perto, colando nossos corpos. Numa reação puramente natural, gemi contra seus lábios — algo que obviamente o agradou, considerando a maneira como intensificou ainda mais o aperto em minha carne, e grunhiu.

Rompendo com o beijo, nós dois já ofegantes, seus olhos, então, desceram para os meus seios e com a mesma agilidade usada para me beijar, Roman agarrou firmemente um deles, me arrancando um suspiro surpreso.

Sua mão era grande e um pouco calejada, de modo que o contato entre as pontas de seus dedos e a minha pele arranhava de leve, causando arrepios.

Passando a ponta do polegar pelo mamilo intumescido, foi impossível conseguir manter a compostura: sem que me desse conta do que fazia, fechei os olhos e inclinei um pouco a cabeça, arqueando o corpo em direção à ele, maravilhada com a sensação deliciosa da sua mão em mim.

Quando, no entanto, o toque de seu polegar no meu mamilo passou a ficar firme a ponto de causar dor, abri os olhos, registrando o momento exato em que seu polegar e indicador torciam o botão apertado, beliscando-o. Ofegante, levei meu olhar para o seu rosto, chocada com o fato de que, por alguma razão inexplicável, a ampliação da força utilizada naquela carícia apenas me fez ficar mais excitada.

Existia algo simplesmente delicioso no contraste entre a dor e o prazer, que me fazia apertar as coxas juntas, cada vez mais desejosa.

Roman me observou com cuidado, e algo na minha expressão o fez congelar.

— Está tudo bem? — quis saber, visivelmente tenso.

Lambendo os lábios, assenti ansiosamente.

Em silêncio, Roman recolheu subitamente a mão e recuou um passo, a forma como trincou a mandíbula e cerrou os punhos deixando evidente que parecia estar tentando manter o controle.

— Deite-se — exigiu em um tom baixo e, no entanto, totalmente autoritário.

Pisquei.

Ele estava me rejeitando?

— Eu... — engoli, lutando contra as lágrimas que ameaçavam escapar pelos cantos dos meus olhos. — Eu fiz algo de errado?

Roman franziu a testa.

— Por que está me perguntando isso?

Cerrando os punhos, mesmo estando completamente consciente das lágrimas se formando debaixo de meus olhos, e da vermelhidão em minhas bochechas, ergui o queixo e o destinei o olhar mais decidido que consegui.

— Não quero dormir agora — soltei, ansiando que meu comentário conseguisse expressar minhas reais intenções.

Não pare. Por favor.

Dessa vez, um sorriso de verdade atingiu o rosto de Roman, curvando os cantos de seus lábios para cima, conforme passeava descaradamente os olhos pela extensão do meu corpo e, só então, tornava a me encarar.

— Não se preocupe, querida. Garanto que ainda temos muito o que fazer — afirmou roucamente, fazendo a minha pele arrepiar. Dando um passo para o lado, sem nunca desviar os olhos de mim, Roman indicou na direção da cama e repetiu: — Agora, vá se deitar.

37.

Ronan Foxworth

Eu sabia como aquilo ia acabar *antes mesmo de começar*.

Enquanto estávamos à mesa, junto de Landon e Anna, decidi mentalmente que mudaria de atitude dali por diante; que Corinne merecia muito mais do que eu estava dando.

Ela só quer ser feliz, foi o que sua irmã afirmou, e pela forma como Corinne fitava Anna e Landon, ficou nítido que aquela era a verdade: que enquanto observava a irmã e seu cunhado, Corinne desejava algo semelhante para si.

Algo que eu, como seu *marido*, vinha impedindo-a de ter, desde que casou comigo e passei recusá-la sem qualquer hesitação.

Porra.

Essa merda não era justa — e eu precisava consertá-la o quanto antes.

Quando Anna e meu irmão começaram a dançar uma música romântica, eu soube que seria a deixa perfeita para sair dali — e, felizmente, Corinne teve a mesma ideia, o que resultou em nós dois saindo de fininho antes do fim do jantar.

Antes de chegarmos ao quarto, eu já sabia que teria que resolver aquela situação.

O que não esperava, no entanto, era que as coisas fugiriam completamente do meu controle tão logo avistei Corinne sentando diante daquela penteadeira e começando a tirar os brincos, algo que, por alguma razão desconhecida, soou *extremamente sexy*.

Então, não bastando, enquanto desabotoava a camiseta, tentando desesperadamente manter o foco, senti seus olhos em mim e, ao virar o rosto, a flagrei me encarando com a porra dos olhos mais sensuais que já tinha visto antes.

Captando o acontecimento, ela rapidamente afastou o olhar, as bochechas assumindo a tonalidade de um tomate.

Mas era tarde demais para ela, pois com aquele simples olhar, havia me concedido combustível o bastante para incendiar tudo.

Sem pensar nas consequências, por impulso, quando dei por mim a estava encarando feito a porra de um psicopata e me oferecendo para ajudá-la a tirar o vestido.

E, porra, de antemão, já devia estar ciente que aquilo, seria a minha perdição.

Só que foi apenas quando a pele levemente bronzeada — em razão do incidente na tarde passada — surgiu diante de meus olhos, para que soubesse que era o fim da linha para mim. E quando olhar não se mostrou suficiente, sobretudo, estendi uma das mãos em sua direção, o que fez com que ela, em resposta, arqueasse o corpo ante o toque casto nas suas costas.

Diante disso, perdi totalmente o controle e *explodi*.

Afastando as madeixas loiras e sedosas de seu cabelo para o lado, premeditando desatar o nó de seu vestido, foi impossível não fechar os olhos e inspirar de prazer, ao registrar aquele aroma adocicado que emanava dela — o mesmo odor que, de alguma forma, conseguiu se impregnar no meu corpo e mente de uma maneira tão insana, que me tornava uma espécie de dependente químico nela.

Desfazendo o nó de seu vestido sem qualquer demora, observei, fascinado, o tecido saltar para a frente, o que fez com que Corinne tivesse de agarrá-lo rapidamente contra o peito, para evitar que o mesmo a expusesse. Por sorte, posicionado bem às suas costas, nós dois diante do espelho da penteadeira, pude analisar de camarote, cada uma de suas reações através do reflexo.

E, porra, não existia nada tão foddidamente sexy quanto vê-la naquela situação, apertando o tecido contra o peito, os ombros expostos e o cabelo loiro caindo ao lado de seu pescoço, enquanto mordiscava o lábio inferior e fitava a iluminação da penteadeira, evitando qualquer contato visual.

Inocente.

Pura.

E linda para um caralho.

Trincando a mandíbula, estudei a expressão em seu rosto, totalmente consciente de que Corinne estava perto demais para a sua própria segurança, o que, por si só, tornava a situação ainda mais difícil para mim — em reflexo, meu pau inflou dentro da calça, desesperado por libertação.

Putá merda.

Eu estava duro feito a porra de uma pedra.

O tesão foi tão avassalador que, quando pude perceber, estava tocando nela novamente e, não satisfeito, pedindo à ela que se virasse para mim para que pudesse vê-la melhor. E no momento em que ela o fez, o meu autocontrole simplesmente se esvaiu: desesperando para acabar com aquela agonia de uma vez, pedi para que Corinne afastasse as mãos do peito, almejando uma oportunidade de vê-la.

Depois de muita hesitação, ela acabou acatando ao meu pedido.

Seios pequenos, redondos e empinados surgiram diante de mim e a minha boca simplesmente secou com a visão gloriosa dos mamilos rosá-claro me saudando.

Aquela altura do campeonato, eu já tinha mandado a razão para os infernos.

Literalmente salivando para tocá-la, levei uma das mãos até seu rosto e acariciei gentilmente uma das bochechas, fascinado com a beleza da mulher diante de mim.

Da sua mulher, uma voz sondou internamente e, de repente, registrando um sentimento atípico queimando em meu peito, estava aproximando meu rosto ao de Corinne e a beijando suavemente. Mesmo que ela estivesse em estado de choque, consegui sentir seus lábios contra os meus, constatando o quanto eram extremamente macios, da maneira como conseguia lembrar — só que eu era ganancioso, e não me contentaria apenas com aquilo.

Dessa vez, eu iria até o final.

Dessa vez, eu queria *tudo*.

Recuando um pouco, sem desviar o olhar do rosto dela, pedi para que Corinne abrisse os lábios e ela cumpriu sem qualquer demora. Partilhando da mesma agilidade, penetrei sua boca com a língua, degustando do sabor doce e fodidamente viciante que ela detinha, ao passo que usava uma das mãos para serpentear pelo seu corpo, parando exatamente na bunda redonda e avantajada. Apertando firmemente a carne macia entre meus dedos, praticamente colando o corpo de Corinne contra o meu, a porra toda ficou ainda mais intensa, quando ele gemeu na minha boca.

E, caralho, foi demais para mim.

Rompendo com o beijo, recuei um pouco e encarei, vidrado, os seios pequenos e perfeitos, minha boca salivando com o desejo de colocá-los dentro dela.

Cacete.

Atendendo ao apelo quase primitivo sondando feito uma prece pelos meus pensamentos, ergui uma das mãos e a utilizei para apalpar um dos seios dela, maravilhado com a maneira como suspirou em resposta. Passando os dedos pela ponta, observei, então, sua respiração acelerar e seus lábios entreabrirem.

Excitada.

Com certa satisfação, conservei o movimento em seu seio esquerdo, sem nunca tirar os olhos de seu rosto.

Em determinado momento, dominada pela luxúria, Corinne já fechava os olhos e jogava a cabeça para trás, enquanto empurrava os peitos na direção da minha mão, pedindo silenciosamente por mais. E foi quando os instintos primitivos ativaram e me peguei esmagando o mamilo cor-de-rosa entre o indicador e o polegar. Corinne rapidamente abriu os olhos, levando-os diretamente até os meus, me encarava com os lábios entreabertos, ofegante.

E foi mais do que suficiente para que me detivesse.

Machucá-la era a última coisa que eu ia querer àquela altura do campeonato — porque, sendo sincero, eu já a tinha magoado demais de outras formas, que não físicas.

Preocupado, perguntei se estava tudo bem com ela — algo que respondeu com um simples aceno de cabeça.

“Corinne nunca teve muitas ambições em sua vida. A única coisa com a qual sempre sonhou, foi em casar e ser feliz”.

As palavras de Anna serviram como uma espécie de sinal divino para recobrar a consciência e agir da maneira correta — da maneira como ela merecia.

Corinne não era como as mulheres que eu fodia por aí; ela era a *minha esposa*, alguém casta e correta demais para receber o tratamento que eu estava habituado a destinar ao sexo oposto, portanto, tratá-la com gentileza seria algo simplesmente imprescindível — especialmente se levado em consideração que aquela seria a sua primeira vez.

Recolhendo a mão, eu a pedi para que deitasse.

Pelo menos daquela vez, eu faria as coisas corretamente, da maneira como deveriam ter sido desde o início.

Em vez de atender ao meu pedido, Corinne permaneceu imóvel, me fitando com os olhos castanho-esverdeados levemente marejados.

— Eu... fiz algo de errado?

Franzi o cenho, estranhando sua pergunta repentina.

— Por que está me perguntando isso?

Cerrando os punhos, ela me surpreendeu ao erguer decididamente o queixo, deixando totalmente de lado a postura sofrida que esboçava anteriormente.

— Não quero dormir agora — murmurou, o rubor em suas bochechas entregando o duplo sentido naquela frase — aparentemente — inocente.

Sentindo um sorriso involuntário se formar em meus lábios, puxando os cantos para cima, deslizei descaradamente o olhar pela extensão do corpo dela, fascinado com o pedido implícito por trás de sua última fala: “*Me foda*”.

— Não se preocupe, querida. Garanto que ainda temos muito o que fazer — assegurei. Dando um passo para o lado, apontei com o queixo na direção da cama e emendei, em um tom propositalmente sugestivo: — Agora, vá se deitar.

Pelos cinco segundos seguintes, Corinne apenas me olhou, confusa e hesitante. Mas então, quando pensei que não moveria um músculo sequer, começou a caminhar hesitante na direção da cama, atendendo ao meu pedido e sentando sobre o colchão grande e macio.

Girando nos calcanhares de modo a fitá-la, me deparei com a gloriosa visão de sua barriga lisa e esguia, conjuntamente com seus seios nus, os mamilos rosa-claro escondidos pelas pontas das madeixas loiras, fazendo sua imagem soar semelhante à porra da deusa Vênus^[9].

Lambendo os lábios, me aproximei cautelosamente dela, vidrado na maneira como seu peito subia e descia em uma velocidade cada vez mais rápida, à medida que aniquilava a distância entre nós, me colocando bem à sua frente, de pé, diante da cama.

Passando uma das mãos pelo queixo, sentindo a aspereza da barba por fazer, parei por um segundo, admirando a imagem que tinha diante de mim e, ao mesmo tempo, maravilhado com o indiscutível contraste entre a inocência das feições de Corinne, e seu corpo *nada pueril*.

Porra, ela era linda.

Com os olhos cor de avelã brilhando em uma mistura de medo e adrenalina, Corinne não ousou desfazer o contato visual nem mesmo quando fiquei subitamente de joelhos e abri delicadamente suas pernas, me posicionando bem no meio delas. Respirando com dificuldade, ela

intercalou o olhar entre meu rosto e o movimento da minha mão contra seus quadris, utilizando-os para puxá-la para ainda mais perto. Soltando um gritinho, Corinne acabou sendo arrastada até parar na beirada da cama, deitada de costas — *exatamente aonde eu a queria*.

Erguendo-se pelos cotovelos, ela me lançou um olhar ansioso. Com os olhos nos seus, inclinei meu rosto contra seu corpo e plantei um beijo em seu estômago, fazendo com que arfasse e cerrasse os punhos contra a colcha da cama. Registrando o acontecimento, sem nunca desviar o olhar, continuei depositando uma trilha de beijos de boca aberta pela sua pele, indo da barriga, até o baixo-ventre, cada vez mais perto do meu real objetivo: a minúscula calcinha que usava.

Será que o sabor entre suas pernas seria tão doce quanto aquele de sua boca?

Salivei com o pensamento.

— O... o que está fazendo? — ela indagou trêmula e inocentemente, quando, sem qualquer paciência, pus rudemente os dedos contra o elástico de sua calcinha e os usei para puxar sua peça íntima para baixo, pelas suas pernas, libertando seu sexo.

Minha respiração engatou com a visão espetacular de seu corpo inteiramente nu.

Cacete.

Notando o meu olhar fixo em sua intimidade, sem receber a resposta que desejava, Corinne tentou apertar as coxas e me afastar, mas com agilidade, eu a detive ao segurá-la, mantendo-a no lugar através do aperto firme em seus quadris.

— Não se preocupe — murmurei. — Prometo que não vou machucá-la.

Mordiscando o lábio inferior, seus olhos castanho-esverdeados me fitavam com visível apreensão, o movimento de deglutição em sua garganta demonstrando o quanto estava nervosa.

Porra, o quão inocente ela era?

Será que nunca tinha se tocado antes?

Meu pau contraiu dentro da calça.

— Nunca fez isso antes? — questionei, genuinamente curioso. Arqueando uma das sobrancelhas, expliquei melhor: — Nunca se tocou antes?

Com o rosto corado, Corinne sacudiu lentamente a cabeça.

— Não assim.

Intensificando o aperto contra a parte interna de uma das suas coxas, eu a encarei longa e intensamente.

— Fale um pouco mais a respeito.

Arregalando levemente os olhos, ela hesitou antes de finalmente começar a falar.

— Eu... — se interrompeu, engolindo em seco em reação ao momento exato em que deslizei uma das mãos pelas laterais de seu corpo, sentindo cada curva. — E-eu costumava usar a minha mão. Ou... o travesseiro.

Assenti, imaginando a cena mentalmente: Corinne deitada sobre a cama, deslizando as mãos pelo corpo em busca de prazer...

Caralho.

Se continuasse assim, eu gozaria antes mesmo de tocá-la.

Afastando rapidamente o pensamento, sem qualquer aviso prévio, me inclinei contra o corpo de Corinne. Ao primeiro toque da minha língua em sua intimidade, ela ergueu bruscamente os quadris da cama. Um sorriso diabólico curvou meus lábios à medida que elevava o olhar e a avistava arqueando as costas, jogando a cabeça para trás e mordiscando os lábios. Despejando um beijo lento e demorado em seu clítoris inchado, o mordisquei provocativamente, atento à forma como Corinne cerrou os punhos contra a colcha da cama e entreabriu os lábios em reflexo.

— *Oh, céus...* — ela gemeu, se contorcendo à cada movimento da minha língua contra a sua abertura, entrando e saindo sugestivamente.

Não satisfeito, sem afastar os lábios de sua intimidade, estiquei uma das mãos até seu seio esquerdo e o amassei, fazendo-a se contorcer. Usando, então, não apenas a língua, como os dedos também, passei a penetrá-la, fodendo-a com os dedos e em questão de minutos, ela atingiu o êxtase, gemendo quando a libertação atingiu seu corpo.

Dando uma última lambida em sua abertura, me pus de pé e, atento a forma como umedecia os lábios e respirava com dificuldade, me inclinei contra seu corpo e plantei outro beijo em sua barriga. Recuando, levei minhas mãos para os botões da camiseta e os olhos de Corinne imediatamente saltaram para mim, encarando atentamente o movimento das minhas mãos se desfazendo da camiseta.

Apoiada nos cotovelos, ela se arrastou um pouco mais no colchão, ficando no centro da cama, ao passo que eu passava a camiseta pelos

ombros, tirando-a. Em seguida, repeti o processo, fazendo o mesmo com a calça, sentindo, a todo momento, os olhos curiosos de Corinne em mim, minuciosamente concentrados.

Uma vez sem camisa e livre das calças, subi na cama, me acomodando sobre seu corpo.

Desfrutando da sensação deliciosa de seus seios contra o meu peito nu, pele contra ele, não hesitei antes de segurar sua mandíbula e puxá-la para um beijo ríspido e quase animalesco. Deslizando a mão entre nós, eu a posicionei em sua intimidade, voltando a tocá-la e Corinne rapidamente arfou contra os meus lábios. Mordiscando seu lábio inferior, intensifiquei o ritmo de meus dedos até fazê-la se mover na mesma sintonia, balançando os quadris contra a minha mão, na busca por alívio.

Usando a mão livre para agarrar sua mandíbula e virar seu rosto para o lado, movi meus lábios para o seu pescoço, lambendo e mordiscando a pele sensível, sem nunca parar de tocá-la. Em dado momento, Corinne abriu os lábios e gemeu, a rigidez em seu corpo demonstrando que havia, novamente, atingido o ápice.

Raspando os dentes no lóbulo de sua orelha, choquei bruscamente os quadris contra os seus, na busca por fricção, e Corinne gemeu.

— Quero você dentro de mim — murmurei contra o seu ouvido, mantendo sua mandíbula sob o controle da minha mão livre. Moendo novamente contra seu corpo, suguei o lóbulo de sua orelha e emendei: — Diga para mim o que você quer.

Em vez de me responder, ela levou as mãos trêmulas para as minhas costas, me segurando com firmeza, quase colando nossos corpos um no outro durante o processo.

Reprimi um gemido, desfrutando da sensação deliciosa.

— *Vamos* — pressionei, afastando o rosto da região abaixo de sua orelha para poder fitá-la e libertando sua mandíbula do meu toque, enquanto prosseguia: — *Diga. Quero ouvi-la.*

— V-você — sussurrou com dificuldade, virando o rosto para mim. — Quero você.

E foi o suficiente.

Recuando, saí de cima dela e caminhei até a mesa de cabeceira, buscando por um preservativo.

— Tomo pílula desde os quatorze anos — Corinne revelou subitamente. — Papai exigiu que passasse a tomar desde que... bem, desde

que Anna e eu desabrochamos como mulheres.

Encarando-a com atenção, cerrei os punhos.

Filho da puta.

O bastardo era tão obcecado por controle, que mesmo não permitindo que as filhas arredassem um único pé de casa, as obrigava a recorrer a métodos contraceptivos.

Assentindo, reprimi a onda de raiva e voltei a me aproximar da cama, indo em direção à Corinne, que continuava obedientemente no lugar, deitada de costas contra o colchão. Me posicionando novamente acima dela, fitei intensamente os olhos castanho-esverdeados que me encaravam de volta, repassando mentalmente a informação concedida pela sua irmã há apenas algumas horas.

A única coisa que ela sempre quis, foi casar e ser feliz.

Feliz.

Seja gentil, Roman, sondei mentalmente, feito uma prece. Não é hora para a porra dos seus fetiches.

Levando uma das mãos até seu rosto, afaguei delicadamente sua bochecha e, sem desviar o olhar, pedi:

— Abra um pouco mais as pernas.

Engolindo em seco, Corinne lentamente o fez. Sem demora, segurei meu membro em uma das mãos e o posicionei.

— Isso pode doer um pouco — adverti. — Mas prometo que passará logo.

Balançando rapidamente a cabeça, Corinne não fez nada além de me lançar um olhar ansioso.

Tomando todo o cuidado para que não a esmagasse com o meu próprio peso, analisei sua expressão uma última vez antes de começar a penetrá-la. Aos poucos, seu semblante foi mudando de ansioso para assustado e, então, lancinante.

— Sinto muito — pedi, me detendo para evitar machucá-la ainda mais.

Eu estava indo com bastante calma — uma quase sobrehumana, na realidade, já que meu pau estava desesperado para ir fundo de uma vez —, mas sabia que em uma situação como aquela, todo cuidado era pouco.

Quando uma careta assumiu seu rosto, congelei.

— Está tudo bem? — indaguei, tenso.

Umedecendo os lábios, ela assentiu lentamente.

— Sim. Só é... um pouco desconfortável — sussurrou, suas bochechas corando à medida que me olhava apreensivamente e questionava: — Já entrou tudo?

Um sorriso ameaçou surgir em meu rosto.

— Não. Mas está quase lá.

Ela pareceu chocada, o que apenas incitou o desejo de me render a um sorriso.

— Você pode ir fundo de uma vez — garantiu convictamente, me pegando de surpresa. — Eu aguento.

Hesitei.

— Não quero machucá-la.

— Não vai. Estou falando sério: realmente aguento — assegurou. Não satisfeita, quase como se para provar seu ponto, levou as mãos para os meus ombros e, me puxando para si, emendou: — Você disse que a dor passará logo, certo? Então vamos lá, acabe com isso de uma vez.

Pelos cinco segundos seguintes, não ousei fazer nada além de fitá-la no fundo de seus olhos, vasculhando-os em busca de qualquer brecha de incerteza ou desconforto.

E quando não encontrei nada, atendi ao seu pedido, empurrando um pouco mais fundo.

Corinne fechou os olhos e sibilou, toda a confiança de antes indo embora de seu corpo, através das lágrimas em seus olhos.

Porra.

— Corinne, olhe para mim — pedi, rouco, tentando desesperadamente manter o controle e indo de encontro ao pedido silencioso que cada célula do meu ser emitia, para empurrar de uma vez e preenché-la por completo. Resistindo ao impulso carnal de meter nela sem qualquer estribeira, segurei seu olhar e indaguei o mais delicadamente possível: — Ainda dói?

Ela fez uma careta, se ajustando a minha extensão.

— Um pouco — confessou, ofegante.

— Certo. Vou acabar com isso de uma vez, está bem?

Sem esperar por uma resposta, avancei, empurrando até o fundo e, de repente, Corinne jogou a cabeça para trás e abriu os lábios.

Lutando contra a sensação deliciosa que era estar dentro dela, olhei para ela.

— Está tudo bem?

Umedecendo os lábios, ela confirmou ansiosamente com a cabeça, levando as mãos antes posicionadas em meus ombros, até meu pescoço.

— Faça de novo — pediu, ofegante.

Sem demora, o fiz, investindo dura e profundamente em sua abertura. Em reflexo, Corinne revirou os olhos.

— Roman...

— *Porra* — praguejei, apertando os olhos fechados mediante a sensação de estar preenchendo-a. Ela era *apertada para a porra de um caralho*. — Merda, Corinne...

Mergulhando em seu pescoço, mordisquei sua garganta ao mesmo tempo que ampliava a intensidade de minhas esticadas, indo cada vez mais fundo e forte. Se contorcendo debaixo de mim, Corinne gemia a cada movimento, os dedos magros em minha nuca, me empurrando para cada vez mais perto, quase como se desejando nos fundir. Movendo uma das mãos até a parte de trás da sua cabeça, peguei um punhado de seu cabelo e puxei, mantendo-a no lugar, exatamente aonde queria.

Para o meu espanto, no entanto, Corinne pegou meu rosto nas mãos e o levou para cima, o puxando para um beijo. Retribuí com avidez, beijando-a com força enquanto já começava a sentir uma trilha de suor começando a umedecer meu cabelo. Bombeando cada vez mais duro e rápido, entrei e saí nela em um ritmo quase alucinante, extasiado.

Em determinado momento, Corinne tremeu debaixo de mim e logo atingia o clímax, seu corpo relaxando à medida que meu nome saía de seus lábios em uma comprovação de que tinha atingido um orgasmo. Resmungando, continuei a bombardeá-la violentamente até, finalmente, seguir o exemplo e também sucumbir ao êxtase.

Caindo em cima dela, nossos corpos encharcados de suor, só precisei de três segundos para controlar a respiração e, então, me jogar para o lado, livrando-a de meu peso.

Passando a mão pelo rosto, tirando as mechas molhadas pelo suor da testa, lambi os lábios e virei o rosto para ela, espiando sua expressão. Corinne tinha os olhos fechados e, assim como eu, estava suada e ofegante.

— Tudo bem? — questionei, registrando sua quietude.

Virando o rosto, ela abriu um sorriso.

— Sim — confirmou, o rosto corado.

Assentindo, sem perder tempo, me levantei da cama e fui em direção ao banheiro.

— Vou pegar uma toalha para você se limpar — informei.

Entrando no banheiro, lavei meu próprio rosto, livrando-o do suor, antes de pegar uma toalha e voltar para o quarto, me deparando, ao parar diante da cama, com Corinne já adormecida, esboçando uma expressão serena.

Em silêncio, a observei atentamente por um bom tempo até finalmente reagir, pegando um cobertor de uma das gavetas da mesa de cabeceira e usá-lo para cobrir seu corpo nu, protegendo-o do frio que posteriormente faria.

Depois do que tínhamos acabado de fazer, não havia mais volta.

Estava feito.

Corinne era minha, agora — em todos os malditos sentidos da palavra.

Por alguma razão inexplicável, a constatação não me assustou como fazia antes, quando cogitava na possibilidade de reivindicá-la; agora, a única coisa que sentia era uma mistura de orgulho e... posse.

Minha.

Eu a fiz minha.

Minha esposa.

Minha mulher.

E agora que havia chegado tão longe, não permitiria que nada e nem ninguém tentasse tirá-la de mim.

38.

Corinne Foxworth

Ao despertar, não senti apenas meu corpo diferente, como alguém distinta também.

Era como se na noite passada, tivesse deixado de lado o último resquício do antigo eu.

Eu era uma mulher agora.

A esposa e *mulher* de Roman.

Era a *senhora Foxworth*.

Com tal percepção em mente, abri lentamente os olhos, me deparando com os raios solares escapando pelas cortinas, em um indício óbvio de que já tinha amanhecido.

O jantar da noite anterior tinha acabado um pouco tarde e, bem, depois que saímos, deixando Anna e Landon a sós, Roman também levou um tempo considerável comigo, quando...

Meu rosto esquentou com a conclusão do pensamento, pois junto dele, vieram recordações minuciosas do que tinha acontecido naquele mesmo quarto, há apenas algumas horas.

Balançando mentalmente a cabeça, virei o rosto quase que por instinto, lembrando tardiamente que não era a única a estar usufruindo daquela cama imensa. Só que, para o meu espanto, nem sinal do meu marido; os lençóis ainda estavam bagunçados, evidenciando que não fazia muito tempo que ele havia saído, mas, ainda assim, seu paradeiro era desconhecido.

Talvez fosse melhor assim, constatei mentalmente, enquanto lutava contra a pontada de decepção que o fato de ele ter acordado e saído sem avisar — *tal qual costumava fazer em Manhattan* — trouxe consigo, me fazendo ficar extremamente melancólica.

Sempre que lembrava dos dias que passei naquele apartamento, logo após o casamento, quando estava constantemente sozinha lá, fazia meu estômago embrulhar e meu peito apertar.

Na época em questão, era como estar de volta à mansão, com papai, afinal, a tristeza e o sentimento de rejeição eram minhas únicas companhias.

Não queria voltar a me sentir da mesma maneira nunca mais.

Bocejando, sentei na cama e estiquei os braços, me espreguiçando.

Por outro lado, ainda que ter acordado sozinha não me agradava muito, a verdade é que eu honestamente não fazia ideia de como reagiria na frente de Roman agora que tínhamos avançado naquela etapa de nosso casamento, então, talvez — só talvez —, sua ausência visse bem a calhar, pois me concederia mais tempo para pensar.

Encostando a cabeça na cabeceira, estava prestes a refletir sobre meus próximos movimentos, quando a porta do banheiro foi subitamente aberta e de lá saiu ninguém menos do que homem em questão, vindo com uma toalha nos cabelos úmidos, a qual usava para secá-los.

— Bom dia — desejou casualmente, seus olhos saltando para um ponto um pouco abaixo da altura das minhas clavículas. Intrigada, segui seu olhar e percebi, horrorizada, o que, exatamente, meu marido fitava tão fixamente: meus seios expostos.

E foi quando me ocorreu que estava nua.

Ai meu Deus.

Puxando o lençol para cima, cobri meus seios e forcei um sorriso, resistindo à vontade de me enfiar debaixo das cobertas devido à vergonha.

— Bom dia — respondi baixinho.

Em silêncio, Roman fechou a porta do banheiro às suas costas e se aproximou cautelosamente, sem nunca deixar de passar a toalha pelos seus cabelos, livrando-os da umidade. Sem vestir nada na parte de cima, ele vestia uma calça moletom e um par de chinelos, toda a sua naturalidade me deixando boquiaberta.

Como ele conseguia estar tão confortável depois do que fizemos, quando eu estava prestes a ter um ataque de nervos?

— Dormiu bem? — Roman quis saber, me observando com atenção.

Engolindo em seco, assenti.

— Sim — confirmei.

— Ótimo — respondeu, sem tirar os olhos de mim. Seu bíceps e peitoral flexionavam à medida que suas mãos iam para a toalha em seus cabelos, e foi necessária uma força *quase sobrehumana* para que mantivesse meus olhos em seu rosto. — Não sei como gosta do seu banho, mas esquentei um pouco a água para você.

— Obrigada. É muita gentileza da sua parte — murmurei, não manifestando qualquer intenção de me levantar, caso contrário, Roman veria meu corpo nu.

Ontem à noite, em meio ao calor do momento e a iluminação parda da noite, não tive tantos problemas em relação à minha nudez, mas agora, em plena luz do dia, não me sentia da mesma maneira — *muito pelo contrário*.

Arqueando uma das sobancelhas, Roman me estudou.

— Landon me enviou uma mensagem de texto pedindo para descermos em quinze minutos, para que possamos tomar o café da manhã juntos — informou. — Acho melhor você se apressar, ou vamos acabar nos atrasando.

Piscando, hesitei por alguns segundos antes de finalmente reunir coragem o bastante para levantar da cama. Jogando as pernas para fora, puxei o lençol junto comigo, utilizando-o como uma espécie de escudo contra olhos perspicazes de Roman — que, por sinal, continuavam em mim, atentos a cada movimento.

Com o rosto ardendo de vergonha, comecei a caminhar, totalmente ciente de que o lençol arrastava no chão a cada passo. Era cumprido demais para ser usado como toalha — mas é obvio que, em minha situação atual, não poderia fazer muitas queixas e tampouco exigências a respeito.

Fixando o olhar no chão, visando escapar do penetrante dele, respirei fundo e continuei, me afastando gradativamente da cama, em direção ao banheiro.

Você consegue, assegurei mentalmente, feito uma prece. *Basta manter a calma. Dê um passo de cada vez.*

Tendo tal pensamento em mente, comecei a contar passo por passo, mas, para a minha infelicidade, todo o cuidado para manter a tranquilidade se esvaiu tão logo avistei uma peça íntima atirada ao chão, poucos metros adiante.

Minha calcinha.

No mesmo instante, estanquei no lugar.

Ai. Meu. Deus.

Horrorizada, estava tão absorta no fato de que minha peça íntima estava jogada ali, no chão, que não percebi que Roman havia seguido o meu olhar e que fitava agora, exatamente o mesmo.

E foi simplesmente a gota d'água.

Sentindo algumas lágrimas se formando debaixo dos meus olhos em razão da vergonha e da humilhação, abri e fechei a boca várias vezes, tentando encontrar as palavras certas para usar.

Felizmente — *ou não* —, Roman se adiantou:

— Desculpe — murmurou seriamente, em um tom de voz sombrio. — Eu deveria ter sido um pouco mais cuidadoso na noite passada.

Abraçando defensivamente o corpo, segurando o tecido do lençol com força, fitei meus próprios pés, incapaz de fitá-lo nos olhos.

— É a *minha* peça íntima — sussurrei, discordando de sua afirmação. — Sou eu quem deveria ter prestado mais atenção. Nem sei o que faria caso alguém entrasse aqui e...

— Foi eu quem praticamente a arrancou de você e a deixou ali — Roman me cortou, endurecendo o tom. — Se alguém tem alguma culpa nisso tudo, *esse alguém sou eu*.

Deslizando lentamente os olhos para o seu rosto, mordi o interior das bochechas, sem qualquer noção do que dizer ou como agir a seguir. Ele, por sua vez, me fitou com uma expressão estranha, quase como se estivesse envergonhado.

— Prometo que daqui por diante, serei mais gentil — afirmou.

Meu peito aqueceu.

Daqui por diante.

— Mas você foi gentil — sussurrei, lembrando da forma delicada como me tratou na noite passada.

— Não o bastante — grunhiu, posicionando a toalha que usava para secar os cabelos em seu pescoço e prosseguindo, em um tom mais calmo: — Não vamos nos atrasar, está bem? Entre no banheiro e tome uma ducha. Landon e sua irmã já devem estar nos esperando no andar de baixo.

Confirmando com a cabeça, com os olhos em meus próprios pés e o lençol ainda enrolado ao corpo, retomei o percurso até o banheiro, passando por Roman e, ao entrar no banheiro, trancando a porta às minhas costas. Suspirando, espiei minha própria aparência no espelho, constatando que a mudança que sentia não era apenas interior: por alguma razão, meu cabelo parecia mais volumoso e brilhoso e minha pele, mesmo mais bronzeada do que o normal, aparentava estar mais corada e vívida do que nunca.

Soltando o lençol, deixei que ele caísse no chão, aos meus pés e caminhei na direção do espelho, observando a mim mesma através do reflexo, com uma espécie de brilho atípico no olhar.

Eu parecia... *viva*, como há muito não me sentia.

Seria este o momento em que minha vida finalmente tomaria o rumo que eu tanto almejava?

Fechando os olhos, permiti que algumas lágrimas escapassem, deslizando quentes pelas minhas bochechas e, ao tornar a me encarar no espelho, sequei-as com as costas das mãos. Não havia tempo para lágrimas; eu precisava me apressar. Roman, assim como Anna e Landon, estavam à minha espera.

Enxugando o rosto, abri o box do banheiro e adentrei, deixando a água lavar meu corpo e livrá-lo de toda a melancolia de antes.

Eu precisava manter a calma e agir o mais naturalmente possível, afinal, não queria que Roman soubesse que estava chorando.



Quando Roman e eu descemos para o café, conforme o imaginado, Anna e seu marido já nos aguardavam.

Puxando a cadeira para trás, minha irmã me cumprimentou com um abraço apertado. Sorrindo, o retribuí com fervor, desfrutando de seu calor. Recuando, minha irmã espalmou meu rosto e sorriu, a suavidade desaparecendo conforme olhava para o lado, desviando sua atenção para Roman. Esboçando uma expressão neutra, Anna, então, assentiu respeitosamente para ele, que a respondeu da mesma forma.

Confusa, olhei entre os dois, tentando compreender o motivo por trás da súbita mudança de expressão da minha irmã.

O que eu tinha perdido?

Depois do jantar de ontem, pensei que ambos tinham resolvido as divergências entre si, mas ao que tudo indicava, tudo não passou de uma impressão, pois estava óbvio que ainda havia, sim, muito tensão envolvida.

Por que os dois estavam agindo assim?

Me puxando pela mão, Anna me levou até a cadeira ao seu lado. Sorrindo, ocupei o assento sem qualquer protesto, grata por estar perto dela.

O café sucedeu da maneira como todos os demais: conversas que iam do jantar dali a alguns dias, até trivialidades como, por exemplo, a vez em que Landon flagrou Anna furtando comida da geladeira dele, depois de dizer que não queria “absolutamente nada que viesse dele”. A revelação rendeu risadas sinceras e estrondosas — especialmente da parte de Landon, que chegou a tremer de tanto rir.

Olhando de perto, nem dava para perceber que algo tinha acontecido entre Roman e eu, uma vez que ele estava agindo com toda a sua habitual calma e indiferença de sempre. No que dizia respeito à mim, contudo, a situação era exatamente contrária: temendo que qualquer movimento pudesse entregar a consumação de meu casamento, fiz todo o possível para seguir o exemplo de Roman, evitando assim que qualquer um pudesse perceber o quanto eu estava nervosa.

Ao final do café da manhã, diferentemente de todos os demais, deixei a comida em meu prato praticamente intocada, apenas um reflexo de todo o meu desconforto. Se percebeu, Anna não disse nada; e eu não poderia estar mais grata.

Depois de uma breve conversação no corredor, ficou acordado que, assim como no dia anterior, minha irmã e eu íamos sair para resolver os últimos detalhes do jantar, ao passo que nossos maridos... bem, desfrutariam da presença um do outro.

Landon até tentou acompanhar Anna e eu, mas minha irmã o proibiu, sob a alegação de que a tarefa de cuidar de tudo era dela — e, em parte, minha também. *Eu* era o braço direito dela naquele caso, portanto, não havia nada que seu marido pudesse fazer à respeito.

Saindo de braços dados, rumo ao carro que nos levaria ao nosso destino, agradei aos céus mentalmente pela irmã maravilhosa que possuía.

Mesmo sem saber, Anna tinha me salvado duas vezes só naquele dia, ao evitar que Roman e eu ficássemos novamente a sós. Ainda não sabia como me portar na presença dele depois de ontem — e especialmente após o incidente da calcinha, mais cedo, no quarto.

Meu rosto esquentou com a lembrança.

Roman disse que a culpa era dele, mas eu sabia que estava apenas tentando amenizar a situação — algo com que falhou miseravelmente, por sinal.

Feito uma boba, praticamente corri em direção ao banheiro e me tranquei lá pelos vinte minutos seguintes, explicando o motivo de nosso atraso no café da manhã.

Deus, Roman devia me achar uma idiota.

E não podia julgá-lo por pensar algo assim, pois tinha ciência de que era a mais pura verdade: eu era sim, uma idiota.

Uma idiota desastrada e extremamene amedrontada.

Chacoalhando mentalmente a cabeça, afastei o pensamento.

Não pense nisso, repreendi internamente. Pare com toda essa autopiedade.

— Está tudo bem? — Anna indagou, franzindo a testa. — Você está com uma cara estranha.

Forcei um sorriso.

— Estou ótima.

Anna assentiu lentamente.

Àquela altura, já tínhamos entrado no carro e nos dirigíamos, no momento, para uma das diversas lojas de roupas que minha irmã sugeriu, na busca pelo seu “vestido ideal”.

Me encarando fixamente, minha irmã abriu e fechou a boca, relutante, antes de finalmente falar:

— Aconteceu alguma coisa?

Enrijeci.

— Que tipo de coisa?

Ela deu de ombros, sem nunca desviar o olhar.

— Não sei. É só que... você está diferente.

Endireitei os ombros.

Talvez seja o fato de que Roman finalmente me tornou sua mulher.

— Impressão sua — murmurei.

Eu sabia que se existia alguém no mundo com quem podia contar, esse alguém era a minha irmã. Mas, ainda assim... não me parecia adequado revelar algo tão íntimo, quando nem mesmo eu sabia como as coisas seriam dali por diante.

Roman era um verdadeiro quebra-cabeças, portanto, não tinha como prever como agiria de agora em diante.

Será se voltaria a me ignorar, como fez durante o café da manhã?

Ou, melhor, será que realmente voltaria a me tocar depois de ontem?

Não tinha como saber.

Baixando o olhar para as próprias mãos, minha irmã abriu um sorriso triste e assentiu.

— Certo.

E esta foi a única palavra que proferiu o caminho inteiro até a boutique de grife.

39.

Ronan Foxworth

— Então, qual é a sensação?

Respirando fundo, já ciente de aonde, exatamente, meu irmão estava tentando chegar, desviei a atenção da TV, para ele, que me observava atentamente.

— Qual a sensação de quê? — questionei com um grunhido.

Erguendo sugestivamente uma das sobrancelhas, Landon abriu um sorrisinho sacana.

— Qual a sensação de estar finalmente livre da abstinência?

Revirando os olhos, nem me dei ao trabalho de respondê-lo.

Aquilo era tudo culpa minha; não deveria ter contado sobre a noite passada à ele, uma vez que, de antemão, já tinha que estar ciente de que não perderia a oportunidade para me provocar. Só que o problema é precisava compartilhar aquilo com alguém, caso contrário, enlouqueceria.

Naquela manhã, por exemplo, eu tinha feito o possível para agir normalmente com Corinne — mesmo que, ao vê-la, parte de mim tenha praticamente suplicado para que a pegasse nos braços e voltasse a tomá-la.

E o fato de ela estar nua quando acordou, conseguiu tornar a coisa toda ainda pior.

Com o cabelo loiro desgrehado, o rosto corado e usando a porra do lençol como toalha para seu corpo, foi necessária uma dose insana de autocontrole para que resistisse ao impulso de jogá-la naquela cama, e entrar nela.

Porra, essa merda era perigosa.

Não que já não fosse bem arriscado antes, é claro; mas o fato é que agora, depois que eu tinha experimentado estar dentro dela, a fantasia se tornou real e, ao mesmo tempo, *mil vezes mais arriscada.*

Antes, tudo não passava de tentação.

Agora, tudo se resumia à lascívia louca e desenfreada que sentia, sempre que a via.

Era primitivo. Brutal. Arrebatador.

E, merda, como maior comprovação disso, estava o fato de eu ter praticamente rasgado a calcinha dela na noite passada, desesperado para senti-la de uma vez.

E agora que tinha provado dela... simplesmente não podia parar mais.

Seu gosto estava em mim, na minha língua...

Estava viciado.

Por isso, precisava entrar nela de novo.

E, se possível, *o quanto antes*.

— Não deveria ter me contado, se não queria que eu soubesse — Landon murmurou, me arrancando de meus devaneios. Segurava uma garrafa de cerveja em uma das mãos, enquanto me analisava, esperando por uma resposta.

Reprimindo um suspiro de cansaço, coleí o gargalo da minha própria cerveja nos lábios, visando evitá-lo.

— Anna já sabe — revelou o infeliz, totalmente alheio aos meus esforços para ignorá-lo. — Conteí para ela nesta manhã, pouco depois de ter recebido a sua mensagem de texto.

Naquela mesma manhã, pouco depois de acordar — e dar de cara com minha esposa nua, ao meu lado —, desci da cama e enviei uma mensagem de texto ao meu irmão, informando sobre o ocorrido.

Está feito, mandei, sem expectativas de um retorno imediato.

Só que, para o meu espanto, a resposta veio em questão de segundos, o que me forçou a explicar melhor o acontecimento, deixando claro para Landon que Corinne e eu finalmente tínhamos consumado o casamento — algo no qual, sendo sincero, estava começando a me arrepender amargamente.

Endurecendo a expressão, destinei um olhar ríspido para ele.

— Por isso ela me olhou daquela jeito durante o café inteiro?

Landon deu de ombros.

— Não é de se estranhar. Ela não confia em você.

Soltei uma risada amarga.

— Claro! Por isso praticamente me implorou para *casar* com sua irmã, certo?

— Ela estava desesperada, Roman. Sabe disso tanto quanto eu.

— Sim, estou ciente. Por isso ela, quem afirma com tanta convicção não confiar em mim, estava enchendo a cabeça da irmã com bobagens, certo?

Landon respirou fundo.

— Anna não queria que Corinne descobrisse a verdade. Tudo o que fez, foi para garantir que ela acreditasse que o casamento de vocês era real.

— Mesmo que isso significasse praticamente jogá-la nos meus braços? — cuspi.

— Desde o princípio, você garantiu que não nutria qualquer interesse por ela — rebateu. — Anna achou que seria seguro.

Balançando negativamente a cabeça, me recostei no sofá, fingindo dar atenção à partida de futebol desenvolvida na TV.

Para o meu alívio, Annabelle estava fora, portanto, eu podia relaxar um pouco, sem ter que me preocupar com ela e sua carranca severa sempre que me flagrava encarando sua irmã — tal qual aconteceu durante o café da manhã.

— Não pode julgá-la por se sentir assim em relação a você, Roman — Landon murmurou, franzindo a testa. — Há apenas algum tempo, você garantiu que não sentia absolutamente nada por Corinne e agora, de uma hora para a outra, decide consumir o casamento?

Trinquei a mandíbula.

— Não foi de uma hora para a outra.

Landon arqueou uma das sobrancelhas.

— É mesmo? Porque lembro de ter conversado com você à respeito há apenas alguns dias e manteve sua resposta inicial, afirmando com propriedade que, apesar de se sentir atraído por Corinne, não estava disposto a consumir o casamento.

— De fato, eu não estava disposto a consumá-lo — afirmei. — Mas, caso não saiba, foi a *sua esposa* quem me fez refletir e mudar de ideia.

Landon franziu a testa, comprovando que nossa breve conversa ontem, antes do jantar, não tinha sido pauta entre os dois — talvez em respeito a intimidade de Corinne; Anna não queria expôr seus segredos a mais ninguém.

— Como assim? — Landon quis saber. — Do que está falando?

Pondo a garrafa de cerveja sobre a mesa de centro, esfreguei o rosto e voltei a apoiar as costas no sofá.

— O que precisa saber, basicamente, é que sua esposa me fez entender a realidade por trás do casamento, na perspectiva de Corinne.

Que ela era merecedora de muito mais do que eu já imaginava merecer.

— Certo. E então? — meu irmão pressionou.

Dei de ombros.

— O resto você já sabe. É isso. Consume o casamento.

Landon estreitou os olhos.

— Isso eu já entendi, babaca, o que quero saber é como serão as coisas *daqui por diante*. Como pretende prosseguir com o casamento — que, por sinal tanto rejeitou —, depois de consumá-lo?

Erguendo o queixo, não pensei muito à respeito.

— É simples: unirei o útil ao agradável. Corinne quer um marido. Quero uma mulher. Podemos fazer dar certo assim.

Meu irmão ficou em silêncio.

Pena que sua quietude não durou muito.

— Ainda pensa em Elsa com frequência? — quis saber, hesitante.

Enrijei.

— Não — admiti, após uma pausa.

Era uma resposta de merda, mas, mesmo assim, não deixava de ser verdade: fazia muito tempo que não pensava em Elsa. É claro que ela ainda continuava lá, guardava em um lugar muito especial no fundo da minha memória, afinal, tivemos um bom casamento, dadas as circunstâncias conflitantes em que vivíamos; contudo, por outro lado, eu estaria mentindo caso dissesse que pensava nela com a mesma frequência em que pensava em Corinne.

— Elsa foi muito importante para mim... — expus baixinho.

— Mas ela é seu passado. E Corinne, seu futuro — Landon complementou, expressando as palavras que não consegui dizer em voz alta.

Fechando os olhos apertado, assenti.

— Fico feliz em saber que você finalmente superou isso — meu irmão revelou.

— Não fique tão esperançoso — o interrompi, abrindo um sorriso triste. — Não é tão simples quanto pensa. Eu ainda... não estou bem. Mas não devido ao luto, e sim, àquilo que ele levou de mim.

Landon me fitou com atenção.

— O que ele levou de você?

— Minha sensibilidade. Ainda não consigo... *sentir* como antes. No quesito físico, está tudo normal. No emocional, por outro lado... tudo está vazio e estranho, desde que Elsa faleceu.

— Então está me dizendo que aquilo que sente por Corinne não passa de atração física?

Fiz uma pausa, ponderando.

— Gosto e me preocupo bastante com ela — murmurei. — Mas não estou apaixonado, se é o que realmente deseja saber. O que sinto por ela... não sei bem explicar. Há cuidado e preocupação envolvidos, mas... não amor. Não como o que Anna e você têm, por exemplo. É... diferente.

Landon assentiu compreensivamente.

— Então é assim que será daqui por diante? — quis saber. — Vocês serão “colegas”?

Ergui o queixo, evitando seu olhar.

— Não faria com um colega o que fiz com ela ontem.

E muito menos o que *pretendia fazer*, porque, se podia afirmar algo com propriedade, é que estava louco para entrar nela novamente. E, se ela também quisesse, eu tomaria todas as precauções para evitar que meus instintos de *brutamontes* tomassem vez, como aconteceu ontem — quando praticamente arranquei a calcinha de seu corpo e a joguei em algum lugar no quarto —, e trataria, dessa vez, com toda a gentileza e paciência que merecia.

Landon engasgou com a cerveja.

— Nossa, por essa eu não esperava — soltou, se recuperando do susto. — Isso foi... bastante explícito. Confesso que, dessa vez, você conseguiu me surpreender, irmão.

Dando de ombros, me inclinei contra a mesinha de centro e peguei minha cerveja, voltando a colar o gargalo nos lábios para dar um gole já no segundo seguinte.

Landon felizmente mudou de assunto.

Só que mesmo que ele continuasse falando e falando sem parar, todos os meus pensamentos se voltavam para uma única pessoa: *Corinne*.



Assim como fizeram no dia anterior, Corinne e Anna só voltaram à noite.

O dia com Landon havia sido agradável; nada além de conversas acompanhadas de muito descanso. Meu irmão felizmente não voltou a me incomodar com o assunto sobre Corinne outra vez, por isso pude, de fato, relaxar.

Nós estávamos prestes a nos servir do jantar, quando Anna e Corinne apareceram.

— Jantando sem nós? — indagou Anna, fitando seu marido com uma mão em cada lado da cintura. — Quanta falta de consideração!

Levantando da cadeira, Landon rapidamente foi até ela e a envolveu em seus braços.

Senti vontade de revirar os olhos. Todas aquelas excessivas demonstrações de carinho me envergonhavam profundamente.

Desviando a atenção dos dois, observei Corinne, que diferente de mim, assistia à cena melosa protagonizada por sua irmã e cunhado, com um sorriso sonhador nos lábios.

Ter um casamento feliz.

Ser feliz.

Era a única coisa com a qual alguém tão pura quanto ela, almejava.

Alguém constantemente negligenciada por aquele que, ironicamente, deveria protegê-la de todo o mal — não jogá-la direto na porra da cova dos leões, como planejava fazer, caso eu não tivesse intervido e proposto a mão de Corinne primeiro.

Cerrei os punhos instintivamente.

Filho da puta.

Como ele pode fazer isso?

Como pode sequer cogitar na possibilidade de casar sua filha com a porra de um agressor?

Porra, não era justo.

Infelizmente, ainda que me lamentasse mentalmente, estava ciente de que a situação não era tão diferente comigo, quanto gostaria que fosse: ao se tornar minha esposa, Corinne foi privada de realizar a única ambição que tinha na vida, já que na primeira oportunidade, eu a afastei, rejeitando-a descaradamente sempre que tentava se aproximar.

Foi com isso em mente, que ela preparou aquele jantar para mim, apenas um tempo depois de eu tê-la largado sozinha no apartamento durante a porra da nossa noite de núpcias.

Ou... quando usou aquela camisola e veio até mim, no escritório.

Tudo não passava de pretextos para consertar as coisas entre nós; para tentar fazer dar certo.

E eu estraguei tudo.

— Como foi o dia de vocês? — Landon perguntou, me arrancando de meus devaneios.

Ele, assim como Anna e a própria Corinne, haviam se unido à nós, na mesa, e inclusive já começavam a se servir com a impressionante quantidade de comida que os cozinheiros tinham preparado para nós.

— Cansativo — Anna respondeu em meio a um suspiro. — Visitamos uma infinidade de boutiques até encontrarmos algo de que gostássemos.

— Algo de que *você* gostasse — Corinne corrigiu baixinho, em um tom tão manso e discreto, que ninguém além de mim conseguiu ouvi-la.

Comprovando meu ponto, Anna e Landon continuaram conversando normalmente, ao passo que Corinne, agora corada, fitava o próprio prato, brincando com a comida ali contida para se esquivar do constrangimento por ter sido ignorada.

Seu cabelo loiro estava preso em um coque frouxo acima de sua cabeça e, como de costume, não usava maquiagem — mas não era como se realmente precisasse, de toda forma.

Sua beleza era assim: discreta. *Natural*.

E não existia nada de mais atraente do que isso.

O restante do jantar sucedeu normalmente: conversas triviais aqui e ali, risadas e mais e mais demonstrações de carinho por parte de meu irmão e sua esposa.

Quando a situação se tornou simplesmente *insuportável* — considerando que os dois pareciam prestes a se agarrar a qualquer momento —, empurrei a cadeira para trás, me levantando, e joguei o guardanapo no prato vazio.

Em silêncio, contornei a mesa e olhei para Corinne, que continuava sentada, parando à apenas alguns passos do corredor que levava às escadas.

— Vamos? — chamei.

Ela piscou repetidas vezes, o rosto ficando ruborizado.

— P-para onde? — sussurrou nervosamente, os olhos saltando entre mim e sua irmã, que felizmente estava ocupada demais flertando com seu marido, para perceber a interação entre Corinne e eu.

— Para o nosso quarto — respondi sem rodeios.

Em completo estado de choque, Corinne congelou, os olhos fixos em meu rosto, parecendo desejar ler além do que é humanamente capaz de se enxergar.

Pondo as mãos nos bolsos da frente da minha calça, dei casualmente de ombros.

— Tudo bem. Vou indo na frente, então — afirmei, mas tão rápido as palavras saíram da minha boca, Corinne tratou de ficar de pé, rígida feito uma pedra.

— Vou com você — murmurejou, arriscando um olhar na direção de Anna, que assim como antes, continuava entretida demais na própria conversa para reparar na partida precoce de sua irmã.

Observando-a, apontei com o queixo na direção das escadas e, em silêncio, ela me seguiu, se posicionando a exatos três passos de distância de mim.

O percurso inteiro rumo ao quarto em que estávamos hospedados se deu na mais solene quietude — nem mesmo precisei arriscar um olhar para trás, para saber o quanto Corinne estava nervosa e intrigada; sua postura simplesmente *gritava* isso.

Ao chegarmos no quarto em que estávamos hospedados, situado três passos à frente dela, de modo a deixá-la passar primeiro, recuei um pouco para o lado e fiz um gesto para que entrasse antes de mim.

Relutante, ela o fez.

Ao adentrar na suíte, sem qualquer cerimônia, fiz exatamente como ontem: tranquei a porta. Ante o som da tranca soando no ambiente vazio e silencioso, Corinne se virou para mim, os olhos arregalados em evidente apreensão.

Com o olhar preso em seu rosto, me aproximei cautelosamente dela, sem deixar passar despercebida a maneira como sua respiração acelerou à medida que me posicionava à sua frente. Engolindo em seco, seus olhos rapidamente focaram nos botões na minha camiseta quando parei, mas prontamente forcei seu olhar a encontrar o meu, ao erguer seu queixo com uma das mãos.

— Você gostou da noite passada? — questionei sem rodeios.

Comprimindo os lábios e vermelha feito um tomate, Corinne levou um tempo considerável para processar minha pergunta e, então, finalmente, assentiu lentamente.

Excelente.

— Ótimo — soltei inconscientemente, sem tirar a mão de seu queixo. Passando os olhos pelo seu rosto, mantive o tom neutro mesmo quando toquei em um assunto delicado:— Como está se sentindo?

Ela olhava para o meu queixo, com o rosto vermelho, quando respondeu.

— Um pouco... dolorida.

Assenti, ignorando a pontada lancinante que sua confissão me causou, e me concentrando em ser o mais calmo e tranquilizador possível.

— As primeiras vezes costumam ser um pouco desconfortáveis, mas com o tempo melhora — assegurei, recolhendo a mão. Observando-a com atenção, prossegui lentamente: — Em uma escala de 1 a 10, qual o grau de intensidade?

Ela piscou, lentamente levando os olhos para os meus.

— Acho que... — fez uma pausa, ponderando à respeito. — Talvez um quatro.

— Certo. Quatro não é tão ruim, não acha? — indaguei, atento à maneira como seus olhos se mantinham presos aos botões da minha camiseta.

Mordiscando o lábio inferior, com as bochechas ruborizadas, Corinne balançou positivamente a cabeça.

Estava visivelmente nervosa e... talvez desconfortável também.

A constatação me fez cerrar os punhos.

— Prometo que serei ainda mais cuidadoso daqui por diante — assegurei, desesperado para acalmá-la. — E, caso não esteja se sentindo bem, garanto que não voltarei a colocar as mãos em você a menos que...

— Eu gostei da maneira como você me tocou — ela me cortou, os olhos brilhantes subindo um pouco, indo direto para o meu queixo e ficando lá, em nítida relutância.

Em silêncio, analisei sua expressão: seus olhos continuavam presos em meu queixo, incapazes de manter contato visual, os lábios comprimidos e as bochechas vermelhas, demonstrando o quanto parecia desconfortável com a situação toda.

Merda, talvez ainda fosse cedo demais.

Lutando contra a raiva encravada em meu subconsciente em razão da minha atitude de merda, me obriguei a abrir um sorriso gentil e apontar em direção à cama.

— Vá deitar. Um pouco de descanso fará bem.

Para o meu espanto, no mesmo instante seus olhos se voltaram para os meus.

— Eu... estou bem, Roman. Não quero descansar.

Hesitei, digerindo suas palavras — e precisamente o significado por trás delas.

Meu pau instantaneamente agitou contra a calça em expectativa.

Caralho, eu estava realmente lendo os sinais corretamente?

Merda, eu sabia o quanto tocar naquela pele imaculada e perfeita novamente parecia extremamente errado, mas ainda assim... estava mais do que ansioso para colocar as mãos em Corinne novamente e lhe ensinar todas as maneiras depravadas em como tinha fantasiado possuí-la.

Dando o melhor para manter a expressão em branco, e afastar o rumo perverso que meus pensamentos tomavam, sustentei seu olhar com toda a apatia que consegui forjar.

— Me diga o que, exatamente, quer e eu atenderei.

Fale para mim que me quer.

Preciso ouvi-la dizendo isso.

Aparentando estar a par de meus pensamentos, seus olhos castanho-esverdeados enfim voltaram para os meus.

— Eu quero você.

Minha respiração acelerou.

Caralho.

— Você é minha esposa, Corinne. Quero que saiba que, acima de qualquer coisa, eu a respeito e jamais a tocaria sem o seu consentimento.

— Eu sei — afirmou baixinho. — Mas... também quero que saiba que realmente gostei da forma como você me tocou ontem.

Arqueei uma das sobrancelhas.

— Não costumo ser gentil na cama, Corinne.

— Não estou pedindo para que seja — sussurrou com o rosto levemente corado, e engolindo em seco à medida que emendava, ainda mais baixo: — Não sou uma garotinha, Roman. Sou uma *mulher*. E... por isso, quero que me trate como tal, sem qualquer restrição.

Parei, a encarando com atenção.

Inconscientemente, lembranças de todas as formas sujas e depravadas que fantasiei com ela durante o banho vieram à tona, me deixando ainda mais duro.

Putá que pariu.

Umedecendo os lábios, lentamente assenti.

— Tudo bem — cedi. — Mas precisamos estabelecer uma palavra de segurança.

— Palavra de segurança?

— Sim. Caso eu... vá longe demais. Quero que me diga até onde é seguro ir. Não quero pressioná-la.

Balançando negativamente a cabeça, Corinne engoliu em seco, algo que se soou como uma espécie de rachadura na expressão decidida que tentava desesperadamente estampar.

— Sem restrições, Roman — lembrou, sussurrando.

Um sorriso de lobo curvou os cantos dos meus lábios para cima.

— Então está me pedindo para ir com tudo?

Assentindo, Corinne levou os olhos aos meus em uma confirmação silenciosa.

E foi tudo o que eu precisava.

— Certo — murmurei e, sem nunca desviar o olhar, exigi baixinho:

— Agora suba na cama e fique de quatro para mim.

40.

Corinne Foxworth

— Agora suba na cama e fique de quatro para mim.

Por alguma razão desconhecida, o pedido repleto de autoridade fez a minha pele inteira formigar, atingindo um ponto exato bem no meio das minhas coxas.

Engolindo em seco, olhei mais uma vez para Roman, antes de finalmente obedecer, fazendo exatamente o que me foi exigido: subindo na cama, fiquei de joelhos sobre a colcha, de costas para ele — *totalmente exposta*.

Com o vestido amontoado na altura da cintura, eu sabia que na posição em que estava o proporcionava uma visão privilegiada da minha calcinha, porém, em vez de ceder ao nervosismo, me forcei a ficar imóvel, grata pelo fato de que ao menos meu rosto — certamente vermelho — estava omitido de seus olhos perspicazes.

Um silêncio excruciante e aparentemente interminável sucedeu, sem que Roman fizesse absolutamente nada, e, por um segundo, me perguntei se estava parado, me observando.

Meu rosto esquentou com o pensamento.

Então, de repente, fui surpreendida pela sensação de suas mãos grandes e calejadas passeando pelos lados do meu corpo, arrepiando cada centímetro por onde tocavam. Lambendo os lábios, me obriguei a continuar imóvel, mesmo que fosse tomada uma necessidade quase sobrehumana de me virar para ele e acabar com aquela agonia, a cada vez que seus dedos resvalavam na minha pele.

As mãos que antes seguravam minha cintura dispararam um pouco mais para cima e logo estavam sobre meus seios, apertando-os.

A carícia inesperada me fez gemer baixinho.

— Vejo que você é bem sensível aqui — constatou, testando o ponto ao passar as pontas dos polegares pelos mamilos endurecidos.

Sem obter a resposta que desejava, Roman inclinou um pouco em minha direção e um beijo foi depositado na minha coluna, me fazendo

arquear as costas e morder os lábios, evitando que outro gemido escapasse do fundo da garganta.

De pé, às minhas costas, as mãos de Roman deslizaram para baixo e antes que pudesse perceber, estavam acima das minhas nádegas, apertando tão forte, que certamente deixariam uma marca.

E se eu achava que aquilo já seria bom o bastante, *estava terrivelmente enganada.*

Sem qualquer aviso prévio, minha calcinha foi puxada para o lado e os dedos dele estavam em mim, me fazendo ofegar e arquear ao mesmo tempo.

Cerrando os punhos sobre a colcha, tudo conseguiu se tornar ainda mais excitante, quando uma de suas palmas foi subitamente disparada contra um dos lados da minha bunda, o som do tapa ecoando em meio ao silêncio do quarto.

Arfei e no mesmo instante, Roman parou.

— Tudo bem? — perguntou baixinho e, em resposta, sem que nem mesmo me desse conta do que fazia, empinei a bunda, pedindo silenciosamente por mais.

Quando ele não captou o pedido silencioso, virei um pouco o rosto e pedi, em um tom ofegante e totalmente desconhecido:

— Faça de novo.

Sem qualquer cerimônia, ele obedeceu e logo eu estava gemendo, assustada e excitada ao mesmo tempo.

Ele tinha me batido.

Então... por que raios eu estava molhada e pedindo por mais?

Em um movimento brusco, Roman praticamente colocou meu traseiro ao seu estômago depois de me puxar para mais perto pela cintura, deixando evidente o quanto minha atitude inesperada o havia agradado.

— Não faz ideia sobre o quanto fantasiei sobre esse momento. Sobre ter você aqui, comigo, à minha total mercê — confidenciou em um tom rouco e baixo.

— Pensei que você não me quisesse — confessei baixinho, saindo brevemente do momento de estupor, graças às suas palavras inesperadas.

— Não querer você é tudo o que venho tentando fazer desde que apareceu no meu escritório, naquela noite, apenas alguns dias depois do casamento, vestindo aquela camisola minúscula — relatou, sem afastar as mãos de mim.

Senti os olhos arregalarem um pouco, dividida entre a surpresa e satisfação devido à sua revelação.

— E agora que finalmente a tenho *aqui* — grunhi roucamente, intensificando ainda mais o aperto em minha cintura, ao prosseguir: — Não consigo pensar em nada, a não ser no quanto quero entrar em você novamente.

Arfei.

— Então não pense... — murmurei, dando voz aos meus pensamentos.

Mostrando que não brincava em serviço, Roman recuou um pouco e me virou na cama, me fazendo deitar de costas. Com a mesma agilidade, pegou minhas pernas e me puxou para perto, pondo uma de cada lado do seu corpo.

Ofegante, encarei seu belo rosto sem deixar passar despercebida a maneira como seus olhos pareciam mais escuros e intensos do que o normal.

Lindo.

Deus, como ele era lindo.

Arrebatada pela sua beleza, mal registrei o momento em que, sem dizer uma única palavra, Roman me fez levantar os braços e então, em questão de segundos, meu vestido foi retirado pela minha cabeça e jogado em um canto qualquer.

Com os seios expostos e a respiração entrecortada, observei atentamente seus olhos deslizarem pelo meu corpo, ao passo que ele recuava e também se livrava da sua camiseta, ficando só na calça. Voltando a se aproximar, posicionado entre as minhas pernas, ele agarrou a minha mandíbula e me forçou a encará-lo. Cutucando meu lábio inferior com o polegar, levei um tempo até perceber o que estava tentando fazer: sem desviar o olhar, lambi e suguei seu dedo com movimentos sugestivos, fazendo com que sua respiração acelerasse e seu olhar escurecesse ainda mais — se é que era possível.

Em reflexo, Roman me soltou e caí de costas na cama.

Passando a mão pela extensão da minha barriga enquanto a outra se mantinha firmemente na parte interna de uma das minhas coxas, seus dedos foram parar no vale entre meus seios e rapidamente arqueei o corpo, maravilhada com a carícia. Com os olhos em mim, Roman inclinou o rosto e, sem ao menos me dar tempo para perceber o que acontecia, seus lábios se fecharam ao redor do meu seio, sugando-o com força.

Gemi, maravilhada com a pressão exercida pela sua boca.

— Roman...

Destinando a mesma atenção ao outro seio, ainda sem tirar os olhos de mim, uma de suas mãos voou para a minha calcinha, se infiltrando na minha intimidade, ao passo que a outra voltava para o meu rosto, rumo aos meus lábios. Me contorcendo, suguei e lambi seu polegar até não aguentar mais — *até um orgasmo iminente varrer meu corpo e me fazer chamar pelo seu nome.*

Ofegante, fui delicadamente puxada para cima pela nuca e logo estávamos colados um no outro, pele contra pele. Com as pernas posicionadas em cada lado de seu corpo alto e musculoso, desejei mentalmente que suas calças tivessem desaparecido, desesperada por mais fricção.

Partilhando do mesmo anseio, os lábios de Roman se moveram para o espaço abaixo da linha da minha mandíbula, beijando, mordendo e lambendo cada pedaço de pele que achavam disponível, ao passo que esticava meus braços e enlaçava seu pescoço, colando meus seios ao seu peito.

— Adoro o seu cheiro — murmurou contra a minha pele, arrepiando-a inteira, à medida que suas mãos vagavam pelo meu corpo, me enlouquecendo.

Incapaz de formular qualquer frase coerente, me limitei a puxá-lo para mais perto, agarrando um punhado de seu cabelo pela nuca, enquanto virava um pouco o rosto, o concedendo um melhor acesso ao meu pescoço.

Quando nem isso se mostrou suficiente, puxei sua cabeça para cima e reivindiquei seus lábios, beijando-o com avidez. Enfiando uma das mãos em meus cabelos, Roman rapidamente assumiu o controle do beijo, unido sua língua à minha em uma dança lenta e sensual, à medida que sua mão livre agarrava um de meus seios. Incapaz de me conter, arfei contra seus lábios assim que o toque lancinante de um beliscão no mamilo surgiu, me arrancando um gemido.

Rompendo com o beijo, Roman me observou com atenção, sua respiração quente contra a minha.

— Você gosta assim?

Junto da pergunta, veio outro aperto e, em resposta, gemi ainda mais alto.

Um sorriso malicioso curvou os cantos de seus lábios para cima, demonstrando o quanto a descoberta o tinha agradado.

Me empurrando novamente contra o colchão, ele se afastou apenas o suficiente para tirar o cinto e, então, a calça e eventualmente cueca, para voltar a se aproximar, me puxando pelos tornozelos e se acomodando entre elas. Com um movimento brusco e ágil, se livrou da minha calcinha com um puxão e, em um piscar de olhos, segurava seu membro e me penetrava.

Revirei os olhos e arqueei as costas com a sensação.

— *Porra...* — sibilou, entrando e saindo da minha intimidade. — *Porra, Corinne...*

Não consegui fazer nada além de gemer, cada vez mais extasiada, conforme ele ampliava o ritmo e a intensidade das estocadas, sem nunca afastar as mãos de mim, me segurando com tanta firmeza, que era quase como se quisesse deixar uma marca.

A sua marca.

Em êxtase, não demorei muito para atingir o clímax — e logo foi a vez de Roman seguir o exemplo.

Ofegante, ele me soltou apenas o suficiente para poder se jogar no colchão, afundando na cama ao meu lado, nós dois suados e satisfeitos.

— Está tudo bem? — ele perguntou, virando o rosto para mim, me observando atentamente.

Lutando para recuperar o fôlego, assenti, abrindo um sorriso.

— Sim — murmurei, com a respiração ainda acelerada. — E acho que você tem razão. O... sexo, realmente melhora com o tempo.

Minhas bochechas coraram levemente com a pronúncia da palavra e considerando a maneira como Roman passou rapidamente os olhos pela extensão do meu rosto, antes de voltar a sustentar novamente o meu olhar, tive certeza de que notou o acontecimento.

— Tem certeza de que não peguei um pouco pesado demais? — Roman murmurou, em nítida apreensão.

Meu peito aqueceu um pouco com toda aquela preocupação em seu olhar.

Ele estava genuinamente preocupado comigo.

Sem conseguir esconder o sorriso em meu rosto, virei o corpo para ele poder e então, fitando-o no fundo dos olhos, levei uma das mãos para seu rosto e o afaguei, sentindo a aspereza da barba por fazer contra meus dedos.

— Não se preocupe comigo — sussurrei, encarando seus lábios, sem deixar nunca de tocar seu rosto. Intercalando o olhar entre seus olhos e boca, me inclinei um pouco e, reunindo coragem, rocei nossos lábios enquanto praticamente soprava: — Estou ótima.

Tirando proveito da súbita dose de autoconfiança, acariciei seu nariz com a ponta do meu e aniquilei a distância entre nós, o beijando delicadamente.

Após uma breve hesitação, correspondendo ao beijo, Roman levou uma das mãos até a minha cintura e a usou para me puxar para mais perto, praticamente colando nossos corpos um no outro. Diferente de alguns minutos atrás, não existia qualquer tipo de pressa em seus movimentos, apenas cuidado e extrema delicadeza.

Espalmando seu rosto, enquanto o beijava, desejei mentalmente que o movimento pudesse expressar o quanto aquele momento tinha sido especial para mim; o quanto aquele momento significava para *nós, como um casal*.

Estava tão embriagada com leveza dos lábios de Roman contra os meus, que levei um tempo considerável para perceber que, mais rápido do que o desejado, ele não somente havia rompido com o beijo, como se levantado da cama.

Confusa, pisquei, levando meu olhar diretamente até o dele, que agora, recolhia as roupas do chão.

— Vou tomar um banho — disse simplesmente, começando a se movimentar sem ao menos esperar por uma resposta.

Vendo suas costas se afastarem rumo ao banheiro, afundei no colchão e fechei os olhos, maravilhada demais com o que tinha acabado de acontecer, para me atentar aos detalhes por trás de sua súbita mudança de atitude.

Um recomeço.

Era exatamente isso, o que aquilo, o momento de intimidade, representava para nós dois: um recomeço em nossas vidas.

Em nossa vida.

PARTE V

DESTINO.

*“Para onde você vai, eu vou
O que você vê, eu vejo
Eu sei que nunca seria a mesma sem a segurança de seus amorosos braços
Me mantendo longe do mal
Coloque sua mão na minha e nós ficaremos de pé”*
— Skyfall, Adele.

41.

Ronan Foxworth

Acordei com o aroma familiar de baunilha pinicando em meu nariz.

Fungando, abri lentamente os olhos e de imediato me deparei com o corpo de Corinne pressionado contra o meu, enquanto sua cabeça estava aninhada ao meu peito — razão pela qual algumas madeixas de seu cabelo sedoso estavam em meu rosto, explicando, por sua vez, o motivo do odor perfumado.

Em silêncio, me aproveitei do momento para observá-la: com os olhos fechados e os lábios levemente abertos, Corinne parecia saída da porra de um sonho: linda e angelical — assim como a imaginei nas diversas vezes em que fantasiei com ela no banheiro, e que, surpreendentemente, tive o prazer de realizar na noite passada, enquanto a fodia sem qualquer estribeira.

A lembrança fez meu pau, já ereto em razão do horário, se agitar contra a calça, sob o lençol — e dolorosamente próximo de onde as pernas de Corinne me tocavam.

Cacete.

Sibilando, me afastei delicadamente dela, tomando todo o cuidado para não acordá-la, enquanto me desfazia de seu toque e descia da cama.

Na noite anterior, depois do sexo, tivemos um momento um tanto... *incomum.*

Suados e ofegantes, estávamos os dois deitados na cama, quando perguntei se estava tudo bem depois de eu ter ido com tanta força. Ela, em resposta, me lançou um sorriso e, encarando a porra dos meus lábios, virou o corpo para mim e levou uma das mãos para o meu rosto, a carícia soando como um verdadeiro toque de plumas.

Estou ótima, respondeu, ao passo que aproximava o rosto e me beijava.

Não foi um beijo faminto e ardente como o anterior; daquela vez, embora fosse apenas um breve roçar de lábios, houve algo na forma como

suas mãos espalmaram o meu rosto, que fez com que meu peito vibrasse e minhas mãos coçassem para tocá-la.

Nunca fui adepto do estudo de linguagem corporal, contudo, mesmo sendo leigo no assunto, consegui literalmente *sentir* o pedido contido por trás daquele beijo casto e delicado: *Me ame*.

E isso, por si só, foi suficiente para que eu me afastasse, levantando da cama e praticamente correndo em direção ao banheiro.

Estava ciente de que era uma atitude fútil e extremamente covarde, no entanto, me parecia o mais sensato.

E sobretudo *mais seguro*.

Naquela noite, meu objetivo era claro e indiscutível: verificar se Corinne estava bem para, caso a resposta fosse positiva, voltar a entrar nela e saciar o desejo alucinante que meu corpo sentia pelo seu.

Mas então, sem que nem mesmo pudesse perceber, ela conseguiu transformar e moldar tudo ao seu favor, fazendo com que o controle da situação escapasse dos meus dedos e, assim, aquilo se tornasse *sobre e por ela*.

Enquanto a beijava, não houve qualquer pensamento relacionado a absolutamente nada que não fosse ela e o quanto aquilo parecia certo; o quanto Corinne era boa contra os meus dedos; contra a porra da minha boca. Nos meus braços.

Como se ela tivesse sido feita única e exclusivamente para mim.

A verdade é que Corinne era uma ladra, e estava tomando de mim, muito mais do que estava disposto a dar; ela estava tirando de mim, toda a porra da minha sanidade.

E essa merda, o sentimento de posse e pertencimento, era *simplesmente assustador*.

Saindo de fininho, fui direto ao banheiro para cuidar da minha higiene pessoal.

Depois de escovar os dentes, esfregando o rosto, liguei a torneira e o lavei, tentando, de algum modo, aliviar todo estresse.

Merda, o que eu estava fazendo?

Sibilando, encarei meu próprio rosto através do reflexo do espelho e, então, quase como se à mando do destino, meus olhos se depararam com uma figura surgindo às minhas costas, usando o lençol para cobrir seu corpo.

Com o cabelo loiro levemente bagunçado, as bochechas rosadas e os lábios inchados, Corinne parecia acabada de sair de uma foda — mesmo que

a última tivesse sido há algumas horas, no meio da madrugada.

Encarando os músculos das minhas costas, ela engoliu em seco e intensificou o aperto contra o lençol, antes de me olhar nos olhos e murmurar um bom dia. Quase ri da sua atitude; o fato de ainda estar tímida depois de tudo o que tínhamos feito na noite passada, não poderia se classificar como nada além de puramente cômico.

— Bom dia — respondi, me virando para ela.

No mesmo instante, seus olhos cor de avelã voaram rapidamente para a minha barriga antes de voltarem para o meu pescoço e permanecerem ali, um rubor aquecendo suas bochechas.

Levei um bom tempo até entender o motivo: eu estava sem roupas.

Comprovando o ponto, Corinne olhava para qualquer lugar, menos para o ponto entre minhas pernas — que, por sinal, ficou mais do que empolgado em vê-la.

Totalmente indiferente a minha nudez, passei por Corinne e me dirigi ao box do banheiro, deixando de lado quaisquer pensamentos referentes a toda a bagunça que ela estava fazendo comigo.

— Vou tomar um banho — informei, passando pela porta de vidro, prestes a entrar debaixo do chuveiro.

— Posso entrar com você?

A pergunta repentinamente ousada — embora sussurrada —, me fez parar e olhá-la por cima do ombro.

Ela ainda segurava o lençol com força contra o peito, os olhos brilhantes fixos nos meus, aguardando ansiosamente pela minha resposta.

Sem perca de tempo, no fim, acabei assentindo.

Enrijecendo, Corinne engoliu visivelmente em seco antes de erguer o queixo e soltar o lençol, fazendo-o cair aos seus pés. Involuntariamente, meu olhar voou para seu corpo nu, meu pau inflando com a imagem de suas curvas, tornando-a a porra da personificação da minha libido.

Pondo uma mecha do cabelo loiro atrás da orelha, com o olhar em seus próprios pés, ela avançou em minha direção, passando por mim e adentrando no box, ficando de frente para os azulejos, logo abaixo do chuveiro. Em silêncio, fechei a porta de vidro e me uni à ela, me posicionando exatamente às suas costas.

Me aproximando um pouco mais, estiquei uma das mãos em direção a torneira, deixando-a resvalar de leve em pele, e perguntei, próximo ao seu ouvido:

— Posso?

Corinne confirmou rapidamente com a cabeça e no mesmo instante, a água caiu sobre sua cabeça, molhando-a. Em razão da água corrente, seu cabelo loiro caiu feito cascata pelas suas costas e hipnotizado pela visão, levei uma das mãos até as madeixas sedosas e as posicionei ao lado de seu pescoço, liberando a região sensível. Com agilidade, desliguei, então, a torneira e encostei ainda mais perto, praticamente colando nossos corpos.

Corinne respirou fundo, o traseiro redondo e empinado a milímetros do meu membro que, por sinal, pulsava por ela.

— Já que veio até aqui, Corinne, temo que deva ensiná-la algumas lições extremamente importantes — murmurei, com o ouvido praticamente colado em seu ouvido esquerdo. Então, sem conceder tempo para que processasse a informação, dobrei um pouco os joelhos e usei ambas as mãos para puxá-la pela cintura, pressionando sua bunda contra o meu pau, enquanto prosseguia: — E lá vai a primeira: *jamais dê as costas para o seu marido*.

Em vez de me responder, ela gemeu, fazendo com que eu, tirando proveito da deixa, levasse uma das mãos até um de seus seios e o apertasse enquanto sugava o lóbulo de sua orelha.

— *Confesse* — sussurrei, mantendo os lábios em seu ouvido, ao passo que pressionava o mamilo do seio macio e pequeno na minha mão. — Confesse que não veio até aqui só para tomar banho. Revele suas reais intenções. Confesse para mim o que, exatamente, veio fazer aqui.

Diga que me quer novamente dentro de você.

— E-eu... — engasgou, arfando quando deslizei a mão que tocava seu peito pela sua barriga, até levá-la à sua intimidade. Enfiando dois dedos de uma vez, seus lábios abriram e um gemido rapidamente escapou do fundo de sua garganta.

— Vamos, Corinne — pressionei, sem parar de tocá-la. — *Diga*. Quero ouvi-la.

— Eu quero... você — sussurrou tremulamente, espalmando os azulejos para se manter o equilíbrio.

— Certo — murmurei contra seu ouvido, intensificando o ritmo dos meus dedos em sua abertura. — Seja um pouco mais específica, querida. Me diga com detalhes o que quer de mim.

— Q-querro você dentro de mim — explicou.

Abri um sorriso malicioso.

Aos poucos, eu a estava fazendo deixar a timidez de lado.

Com agilidade, plantei um beijo em seu ombro e agarrei sua mandíbula com a mão livre, liberando a região sensível de seu pescoço. Despejando uma trilha de beijos molhados, usando a outra mão, segurei seu quadril com um pouco mais de firmeza, praticamente esfregando sua bunda contra o meu pau.

— Coloque as mãos na parede — instruí. — E segure. Com *força*.

Me afastando apenas o bastante para que ela conseguisse seguir meus comandos, esperei até que tivesse ambas as mãos espalmadas contra os azulejos para poder segurar meu membro e posicioná-lo, voltando a aniquilar a distância entre nós, ao puxá-la pela cintura, colando nossos corpos através de sua bunda — a qual, no intuito de conceder um melhor acesso, empinei em minha direção.

Então, sem demora ou qualquer aviso, eu a penetrei.

As mãos que se apoiavam na parede rapidamente fecharam em resposta, alguns gemidos abafados soando pelo silêncio do banheiro conforme pegava seu cabelo molhado em um rabo de cavalo e o puxava, inclinando sua cabeça.

E, porra, tê-la daquele modo, naquela posição... Era simplesmente *sensacional*.

Entrando e saindo por trás, com cada vez mais força e agilidade, fui recepcionado por sons gradativamente mais altos e excitados, verdadeiros combustíveis para o fogo ardente ondulando em cada centímetro do meu corpo.

— Porra, Corinne... — sibilei, intensificando o ritmo das estocadas, à medida que Corinne gemia, tão entorpecida quanto eu.

Puxando sua cabeça para trás pelos cabelos molhados, trinquiei a mandíbula e meti com uma agressividade quase animal, o som de nossos corpos se chocando ecoando pelo banheiro, em uma comprovação clara de que, em se tratando de estar dentro dela, não existia o que se falar em limites; era como se nossos corpos comandassem.

Como se, quando estávamos daquela forma, nada mais importasse; em momentos como aquele, éramos apenas nós dois e o resto, fosse *apenas o resto*.

Era insano.

Arrebatador.

E, porra, sobretudo, incontrollável.

Eu já tinha perdido a conta de quantas mulheres tinha fodido, depois que me tornei viúvo, mas tinha sido assim, tão... *voraz*.

Em completa êxtase, não consegui reparar que Corinne já tinha atingido um orgasmo, até abrir os olhos, após me recuperar da onda de prazer, e vê-la curvada, com as mãos apoiadas contra os azulejos, enquanto tentava recuperar o fôlego.

Voltando à normalidade, a puxei delicadamente pela cintura e ajustei sua postura, fazendo-a ficar ereta. Abraçando-a pelo estômago, encostei a testa no topo de sua cabeça e inspirei, sentindo o odor de baunilha que seus cabelos — ainda úmidos — emanavam.

— Adoro o seu cheiro — admiti inconscientemente.

Envolta pelos meus braços, Corinne não disse nada, mas a forma como apertou delicadamente uma das minhas mãos sobre sua barriga, me fez deduzir que tinha um sorriso nos lábios.

Ela só quer ser feliz.

As palavras de Anna invadiram meus pensamentos com tanta intensidade que, quando dei por mim, já estava me afastando, levemente atordoado com o que acabava de fazer: abraçando-a apertado logo após o sexo.

Esse era o tipo de coisa que Landon, quem era louca e completamente apaixonado pela esposa, faria; *não eu*. Ao contrário dele, eu não tinha capacidade para tanto — a porra do meu sistema emocional não funcionava como o dele.

Eu não amava Corinne; pelo menos, não da maneira como ele amava sua esposa.

Então por que caralhos eu estava agindo assim?, a pergunta veio de repente, me fazendo vacilar e olhar, impotente, para as costas nuas de Corinne.

Que porra eu estava fazendo?

Confusa, ela me lançou um olhar por cima do ombro.

— Está tudo bem? — questionou, me fitando com os olhos castanho-esverdeados levemente arregalados.

Forçando um sorriso, assenti.

— Sim — menti. — Só acho que precisamos nos apressar um pouco, ou acabaremos perdendo o café da manhã.

Era a porra da pior desculpa que eu poderia ter inventado, mas se percebeu, Corinne não disse nada; apenas confirmou com a cabeça.

Pondo uma expressão em branco no rosto, capturei a embalagem do sabonete líquido nicho e despejei em uma das mãos, entregando-a para Corinne com a mão livre e esfregando o conteúdo no corpo, já no momento seguinte. Sem encará-la, lavei e esfreguei o corpo, tomando, dessa vez, todo o cuidado para não tocá-la. Ela fez o mesmo e antes que pudessemos perceber, estávamos, os dois, de banho tomado.

Abrindo espaço para que ela passasse na frente — assim como fiz com a ducha, momentos antes, ao esperá-la se enxaguar primeiro —, esperei que Corinne tivesse o corpo envolto em uma das toalhas limpas disponíveis, antes de finalmente sair do box.

Pegando uma toalha, encarei meu próprio reflexo no espelho e esperei, feito um idiota, até ouvir o som dos cabides sendo remexidos, indicando que ela já tinha escolhido alguma roupa.

Indicando que fosse seguro sair.

Minutos depois, com a toalha enrolada na cintura, me deparei justamente com a imagem dela, sentada sobre a cama e já devidamente vestida, à minha espera.

Corinne tinha um sorriso doce e inocente nos lábios, quando nossos olhares se cruzaram.

Meu peito apertou com a visão e, sem saídas, retribuí o sorriso.

— Pensei que talvez pudéssemos descer juntos — esclareceu.

Não, não é uma boa ideia, sondei mentalmente, rogando para que a expressão em meu rosto não pudesse entregar a embate entre meus pensamentos.

Coçando a nuca, não a olhei nos olhos quando acabei dizendo:

— Na verdade, acho melhor você ir na frente.

O sorriso em seus lábios vacilou um pouco.

— Tudo bem — murmurou, se colocando de pé sem sequer perguntar o motivo.

E, por mais que me odiasse pelo tratamento de merda que a estava destinando, agradeci mentalmente pela sua atitude, porque, sendo sincero, não fazia ideia do que estava fazendo.

Quando o som da porta sendo fechada soou, percebi que tinha prendido a respiração, pois foi justo naquele momento que soltei uma respiração.

Andando em círculos, levei um bom tempo ponderando, refletindo sobre os próximos movimentos, enquanto tentava entender em que momento

tudo se tornou tão... complicado.

Corinne era minha esposa; eu gostava dela e a desejava como nunca desejei nenhuma mulher antes. Mas era apenas isso — ou, pelo menos, deveria ser.

Afastei rapidamente o pensamento.

Não pense bobagens, Roman, bradei mentalmente, enquanto vestia a calça. *Você não está apaixonado. Só está confuso.*

E com esse pensamento em mente, saí do quarto e me reuni com Anna, Landon e ela.

42.

Corinne Foxworth

Roman estava estranho.

Desde o café da manhã, ele mal me olhou.

E então, pelo restante do dia, com todos os preparativos finais para o jantar de Anna — que aconteceria dali a apenas alguns dias, por sinal —, não nos encontramos. Enquanto minha irmã e eu saímos para resolver alguns problemas envolvendo o menu, Roman e Landon permaneceram na mansão, fazendo sabe-se-lá-o-quê.

Ao acordar naquela manhã, realmente pensei que estava tudo bem.

Tínhamos começado o dia muito bem, com o momento íntimo, no banheiro, quando, reunindo coragem, me ofereci para tomar banho junto com ele e, em vez disso, acabamos fazendo sexo. Só que, na verdade, não foi apenas isso; foi muito além: muito mais íntimo e especial do que um simples momento de prazer.

Depois do orgasmo, Roman me abraçou.

E, Deus, aquela foi a primeira vez em *muito tempo* que realmente me senti protegida e sobretudo pertencente a algo.

Algo não... *Alguém*.

Mais rápido do que o desejado, porém, o momento especial se desfez tão logo Roman se afastou e foi justo a partir disso, que tudo começou a desandar.

Recuando alguns passos, foi como se ele literalmente houvesse criado um muro entre nós, já que se manteve o mais distante possível de mim — muito embora estivéssemos, em tese, tomando um banho juntos. E, para piorar, quando me dei ao trabalho de esperar por ele, Roman me dispensou e pediu para que eu fosse na frente, numa forma educada de pedir por um pouco de privacidade.

Frustrada, não me restaram alternativas a não ser obedecer, ciente de que de nada adiantaria pressioná-lo por explicações — isso apenas o afastaria mais.

Com o breve tempo que tínhamos como marido e mulher, eu já o conhecia o bastante para saber que não lidava muito bem com cobranças e coisas do gênero, justamente por estar habituado à vida solitária e extremamente independente que levava antes de vir se casar novamente.

Minha garganta fechou com o pensamento, mas me obriguei a afastá-lo, pois aquele não era nem de longe o momento ideal para ficar remoendo nada.

Sons de risadas me puxaram de volta para a realidade e, aflita, lancei um olhar discreto para o lado, avistando meu marido bebericar no copo contendo uma bebida âmbar que tinha sobre uma das mãos, enquanto balançava positivamente a cabeça para algo que Landon, sentado à sua frente, exatamente do outro lado da mesa, comentava. Ao lado esquerdo de meu cunhado — também à minha frente —, estava minha irmã, cujos olhos se mantinham na tela de seu celular, os dedos se movendo freneticamente pela mesma — certamente se comunicando com alguém.

Às vésperas do jantar, embora negasse, Anna estava cada vez mais ansiosa e nervosa.

Parecendo fazer a mesma observação, Landon pigarreou e, quando não obteve a atenção de sua esposa, rapidamente confiscou o celular de suas mãos, fazendo-a reclamar baixinho.

— Sem celulares à mesa, querida — afirmou. — Lembra? É uma das nossas regras.

Em vez de respondê-lo, Anna bufou e cruzou ambos os braços sob o peito.

— Não faça essa cara — reclamou ele. — Já conversamos sobre isso.

Ela o olhou feio.

— Estava resolvendo um algo importante. Você nem me perguntou antes de praticamente arrancar o celular das minhas mãos!

Landon suspirou.

— Tudo bem, querida. Peço desculpas. Mas garanto que seja lá qual assunto você estivesse esperando, pode esperar para amanhã, porque duvido que o teor possa ser, de algum modo, mais importante do que o nosso jantar.

O rosto de Anna suavizou.

— Desculpe — pediu, esfregando o rosto. — É só que, com o jantar se aproximando, estou meio... Estressada. Quero que tudo fique perfeito.

Afastando a mão de Anna do rosto, Landon a posicionou sobre a mesa e a apertou junto da sua em uma carícia consoladora.

— Vai dar certo, amor. Você verá — assegurou.

Amor.

Minha irmã sorriu para ele e, sem desviar o olhar, Landon pegou sua mão e a beijou.

Com um sorriso sonhador nos lábios, espiei a expressão de Roman, vendo-o assistir à cena inexpressivamente. Meus olhos, então, voaram para a sua mão posicionada sobre a mesa, exatamente ao meu lado, e num ato puramente impulsivo, estiquei o braço e pus a mão sobre a dele — exatamente como Landon fez com Anna antes.

Atenta à expressão em seu rosto, testemunhei a maneira como enrijeceu de leve ante o toque inesperado e então, sem afastar os olhos de Landon e Anna, esboçando a mesma frieza e apatia de sempre, ele recolheu a mão, afastando-a da minha.

Meu peito apertou com força, mesmo que tenha mantido o olhar longe do dele, temendo que um simples olhar pudesse entregar minhas reais emoções: que estava a um triz de chorar.

De fato senti algumas lágrimas se formando debaixo dos olhos, mas me forcei a engolir o choro e fingir que nada tinha acontecido.

Como esperado, ninguém reparou no acontecimento — tampouco no quanto me fechei durante o restante do jantar, não ousando proferir uma única palavra. Nem mesmo Roman, quem ironicamente tinha provocado tudo, não se deu conta disso.

E, *droga*, magoou.

Magoou perceber o quanto a minha presença era insignificante a ponto de ninguém — nem mesmo minha própria irmã —, reparar no quanto eu estava fazendo força para não ceder às lágrimas e fingir que estava tudo bem.

Depois do que se pareceu uma eternidade, todos terminaram suas refeições e foi a deixa perfeita para que pedisse licença e me retirasse, sob alegação de que estava cansada.

Me desejando uma boa noite, meu cunhado teve a decência de sorrir para mim quando passei por ele — ao contrário de seu irmão, que, por sinal, me lançou um mísero olhar inexpressivo; por mais estúpido e humilhante que pudesse parecer, uma pequena parte de mim realmente chegou a ter esperanças de que ele deixaria Landon e Anna para trás e viria atrás de mim.

Obviamente, não foi isso o que aconteceu.

Em sua defesa, parecendo recobrar a consciência, Anna se levantou da mesa e me seguiu, segurando meu braço e me obrigando a parar e olhá-la, quando estava a apenas alguns passos das escadas.

Seus olhos me inspecionaram com atenção.

— Você já vai dormir?

Assenti.

— Sim — sussurrei.

Ela franziu a testa, sem soltar meu braço.

— Mas ainda são dez da noite.

Suspirei.

— Eu sei. Mas realmente preciso deitar um pouco — menti, odiando a frequência com que vinha fazendo isso com ela ultimamente.

Afastando lentamente a mão do meu braço, Anna me observou com atenção.

— Está tudo bem?

— Só estou um pouco cansada, não se preocupe — a tranquilizei, forçando um sorriso. — Vamos lá, volte para a mesa. Precisa se distrair um pouco com o seu marido tagarela.

Meu comentário a fez sorrir de leve.

— Tudo bem — apertando minha mão, acrescentou: — Tenha uma boa noite.

Sorri.

— Você também, Anna. Boa noite.

Minha irmã soprou um beijinho no ar antes de dar as costas e voltar para a sala de jantar, se reunindo com Landon e Roman. Respirando fundo, pisquei para afastar as lágrimas e me obriguei a retomar o percurso rumo ao segundo andar, sem nunca vacilar o passo.

Uma vez em meu destino, fechando a porta atrás de mim, praticamente me joguei na cama e foi então — *somente então* —, que finalmente me permiti sucumbir ao real e deplorável estado de minhas emoções: com os lábios trêmulos, chorei baixinho no travesseiro, molhando-o inteiro.

Chegava a ser estúpido o quanto tudo conseguiu mudar tão rapidamente: naquela manhã, deitada sobre aquela mesma cama, acordei radiante com a certeza de que meu casamento finalmente tinha entrado nos eixos.

Agora, no entanto, estava óbvio que tudo não passou de uma ilusão, pois, ao que tudo indicava, *nada tinha mudado*.

Apesar da intimidade física, fora da cama, Roman continuava me tratando como se eu não fosse ninguém; e era exatamente dessa forma miserável que me sentia diante de sua presença: uma *ninguém*.



Eu ainda estava acordada, duas ou três horas mais tarde, quando o ouvi entrando no quarto.

Em silêncio, Roman partiu em direção ao banheiro, permanecendo lá por alguns minutos antes de voltar e começar a trocar de roupas, vestindo o pijama — o qual consistia basicamente em uma calça moletom e camiseta cinza. No momento seguinte, senti o colchão afundando com o seu peso. Deitada de lado, de costas para ele, fiquei extremamente grata pela posição elegida, pois o impedia de visualizar meu rosto, e, assim, descobrir que eu estava chorando.

Imóvel, esperei por alguma coisa... um toque, uma carícia, ou qualquer coisa do tipo, e mesmo estando ciente de que já deveria estar preparada para o contrário, me vi encolhida e decepcionada, quando Roman sequer *encostou* em mim.

Cobrindo a boca com a mão trêmula, fiz um esforço tremendo para abafar o choro que insistia em escapar, em verdadeiro desespero para não ser descoberta chorando feito um bebê.

Parte de mim queria sair correndo dali e ir para um ponto isolado e afastado, para poder gritar e tirar toda a tristeza acumulada em meu peito; a outra, por sua vez, praticamente suplicava para que fosse até Anna e contasse tudo, só para aliviar a dor. Contudo, lutando contra tais anseios, escolhi continuar ali, quieta e guardar tudo para mim.

Não queria que Roman — ou ninguém — soubesse o estado miserável em que estava.

Não quando estava tão perto do jantar de Anna e, especialmente, quando, dentro daquele casamento, eu era a única a estar daquela forma; mesmo depois de tudo o que tinha acontecido entre nós, Roman continuava extremamente indiferente.

Com os lábios trêmulos, fechei os olhos com força e tentei dormir.

Só que para a minha infelicidade, a noite que seguiu, pareceu tão interminável e dolorosa, que me peguei desejando mentalmente estar de

volta à semana em que cheguei aos Hamptons com Anna, período em que tive a tola esperança de que enfim alcançaria um pouco de paz e tranquilidade.

E, de fato, o fiz.

Pelo menos até *ele* aparecer e bagunçar tudo.

Me enfiando debaixo dos lençóis, senti vontade de me beliscar.

Estúpida.

Como pude ser tão estúpida?

Como pude me iludir tão facilmente?

Cerrando os punhos debaixo do lençol, sufoquei um soluço.

Aquilo não era um conto de fadas.

Roman não era o meu príncipe.

E eu, sobretudo, não seria a mocinha com um final feliz e perfeito à sua espera.

Aquilo era a vida real.

E estava na hora de acordar e parar de sonhar com tantas bobagens.

Aquele casamento não foi por amor; não tinha como ser.

Encolhida sob o lençol, abracei os joelhos contra o peito e fechei os olhos com força.

Então, por que raios acreditei veemente no contrário?

Era tudo culpa minha.

Sentindo as lágrimas quentes escorrendo pelo meu rosto, apertei o travesseiro macio com força, grata pela escuridão me impedir de olhar para trás e olhar justamente para Roman.

Acorde para a vida, Corinne. Pare de sonhar.

43.

Roman Foxworth

Ao acordar, não demorei a perceber que o espaço ao meu lado, na cama, estava vazio.

Por alguma razão inexplicável, eu já conseguia distinguir o perfume de Corinne, daquele usado na lavagem das colchas de cama.

Sentando, estiquei os braços e me espreguicei, constatando, ao olhar para o lado, que os lençóis estavam bagunçados e que, de fato, estava sozinho na cama. Estranhando o feito, fisguei o relógio de cima da mesa de cabeceira e verifiquei o horário: seis e trinta.

Corinne não costumava acordar tão cedo, e isso unido ao fato de que também dormiu bem antes do que de costume na noite passada, tornava tudo ainda mais estranho.

Sem perda de tempo, levantei e comecei a arrumar a cama. Em seguida, caminhei até o banheiro e iniciei a higiene matinal, espiando, por todo momento, os arredores na esperança de encontrar com Corinne. No entanto, ela realmente não estava no quarto; ao que tudo indicava, já tinha descido.

Inconscientemente, lembrei de ontem, depois do sexo no banheiro, quando a pedi para que descesse na frente e não me esperasse. E então, nesse mesmo momento, a recordação do momento em que tentou tocar minha mão sobre a mesa, durante o jantar, veio à tona, me fazendo fechar os olhos e soltar um palavrão.

Não pense muito à respeito, uma voz interna aconselhou. Está tudo bem. Ela só quis descer primeiro. Não há motivos para fazer alarde por algo tão bobo.

Seguindo à risca, tomei banho e troquei de roupas em tempo recorde.

Ao sair do quarto e descer às escadas, percebi que todos já estavam na sala, sentados sobre o sofá e perfeitamente arrumados, como se à espera de algo.

Ou melhor: *de alguém*.

— Bom dia — cumprimentei, desconfiado.

— Bom dia, Roman — foi Anna quem respondeu, levantando do sofá com um sorriso educado nos lábios. — Estávamos à sua espera.

Franzi o cenho, arrastando os olhos para Corinne, que estava impecavelmente sentada sobre o sofá acolchoado: com a postura reta, pernas cruzadas e mãos sobre o colo, ela soava como uma *Lady*.

— Por que não me chamou? — questionei calmamente.

Lentamente, seus olhos desviaram de suas mãos para mim, parecendo levemente surpresos pela minha pergunta.

— Porque levantei bem cedo e não quis incomodá-lo.

Estreitando os olhos, sem conseguir omitir o grau de indignação, soltei:

— Da próxima vez, não se preocupe com isso. Quando levantar, pode me chamar. Odeio ser o último a acordar.

Com uma expressão indecifrável no rosto, Corinne assentiu.

— Tudo bem. Me desculpe.

Anna, que olhava entre mim e Corinne, torceu o nariz em puro desgosto.

— Da próxima vez, você pode ser mais responsável e acordar por si mesmo, em vez de esperar que alguém o faça — soltou com desdém.

Captando a provocação de sua esposa, Landon rapidamente levantou do sofá e pigarreou, intercedendo antes mesmo que tivesse tempo de abrir a boca para revidá-la.

— Vamos tomar café da manhã no clube, Roman — informou. — Como nossas esposas têm trabalhando bastante ultimamente por conta dos preparativos para o jantar, pensei que talvez fosse melhor tirarmos o dia de folga e concedê-las o descanso merecido.

— Acho uma excelente ideia — concordei, ignorando descaradamente o olhar repleto de desprezo que Anna me lançou.

Batendo as palmas, Landon olhou entre sua esposa e eu antes de finalmente dizer:

— Pois bem, vamos indo? Já está um pouco tarde.

Sem demora, Landon conduziu a esposa até a porta de entrada da mansão pela mão e continuei imóvel, esperando que Corinne levantasse do sofá e seguisse o exemplo. Indicando na direção da porta, instigando-a a levantar, esperei até que minha esposa ficasse de pé.

Mantendo o olhar em suas próprias mãos ela o fez e, ainda sem me olhar, passou por mim, caminhando calmamente e seguindo Landon e Anna.

A exatos dois passos de distância, observei atentamente suas costas, percebendo, tarde demais, que tinha alguma coisa acontecendo.

Ou melhor: que *algo estava errado*.



O Golden Club era o clube de golfe mais famoso da região; nele, encontrava-se apenas a alta sociedade nova iorquina — motivo pelo qual Anna e Landon eram sócios e frequentadores fiéis do lugar.

Situado num ponto um pouco afastado das demais residências, cada centímetro do lugar gritava riqueza e sofisticação: construído em estilo colonial americano, com características semelhantes à da *Casa Branca*^[10], cada detalhe que compunha a estética parecia ter sido selecionado a dedo — e considerando a luxuosidade do estabelecimento, podia apostar que tinha sido mesmo.

Ao descermos do carro que Landon conduzia, fomos recepcionados por alguns dos funcionários que, muito cordialmente, nos levaram até a parte em que estava localizado o *buffet*, em um enorme salão, com vista para os imensos campos de golfe que cercavam a construção.

— Eu amo este lugar — Anna declarou, ocupando um dos assentos.
— É sempre tão tranquilizador vir até aqui!

Landon, que sentou exatamente ao seu lado, a lançou uma piscadela.

— Não foi à toa que foi o escolhido para passarmos o dia.

Sorrindo, Anna capturou uma das mãos dele e a apertou sobre a mesa.

De relance, senti os olhos de Corinne fixos nas mãos dos dois, a expressão em seu rosto totalmente em branco. Ela estava estranha. Desde que tínhamos saído da mansão, não tinha dito uma única palavra e, com exceção dos breves sorrisos que dirigiu a sua irmã, quando tentou incluí-la na conversa, esteve em constante reclusão.

O que estava acontecendo?

Um rapaz vestindo o uniforme esbranquiçado do clube surgiu pelo meu campo de visão, interceptando a linha de meus pensamentos. Nos entregando o cardápio, ele esperou pacientemente até que cada um de nós escolhesse e fizesse seu respectivo pedido e então se retirou, alegando que providenciaria a refeição o quanto antes.

Sentado ao lado de Corinne, espiei sua expressão pelo canto do olho, ciente da força com a qual apertava os dedos sobre a mesa, aparentemente

perdida em devaneios.

— Ai, meu Deus! Não posso acreditar no que estou vendo!

O tom de voz animado e estranhamente familiar me fez afastar subitamente a atenção de Corinne e destiná-la àquela que, agora, se aproximava da nossa mesa, parando exatamente diante de nós.

— Roman Foxworth junto do casal Chamberlain em meados de julho? — fez a retórica. — Simplesmente não dá para acreditar!

Estreitando os olhos para a visitante inesperada, levei apenas alguns minutos até identificá-la: Sharon Holland, a esposa de um velho amigo.

Abrindo um sorriso enorme, Anna foi a primeira a cumprimentá-la.

— Não acredito que está aqui! — exclamou ela, enquanto envolvia a mulher entre seus braços. As duas eram boas amigas. Recuando, Anna ainda sorria quando emendou: — Mandei enviar os convites do jantar nesta semana! Como veio tão rápido?

Sharon abriu um sorrisinho sem graça.

— Na verdade, querida, eu soube do jantar, mas, infelizmente, não poderei comparecer. Stephen e eu só estamos de passagem pelos Hamptons., pois temos um compromisso em Londres a partir de amanhã.

— Stephen está aqui? — quis saber Landon, sem conseguir esconder toda a felicidade com a possibilidade de reencontrar o amigo de longa data.

Sharon assentiu.

— Sim. Ele está com as crianças. Levou-as para jogar um pouco — deslizando os olhos um pouco mais, o sorriso dela ampliou um pouco à medida que seu olhar focava em mim e, então, em Corinne, sentada ao meu lado. — Ora, então os boatos eram verdadeiros: você realmente se casou novamente, Roman.

De repente, me senti levemente desconfortável.

Sharon não era apenas amiga de Anna, como de Elsa também — e, para piorar, as duas costumavam ser praticamente *inseparáveis*.

Merda.

Abrindo um sorriso modesto, acenei educadamente.

— Olá, Sharon. Como vai?

— Bem — respondeu baixinho, mais interessada em Corinne, já que manteve seus olhos nela, analisando-a descaradamente.

Chegando à mesma conclusão, Corinne endireitou a coluna.

Pigarreando, me senti na obrigação de romper com o clima de tensão, mas, provando que estava muito à frente, Anna se adiantou ao oferecer um

lugar à mesa para Sharon:

— Por que não senta conosco? — convidou.

Sorrindo, Sharon foi ágil o bastante para puxar uma cadeira vazia e acomodá-la ao lado de Anna. Capturando o celular da bolsa, ela pediu apenas alguns minutos para poder informar ao marido aonde estava e então, *pronto*, sua atenção estava de volta em Corinne.

Por mais incômoda que pudesse ser, sua atitude não era de se admirar: ela e Elsa se conheciam desde que nasceram e, por isso, eram quase irmãs; em reflexo, quando Elsa faleceu, Sharon ficou devastada.

Agora, era totalmente compreensível que estivesse tão intrigada com aquela que ocupava o posto anteriormente pertencente à sua melhor amiga — e, como prova, a forma como Anna encarava apreensivamente a irmã deixou evidente que não fui o único a chegar a tal conclusão.

Quando ficou óbvio que não me restariam alternativas, indiquei com o queixo na direção de Corinne e, em seguida, fiz o mesmo com Sharon.

— Sharon, esta é Corinne, minha esposa. Corinne, esta é Sharon — apresentei.

Puxando os lábios em um sorriso educado, Sharon esticou uma das mãos sobre a mesa, estendendo-a na direção de Corinne que, com relutância, a aceitou, apertando-a delicadamente.

— É um prazer conhecê-la, Corinne.

— O sentimento é recíproco — sussurrou Corinne acanhadamente.

— Fico muito feliz que tenha encontrado alguém para refazer a vida, Roman — declarou amavelmente. — Você merece ser feliz.

— Obrigado — murmurei com sinceridade.

Eu gostava de Sharon; e não somente pelo fato de ser esposa do único amigo verdadeiro que consegui fazer na vida que levava, mas por ser alguém amável e extremamente carismática.

Recostando as costas na cadeira, Sharon rapidamente mudou o rumo do assunto, desviando sua atenção para Anna, enquanto olhava sugestivamente para a sua barriga.

— Então estão esperando um bebê, não é?

Landon abriu um sorriso.

— Exatamente.

— Bem, fico muito feliz por vocês — opinou Sharon, lançando um olhar repleto de doçura para a gestante ao seu lado. — Tenho certeza de que será uma excelente mãe, Anna.

Os olhos azuis de Anna brilharam mais do que de costume.

— Obrigada — sussurrou.

— Disponha, querida — respondeu docemente, dando tapinhas delicados em seu ombro, antes de voltar a fitar a mim e Landon, com um sorriso pretensioso. — Por que vocês, homens, não se juntam a Stephen e nos deixam conversar um pouco a sós?

Arqueei uma das sobranceiras, mas Landon se adiantou, ficando de pé feito a porra de uma criança ansiosa prestes a desembulhar o presente de Natal.

— Se estiver tudo bem para você, querida, posso ir para lá e conversar um pouco com Stephen e as crianças — informou ele, mesmo que já estivesse de pé, a postos, pronto para ir.

O fuzilei com o olhar, desejando mentalmente recriminá-lo pela sua conduta extremamente desagradável, mas se ele percebeu, não disse nada; apenas olhou para sua esposa e, quando recebeu um sinal positivo, deslizou o foco para mim, esperando que eu seguisse seu exemplo e saísse.

Suspirando, acabei o fazendo.

— Conversaremos um pouco com Stephen e voltaremos — decretei ao meu irmão idiota. — Ainda quero tomar o meu café da manhã.

— Claro — concordou Landon, fazendo uma breve mesura boba para as mulheres, antes de sair do salão, rumo à pista de golfe.

— Com licença — murmurei e logo segui seu exemplo.

Aquele seria um longo dia, constatei, à medida que acompanhava meu irmão e torcia mentalmente para que as coisas melhorassem.

44.

Corinne Foxworth

Sharon Holland era uma mulher extremamente interessante.

Embora fosse tão elegante quanto minha irmã e todas as demais mulheres que frequentavam o clube, ela era detentora de uma beleza exótica que a tornava uma verdadeira raridade: ostentando uma pele marrom-avermelhada, unida ao tom do castanho rico de seus olhos e os cachos curtos e volumosos, Sharon definitivamente fazia jus à posição social que ocupava, como a esposa de um grande empresário.

Depois que Landon e Roman saíram, não trocamos muitas palavras, mas a forma desinibida e confortável com a qual conversava com Anna me fez perceber que ambas eram íntimas — ou pelo menos um pouco, considerando a infinidade de assuntos que tinham em comum.

Enquanto observava as duas conversarem animadamente, fiquei feliz pela minha irmã ter feito uma amiga mesmo diante do cenário em que vivíamos. Grande parte das “amizades” estabelecidas pelos pertencentes ao submundo de Nova York, eram realizadas por puro interesse comercial. Como exemplo vívido de tal situação, estava o fato do casamento de cada uma de nós, ter sido fruto de negócios entre as famílias dos noivos.

Diante disso, uma amizade sincera era uma verdadeira dádiva — dádiva esta que, ao que tudo indicava, minha irmã conseguiu conquistar.

Anna estava tão envolta na conversa sobre os detalhes do jantar que seria realizado dali a apenas alguns dias, que quando o garçom trouxe nossos pedidos, mal percebeu que sua bebida tinha sido trocada: limão, em vez de melancia. Com certa relutância, ela pediu licença e seguiu até o balcão, para pleitear pela troca da bebida errônea.

Com isso, ficamos apenas Sharon e eu.

Um tanto desconfortável, beberiquei um pouco do meu suco, sentindo seus olhos sobre mim a todo momento, me avaliando atentamente.

— Faz quanto tempo que Roman e você estão casados? — sua pergunta repentina me pegou de surpresa, fazendo com que quase engasgasse.

Disfarçando o susto, dei mais um gole na bebida antes de respondê-la:

— Um mês.

Sharon assentiu, as mãos entrelaçadas debaixo do queixo indicando que toda a sua atenção estava em mim.

— Ah, então são recém-casados — deduziu. — Presumo que estão aproveitando a oportunidade para passar a lua de mel, certo?

Não exatamente, sondei internamente.

Abri um sorriso envergonhado e, sem saber como respondê-la devidamente, apenas assenti. E se achava que minha resposta contida a satisfaria, estava *terrivelmente enganada*.

— Quantos anos você tem? — indagou logo em seguida.

— Vinte e quatro.

Ela assentiu, passando lentamente os olhos por mim, em uma análise minuciosa.

— A mesma idade que Roman tinha quando se casou com Elsa — declarou inexpressivamente. Ante a menção à falecida esposa de Roman, fiquei rígida. Não satisfeita, Sharon emendou: — Elsa e eu éramos grandes amigas, sabia? Visitávamos uma a outra com bastante frequência.

Engolindo em seco, forcei um sorriso.

— Eu... imaginei.

— Elsa me contava frequentemente sobre o desejo de Roman de ser pai — Sharon me cortou ríspidamente, o sorriso em seu rosto se mostrando mais afiado, à medida que prosseguia, sem nunca afastar os olhos dos meus: — Eles fizeram vários planos juntos. Desejavam construir uma família o quanto antes.

Meu peito apertou.

Roman queria tanto assim ter filhos?

A lembrança da maneira responsável e metódica como agiu quando fizemos sexo pela primeira vez veio à tona, soando feito um soco no estômago: comigo, Roman praticamente exigiu por métodos contraceptivos; com Elsa, por outro lado...

Senti a garganta fechar e o peito afundar.

Ele não queria ter filhos comigo?

Sem conseguir omitir a dor em meu rosto que tal revelação causou, apenas sorri — um sorriso extremamente forçado, que não alcançou meus olhos.

— Eu... também imaginei isso — murmurei, dando o melhor para soar sincera e não ressentida.

Sorrindo, Sharon recostou as costas contra a cadeira e tamborilou casualmente as pontas dos dedos pela mesa, toda a amabilidade de antes, quando estava na presença de Anna, desaparecendo por completo de seu semblante.

E foi quando finalmente entendi: eu não era uma aliada; tampouco *amiga*.

Eu era aquela que estava tentando tomar o lugar da primeira esposa. A legítima.

A única que Roman realmente amou.

O jeito com os olhos castanhos de Sharon se fixaram nos meus, com nítido desdém, deixou claro que estava tão ciente disso quanto eu.

Eu era a impostora ali.

Insinuações de lágrimas começaram a se formar debaixo dos meus olhos, porém, em genuíno desespero para que Sharon não me flagrasse chorando, pisquei para afastá-las.

Oportunamente, nesse mesmo momento Anna voltou e então, feito mágica, o sorriso amável e descontraído de Sharon estava de volta.

— Desculpem pela demora — pediu, carregando o suco de limão e reocupando seu lugar à mesa, exatamente ao lado de Sharon. — Tive que fazer uma observação para que não trouxessem os pedidos de Landon e Roman ainda, caso contrário, irão esfriar. E aposto que embora Roman tenha dito que não demorariam, levarão um bom tempo conversando com Stephen e as crianças.

— Certamente — Sharon concordou. — Aposto que, neste exato momento, estão cochichando sobre as novidades nas vidas uns dos outros.

Anna riu.

— Definitivamente. Realmente consigo visualizar a cena.

Olhando de uma para a outra, sentindo um aperto cruel no peito, respirei fundo antes de puxar a cadeira para trás, conquistando a atenção de ambas.

— Acho que vou fazer uma caminhada — informei, de pé, forçando um sorriso.

Anna piscou.

— Tudo bem. Quer companhia?

— Não — neguei rapidamente. — Não se incomode. Fique com Sharon. Só preciso de um pouco de ar puro.

Franzindo um pouco a testa, Anna assentiu. Sharon, por outro lado, apenas me lançou um olhar apático, parecendo genuinamente aliviada pela minha saída precoce.

Sorrindo educadamente para ambas, minha felicidade forjada foi desaparecendo à medida que me afastava, levando uma das palmas ao peito, como se o movimento pudesse amenizar a dor ali contida. Mantendo a expressão o mais casual possível, caminhei por um bocado de pessoas até estar enfim no hall de entrada.

Sem demora, empurrei as portas e de imediato, a brisa fresca da manhã me atingiu.

Junto dela, toda a força dos sentimentos ruins que eu vinha desesperadamente tentando sufocar vieram à tona com tanta intensidade, que meus joelhos fraquejaram — felizmente, todas as pessoas ao redor estavam tão ocupadas consigo mesmas, para reparar na estúpida mulher que tinha acabado de cair de joelhos, no chão.

Com o queixo tremendo, me levantei e, limpando a sujeira do vestido, continuei a caminhar sem destino pelo gramado, em busca de um pouco de solidão.

Quando já estava longe o bastante para não ter ninguém por perto, caí de joelhos e finalmente, sucumbi à dor pungente em meu peito.

Chorando ruidosamente, e sem quaisquer estribeiras, soluzei com tanta força, que cheguei a ficar sem ar.

“Eles fizeram vários planos juntos. Desejavam construir uma família o quanto antes”.

As palavras surgiram de repente pelos meus pensamentos, me fazendo sentir pequena, estúpida e ridicularizada.

Roman não me queria; nem como esposa e tampouco como mãe de seus filhos.

Eu era apenas um corpo para esquentar sua cama e satisfazer suas necessidades.

Eu não significava absolutamente nada para ele.

Arfando, com a mão fechada em punho sobre o peito, bem acima do coração, chorei por hoje, ontem e todos os dias que sucederam aquele em que me tornei sua esposa.

Tudo não passou de uma ilusão.

Eu estava tão preocupada em como deveria ser, que não percebi que tudo não passava de expectativas criadas exclusivamente por mim, oriundas direto da minha cabeça.

Nunca foi real.

Porque, para início de conversa, *Roman nunca foi meu.*



Não sei quanto tempo levei chorando, mas depois do que pareceu uma eternidade, finalmente me recompus o suficiente para voltar ao salão e me reunir aos demais.

Fazendo uma pausa destinada a lavar o rosto e apagar os vestígios do choro no banheiro mais próximo, não demorei a localizar a mesa em que anteriormente ocupava. Agora não somente Sharon estava presente, como aquele que supus ser seu marido e outras duas crianças — seus filhos.

Colocando um sorriso superficial no rosto, me aproximei cautelosamente da mesa e de imediato, diversos pares de olhos se voltaram para mim.

— Aonde você estava? — Roman exigiu saber.

— Eu a liguei várias vezes — Anna interveio. — Por que não atendeu?

— Acabei me distraíndo — desconversei, contornando a mesa para poder sentar em meu local de origem: ao lado de Roman.

Minha irmã me lançou um olhar aguçado, ao passo que o homem ao meu lado, com uma expressão dotada de repreenda, apenas me observou cautelosamente, atento à cada detalhe em meu rosto, como se a procura de qualquer indício de culpa ou algo do gênero.

O ignorando descaradamente, pus a máscara de casualidade e me adaptei ao ambiente — tal qual estava tão familiarizada a fazer durante todos os jantares que papai costumava dar em nossa casa, em Long Island.

Ninguém precisa saber o quão miserável você é, eu costumava dizer a mim mesma e, com certo pesar, percebi que o dilema ainda se adaptaria perfeitamente a minha nova realidade.

Infelizmente, assim como antes, não existia nada que eu pudesse fazer além de sentar e aceitar que alguém como eu, estava terminantemente fadado ao fracasso e à infelicidade.

45.

Ronan Foxworth

O trajeto de volta à mansão se deu da mesma maneira como o dia com os Holland sucedeu: com Corinne imersa no mais completo silêncio.

Enquanto Anna, Sharon, Landon e Stephen conversavam, tentei verdadeiramente prestar atenção em seu rosto para ver se descobria algo, mas era como se estivesse perdida em devaneios, sem esboçar qualquer emoção tangível.

Só um idiota não seria capaz de perceber que tinha algo de errado com ela: já tinha algumas suspeitas desde o início daquela manhã, mas quando Corinne simplesmente saiu da mesa, deixando a irmã e Sharon para trás e desaparecendo de vista por um tempo considerável, eu tive *certeza* de que tinha alguma coisa acontecendo.

Por outro lado, à julgar pela maneira eufórica e empolgada com a qual Anna estava conversando com Sharon percebi tardiamente que, apesar de óbvio, talvez eu fosse o único a chegar a tal conclusão.

Por conta do estresse, ou até mesmo do nível de ansiedade devido à aproximação do tão esperado jantar, Anna parecia alheia a qualquer outra coisa que não fosse o próprio umbigo — *literalmente*.

Não sabia afirmar com clareza como ou quando aconteceu, mas as duas pareciam levemente distantes ultimamente, de tal modo que Anna, que sempre foi extremamente atenta à irmã, não conseguia enxergar que Corinne estava quieta além do normal.

No final das contas, Sharon, Stephen e os filhos acabaram saindo na frente, sob alegação de que estariam embarcando, dentro de poucas horas, num voo com destino à Londres — algo que, por sinal, justificaria o motivo de não poderem comparecer ao jantar de anúncio de Anna e Landon.

Com um abraço com direito a beijos no rosto e promessas de um reencontro próximo, Sharon, Stephen e seus filhos partiram, deixando-nos a sós. E então, após concluirmos o café da manhã, fomos direto para as pistas de golfe. Apenas Landon e eu jogamos, uma vez que as mulheres ficaram sentadas no carrinho de golfe em modelo *RXV*, nos observando.

Meu irmão e eu éramos extremamente competitivos, portanto, mesmo lançando olhares rápidos na direção de Corinne para checá-la, não desviei a atenção do jogo.

Como de costume, venci Landon — *por bem pouco*.

O restante do dia passou tão rápido que, quando dei por mim, o sol já estava se pondo, por isso tivemos que ir embora mais cedo do que o desejável — especialmente considerando que Anna não parava de se queixar sobre estar “cansada” e “precisar ir para casa”.

— Foi um excelente dia — a mulher em questão declarou, assim que descemos do carro, adentrando no hall de entrada da mansão. — Me diverti bastante.

Não consegui me segurar:

— É mesmo? Porque não foi o que pareceu — resmunguei, fazendo menção as suas queixas insuportáveis para irmos embora de uma vez.

Me olhando feio, ela deu desdenhosamente de ombros.

— Bem, para a sua informação, não há nada de divertido em ter que passar quase duas horas inteiras assistindo a dois marmanjos disputarem o título de vencedor da partida.

Reprimindo um sorrisinho, Landon segurou a mão dela e a conduziu para a sala, em direção ao enorme sofá. Ajudando-a a sentar, fez o mesmo e logo olhou para mim e Corinne, apontando sugestivamente com o queixo em direção aos demais lugares vagos.

Eu já começava a me mover quando ouvi, pela primeira vez em muito tempo, a voz de Corinne:

— Agradeço o convite, mas estou um pouco cansada — alegou. — Vou subir.

No mesmo instante parei e a olhei. Landon e Anna fizeram o mesmo, ainda mais confusos do que eu.

Landon foi o primeiro a romper com o silêncio:

— Tudo bem. Tenha um bom descanso, cunhada.

Sorrindo, ela o agradeceu e logo tratou de nos dar as costas e começar a caminhar na direção das escadas, no mais sublime silêncio.

Contados exatos quinze segundos de sua partida, Anna finalmente indagou:

— Aconteceu alguma coisa?

Virei o rosto, só então percebendo a quem estava direcionando a pergunta: *eu*.

— Interessante, eu ia lhe fazer exatamente a mesma pergunta — rebati, arqueando uma das sobrancelhas. Anna fez uma careta. — Não me olhe assim. Se alguém deveria saber de alguma coisa, deveria ser *você*.

Anna desviou o olhar.

— Antes, sim. Mas, agora... bem, faz um tempo que Corinne não me conta nada.

Hesitei, a observando com atenção: com os olhos fixos nas próprias mãos cerradas sobre o colo, Anna parecia quase vulnerável.

Merda, ela estava falando a verdade.

E isso, por si só, tornava tudo surpreendentemente pior, pois significava que a situação era ainda pior do que a imaginada.

Esfregando o rosto, sibilei baixinho.

— Vou resolver isso — declarei simplesmente, girando nos calcanhares e indo até as escadas, com destino ao segundo andar.

Subindo apressadamente os degraus, ouvi sons de sussurros tranquilizadores, mas nem mesmo precisei virar o rosto para saber que vinham de Landon: certamente estava tentando acalmar a esposa.

Pisando duro, cheguei ao segundo andar em tempo recorde. E então, sem delicadeza, girei a maçaneta e entrei no quarto.

Corinne já estava na cama, sentada, quando fechei a porta às minhas costas.

Os olhos e nariz avermelhados unidos ao rosto levemente inchado e a cabeça desoladamente encostada na cabeceira acolchoada, foram indicativos suficientemente claros para que soubesse que estava certo em ter vindo atrás dela, atrás de explicações:

— O que está acontecendo? — quis saber, sem rodeios, me aproximando cautelosamente da cama.

Sem mover um único músculo, seus olhos se moveram lentamente para mim, vazios e inexpressivos.

— Como assim? — sussurrou.

Cruzei ambos os braços sob o peito e a encarei, impaciente.

— Sabe muito bem sobre o que estou falando, Corinne — disparei. — Você está estranha o dia inteiro. Quase não comeu e, não bastando, não disse praticamente nada desde que saímos daqui e fomos ao clube. Qual é o problema?

Dessa vez, embora mantivesse o olhar vago sobre mim, seus lábios comprimiram um pouco — o máximo de reação que esboçou.

— Por que está reclamando? — murmurou. — Só estou atendendo ao seu pedido.

Franzi as sobrancelhas, sem entender.

— Do que está falando?

— Você me pediu um pouco de espaço, lembra?

Confuso, eu estava prestes a interrogá-la novamente, quando fragmentos de um momento específico sucedido na manhã anterior vieram à tona, me fazendo lembrar da ocasião em que, assustado devido ao abraço que demos dentro da porra do banheiro, praticamente a chutei para fora do quarto, alegando que ela não precisava esperar por mim para descer.

Cerrei os punhos.

Porra, então era por conta disso que ela estava tão chateada?

— Eu não pedi por espaço — divergi, franzindo as sobrancelhas. — *Nunca* disse isso.

— Não com essas palavras — rebateu apaticamente. — Mas suas atitudes disseram o bastante.

— Não consigo entendê-la — murmurei impacientemente. — Seja direta e diga de uma vez o que realmente quer, caso contrário, continuaremos nesse embate sem sentido.

Piscando lentamente, como se cada bater de cílios lhe custasse muito, ela não desviou o olhar por uma vez sequer, mesmo quando a voz vacilou ao perguntar:

— Por que se casou comigo?

Pisquei.

— O quê?

— Perguntei o por quê de ter se casado comigo.

Emudeci, analisando seu rosto com atenção.

— Como assim “por que”? Que tipo de pergunta é essa?

— Responda, Roman — pressionou, os olhos vidrados nos meus. — Por que se casou comigo?

Abrindo e fechando a boca, acabei hesitando, sem saber ao certo como respondê-la.

— Por que está me perguntando isso? — foi o que disse, em vez disso.

Por um nanossegundo, os lábios dela tremeram um pouco enquanto dobrava os joelhos e os pressionava contra o peito, sem nunca desfazer o contato visual.

— Porque, já que está mais do que óbvio que você não me ama... — fez uma pausa, a voz falhando. — E sobretudo agora que sei que não deseja ter filhos comigo, não me restaram explicações plausíveis sobre o real motivo que levou você a me escolher como sua esposa.

Parei.

Filhos?

— O que? Do que diabos você está falando?

— Não me olhe como se eu estivesse louca, Roman. Não estou dizendo nenhuma bobagem, e sabe disso tanto quanto eu — disparou, erguendo o queixo ao prosseguir: — Ou por acaso vai negar que sempre quis ser pai, mas na primeira noite que passou comigo, exigiu pelo uso de medidas contraceptivas?

Com os olhos levemente arregalados e os punhos cerrados, eu a lancei um olhar duro.

— Quem lhe disse isso?

Ela nem mesmo vacilou.

— Sharon.

Sibilando baixinho, esfreguei nervosamente o rosto, finalmente entendendo a gravidade da situação.

Sharon era a melhor amiga de Elsa; óbvio que diria alguma coisa para tentar magoar Corinne agora que sabia que eu a havia desposado, mesmo depois de tê-la garantido, no funeral de Elsa, que não existiria nenhuma mulher depois de sua tão amada amiga.

Cacete.

— Ela me contou sobre o seu sonho de ser pai — Corinne continuou, insatisfeita com toda a minha inquietação. — E também sobre... todos os planejamentos que você fez para aumentar a família no seu casamento anterior.

Fechei os olhos com força, conseguindo sentir toda a dor contida em sua revelação. Como prova, sua voz tinha baixado uma oitava na pronúncia da última parte.

Me sentindo um bastardo cruel, passei a mão pelo queixo, os olhos pinicando.

Merda, merda, merda.

— Por que se casou comigo, Roman? — Corinne perguntou uma outra vez.

Todo o esforço para manter a apatia havia desaparecido por completo de seu semblante: agora, junto da pergunta, vieram lágrimas e mais lágrimas; ela estava chorando.

Literalmente sem palavras, eu a encarei, o peito apertado com a visão de seu rosto contorcido de dor.

— Responda! — exigiu, embora a voz estivesse embargada pelo choro. — Por que eu, Roman? Por que estou aqui?

Porque foi preciso; caso contrário, estaria nas mãos de um agressor.

Em vez de respondê-la, em silêncio, baixei o olhar, só percebendo a péssima decisão que havia tomado, quando a vi enxugando ríspidamente as lágrimas do rosto e descer da cama, vindo na minha direção.

Se antes estava desolada, agora parecia simplesmente *furiosa*.

— Me responda! — ordenou, parando na minha frente. — Por que me escolheu para ser sua esposa, se não tem e nem nunca teve a menor intenção de levar este casamento a sério? Por que estou aqui? Qual a minha serventia nisso tudo? — na ausência de uma resposta, Corinne passou a ficar mais e mais raivosa, chegando ao ponto de me puxar pela gola da camiseta, me forçando a olhá-la. — Responda!

Outra vez em silêncio, me limitei a fitá-la.

E com isso, ela passou a deferir socos e tapas contra o meu peito, ao mesmo tempo que soluçava e chorava ruidosamente.

— Me responda! — exclamava, batendo e chorando ao mesmo tempo.

A princípio, sem reagir, eu a deixei descontar a raiva em mim, mas quando os socos passaram a ficar mais fortes e o choro ruidoso e desesperado demais, segurei seus pulsos, forçando-a a parar.

— Pare — pedi calmamente.

Toda a minha cautela pareceu enfurecê-la ainda mais, considerando a forma como enrijeceu sob meu toque. Com os olhos brilhantes de ódio e repleto de lágrimas, Corinne continuou golpeando meu peito, usando, dessa vez, ainda mais força do que antes. Sem alternativas, intensifiquei o aperto contra seus pulsos até conseguir imobilizá-la.

— Corinne, eu disse para parar! — exigiu, mais firmemente.

— É *você* quem deve parar — cuspiu, tentando se desvencilhar do meu toque. — Estou tão cansada disso... tão cansada de tentar, tentar e tentar e sempre falhar ao ser tratada como um *nada*.

Respirando fundo, afrouxei o aperto em seus pulsos, tremendo machucá-la.

— Por favor, me escute...

— Não, é você quem deve me ouvir! — me cortou, endurecendo o tom. — Por que me escolheu como esposa, Roman? Por que está me fazendo passar por tudo isso?

Trinquei a mandíbula.

— “Passar por tudo isso”? — repeti, incrédulo.

— Eu estava bem em casa — revelou, a voz tremendo. — Estava triste e sozinha, mas estava bem. Pelo menos estava conformada com a vida que levava. Então você apareceu e... tudo se transformou em um verdadeiro *inferno*.

Dessa vez, sua raiva transpassou para mim.

Não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

— Inferno? — ecoei. — Eu a liberei de um lar cruel e extremamente abusivo. De um pai de merda que a tratava feito um verdadeiro estorvo! Como pode ser tão ingrata?

Balançando negativamente a cabeça, com um sorriso desdenhoso no rosto, Corinne puxou os braços, se livrando bruscamente do meu toque. Recuando um passo, passou uma das mãos pelo rosto e então voltou a me encarar, os olhos cintilando com um misto entre raiva, mágoa e descrença.

— Você me tirou da minha casa, do meu pai, me fazendo acreditar que teria um futuro — alegou seriamente. — Que finalmente me tornaria alguém, *na minha própria vida*.

— E eu fiz! Eu a tornei minha esposa! — esbravejei. — O que mais você quer?

— Quero um casamento de verdade! — explodiu, atirando as mãos para o alto. — Não essa *farsa* em que vivemos!

Fechei a boca com força.

— Você me acusa de tê-la enchido de esperanças, mas eu jamais prometi *nada*.

— Eu sei. E acho que isso faz de mim a culpada, certo? Quer dizer, a falha foi única e exclusivamente minha por ter esperado o *mínimo* de você, não é? — descarregou, tão baixo e tão friamente, que suas palavras soaram como a porra de um soco no estômago.

Inspirei com força, encarando-a no fundo dos olhos.

Recordações da jovem submissa e infeliz que encontrei, na primeira vez que visitei a mansão em que costumava viver com o bastardo que tinha o desprazer de chamar de pai vieram à tona, ampliando ainda mais a minha raiva.

— Como pode dizer isso? — disparei, furioso. — Como pode ser tão ingrata? Eu *salvei* você do seu pai, Corinne. Não percebe isso?

Dessa vez, ela vacilou um pouco, todo o desdém desaparecendo por alguns segundos. Então, tão rápido quanto aconteceu, sua expressão endureceu e o desprezo e a raiva estavam de volta.

— É realmente nisso que acredita? — murmurou. — Que você me salvou?

— Eu sei que é a verdade, independentemente de acreditar em mim ou não.

Abrindo um sorrisinho descarado, ela avançou um passo, mantendo os olhos, enevoados pelas lágrimas, em mim.

— Você se gaba de sido o meu “salvador”, mas na realidade é o exato oposto — proferiu baixinho, com o rosto a milímetros de distância. — Ao contrário do que pensa, você conseguiu a proeza de piorar o que já era ruim. *Você me arruinou, Roman*. Tirou de mim a minha única virtude restante e a preço de que? *De nada*.

Cerrei os punhos, inclinando instintivamente o rosto ao seu, de modo a tentar nivelar nossos olhares.

— Agora está reclamando? — soltei, mortalmente baixo. — *Por que* está reclamando, Corinne? Não era isso o que queria desde o início? Não era exatamente *por isso* que estava praticamente me *implorando* desde que nos casamos?

No segundo seguinte, sem que ao menos pudesse perceber, meu rosto foi repentinamente acertado, a dor pinicando contra uma das bochechas, conforme a tocava e percebia o que tinha acontecido: ela tinha me tapeado.

Com os olhos vermelhos, e os lábios trêmulos, Corinne me olhava como se eu fosse um mostro. Verdade fosse dita, eu realmente era um; *pena que ela só havia descoberto agora*.

— Eu odeio você! — cuspiu, a mão ainda suspensa no ar.

Qualquer ser humano decente pediria desculpas, reconhecendo na hora a sua culpa na situação e tentando se redimir. No entanto, comprovando a veracidade da minha afirmação anterior, simplesmente ergui o queixo,

reassumindo a postura de indiferença e soltei, sem qualquer resquício de piedade:

— Não é a mim que deveria odiar. Não fui eu quem praticamente *a vendeu* — atirei friamente, furioso demais para me importar com as consequências: — E, acredite, essa não é nem de longe a pior parte. Não faz ideia do que seu pai pretendia fazer com você, caso eu e sua irmã não...

Me detive tão logo percebi que estava indo longe demais — *literalmente*.

Infelizmente, Corinne foi esperta o bastante para chegar à mesma conclusão, pois quis saber, com os olhos estreitos:

— Você e minha irmã o quê?

Por motivos óbvios, me abstive de respondê-la.

Endurecendo a expressão, Corinne insistiu:

— Você e minha irmã o que, Roman? Responda!

Me limitando a encará-la, percebi a mudança brusca em seu rosto, à medida que seus olhos arregalavam de leve: eu quase conseguia ver as engrenagens sobre sua cabeça, enquanto franzia as sobrancelhas e entreabria os lábios, assumindo uma expressão de completo horror.

— *Não...* — sussurrou, com os olhos repletos de lágrimas, balançando negativamente a cabeça e recuando dois passos. — Não, não, não. Não pode ser.

Fechei os olhos com força, já sabendo o que estava por vir.

— Você... — engasgou, as lágrimas descendo pelas suas bochechas. Então, engolindo em seco, respirou fundo e acrescentou, tão baixo, que mais parecia uma prece: — Foi ela, não é? Foi minha irmã quem armou tudo. Por isso você casou comigo: à pedido dela.

Apenas desviei o olhar, incapacitado de.

— *Ai meu Deus* — sussurrou, em meio à lágrimas de puro desespero. Cobrindo a boca, ela fitava um ponto avulso no chão, perdida em pensamentos, enquanto continuava murmurando: — Não pode ser.

Tremendo, Corinne estava tão atônita, que acabou se desequilibrando e caindo no chão. Por puro instinto, tentei me aproximar, para ajudá-la, mas ela se adiantou, me lançando um olhar mortal:

— Não se aproxime! — exclamou, o tom de voz cortante destoando completamente das lágrimas de dor em seu rosto. — Não se atreva.

Ciente de seu estado preocupante, congelei, obedecendo.

Com as mãos trêmulas, Corinne enxugou o rosto ríspidamente e se levantou, cambaleando em direção à porta sem ao menos me lançar um único olhar. Soltando uma respiração pesada, corri nervosamente os dedos pelos cabelos e praguejei baixinho.

Porra.

Aquilo não era nada bom.

46.

Corinne Foxworth

Tendo que usar o corrimão para manter o equilíbrio, com as mãos e pernas trêmulas, descí apressadamente os degraus, sentindo a dor insuportável cravada em meu peito intensificar a cada passo.

Não era verdade.

Eu tinha entendido errado.

Não podia ser.

Com o coração disparando contra o peito, cheguei ao primeiro andar quase tão rápido quanto saí do quarto, deixando Roman para trás. Por agora, ele era irrelevante; o foco era Anna, *minha própria irmã*.

Ela não podia ter feito isso comigo.

Um soluço escapou do fundo da minha garganta ante a última parte, mas prontamente o sufoquei.

Não era verdade, era aquilo que repetia mentalmente a cada passada, ecoando as palavras como se fossem alguma espécie de prece.

Por favor, por favor, não seja verdade.

Sem me importar com o fato de que estava descalça, com os olhos e o rosto inchados pelo choro, e certamente descabelada, avistei Anna e Landon sentados no sofá da sala — exatamente onde os tinha visto pela última vez.

Ofegante, parei e encarei o cabelo loiro de minha irmã.

— Como pôde fazer isso comigo? — disparei, sem rodeios, torcendo desesperadamente para que ela negasse.

Imediatamente, os rostos dos dois se viraram para mim, o de minha irmã se contorcendo de preocupação conforme ficava de pé, após uma rápida checagem em minha — deplorável — aparência.

— Corinne, o que aconteceu? — questionou, franzindo o cenho.

Sentindo as lágrimas deslizarem quentes pelas bochechas, balancei instintivamente a cabeça, ainda sem acreditar.

— Por favor, me diga que não é verdade.

Ela me olhou como se eu fosse maluca, mas um simples gesto foi capaz de entregar toda a verdade: de repente, seus olhos se moveram para um ponto às minhas costas e seu semblante mudou imediatamente, indo de confuso para pálido em questão de segundos. E não foi necessário que olhasse por cima do ombro para saber que era Roman quem estava ali, avaliando o cenário depois de ter deixado escapulir o segredo sujo dos dois.

— E-eu posso explicar... — sussurrou minha irmã, os olhos inundados por lágrimas.

E foi a confirmação que eu tanto desejava — por mais dolorosa e cruel que pudesse parecer.

Sentindo os joelhos cederem, caí no chão, incapaz de reprimir, à essa altura do campeonato, as lágrimas e os soluços ruidosos.

Até aquele momento, eu nunca havia compreendido o real sentido de que “a traição costuma vir de quem menos esperamos”, até vivenciá-la, sentindo na pele a excruciante e insuportável dor da traição, vinda justamente daquela que costumava confiar de olhos fechados.

Minha própria irmã.

Espalmando o peito, bem acima do coração, comecei a chorar sem parar; em parte pela traição de Anna, a única pessoa com a qual realmente pensei que pudesse contar no mundo, e em outra, por mim mesma, pelo fato de ter sido tão cega a ponto de não enxergar a verdade que estava, o tempo todo, bem debaixo do meu nariz.

Como pude ser tão idiota?

Aos poucos, as peças do quebra-cabeças foram se unindo e *tudo* fez sentido.

A cumplicidade entre minha irmã e Roman. Os segredos. Os sussurros. Os olhares indecifráveis.

E então, me vi voltando para o início, quando tudo começou: A súbita e inesperada proposta de casamento. A insistência de Anna para que eu me casasse e, posteriormente, consumasse o casamento — ela sempre soube que Roman não tinha o menor interesse em mim. Por isso, seria “seguro” alimentar minhas tolas esperanças de que teria um casamento feliz, já que Roman não era e nem nunca foi uma real ameaça.

Foi tudo minimamente arquitetado.

Chorando copiosamente, senti a dor e humilhação sendo gradativamente substituídos por puro ódio, conforme sentia mãos grandes e fortes tentando me levantar do chão.

— Não me toque! — berrei, me livrando rudemente do toque de Roman que, ante a ordem, congelou, parando no lugar.

— Corinne, por favor, me deixe explicar... — suplicou minha irmã, dando passos vacilantes em minha direção.

Furiosa, eu a encarei, a sagacidade de meu olhar fazendo-a parar.

— Explicar? — repeti. — Explicar o que, Anna? Que você, a minha *própria irmã*, me enganou? — solucei, a voz falhando. — Eu confiei em você. Confiei *minha vida* a você, e é assim que me retribui?

Ela fechou os olhos, fazendo com que lágrimas grossas escorressem pelo seu rosto.

— Não diga isso, por favor. Eu jamais faria nada para magoá-la, Corinne! Você é a minha irmã. A minha metade.

— Mentirosa — grunhi, fervendo de ódio. — Como tem coragem de dizer algo assim, depois de tudo pelo que me fez passar?

— Eu sei que errei — alegou. — Sei que deveria ter sido sincera e contado a verdade desde o início, mas... tudo o que eu fiz foi apenas para protegê-la!

— Me proteger? — ecoei, incrédula. — Você me *humilhou*, Anna. Mentiu várias vezes, olhando diretamente na minha cara, sobre um casamento no qual sempre soube jamais ser real. Você me enganou da maneira mais suja e sorrateira possível. Como pôde fazer isso comigo, Anna?

— Não foi assim... — ela tentou, negando freneticamente com a cabeça. — Por favor, você precisa me escutar...

— Já escutei o bastante — a cortei secamente. — Escutei quando, olhando nos meus olhos, garantiu que a minha beleza certamente foi o motivo pelo qual *seu* cunhado propôs a minha mão — disparei. — Escutei quando me deu aquela camisola estúpida de presente de casamento, me coagindo a usá-la, e assegurou que resolveria todos meus problemas matrimoniais. Em todas as vezes, eu a escutei, Anna. E esse é o problema. Desde o início, você sabia de tudo. E mesmo assim, mesmo sabendo que tudo não passava de uma *farsa*, me fez de idiota, brincando com os meus sonhos enquanto sabia que nenhum deles jamais se tornaria realidade!

Ela soluçou alto.

— Eu só queria que você fosse feliz.

Endurecendo a expressão, mantive os olhos nos seus, fitando fixamente o azul de suas íris, completamente apática às lágrimas em seu

rosto, enquanto disparava:

— Bem, então lamento desapontá-la, mas todos os seus esforços foram completamente em vão, porque nunca fui tão infeliz quanto nesse último mês.

Não ousei olhar para Roman quando falei aquilo; em vez disso, mantive a atenção em Anna, que, em resposta, cobriu a boca e começou a chorar baixinho. Surgindo defensivamente ao seu lado, Landon afagou gentilmente seus ombros, consolando-a.

Ostentando um olhar severo, declarou:

— Não fale coisas sobre as quais não sabe, Corinne.

Cerrei os punhos, deslocando minha atenção para ele.

Claro que ele também estava envolvido nisso.

— Se alguém aqui está falando sobre algo que não lhe compete, é você — revelei entredentes. — Não esqueça que é sobre a *minha vida* que estamos falando. Você já se meteu nela o bastante, portanto, fique fora disso.

Landon estreitou os olhos, pondo uma expressão ameaçadora no rosto.

— Não vou permitir que fale assim comigo ou Anna, dentro da *nossa casa*.

Enxugando rispidamente o rosto, fiquei de pé, fazendo força para disfarçar o quanto minhas pernas ainda estavam fracas e trêmulas.

— Ótimo, porque não pretendo passar mais um único segundo aqui — declarei, virando o rosto de volta para minha irmã. — Peça para prepararem um dos carros, Anna. Quero ir embora.

Minha irmã, que estava envolta pelos braços de seu marido, me fitou de olhos arregalados, chocada pelo meu pedido.

— O quê?

— Quero ir embora — repeti seriamente.

Anna piscou, ao passo que Landon suspirava e Roman, avançando um passo, tocava meu ombro. No mesmo instante me desvencilhei.

— Não me toque — grunhi, sem sequer olhá-lo.

Mesmo se quisesse, não conseguiria; *estava doendo demais*.

Recolhendo a mão, senti seus olhos em mim, me analisando cautelosamente.

— Você não pode ir embora — disse simplesmente, o tom baixo e repleto de autoridade em sua voz me fazendo sentir vontade de gritar.

— Não está em condições de pegar a estrada de volta para *Manhattan*, Corinne — Landon opinou, intercedendo. — Suba um pouco e vá descansar. Amanhã, com mais calma, conversamos.

Fechei os olhos em pura incredulidade, abrindo um sorriso repleto de escárnio.

— Essa é realmente a sua brilhante solução, Landon? *Ir dormir?* — disparei, voltando a encará-lo. — Que parte de não quero mais ficar aqui, vocês não entenderam?

Anna, que até então estava calada, suspirou.

— Corinne, por favor...

— Mande preparar o carro, Anna — eu a interrompi. — Depois de tudo o que fez, você me deve *pelo menos isso*.

Ainda que meu comentário tenha causado mais algumas lágrimas sorradeiras em seus olhos, Anna assentiu lentamente, sabendo que eu tinha um ponto: depois de descobrir toda a verdade, respeitar a minha vontade, me concedendo um pouco de privacidade, era o mínimo que ela poderia fazer por mim.

— Landon, peça para Richard preparar um dos carros — sussurrou, com os olhos nos próprios pés, fazendo força para não chorar mais. Landon a fitou boquiaberto, mas indiferente à sua atitude, ela simplesmente continuou: — Enquanto isso, vou pedir para uma das moças arrumar as bagagens da minha irmã.

— Não se dê ao trabalho — intervim. — Não quero levar *nada* do que está aqui.

Minhas palavras tiveram o propósito exclusivo de magoá-la e vendo a forma como seu queixo tremeu, constatei, com certo orgulho, que tinha alcançado o meu objetivo.

Em situações normais, eu jamais faria aquilo; sempre zelei pelo meu estar da minha irmã, pondo-o, por vezes, até mesmo acima do meu. Mas depois do que ela tinha feito comigo, não era mais digna da minha compaixão. Não era mais digna de *nada*.

Resmungando, Landon obedeceu o pedido de sua esposa, mas antes mesmo que cogitasse na oportunidade de segui-lo rumo a garagem, visando escapar dali de uma vez por todas, um aperto firme sobre um de meus braços me fez vacilar.

— Que porra pensa está fazendo? — Roman exigiu saber, me puxando pelo braço e, assim, me obrigando a fitá-lo. — Você não vai

embora, Corinne.

Me recusando a desfazer o contato visual, o destinei o olhar mais firme que consegui.

— Já falei que não quero que me toque — grunhi. — Me solte.

Em resposta, o aperto do infeliz apenas intensificou, os olhos escuros e sombrios nos meus, ao passo que as sobrancelhas estavam franzidas, e a mandíbula travada.

Meu peito ardeu com a visão de seu rosto tão próximo ao meu.

E então, em retrospectiva, lembrei de todas as vezes em que me humilhei por migalhas de atenção, quando tudo não passava de um acordo entre ele e minha irmã.

Deus, agora eu finalmente tinha a resposta para a pergunta que o fiz a ele, referente ao motivo pelo qual se casou comigo: *pura conveniência*.

Eu não sabia ao certo o que, exatamente, ele ganharia com aquele casamento, mas podia apostar que envolvia muito dinheiro — afinal, era a única coisa com a qual aquele homem realmente se importava.

— Solte-a, Roman — o pedido inesperado de minha irmã pegou nós dois de surpresa.

Em evidente surpresa, Roman afrouxou o aperto em meu braço e rapidamente aproveitei a deixa para puxá-lo de volta, livrando-o de seu toque.

— Você enlouqueceu, Anna? Ela não vai a lugar algum — bradou Roman, como se eu não estivesse ali. — Não permitirei.

O olhei com ódio.

Quem ele pensava que era para dizer algo assim?

— Você não tem que permitir nada — decretei. — Não sou sua esposa de verdade. Portanto, não ouse tentar me dizer o que devo ou não fazer.

Ele me lançou um olhar fugaz.

— Enquanto estiver com essa aliança no dedo, independente de querer ou não, continuará sendo a minha esposa.

Trincando a mandíbula e sustentando seu olhar, ergui a mão esquerda e retirei o anel, atirando-o no chão sem qualquer hesitação.

E assim, pela primeira vez, avistei uma rachadura na expressão gélida de Roman: com os olhos arregalados, ele fitou fixamente o anel de ouro caído aos seus pés, literalmente sem palavras.

— O carro está pronto. Richard está na garagem — Landon anunciou, surgindo de repente e voltando a se posicionar defensivamente ao lado de sua esposa. — Já pedi a ele que leve Corinne para *Manhattan* o quanto antes.

Embora estivesse falando com Landon, não afastei os olhos dos de Roman, quando declarei friamente:

— Não vou para Manhattan.

Roman franziu o cenho.

— O quê?

— Não vou para o seu apartamento — revelei baixinho. — Aquele não é, e nem nunca foi, o meu lar. Vou para casa, em *Long Island*.

Os lábios de Anna abriram, demonstrando o quanto minha atitude a chocou.

— Mas, Corinne, o nosso pai...

— Você já fez o bastante, Anna — cuspi, cortando-a. — Guarde suas falsas preocupações para si mesma. Não preciso delas. Daqui por diante, cuidarei de mim mesma.

Os lábios de minha irmã tremeram, uma visão que normalmente me faria correr para ajudá-la. Agora, contudo, vê-la tão magoada, só me dava satisfação — era reconfortante machucá-la depois de todo o mal que me causou.

Em silêncio, deixei os três para trás e me encaminhei rumo a garagem.

Chegando ao destino, o motorista me conduziu para o interior do carro e, com a porta uma vez fechada, dobrei os joelhos e os abracei contra o peito, me encolhendo feito uma criança amedrontada.

Encostando a cabeça no banco, espiei pelo vidro da janela, as lágrimas que eu vinha prendendo vindo à tona com força total, à medida que via a mansão desaparecendo gradativamente de vista.

Foi tudo uma farsa, constatei, lembrando do momento exato em que minha irmã soube que eu tinha descoberto a verdade. *Uma farsa milimetricamente calculada entre ela e Roman, onde eu não passava de um peão.*

Deus, como ele puderam fazer isso comigo?

Soluçando, chorei até não aguentar; até as pálpebras pesarem, finalmente me entregasse ao cansaço.

47.

Roman Foxworth

— Vou atrás dela — anunciei, assim que ouvi o som do carro dando partida.

Landon, que abraçava Anna, me lançou um olhar vidrado.

— Você enlouqueceu? Não viu o quanto Corinne estava furiosa?

Me virei para ele, incrédulo pelo seu comentário descabido.

— Ela vai para a casa do pai, Landon — grunhi. — Vai direto para as garras daquele bastardo cruel! Não posso ficar parado e deixá-la ir até ele!

Fungando, Anna interveio:

— Roman, Landon tem razão. Deixe-a.

Olhei bruscamente para ela.

— O quê?

— Ela precisa ficar um pouco sozinha — sussurrou, em meio a lágrimas. — Depois do que fizemos, ela precisa de um tempo para processar tudo.

— O que diabos você está dizendo? — esbravejei. — Corinne está indo para a mansão, Anna. Tem noção disso? Só Deus sabe o que o pai de vocês fará quando a encontrar lá, sem *mim*.

Anna soltou um suspiro cansado.

— Vocês ainda estão casados — declarou baixinho.

Trincando a mandíbula, apontei sugestivamente para a aliança atirada no chão, bem aos meus pés.

— Não sei se percebeu, mas sua irmã tirou a aliança — grunhi.

— Mas o que importa é o que consta no papel — assegurou. — Pela lei, ainda são marido e mulher. Portanto, não há nada que papai possa fazer contra a minha irmã. Enquanto ela for sua esposa, será valiosa para papai.

Fechei a boca com força.

Filho da puta repugnante.

Andando em círculos, esfreguei nervosamente o rosto, tentando me convencer de que ela estava certa. Maxim não ousaria tocar nela, enquanto

ainda fôssemos marido e mulher. *Ele não ousaria.*

— É tudo minha culpa — Anna choramingou, sendo consolada por Landon, que a aninhava contra seu peito. — Eu devia ter dito a verdade desde o início. Devia ter sido honesta e impedido que isso acontecesse.

— Querida, não se culpe — Landon sussurrou delicadamente, afagando seus cabelos. Beijando o topo de sua cabeça, sussurrou: — Você só estava tentando protegê-la. Se Corinne ao menos soubesse os planos que o pai tinha para ela, não estaria agindo assim.

— Nós a enganamos, Landon — falei, partindo em defesa de Corinne. — Ela simplesmente acaba de descobrir que a irmã e o marido a usaram feito a porra de um peão, manipulando a sua própria vida. Como queria que reagisse?

Meu irmão me olhou como se eu tivesse perdido completamente o juízo.

— Você não está ajudando, Roman — grunhiu, indicando com o queixo na direção de Anna, que envolta em seus braços, chorava com ainda mais intensidade.

Olhando inexpressivamente para as costas de Anna, voltei a caminhar em círculos, ponderando no que fazer.

— Não posso ficar de braços cruzados — murmurei, mais para mim do que aos demais. — Preciso fazer alguma coisa.

Landon suspirou.

— Anna tem razão, Roman. Dê um tempo para Corinne — aconselhou. — Por agora, acho melhor subirmos e descansarmos um pouco. Todo esse estresse pode não fazer bem para Anna ou o bebê — sussurrou, encarando preocupadamente a esposa.

Com os lábios trêmulas, Anna fungou.

— Landon, é tudo culpa minha...

— Está tudo bem, querida — murmurou gentilmente, conduzindo-a pelas escadas. — Não se preocupe. Tudo irá se resolver, está bem?

Eu encarava fixamente os dois subindo lentamente as escadas, atento a todo o cuidado que tinham um com o outro, quando Landon parou subitamente e, por cima do ombro, soprou, tão baixo, que quase não o ouvi:

— É melhor você seguir o exemplo e tentar dormir um pouco também.

Assentindo, eu os vi subirem o lance de escadas abraçados, apoiando solenemente um o outro.

Involuntariamente, um cometário específico de Corinne surgiu em meus pensamentos, me fazendo fechar os olhos e sibilar baixinho.

“A falha foi única e exclusivamente minha por ter esperado o mínimo de você, não é?”, questionou, enquanto discutíamos. E então, em seguida, outra de suas falas isoladas veio à tona: *“ (...) nunca fui tão infeliz quanto nesse último mês”*.

O mês em que estávamos casados.

Cerrando os punhos, relembrei a imagem de Corinne caída desoladamente no chão, se desfazendo em lágrimas, logo após descobrir toda a verdade: que Anna e eu a tínhamos enganado por todo aquele tempo, fazendo-a acreditar na veracidade daquele casamento.

Eu reconhecia que, em um primeiro momento, fui contra a ideia de iludi-la com a ideia ao esperar verdadeiramente que Anna contasse tudo a sua irmã, para que a mesma não confundisse as coisas. Só que, por outro lado, também estava ciente de que, em dado momento, passei a desejá-la mais e mais, levando-a a acreditar na mentira que Anna e eu forjamos.

Joguei a cabeça para cima e cobri o rosto, sentindo um aperto insuportável sob o peito.

Porra, Anna não era a única culpada naquilo — *nós*, em conjunto, tínhamos feito aquilo com Corinne. A culpa era tanto culpa minha, quanto de Anna.

Merda.

O que foi que fizemos?

Deixando as mãos caírem desoladamente contra os lados do corpo, baixei o olhar, fixando-o no anel de ouro caído próximo aos meus pés. E, assim, algo inédito aconteceu conforme agachava e o pegava, observando atentamente a joia cara e delicada: meus olhos arderam com lágrimas que, há tempos, não derramava por absolutamente ninguém.

Porra, sibilei, apertando a aliança sob a palma da minha mão. Eu não deveria ter permitido que isso acontecesse. Se tivesse prestado um pouco mais de atenção, teria avistado os sinais de alerta antes que fosse tarde demais. Ajustei a postura, ficando de pé. Antes que ela fosse embora.

Cerrando os punhos a ponto de sentir o anel machucando a palma da mão, chutei o ar com um turbilhão de sentimentos atravessando o peito: descontentamento, arrependimento e sobretudo raiva.

Como pude permitir que isso acontecesse?

Ela só queria ser feliz, porra, constatei mentalmente. Era o mínimo que você deveria fazer por ela: tratá-la com dignidade. E até mesmo nisso, você falhou.

Caíndo de joelhos, comecei a socar o chão, sentindo a todo momento as lágrimas deslizando pelos meus olhos — o único indício de que era, de fato, humano.

Merda, eu tinha estragado tudo.



Na manhã que seguinte, Landon e Anna já estavam à mesa quando apareci.

À julgar pelas expressões miseráveis de ambos, percebi, conforme puxava uma das cadeiras para ocupá-la, que não fui o único a ter uma noite de merda.

Desde que Corinne saiu da mansão, na noite passada, com destino a casa do pai, falhei miseravelmente em desligar a porra dos meus pensamentos: a cada maldito segundo, cada mísera reflexão me levava de volta a Corinne e toda a merda pela qual a tinha feito passar.

Nunca fui tão infeliz quanto nesse último mês.

Cerrei instintivamente os punhos com a recordação de suas palavras.

— Falei com Dorothy ontem — Anna murmurou esboçar qualquer emoção, me arrancando de meus devaneios. Parecia tão deprimida e cansada, que cada palavra que saía de sua boca soava como uma verdadeira tortura.

Olhei rapidamente para ela, sem esconder toda a minha apreensão.

— E então?

— Corinne está bem — afirmou. — Chegou na mansão pela madrugada e felizmente, papai não estava em casa no momento. Pedi para Dorothy me manter atualizada sobre qualquer novidade.

Aliviado, afundei na cadeira.

— E por acaso existe alguma previsão de quando seu pai possa chegar?

Ela balançou a cabeça.

— Ele não costuma passar muito tempo em casa — sussurrou. — Normalmente, suas viagens à negócios costumam durar semanas e até meses.

Assenti.

Que assim fosse.

Sem aquele infeliz dentro de casa, podia ficar mais aliviado, sabendo que Corinne estaria à salvo de todas as suas merdas.

Passando ansiosamente uma das mãos no queixo, sentindo a aspereza da barba por fazer, me obriguei a relaxar um pouco.

Nesse mesmo momento, Landon apertou solidariamente a mão de sua esposa sobre a mesa, o acontecimento me fazendo ter um *déjà vu*^[11] de quando Corinne tentou fazer exatamente a mesma coisa e eu, em resposta, afastei a mão.

— O que aconteceu na noite passada? — a pergunta sussurrada de minha cunhada me fez olhá-la depressa, sendo retirado abruptamente de meus pensamentos. — Tudo aconteceu tão... de repente, que nem tive tempo de perguntar como minha irmã descobriu tudo.

Desviei o olhar para o meu prato.

— Nós discutimos no quarto.

Landon franziu as sobrancelhas.

— Certo, e por qual motivo?

Olhei rispidamente para ele.

— Agora está preocupado? Se tivessem sido um pouquinho mais atentos, teriam percebido o quanto Corinne estava estranha o dia inteiro — acusei.

Anna encolheu na cadeira, ao passo que Landon, captando a reação de sua esposa, disparou:

— Então quer dizer que agora a culpa é nossa?

Trinquei a mandíbula.

— Eu não disse isso.

— Mas não é o que está parecendo — rebateu. — Ela é a sua esposa, Roman. É *sua* função, como marido, observá-la atentamente para garantir que esteja bem e segura.

Tal qual ele, o *marido perfeito*, fazia com Anna.

Por um breve segundo, o odiei um pouco; talvez pelas suas palavras estarem carregadas de verdade, ou talvez... por saber que era alguém como *ele*, que Corinne sempre desejou ter para si.

E esse, percebi, era o problema central: Corinne constantemente comparava o casamento de sua irmã, ao nosso — razão pela qual a levou a acreditar veemente que seria feliz comigo; por imaginar que eu seria parecido com o meu irmão, o *noivo que sempre sonhou para si*.

— Engraçado ouvi-lo dizer isso, depois de ter se metido por incontáveis vezes no meu casamento — soltei.

Landon estreitou os olhos, assimilando o tom provocativo em minha voz.

— Me desculpe, irmão — pediu com puro desdém. — Eu só estava tentando ajudá-lo a enxergar aquilo que sua esposa estava praticamente *esfregando* na sua cara e você, feito um idiota, estava se recusando a ver.

Filho da puta.

Dei um tapa na mesa, o lançando um olhar mordaz. Ele, em resposta, apenas se recostou na cadeira, esboçando uma expressão repleta de apatia.

— Parem com isso, por favor! — Anna intercedeu, registrando a súbita tensão cravada entre nós. — Não é o momento para discutirem!

Mas Landon estava irredutível:

— Por que brigaram, Roman? — insistiu. — Está tentando acusar Anna e eu, mas posso apostar que foi por *sua* causa. Era você quem a tratava *feito merda*. Talvez Corinne finalmente tenha se dado conta disso e por isso estava tão brava!

— Cuide da porra da sua vida! — cuspi, apontando um dedo em sua direção.

Ele abriu a boca para revidar, mas antes que pudesse falar, Anna levantou subitamente da mesa, assustando nós dois.

— Já falei para pararem! — exclamou, em um tom totalmente enfurecido nunca ouvido por mim antes. — Parem de agir feito duas crianças e mantenham o foco!

Landon e eu hesitamos.

Olhando irritada entre mim e Landon, Anna fez um gesto para que eu voltasse a me sentar, enquanto fazia o mesmo e lançava um olhar de advertência para seu marido, que franziu a testa em resposta.

— Não temos tempo a perder com irrelevâncias — afirmou seriamente. — Agora, o foco é Corinne. Precisamos descobrir alguma maneira de tirá-la daquela casa antes que papai volte de viagem.

— Pensei que tivesse dito que seu pai não faria nada enquanto sua irmã e eu continuássemos casados — eu a lembrei, estreitando os olhos.

Ela suspirou, parecendo nervosa.

— Papai nunca levantou a mão para mim e minha irmã antes — sussurrou. — Mas... quando o assunto era a nossa mãe, a história era bem

diferente. Eu não sei até que ponto ele pode chegar, caso descubra que Corinne foi para casa sem você.

— Ele não ousaria encostar nela — rosnei.

Anna me encarou fixamente, os olhos azuis fitando os meus, castanho-escuros, com tanta intensidade, que me vi tentado a desfazer o olhar.

— Por que consumou o casamento, Roman? — exigiu saber, tão baixo, que a pergunta soava como um murmúrio.

Franzi o cenho.

— Como assim “por quê”? Pensei que fosse isso que você quisesse — aleguei.

— Eu disse que queria que a fizesse feliz. Que cuidasse dela e a tratasse da maneira como merece — assegurou. — Quando falei todas aquelas coisas para você, na noite do jantar, só estava tentando fazê-lo entender o quanto minha irmã merece ser feliz. Em momento algum, mencionei *qualquer intimidade física*.

Existia uma certa acusação em sua fala e odiei isso; o quanto ela e Landon estavam agindo como se eu tivesse me aproveitado de Corinne, quando, na verdade, tudo o que aconteceu entre nós foi cem por cento consensual.

— Ela me queria quase tanto quanto *eu* a queria — revelei seriamente. — E estava cansado de tentar me convencer do contrário — fiz uma pausa, estreitando os olhos para sua expressão surpresa. — Não sei que tipo de merda pensa a meu respeito, Anna, mas jamais tocaria nela, contra a sua vontade. *Não sou um agressor*.

Anna hesitou.

— E-eu não disse isso — argumentou. — Me desculpe. Não quis insinuar tal coisa a seu respeito. É só que... quando soube que vocês tinham consumado o casamento, fiquei extremamente confusa. Quer dizer, você deixou claro que não tinha qualquer interesse nela.

— Eu estava mentindo — a interrompi. — Especialmente para mim mesmo.

Minha confissão, fez seus olhos triplicarem de tamanho, o choque unido a outra coisa que não consegui identificar.

— Foi por isso que decidiu vir às pressas para cá, antes do combinado?

Desviei o olhar, desejando que o movimento, em si, respondesse à sua pergunta.

Landon balançou lentamente a cabeça, um sorriso puxando seus lábios para cima.

— Eu sabia — disse simplesmente, se precisar fazer qualquer implementação para que soubesse o que estava tentando dizer: *que eu estava apaixonado*.

Algumas lágrimas brotaram dos olhos de Anna, e percebi, com certo horror, que eram por minha causa: eram lágrimas de felicidade.

Revirando os olhos, eu estava prestes a criticá-la por ser tão sentimental, quando, de repente, o celular que mantinha fielmente ao seu lado, sobre a mesa, começou a vibrar. Enxugando rapidamente o rosto, visualizei a expressão em seu rosto mudar à medida que pegava o aparelho, e seus olhos triplicavam de tamanho, fixos no visor do celular que carregava em suas mãos.

— Dorothy enviou uma mensagem — relatou lentamente, lendo-a. — Papai acabou de pousar em Nova York... — fez uma pausa, empalidecendo.

— E o que? — pressionei, me levantando rapidamente da mesa, em extrema preocupação. — Fale, Anna!

Seus olhos já estavam inundados por lágrimas de puro pavor, quando me encarou e disse, aterrorizada:

— ... e está indo diretamente para mansão atrás de respostas sobre o motivo da vinda inesperada de Corinne.

Cacete.

Sem pensar duas vezes, empurrei a cadeira com força e me afastei da mesa, sentindo o coração disparar contra o peito.

Porra, porra, porra.

Espalmando a cabeça, comecei a andar de um lado para o outro, tentando afastar o medo e pensar com clareza.

Eu precisava fazer alguma coisa.

Não podia continuar de braços cruzados.

Com as mãos tremendo, fisguei meu celular e disquei um número na lista de chamadas, esperando por um retorno. Nesse mesmo momento, Anna começou a chorar, parecendo tão nervosa quanto Landon, que prontamente tratou de tentar acalmá-la.

Alheio a qualquer coisa que não fosse aquela ligação, me limitei a dizer, tão logo ouvi o som da voz de um de meus funcionários do outro lado

da linha:

— Thomas, prepare o jato. Estarei aí em cinco minutos.

Encerrando a chamada, comecei a caminhar apressadamente até a sala, sem prestar quaisquer esclarecimentos.

— Ei, para onde está indo? — Landon quis saber, com sua esposa nos braços, os dois me fitando apreensivamente.

— Vou para o aeroporto — afirmei decididamente. — Estarei partindo daqui, diretamente para *Long Island*.

Anna fungou, a respiração acelerada.

— Tudo bem, vou com você — declarou, fazendo menção de se afastar de Landon.

— Nada disso — discordou o mesmo, impedindo-a de sair de seu abraço. — Você não vai há lugar algum nesse estado.

Ela o lançou um olhar suplicante.

— Landon, por favor...

— Ele tem razão — intervim. — Fique aqui. Eu cuido do resto.

— Mas...

— Pense na saúde do bebê, Anna — argumentei. — Deixe o restante comigo. Prometo que trarei atualizações quando tirar Corinne daquela casa.

Chorando, ela assentiu, triste e aliviada ao mesmo tempo.

— Para onde pretende levá-la? — Landon questionou.

— Para o lugar de onde jamais deveria ter saído: *nosso apartamento*.

Se reparou no fato de eu ter atribuído o apartamento como um bem comum, Landon não disse nada; apenas assentiu, murmurando um “tenha cuidado”.

Sem respondê-lo, saí em disparada pela sala, rumo a garagem e entrei no primeiro carro que avistei, dispensando até mesmo o auxílio de motoristas.

Eu tinha falhado de diversas maneiras diferentes com Corinne; sempre soube disso, mas só agora reconhecia o tamanho do estrago que havia causado.

E estava na hora de reparar todo o dano, uma tarefa que deveria ser exercida única e exclusivamente por mim: Corinne era *minha* esposa, portanto, eu cuidaria daquilo por conta própria.

48.

Corinne Foxworth

Estar na mansão em que cresci depois de um tempo fora me trouxe um compilado de emoções diferentes.

Era como se fizesse uma eternidade desde que coloquei meus pés ali, não apenas um mês: tudo continuava exatamente igual ao que me lembrava, mas, ainda assim... a sensação era de estranheza.

Por mais que estivesse diante da residência que chamei de lar por anos e especialmente que tudo permanecia no mesmo lugar, totalmente intocado, era como se aquele lugar já não me pertencesse mais.

Na noite passada, quando o motorista de Anna me deixou na porta da frente, senti um frio na espinha; por morar ali a vida inteira, nunca percebi o quanto a estética do lugar soava um tanto sombria e assustadora — algo totalmente distinto da arquitetura clássica majoritariamente composta nos Hamptons.

De toda maneira, mesmo estando nervosa e assustada devido a minha visita surpresa, para a minha felicidade — ou não —, papai não estava em casa; por isso, ao descobrir sobre sua ausência, mais tranquila, foi recepcionada por Dorothy, a governanta, e mais alguns funcionários que, muito gentilmente, me levaram até o meu quarto.

Entrar no meu quarto foi como atravessar uma espécie de portal: fui transportada diretamente para o passado.

Assim como todo o restante da mansão, cada objeto continuava no exato estado em que os deixei: desde os livros, até o papel de parede cor-de-rosa, e Picles, o ursinho de pelúcia que furtei do quarto de Anna quando ela foi embora.

Não dormi praticamente nada naquela noite.

Meus pensamentos me levavam, a todo momento, àquele quarto, com Roman, quando descobri toda a verdade. E a cada vez que a lembrança vinha à tona, meu peito apertava com uma dor insuportável.

Apesar do desconforto, em algum momento acabei adormecendo — ou o mais próximo disso, considerando a minha lamentável condição mental.

Quando abri novamente os olhos, o som dos pássaros cantando lá fora unido aos feixes de luz escapando da janela, foram indicativos o bastante para que soubesse que já havia amanhecido. E embora soubesse que era hora de levantar, não consegui; não tinha forças para nada além de ficar ali, deitada.

Encolhida sob o lençol, desejei ficar naquela posição para sempre, sem ser incomodada por nada e nem ninguém, mas meus planos foram brutalmente anulados tão logo ouvi sons de batidas na porta.

— Sra. Foxworth? — chamou uma voz familiar: Dorothy.

Respirando fundo, me obriguei a sentar na cama. Estava tão devastada internamente, que era como se cada mínimo movimento intensificasse a dor insuportável alojada em meu peito — o sobrenome utilizado por Dorothy conseguindo, de alguma forma, tornar tudo *ainda pior*.

— Apenas Corinne, Dorothy — murmurei. — Por favor.

Ela hesitou, a voz soando abafada atrás da porta.

— Seu pai chegou de viagem e está esperando por você no escritório.

Congelei, sentindo meu estômago embrulhar com a informação.

Papai estava de volta?

Cerrei os punhos, a respiração engatando.

Será que já havia descoberto sobre eu ter vindo para casa desacompanhada?

Como ficou sabendo tão rápido?

Me repreendi mentalmente, constatando a minha estupidez.

É claro que ele saberia. Tinha olhos e ouvidos espalhados por toda a mansão.

— Sra. Corinne, está aí? — insistiu Dorothy, batendo delicadamente na porta.

Disfarçando o estremecimento em minha voz, declarei, o mais firmemente possível:

— Sim, Dorothy. Estou aqui. Diga a ele que descerei daqui a pouco.

— Como quiser — respondeu, o som de seus passos ágeis se afastando para repassar a informação para meu pai, servindo como um indicativo do quanto ele estava com pressa.

Descendo da cama, caminhei até o espelho da penteadeira e avaliei minha aparência no espelho: eu não tinha trocado de roupa desde que havia retornado da visita ao clube de golfe, e colocado um suéter largado e velho

por cima de uma calça moletom. Meus cabelos, por sua vez, estavam presos em um coque desengonçado acima da cabeça que revelava todo o meu desleixo.

Eu precisava dar um jeito nisso antes de descer e encontrar com papai.

Pessoas como ele, acostumadas ao luxo e glamour, não gostavam do menor indício de desmazelo: para elas, a aparência era *tudo*.

E considerando que aquilo que tinha para falar com ele certamente o desagradaria profundamente, eu não podia me dar ao luxo de encontrá-lo naquelas condições: em vez disso, deveria estar minimamente apresentável.

Com tal conclusão em mente, fui até o guarda-roupas e busquei as opções que tinha disponíveis: eu tinha levado praticamente todas as minhas roupas comigo depois do casamento, porém, com alívio, percebi que ainda restavam alguns vestidos — apenas aqueles de que eu menos gostava.

Retirando a peça do cabide, observei-a atentamente: assim como todo o restante da casa, aquele vestido já não combinava mais comigo.

Você já não pertence mais a este lugar, uma vozinha mental declarou, muito embora eu a tenha afastado e tratado de ir ao banheiro, agilizando o processo de higiene pessoal.

Maxim Hamilton não gostava de ficar esperando.



Cerca de vinte ou trinta minutos depois, fiquei pronta.

Mesmo sabendo que tinha demorado muito mais do que o necessário, parte de mim sabia que todo o delongamento se deu devido à apreensão que estava sentindo com a ideia de rever papai — e especialmente de sua reação mediante o acontecimento.

Respirando fundo, arrumei a postura e forcei uma expressão tranquila no rosto antes de bater na porta diante de mim, pedindo silenciosamente por passagem.

— Entre.

Tremendo da cabeça aos pés, enquanto girava a maçaneta, foi impossível não ser invadida com a sensação de um *déjà vu*, ao lembrar que tudo tinha começado exatamente daquela maneira: com um convite formal de meu pai para encontrá-lo em seu escritório, depois de alguns meses fora.

A partir daquele dia, minha vida mudou drasticamente.

E, infelizmente, não para melhor, como imaginei inicialmente.

A partir do momento em que adentrei naquela porta, e descobri que ninguém menos que Roman Foxworth, o primogênito de um dos maiores chefões do submundo de Nova York estava propondo minha mão, absolutamente tudo ao meu respeito mudou.

Analizando melhor, em retrospecto, só conseguia pensar em uma única coisa: *como pude ser tão ingênua a ponto de acreditar na veracidade de algo tão mirabolante?*

Deus, a verdade estava ali, desde o início, bem diante dos meus olhos, mas em vez de usar um pouco a cabeça e raciocinar, usei o coração. Graças a isso, passei cada maldito dia depois daquele em que descobri sobre a proposta de Roman, acreditando fielmente que no fim tudo daria certo. Que aquele casamento, de alguma forma, seria a minha *salvação*.

Hoje o pensamento fazia com que sentisse vontade de me estapear.

Estúpida.

Como pude ser tão estúpida?

Eles me enganaram.

Os dois.

E, feito a idiota que era, caí perfeitamente na armadilha.

Pare, mentalizei, sentindo algumas lágrimas brotando debaixo de meus olhos. Não pense nisso. Pare de pensar neles. E não se atreva a chorar diante de seu pai.

Ouvindo a voz ecoando em minha cabeça, endireitei a coluna e pus a expressão mais casual que consegui, à medida que entrava e fechava a porta, vislumbrando meu pai, que estava sentado sobre a sua poltrona, atrás da mesa de mogno, me observando com interesse.

— Corinne — proferiu meu progenitor, utilizando um tom de voz baixo e extremamente cauteloso.

— Papai — murmurei de volta, com falsa veemência.

Com os olhos estreitos em minha direção, papai recostou as costas na poltrona, os dedos tamborilando contra a mesa.

— Então era verdade — constatou. — Você realmente está aqui.

— Sim, papai...

Ele me cortou antes que concluísse:

— Onde está o seu marido?

Meu sorriso falsamente tranquilo vacilou.

— N-nos Hamptons, papai.

— Para o jantar de anúncio da gravidez de sua irmã, suponho — deduziu.

Assenti ansiosamente.

— Exatamente, papai.

Sem nunca desviar o olhar, meu pai soltou, sem qualquer rodeio:

— E por que você está aqui? *Sozinha?*

Cerrei os punhos com tanta força, que as unhas cravaram em minha pele, machucando a palma da mão.

Estou aqui porque nunca existiu um casamento de verdade; porque tudo não passou de uma armação entre Roman e Anna.

Sentindo a respiração acelerar e a garganta secar, abri a boca para respondê-lo, repassando mentalmente a fala que havia ensaiado incansavelmente enquanto me preparava para entrar ali.

— Porque, papai...

Sons de batidas incessantes na porta me fizeram parar e olhar, confusa, na direção de onde vinham: enfiando a cabeça na fresta da porta, o rosto de Dorothy surgiu entre nós.

— Desculpem interrompê-los — pediu, solícita. — Mas temos visita.

Papai franziu a testa, o desagrado pela súbita intromissão de Dorothy se esvaindo gradativamente, dando lugar à uma expressão de surpresa.

— É mesmo? — indagou, visivelmente curioso.

Dorothy assentiu.

— Sim, senhor — desviando os olhos para os meus, prosseguiu: — Sra. Corinne, seu marido está lá embaixo.

Meu rosto empalideceu.

O quê?

Roman estava aqui?

— Ora, que excelente notícia! — papai interveio. — Mande-o subir, Dorothy.

Em total agonia, virei o rosto de volta para papai, ao mesmo que Dorothy o obedecia, desaparecendo de vista.

Céus, o que Roman estava fazendo?

Por que veio até aqui?

— O que está acontecendo, Corinne? — meu pai exigiu saber.

Levando o olhar de volta ao seu, tentei disfarçar toda a minha apreensão.

— Nada, papai.

Ele fez uma careta.

— Como assim “nada”? — retoricou. — Você e meu genro vêm até aqui me fazer uma visita surpresa, e você diz que nada aconteceu? — fez uma pausa, um sorriso lento despontando por seu rosto. — O que, não me diga que vieram trazer boas notícias em primeira mão?

Franzi a testa em confusão.

— Do que está falando, papai?

— Ora, não se faça de boba. O que estou perguntando é se seguiu o exemplo de sua irmã e trará um herdeiro para Roman.

Fiquei em silêncio, assimilando suas palavras.

Um herdeiro.

Quase senti vontade de gargalhar de seu comentário.

Pobre papai.

Sua pergunta me fez lembrar do meu “eu” de apenas alguns dias, e do quanto costumava ser tão otimista com o futuro.

Se ele ao menos soubesse da verdade...

— Roman não quer ter filhos, papai — anunciei casualmente. — E essa razão é uma das razões pelas quais estou aqui. Quero me divorciar.

O mundo, de repente, ficou em silêncio.

O rosto de meu pai, que antes parecia minimamente feliz, se refez em uma expressão que eu só o tinha visto esboçar antes para a minha mãe — geralmente antes de Anna e eu irmos para a cama, quando ele a mandava subir e, após ser obedecido, fechava e trancava os dois lá, para que pudesse bater nela sem ser interrompido.

Um arrepio atravessou a minha espinha com a recordação.

— O que você está dizendo, garota? — grunhiu, em tom baixo e ameaçador.

Reunindo coração, empinei o queixo.

— Que quero me divorciar.

Afastando abruptamente a cadeira para trás, papai se pôs de pé e começou a caminhar lentamente na minha direção.

— Isso é alguma espécie de brincadeira, Corinne?

Cerrando discretamente os punhos contra os lados do corpo, neguei com a cabeça.

— Não, papai. Estou falando sério.

Em segundos, ele já estava posicionado à minha frente, com os olhos frios e assustadores fixos em mim, que encolhia mediante a súbita proximidade. Desviando o olhar para os botões de sua camiseta, tentei manter a calma.

— Olhe para mim — ordenou e não me restaram alternativas a não ser obedecê-lo.

— É por isso que ele está aqui? — emendou ríspidamente.

Piscando para afastar as lágrimas sustentei seu olhar com toda a bravura que consegui.

— Ele não me ama, papai — sussurrei.

— Acha que me importo com isso? — disparou, me fitando como se eu fosse algo abominável.

Meu peito apertou.

— Pai... — minha voz falhou, cedendo às lágrimas brotando em meu rosto. — O casamento nunca foi real. Foi uma *farsa*.

— Uma farsa que me rendeu uma posição extremamente importante na alta sociedade de Nova York — respondeu sem nem pensar.

Horrorizada, eu o olhei no fundo dos olhos, descrente daquilo que acaba de ouvir.

— Você tem noção da sorte que teve, garota? — disparou. — Se tornou a esposa de um dos sujeitos mais importantes do submundo de Nova York. Se foi uma farsa ou não, não importa. Agora, arrume essa cara e coloque um sorriso no rosto. Seu marido já deve estar subindo.

Doeu.

Deus, doeu bem mais do que imaginei que seria possível.

— Papai, por favor...

Ele trincou os dentes.

— Não ouviu o que acabei de dizer? Enxugue esse rosto e coloque a porra de um sorriso. Roman já deve estar vindo.

Balançando negativamente a cabeça, recuei instintivamente.

— Não — sussurrei. — Não vou fazer isso, papai.

— Qual é a porra do seu problema? — esbravejou. — Por acaso perdeu o juízo?

— É justamente o oposto — declarei. — Nunca estive tão lúcida quanto agora. E é por isso que volto a afirmar que quero e *vou* me divorciar.

Quase tão rápido quanto as palavras escaparam de meus lábios, um dos lados de meu rosto foi abruptamente acertado. A brutalidade do golpe

foi tamanha que senti a bochecha ardendo sob o toque de meus dedos, assim que o virei, voltando a encontrar o olhar cruel de meu pai.

— Não ouse me desobedecer, garota — bradou, estendendo a mão outra vez na minha direção, numa ameaça de que aquele tapa não seria o único.

Por instinto, me encolhi, dobrando os dedos dos pés e fechando os olhos com força, aguardando pelo golpe. Sentindo o coração disparar, esperei.

— *Como ousa?* — a voz rouca e extremamente familiar veio tão de repente e tão próxima à mim, que não me restaram alternativas a não ser abrir os olhos e ver por mim mesma.

E aquilo que vi, foi simplesmente inacreditável.

Segurando firmemente o pulso de meu pai, impedindo assim que voltasse a me acertar, Roman estava parado exatamente ao meu lado, o que me fez perceber, com um sobressalto, que estava tão assustada devido ao comportamento agressivo de meu pai, que não fui capaz de registrar sua chegada. Como prova disso, a prova estava aberta, às minhas costas, e Dorothy tinha as mãos sobre a boca, observando a cena em completo pavor.

— Como se atreve a tocar nela, seu infeliz? — Roman gritou, largando o pulso de meu pai apenas para avançar contra ele, o empurrando e, assim, se colocando defensivamente à minha frente.

Papai, tateando o pulso com uma expressão de dor, olhou entre mim e Roman, os dentes arreganhados com puro ódio. Na posição em que estava, ninguém jamais tinha feito algo parecido com ele — e a ousadia de Roman obviamente o enfureceu.

— Ela é a minha filha — rosnou. — Faço com ela o que bem entender.

— Como pode dizer isso da sua própria filha? — Roman berrou de volta, encostando e pondo o rosto a milímetros de distância do dele. — Ela não é um objeto, porra!

Papai não fez nada além de esbanjar um olhar dotado de receio.

— *Eu a criei* — assegurou, trincando os dentes. — E mesmo não sendo o herdeiro que sempre desejei, dei o meu melhor para educá-la da melhor maneira. Gastei uma fortuna com ela. Portanto, tudo o que se tornou hoje, é *graças a mim*.

Uma lágrima grossa escorreu pela minha bochecha.

“Mesmo não sendo o herdeiro que sempre desejei (...) gastei uma fortuna com ela”.

Um investimento.

Era tudo o que eu significava para meu pai?

A resposta, por mais cruel que pudesse parecer, era óbvio — e assim como todo o restante, estava lá, o tempo todo. Meu pai nunca foi amoroso. Desde cedo, sempre deixou evidente todo o seu descontentamento, por ter duas filhas mulheres; eu é que tentei me convencer do contrário.

Deus, aquilo doía.

Doía demais.

— Corinne não lhe deve absolutamente nada, seu filho da puta — Roman cuspiu. De frente um para o outro, papai, apesar de ser alguém alto, mal atingia a altura do nariz de Roman. — Educá-la era o mínimo que deveria ter feito, e até nisso você falhou. Você foi um pai de merda, Maxim. E agora que ela se tornou *minha* esposa, não permitirei que volte a levantar a porra da sua mão contra ela, ouviu?

Chorando baixinho, olhei para Roman, sentindo cada uma de suas palavras atravessarem meu corpo, tocando diretamente na alma.

— Responda — vociferou, puxando papai pela gola da camisa.

— N-não voltará a acontecer — papai gaguejou.

Nunca tinha visto papai tão assustado antes; em situações normais, as pessoas costumavam beijar o chão por onde o poderoso Maxim Hamilton passava, por isso, seu nariz estava sempre levantado quando conversava com qualquer um. Agora, contudo, seus olhos estavam arregalados e as mãos cerradas, em posição de defesa.

Largando-o sem qualquer delicadeza, Roman o lançou um olhar dotado de frieza à medida que papai, que tinha caído no chão, se levantava.

— Escolha inteligente, Hamilton. Caso se atreva a se fazer qualquer coisa, porra, juro por Deus que acabo com você. Se ousar apenas levantar a voz para a minha esposa novamente, usarei cada parcela de poder que tenho por essa cidade e o destruirei. Estamos entendidos?

Engolindo em seco, papai assentiu.

Inspirando com força, Roman o lançou mais um olhar antes de se virar para mim.

A brutalidade em seu olhar foi desaparecendo conforme passava os olhos pelo meu rosto e notava as lágrimas e o nariz avermelhado.

Estendendo uma das mãos, ele murmurou, em tom surpreendentemente calmo:

— Vamos.

Olhando rapidamente para papai antes de voltar a fitá-lo, abracei defensivamente meu próprio corpo enquanto balançava lentamente a cabeça, negando.

Por mais que ele tivesse me defendido do meu pai, pensar no que ele e Anna tinham feito contra mim, ainda doía. Portanto, eu não poderia — nem mesmo se quisesse — esquecer tão facilmente.

— Corinne — Roman chamou, em um tom de voz mais firme. — Isso não é um pedido: vamos. *Agora*.

Outra vez, neguei com a cabeça. Em resposta, ele apenas esfregou o rosto e respirou fundo. Então, quando pensei que aquele embate tinha chegado ao fim, Roman veio rapidamente na minha direção, se agachando e sem qualquer aviso, me levantou, jogando meu corpo sobre um dos ombros como se o mesmo fosse uma espécie de saco de batatas.

Horrorizada, tentei desesperadamente lutar contra ele, ato que se mostrou completamente em vão, à medida que o bastardo, sem qualquer dificuldade, me carregava escada abaixo, totalmente indiferente aos meus socos, gritos e chutes.

— Me ponha no chão! — gritei.

Com uma tranquilidade assustadora, Roman só parou quando atravessou a sala de estar e, assim, chegamos à entrada da mansão, onde um carro preto estava estacionado sem qualquer zelo, demonstrando toda a pressa que seu condutor teve para entrar na mansão.

Para me tirar dali, uma vozinha mental entoou.

Sem qualquer delicadeza, Roman destravou a porta do carro e me colocou sentada no passageiro da frente. Fechando a porta na minha cara, ele só parou para trocar algumas palavras com Dorothy, antes de contornar o carro e adentrá-lo, ocupando a posição como condutor.

— Coloque o cinto — instruiu friamente.

Obedecendo, com os dedos trêmulos e os olhos inundados pelas lágrimas, olhei para o vidro da janela ao mesmo tempo que ele dava partida no carro e arrancava, fazendo com que a imagem da mansão em que cresci desaparecesse gradativamente de vista.

Enxugando o rosto com as costas das mãos, foi impossível não lembrar de todas as barbaridades que papai fez comigo, a lembrança do tapa

e de suas palavras cortantes ampliando o fluxo incessante das lágrimas escapando pelos meus olhos.

E foi quando me ocorreu que eu não tinha nenhum lugar para ir.

Eu estava sozinha.

Totalmente sozinha.

49.

Roman Foxworth

Espiando rapidamente pelo canto do olho, observei Corinne encolhida no banco, chorando baixinho.

A visão me fez desejar socar alguma coisa — preferencialmente o rosto do bastardo que tinha feito aquilo com ela: *Maxim Hamilton*.

Porra, eu felizmente tinha chegado a tempo — mas não o bastante para evitar que aquele infeliz colocasse a porra das mãos nela, agredindo-a.

Desgraçado.

A minha vontade era quebrar a cara daquele infeliz até deixar uma marca do meu punho em seu rosto de merda, mas considerando que Corinne estava lá, assistindo a tudo em completo estado de choque, me obriguei a manter o autocontrole.

A situação toda já era ruim e traumatizante o bastante, portanto, não podia torná-la ainda mais difícil para ela, que já estava extremamente fragilizado devido aos recentes acontecimentos.

Tudo aconteceu de uma só vez: desde a descoberta sobre a veracidade de nosso casamento, até o tratamento de merda vindo do próprio pai.

— Você está bem? — finalmente perguntei, vendo-a enxugar as lágrimas com a manga do vestido que usava.

Minha súbita indagação a assustou, mas com uma agilidade impressionante, ela recuperou a postura, cruzando os braços sob o peito e virando o rosto, encarando a paisagem lá fora.

— Para onde está me levando?

Hesitei.

— Já sabe a resposta.

Manhattan. O apartamento. Nossa casa.

Corinne soltou uma respiração pesada, parecendo exausta.

— Não quero ir para o seu apartamento — sussurrou.

Respirei fundo, tentando manter a calma.

— Certo, então para onde pretende ir? — soltei, impaciente. — Que eu saiba, seu pai é o único parente com quem mantém contato, certo? E, à julgar pelo que acabou de acontecer, duvido muito que ele volte a recebê-la de braços abertos.

Em vez de me responder, Corinne comprimiu os lábios. E foi quando percebi que tinha exagerado ao falar uma merda como aquela em um momento tão delicado, especialmente se levado em consideração o fato de que seu queixo tremeu e suas mãos cerraram sobre o colo.

Caralho.

Qual era a porra do meu problema?

— Desculpe — murmurei. — Eu não quis dizer isso.

Corinne nem me ouviu:

— Pare o carro, por favor — pediu baixinho, me interrompendo.

Franzi o cenho, observando rapidamente os arredores: estávamos na estrada há pelo menos quarenta minutos e agora éramos apenas nós dois, no carro, em meio a *quilômetros de mata silvestre*.

— Não vou parar o carro, Corinne — falei. — Estamos no meio do data.

Ela virou o rosto para mim.

— Não quero ir para o seu apartamento, Roman. Pare o carro.

— Lamento, mas não lhe restam alternativas. Não vou largá-la no meio do nada.

Fechando a boca com força, seus olhos, que ainda estavam avermelhados e molhados com algumas lágrimas nos cílios, fuzilaram os meus.

— Quero o divórcio — anunciou simplesmente.

Mascarando a minha surpresa, pus uma expressão em branco e intensifiquei o aperto dos dedos contra o volante. De relance, senti os olhos de Corinne em mim, esperando por uma reação.

— Estou falando com você, Roman — pressionou.

Erguendo decididamente o queixo, sem ousar tirar os olhos da estrada, falei:

— Nós não vamos nos divorciar, Corinne.

Ela ficou em silêncio, parecendo horrorizada.

— O quê?

— Eu disse que não vamos nos divorciar.

Em segundos, todo o choque se esvaiu de suas feições, dando lugar à uma expressão que mesclava entre ódio e pura indignação.

— Por que está fazendo isso comigo? — exigiu saber.

— Porque *eu* não quero me divorciar — revelei entredentes.

Porque deixá-la não é mais uma opção, mentalizei. Porque prefiro a morte a ter que me separar de você.

Alheia ao rumo de meus pensamentos, Corinne fechou a boca com força.

— Essa decisão não cabe somente a você — disparou.

— Exatamente — concordei calmamente. — É uma decisão mútua. Portanto, enquanto uma das partes não consentir, o casamento continuará existindo.

Minha alegação estava repleta de coesão e Corinne evidentemente sabia disso, pois, em vez de revidar, simplesmente levou uma das mãos até a maçaneta interna da porta e tentou puxá-la.

— Pare o carro, Roman, quero descer — mandou.

— Não vou parar o carro, Corinne — retruquei. — Estamos no meio do nada. Não vou largá-la aqui sozinha.

Mostrando que não estava para brincadeira, Corinne tocou ameaçadoramente a trava da porta.

— Se não parar o carro agora, Roman, juro por Deus que saio dele mesmo que ainda esteja em movimento — alertou e, sem alternativas, acabei cedendo.

— Corinne, por favor...

Ela nem se deu ao trabalho de me ouvir. Destravando e abrindo a porta, ela desceu do carro sem nem mesmo esperar pela conclusão, me deixando falando sozinho. Praguejando, estacionei o carro no acostamento e desci, contornando-o para poder segui-la.

O fato de estarmos em meados de julho deveria tornar a temperatura mais amena, mas a verdade é que, lá fora, estava tão frio que conseguia sentir o ar condensado escapando a cada respiração.

— Corinne! — chamei, seguindo-a pelo acostamento.

Mesmo que ela tenha me ignorado, felizmente consegui alcançá-la sem dificuldade alguma: apressando o passo, estiquei a mão e a utilizei para puxá-la pelo braço, fazendo com que finalmente parasse.

— Me solte! — ela berrou, tentando se desvencilhar do meu toque quando forcei-a a se virar para mim. Com um sobressalto, percebi que seu

rosto estava vermelho e os olhos inundados por lágrimas. Estava chorando sem parar. Meu peito apertou com a visão.

— Corinne — chamei mais calmamente, acomodando-a entre meus braços depois de recordar da maneira delicada com a qual Landon sempre acalmava Anna. Aninhando seu rosto contra a dobra do meu pescoço, passei um dos braços pela sua cintura e a abracei apertado. — Acalme-se, por favor.

Para a minha surpresa, invés de me empurrar para longe, ela começou a chorar ainda mais alta. Evidenciando o quanto estava sofrendo, seus joelhos cederam e acabamos, os dois, no chão, abraçados no meio do nada.

— Me solte — pediu em tom de súplica, em meio às lágrimas, com os braços caídos desoladamente ao lado do corpo.

Contrariando-a, apenas intensifiquei o abraço, envolvendo-a ainda mais apertado entre meus braços.

— Acalme-se — sussurrei delicadamente. — Está tudo bem.

Fungando, senti algumas de suas lágrimas molhando a gola da minha camiseta.

— Não está nada bem — revelou, a voz falhando. — Não tenho para onde ir. Minha irmã traiu a minha confiança e meu pai... — interrompeu sua fala, um soluço irrompendo do fundo de sua garganta. — Eu não tenho nada e nem *ninguém*. Estou sozinha. *Completamente sozinha*.

Sua confissão chorosa fez meu peito apertar com força.

— Não é verdade... — neguei docemente, afagando seus cabelos. — Você não está sozinha. Tem a mim, Corinne.

Por um segundo, ela parou, o choro cessando. Recuando, ela se soltou do meu abraço e me observou atentamente, os olhos inchados e o rosto corado em razão do frio, parecendo, só então, se dar conta de que eu a estava abraçando segundos atrás.

— Por que está fazendo isso? — quis saber, sussurrando. — Por que está aqui?

— Eu vim por você — expliquei, o mais delicadamente possível, sem afastar o olhar do seu. — Vim por *nós*.

O queixo dela tremeu um pouco.

— Não existe um “nós”, Roman. Nunca existiu.

Suas palavras soaram como uma facada bem no meio do peito. E isso se dava pelo fato de eu saber que ela estava, em parte, correta.

Desde que nos casamos, por mais que soubesse que alguma coisa estava acontecendo entre nós, jamais fiz qualquer tentativa para tentar entender melhor. Em vez disso, ignorei a mudança entre nós e foquei apenas em mim e no que eu queria daquela relação: *sexo* — sem dar a mínima para Corinne e o que queria.

Umedecendo os lábios, tentei urgentemente afastar a lembrança de todas as merdas que fiz com ela e me concentrei em pedir baixinho:

— Está congelando aqui fora, Corinne. Vamos entrar no carro.

Ela maneou, não se movendo mesmo quando fiquei de pé e tentei fazê-la seguir o exemplo.

— Não — sussurrou.

— Corinne, por favor — pedi mais seriamente. Quando ela não se moveu, respirando fundo, a observei com atenção. — Eu vou explicar tudo — prometi, estendendo uma das mãos em sua direção: — Desde o início. Darei todas as respostas que quiser. Mas, para isso, você precisa entrar no carro e vir comigo.

Piscando para afastar as lágrimas, ainda no chão, ela olhou entre minha mão e meu rosto, ponderando.

— Por favor, Corinne — supliquei, sem me importar com o fato de que meu pedido soava extremamente desesperado.

Com certa relutância, Corinne enxugou rapidamente o rosto antes de finalmente segurar na minha mão, aceitando a minha ajuda para ficar de pé.

Puxando-a para perto, eu a conduzi de volta ao carro, abrindo e fechando a porta e, só então, o adentrando, dando partida e retomando o trajeto.



Cerca de quarenta ou cinquenta minutos depois, minha barriga começou a roncar.

Eu tinha saído às pressas dos Hamptons e desde que entrei no avião e posteriormente peguei o carro para dirigir até a mansão de Maxim, não tinha comido absolutamente nada.

Olhando rapidamente na direção de Corinne, verifiquei, com alívio, que estava dormindo; não tínhamos dito nada desde que voltamos para a estrada e todo o silêncio certamente a propiciou a tirar um cochilo.

Sentindo a barriga roncar cada vez mais alto, peguei um atalho até a localidade mais próxima: *Elmonte*^[12].

Quinze ou vinte minutos depois, avistei uma lanchonete situada logo na entrada da vila. Sem demora, estacionei e logo desviei minha atenção para Corinne, avistando-a ainda adormecida no banco do passageiro. Desafivelando o cinto de segurança, me virei para ela e a toquei de leve.

— Corinne — chamei. — Acorde.

Na terceira tentativa, ela finalmente abriu os olhos, sentando ereta e olhando de um lado a outro, atordoada.

— Está tudo bem — a tranquilizei. — Resolvi fazer uma parada para poder comermos um pouco. Está com fome?

Mesmo que esboçasse uma expressão levemente irritada, com os braços cruzados sob o peito, Corinne assentiu.

— Bom saber, porque também estou morrendo de fome — murmurei, desafivelando o seu cinto de segurança e, em seguida, descendo do carro só para poder contorná-lo e dessa forma abrir a porta para ela, ajudando-a a descer.

Uma vez lá fora, atento a maneira como esfregou as mãos juntas quando a brisa gélida nos atingiu, retirei o casaco e, sem aviso prévio, o coloquei sobre seus ombros, cobrindo-a do frio. Corinne não disse nada, mas senti seus olhos em mim, me analisando com cautela. Em silêncio, pus a mão na base de sua coluna e a conduzi até o interior do estabelecimento.

O cheiro de fritura envolveu meus sentidos tão logo atravessamos a porta, o sino tilintando demonstrando o quanto todos aqueles estabelecimentos pareciam iguais: confortáveis, agradáveis e convidativos.

Tendo o som de algum cantor dos anos 80 tocando ao fundo, provavelmente vindo de alguma estação de rádio local, conduzi Corinne pelo interior da lanchonete, caminhando por entre as mesas e só parando quando localizamos uma e a acomodamos.

Em questão de segundos, uma garçonete veio até nós com dois cardápios em mãos. Nos entregando, ela garantiu que estaria à disposição para qualquer coisa que desejássemos e se retirou, voltando para atrás do balcão.

Eu tinha acabado de abrir o cardápio, quando Corinne, que estava sentada à minha frente, soltou, sem qualquer cerimônia:

— O que você ganhou em troca? — sussurrou a pergunta. Levando os olhos do cardápio para ela, franzi a testa, o que fez com que lambesse os lábios e explicasse: — Com o casamento, quero dizer. O que ganhou em troca?

Enrijeci, odiando ver o quanto aquele assunto a machucava — embora estivesse fazendo força para não demonstrar.

Suspirando, pus o cardápio de volta à mesa e a olhei.

— Eu... fiz um negócio com o seu pai — falei.

Ela abriu um sorriso autodepreciativo.

— Eu sei — concordou. — Assim como também sei que, considerando a conversa que tivemos hoje, meu pai certamente recebeu uma boa quantidade de dinheiro sobre o alto investimento que afirma ter feito em mim, além de, claro, todo o prestígio de se tornar sogro de alguém cujo sobrenome é tão importante. Já conheço os motivos dele. Agora, quero saber os seus: o que recebeu em troca pelo casamento, Roman?

Cocei a nuca, nada satisfeito com o ritmo que a conversa tomava.

— Corinne, não acho que seja o momento ideal para termos essa conversa.

— Você disse que me daria respostas, Roman — argumentou. — *Todas* aquelas que eu quisesse.

Esfregando o rosto, soltei uma respiração pesada.

— Tudo bem, vou contar tudo. Do início — cedi, voltando a encará-la. Fazendo uma pausa, levei alguns segundos até reunir coragem o suficiente para iniciar: — Quando assumi os negócios do meu pai, estava decidido a fazer o que fosse preciso para melhorá-lo. Nunca tive qualquer orgulho do tipo de... *coisa* com a qual meu pai trabalhava, então... resolvi fazer várias mudanças. Naquela época, eu estava focado. Nada mais importava do que a revitalização da boate. Chamei Landon e nós dois reconstruímos o lugar do zero, fazendo mudanças desde a estrutura até, principalmente, na administração. Juntos, nós demos um nome rumo para o *La Bouche*.

Corinne fez uma careta.

— Por que está me contando isso?

— Porque foi por isso que me casei com você, Corinne. *Por poder*.

Seu rosto se contorceu de choque, uma lágrima sorrateira escapando do olho esquerdo e escorrendo pela bochecha. Tão rápido quanto aconteceu, porém, rapidamente enxugou a lágrima com a manga do meu casaco e voltou a me encarar, ostentando uma frieza obviamente forjada.

— Eu não entendo — murmurou rispidamente. — Sua família é rica. E é, também, ainda mais poderosa do que a minha.

— Eu queria uma esposa — revelei. — E você me pareceu perfeita.

Soltando uma risadinha amarga, Corinne balançou negativamente a cabeça, deixando evidente o quanto estava se esforçando para não chorar.

— Claro — murmurou. — Aposto que pensou que, por ter sido rejeitada pelo seu irmão alguns anos antes, estaria fazendo um tremendo favor ao me salvar da minha vida miserável. Agora entendi: casar comigo, ia melhorar a sua imagem, certo? Quer dizer, quem imaginaria que o grande herdeiro Foxworth escolheria alguém tão miserável e insignificante quanto eu?

Minha garganta fechou.

Ela realmente pensava tão pouco de si mesma?

Fungando, Corinne lambeu os lábios e me lançou um olhar severo.

— Aonde minha irmã entra nisso tudo? — exigiu saber e, de imediato, me retesei, sabendo que a verdade era ainda pior do que ela imaginava.

Desviando o olhar para minhas próprias mãos sobre a mesa, hesitei um pouco antes de finalmente revelar:

— Foi Anna quem me pediu para desposá-la.

Corinne ficou em silêncio. Deslizando lentamente os olhos de volta ao seu rosto, percebi que tinha uma expressão de puro padecimento no rosto: com as sobrancelhas franzidas, os olhos arregalados e marejados, e os lábios entreabertos, parecia que tinha acabado de ser apunhalada bem acima do peito, direto no coração.

— *Piedade* — deduziu, sussurrando as palavras como se fossem uma espécie de maldição. — Você nunca precisou de dinheiro e tampouco prestígio. Fez isso porque minha irmã *pediu*. Foi esse o seu motivo, não é? *Piedade. De mim.*

Fechei os olhos com força, sentindo toda a dor contida implicitamente em sua pergunta transpassar para mim.

Por mais cruel que pudesse parecer era a verdade; pelo menos em partes.

Eu realmente precisava de uma esposa se quisesse obter todo o respeito que um homem casado recebia em nosso mundo, mas, por outro lado, estaria mentindo se dissesse que a situação drástica em que Corinne se encontrava na época, não contribuiu para que eu acatasse ao pedido de Anna.

Cobrindo a boca, com os dedos trêmulos, Corinne balançou instintivamente a cabeça, incrédula.

— Não acredito que ela fez isso — murmurou.

— Antes de qualquer coisa, acho que precisa saber de uma coisa — solte, angustiado pelo seu estado. — Não compete a mim contar, mas, de toda maneira, não acho que seja justo que, depois de saber o meu lado e o de seu pai, não conheça os motivos que levaram sua irmã a fazer o que fez.

Fechando os olhos enquanto maneava freneticamente a cabeça, mais algumas lágrimas deslizaram pelas suas bochechas, molhando seu rosto.

— Não quero ouvir — sussurrou, como se não aguentasse mais.

— Seu pai planejava casá-la com outro, Corinne — revelei.

Seus olhos finalmente se abriram.

— O quê?

— Morgan Lewis, um influente traficante de drogas de Los Angeles — inteirei. Piscando lentamente, Corinne ficou em silêncio, processando a informação. E mal sabia ela que aquela nem era a pior parte: — Ele tinha histórico de agredir as esposas, Corinne. Era um agressor. Quando sua irmã descobriu que seu pai pretendia casá-la com ele, entrou em completo desespero. E, sem alternativas, acabou recorrendo a *mim* que, ironicamente, também estava precisando de uma esposa.

Levando ambas as mãos para a cabeça, apoiando os cotovelos sobre a mesa, Corinne encarou o material por um bom tempo, assimilando minhas palavras.

— Sua irmã só estava tentando protegê-la — falei por fim, vendo-a chorar baixinho sobre a mesa.

Corinne não disse nada quando a garçonete voltou, recolhendo nossos pedidos — a par de seu estado, tomei a liberdade de fazer ambos os pedidos; também não disse nada quando a comida chegou e muito menos quando, depois de consumi-la, fomos embora, indo de volta para o carro, retomando o trajeto até *Manhattan*.

E por mais que vê-la tão quieta me partisse o coração, sabia que era preciso deixá-la para que pudesse refletir sobre tudo o que estava acontecendo.

50.

Corinne Foxworth

Papai me vendeu para Roman.

Era uma verdade dolorosa e difícil demais de se aceitar, mas sem dúvidas, não era tão torturante quando saber que, antes disso, ele tinha planos ainda piores para mim: me vender para outro.

E não qualquer um: *um agressor.*

— Corinne, chegamos — Roman sussurrou e somente então percebi que, de fato, já tínhamos chegado ao nosso destino: *Manhattan.*

Depois da conversa repleta de esclarecimentos que tivemos naquela lanchonete, o tempo passou como um borrão diante de meus olhos: eu simplesmente não conseguia pensar em nada, além de todas as revelações que Roman me fez.

O fato de papai não ter o menor apreço pela minha existência, não era novidade alguma para mim; desde muito nova, sempre soube o quanto ele era infeliz por não ter conseguido ter o seu tão esperado filho. Sua esposa só foi capaz de lhe dar duas filhas antes de sucumbir à depressão e decidir tirar a própria vida para escapar do casamento terrivelmente infeliz que tinha com ele.

Pensando melhor, talvez fosse justamente por conta disso que ele a agredisse com tanta frequência: por ela não ter lhe dado o herdeiro que tanto desejava.

De toda forma, mesmo estando ciente do quanto sentia desgosto de mim, jamais imaginei que ele me odiasse tanto, a ponto de me vender para um homem com histórico de violência doméstica.

Ele simplesmente não dava a mínima para mim.

Deus, como doía.

O som da porta do carro sendo aberta me arrancou subitamente de meus devaneios, fazendo com que virasse o rosto e avistasse Roman me esperando do lado de fora, com uma das mãos estendidas para mim.

Piedade.

A palavra veio de repente, surgindo justamente quando aceitei sua mão e desci do carro, dando o melhor para esconder o quanto meu peito doía com a constatação do real motivo pelo qual Roman decidiu me tornar sua esposa.

Eu salvei você do seu pai.

Fechando os olhos, refleti sobre a frase que me disse ainda ontem, enquanto discutíamos no quarto depois de eu tê-lo pressionado sobre o motivo de ter se casado comigo.

Piedade.

Céus, isso explicava *tanta coisa*.

Em silêncio, Roman me conduziu pelo salão da recepção do prédio, pondo respeitosamente a mão nas minhas costas. Com exceção dos sorrisos e dos breves acenos para aqueles por quem passávamos, não dissemos uma única palavra sequer, até estamos dentro do elevador, com destino a cobertura do prédio.

Observando os números avançando no visor interior, abracei defensivamente o próprio corpo, tentando desesperadamente não espiar o meu reflexo no espelho. Com todos os eventos sucedidos naquele dia, eu tinha certeza que minha aparência não estava das melhores, uma vez que soava como uma representação exata do meu interior: *miserável*.

O som do elevador apitando me fez sobressaltar.

— Vamos — Roman sussurrou delicadamente, tocando nas minhas costas para me instigar a caminhar.

Lentamente, eu o fiz.

Com os olhos em meus próprios pés, contei passo a passo e estava tão absorta, que não percebi o momento exato em que alguém se jogou em meus braços, me envolvendo apertado.

Ainda que conhecesse de cor o aroma de canela que minha irmã esbanjava, só pude chegar à conclusão de que realmente era ela, quando ouvi, completamente imóvel dentre de seus braços:

— Graças a Deus! — exclamou, me envolvendo apertado. — Eu estava tão preocupada!

Piscando, ainda sem retribuir o gesto, olhei para trás, me deparando com Landon, que tinha ambos os braços cruzados sob o peito e me observava com uma expressão cautelosa, como se temendo que eu pudesse empurrar sua esposa a qualquer momento.

“*Não fale coisas sobre as quais não sabe, Corinne*”, tinha alertado ontem, enquanto me ouvia acusar sua esposa de ter arruinado a minha vida.

Agora eu entendia o motivo por trás de toda a sua revolta: Anna não estava fazendo nada além de tentar me salvar de nosso próprio pai.

Recuando, minha irmã espalmou meu rosto e o virou de um lado para o outro, os olhos azuis me inspecionando atentamente.

— Está tudo bem? — questionou ansiosamente, me avaliando.

Surgindo ao meu lado, Roman lançou um olhar de intriga para Anna e Landon.

— O que estão fazendo aqui? — indagou. — Pensei que ficariam nos Hamptons até segunda ordem.

Landon suspirou.

— E íamos. Mas Anna estava angustiada demais, então não se deu por satisfeita até pegarmos um voo direto para cá — falou, avançando alguns passos.

Roman assentiu, virando o rosto para minha irmã.

— Ela está bem, Anna — garantiu. — Já ia lhe enviar uma mensagem à respeito.

Tremendo, minha irmã afastou as mãos do meu rosto e as levou até as minhas, segurando apertado.

— O que aconteceu lá? — sussurrou. — Papai fez alguma coisa?

Fechei os olhos com a lembrança.

Aparentemente a par do movimento, Roman limpou a garganta e logo destinou um olhar para seu irmão, que o fitou com atenção.

— Acho melhor nós a deixarmos um pouco sozinhas — murmurou. — Elas têm muito o que conversar.

Landon franziu a testa e eu quase conseguia ler a pergunta estampada bem no meio de sua testa: “*Tem certeza*”? Roman o respondeu com um olhar firme, deixando bem claro que, sim, estava tudo bem.

Com certa relutância, Landon plantou um beijo no topo da cabeça de sua esposa antes de me lançar um olhar de advertência e sair, seguindo Roman porta afora.

Quando o som do elevador soou, e os olhos de minha irmã correram para os meus, percebi que ainda não tinha proferido uma única palavra, mesmo não tendo feito qualquer movimento para afastar as mãos das suas.

Umedecendo os lábios, os senti tremerem levemente. Entretanto, qualquer coisa que planejassem dizer foi agilmente impelida tão logo minha

irmã se adiantou:

— Me desculpe — pediu, com a voz falhando. — Por favor, me perdoe.

Dessa vez, não consegui segurar o choro. Confusa, minha irmã prontamente tratou de me embalar em seus braços, esfregando delicadamente as minhas costas. Anna me conhecia o bastante para saber que aquele era o meu limite.

— Corinne — chamou. — O que aconteceu?

Pondo o queixo sobre seu ombro, lutei contra o tremor em minha voz:

— Papai me bateu, Anna.

Horrorizada, Anna afastou bruscamente o rosto para poder me encarar.

— O quê?

— Eu disse que queria me divorciar — confessei, soluçando. — E então ele me bateu.

Engolindo em seco, em evidente transtorno, Anna segurou minhas mãos com força.

— E-eu não... não posso acreditar que ele fez isso com você.

— Nem eu — concordei. — E mesmo agora, depois de... *tudo* o que descobri, sigo sem acreditar.

Anna hesitou.

— Do que está falando?

Recolhendo uma das mãos para poder enxugar o rosto, em silêncio, eu a levei pela mão até a sala, fazendo com que se sentasse sobre o sofá. Respirando fundo, fiz o mesmo, sentando exatamente ao seu lado.

— Roman me contou tudo, Anna — soltei. — Me contou sobre... papai e os planos que tinha para mim, antes de você intervir.

O rosto de minha irmã se contorceu de dor.

— Corinne, eu...

— Não — eu a interrompi, tomando sua mão na minha. — Sou eu quem deve pedir desculpas. Eu... disse coisas horríveis a você, sem ao menos ouvi-la. Sinto muito. De verdade.

Fechando os dedos entorno dos meus, minha irmã abriu um sorriso triste, algumas lágrimas escapando pelos seus olhos.

— Eu menti para você, Corinne — admitiu. — Diversas vezes. Reconheço que, independentemente das minhas intenções, não deveria ter escondido a verdade de você. Portanto, também lhe devo desculpas.

Chorando, me inclinei em sua direção e a abracei.

— Está tudo bem — sussurrei.

— Não, Corinne. Não está nada bem — discordou. Fazendo uma pausa, com a voz embargada, prosseguiu: — Droga, Corinne. Eu sei que deveria ter sido honesta desde o início, mas quando vi você toda ansiosa por conta do casamento, eu... e-eu só... queria que você fosse feliz. Você sempre quis casar. Sempre quis formar uma família. E então, quando Roman topou com o casamento, eu...

Meu coração apertou sob o peito.

— Não precisa terminar, eu já sei — a interrompi, captando toda a sua dificuldade em concluir a fala. — Sei que tudo o que você fez, foi pensando no meu bem-estar. E, se existe um culpado nessa história toda, é o nosso pai. Foi ele quem me vendeu — fiz uma pausa, hesitando antes de prosseguir: — Quem *nos* vendeu, na verdade.

Meu comentário a fez chorar ainda mais alto e me perguntei se essas, por acaso, eram lágrimas de alegria.

Permanecemos abraçadas, em silêncio, por algum tempo. Então, quando algo subitamente me ocorreu, abri os olhos e recuei, observando seu rosto com os olhos arregalados.

— E o jantar? — questionei, lembrando que faltava bem pouco para a tão esperada ocasião. — Você não tinha marcado horário com alguns ateliês hoje?

Abrindo um sorrisinho, Anna tocou ambos os lados do meu rosto.

— Nada no mundo é mais importante do que você, Corinne. Somos nós duas contra todo o restante, lembra?

Soluçando, eu ri.

— Sim, irmãzinha — concordei, apertando suas mãos nas minhas e as beijando. — Nós duas contra tudo e todos.

E, com isso, voltamos a nos abraçar.

Não houve qualquer pergunta referente à Roman ou qualquer outra coisa. Fazendo jus ao nosso dilema pessoal, naquele momento, nada além de nós duas importou.

Ali, abraçadas, nada mais importava; éramos, de fato, nós duas contra o mundo inteiro. Como *um só*.



Mais cedo do que o desejado, Anna e Landon foram embora.

Meu cunhado disse que Anna tinha passado por muitas emoções naquele dia, por isso, seria melhor levá-la para casa, para que pudesse descansar um pouco.

Obviamente, não me opus.

Garantindo que naquela mesma noite me faria um telefonema, Anna saiu junto de Landon, o perfume doce e delicado que usava deixando sua marca em mim, impregnando na minha pele.

— Acho melhor seguir o exemplo da sua irmã e ir descansar um pouco — Roman aconselhou, assim que o som do elevador soou, indicando que Landon e Anna já estavam descendo de andar.

Abraçando defensivamente o corpo, eu o fitei apreensivamente.

— Não estou com sono — sussurrei.

Ele assentiu compreensivamente.

— Tudo bem — concordou. — Então talvez um banho sirva para acalmá-la.

Piscando lentamente, concordei com a cabeça, totalmente consciente do quanto minha aparência deveria estar desagradável.

— Vou preparar alguma coisa para comermos enquanto isso, está bem? — Roman sugeriu, fazendo menção de se afastar.

Reunindo o último resquício de coragem que me restava, segurei seu antebraço, fazendo com que parasse e me lançasse um olhar por cima do ombro.

— Mantenho a minha decisão anterior — declarei. — Ainda quero me divorciar.

Endurecendo a expressão, Roman virou para mim, recolhendo o braço e ficando bem à minha frente.

— Ótimo, porque também mantenho a minha: não vamos nos divorciar.

Fechei os olhos, soltando um suspiro trêmulo.

Agora que sabia a verdade, era tão difícil olhá-lo nos olhos.

— Olhe — comecei, lambendo os lábios. — Você não precisa fazer isso, está bem?

Ele franziu a testa.

— Isso o quê?

— Manter o casamento — expliquei. — Você já cumpriu com a sua parte do acordo com Anna. Não precisa mais fazer isso.

— Não estou entendendo aonde está querendo chegar, Corinne — soltou, me fitando com as sobrancelhas unidas. — Que “parte do acordo”? Do que está falando?

Erguendo o queixo, me forcei a sustentar seu olhar.

— Você já me salvou do meu pai. *Duas vezes*. Já fez mais do que o suficiente. E eu... presumo que também já tenha cumprido com a minha parte ao exercer o papel de esposa que você queria. Então está na hora de acabarmos com isso e... sermos livres.

— Lamento, Corinne, mas não vou lhe dar o divórcio — assegurou firmemente.

Fechei os olhos, fazendo com que uma lágrima gorda deslizesse pelo meu rosto.

— Roman, por favor...

— Não, Corinne — negou, o tom duro em sua voz praticamente me obrigando a fitá-lo nos olhos.

Franzindo ligeiramente a testa, Roman me fitava com tanta intensidade, que, após apenas alguns segundos de contato visual, acabei desviando o olhar.

— Eu não quero liberdade — afirmou. — Estou falando sério quando digo que não quero me divorciar.

Confusa, eu o olhei.

— Por que? — questionei. — Por que continuar insistindo nessa farsa?

Avançando um único passo, Roman me fitou cuidadosamente enquanto levava uma das mãos até meu rosto, tocando delicadamente uma das bochechas.

— Porque, para mim, este casamento deixou de ser uma farsa há *muito tempo*, Corinne.

Senti os olhos triplicarem de tamanho.

— O que? — sussurrei, em um fiasco de voz. — Do que está falando?

Puxando uma das minhas mãos, ele a posicionou acima do peito, sobre o coração.

— Estou tentando dizer que amo você, Corinne.

Meus lábios abriram involuntariamente, algumas lágrimas sorrateiras se formando sob os cílios, embaçando minha visão. Porém, enquanto tentava assimilar suas palavras, lembranças cruéis do quanto sofri naquele

casamento vieram à tona, me fazendo balançar lentamente a cabeça, saindo do estado de estupor.

— Por favor, pare — pedi, tentando recolher a mão. — *Pare.*

Roman pareceu confuso enquanto segurava a minha mão contra o peito com mais força, me impedindo de afastá-la.

— Não posso — respondeu. — *É tarde demais.*

Chorando, continuei a balançar a cabeça, não ousando encará-lo.

— Pare, por favor — repeti. — Não faça isso comigo.

Forçando meu queixo para cima, me obrigando a encontrar seu olhar, Roman esboçava verdadeiro desespero, enquanto declarava:

— Eu estava com medo, Corinne. Pode parecer confuso, mas... a verdade é que me fascinei por você desde o maldito dia em que fui à sua casa para visitá-la — admitiu, transtornado. — *Desde que coloquei meus olhos em você.* A partir de então, tudo se transformou em uma maldita luta interna entre poder e querer, porque, desde a noite em que você apareceu no escritório vestindo aquela camisola, não consegui pensar em nada, a não ser no quanto a queria.

— Roman... — tentei.

Entretanto, Roman estava implacável:

— Eu já estava apaixonado, Corinne — revelou. — Desde aquela época. No entanto, foi só quando você viajou com Anna para os Hamptons que percebi que não apenas queria, como *precisava* de você aqui, comigo. E então, quando você foi embora ontem e percebi o perigo que estava correndo ao ir direto para a casa do seu pai... foi tudo o que faltava para que me desse conta de que a amo.

Soluçando, em estado de negação, tentei afastar a mão, mas como da outra vez, Roman apenas a segurou com ainda mais força, pressionando a palma sobre o peito, bem acima do coração.

— Desde que fiquei viúvo, eu já não enxergava mais prazer na vida, Corinne — confessou. — Não importava o que eu fizesse, para mim, o mundo havia se transformado em algo escuro. Feio. Solitário. Mas quando você apareceu com toda aquela bondade e inocência, soou como uma espécie de dádiva. Você acredita que eu a salvei, mas na verdade, foi o contrário: foi *você* quem me salvou. Você é a minha redenção, Corinne.

Eu tremia e soluçava feito um bebê agora.

— Por favor — Roman pediu, pressionando minha palma contra seu peito. — Por favor. Me dê uma segunda oportunidade. Me deixe começar do

zero, e tratá-la da maneira como sempre mereceu. Eu darei absolutamente tudo o que quiser. Cada joia, cada vestido. cada livro. Porra, qualquer coisa, Corinne. Só... por favor, me aceite de volta.

Aquilo era real?, me perguntei, olhando no fundo dos olhos dele.

— Por favor — Roman voltou a pedir e dessa vez, não houve escapatória: tremendo dos pés a cabeça, eu simplesmente assenti.

Não sei ao certo quem de nós tomou a iniciativa, mas, quando dei por mim, os lábios de Roman estavam pressionados contra os meus com tanta delicadeza, que era como se seu corpo inteiro estivesse me envolvendo através do simples gesto.

Recuando, Roman tinha um sorriso pequeno nos lábios enquanto levava uma das mãos para o bolso da calça e tirava um anel de ouro.

A minha aliança.

Ficando de joelhos, ele pegou a minha mão e pôs o anel de volta.

— Nunca mais se atreva a tirar este anel — alertou. — Dessa vez, é para sempre, ouviu? Até que a morte nos separe.

Sorrindo, com os olhos repletos de lágrimas, assenti, sem conseguir conter a emoção.

No segundo seguinte, Roman estava me beijando novamente.

— Mudança de planos — murmurou contra meus lábios, as mãos envolvendo minha cintura. — Acho que o jantar vai ficar para depois. Higiene em primeiro lugar.

Eu soube o que ele estava tentando fazer antes mesmo que me segurasse nos braços e então me levantasse do chão. Enlaçando seu pescoço, fechei os olhos e o deixei me carregar, sem me importar com nada mais.

Daquela vez, eu estava entregue — de corpo e alma.

E, pela primeira vez em toda a minha vida, não temi pelo que estava por vir.

Em vez disso, estava ansiosa pelos próximos capítulos da minha vida, certa de que já não estaria mais sozinha.

Sorrindo, segurei o pescoço de Roman com mais força, ao passo que ele atravessava o corredor que levava à suíte principal com passadas rápidas e apressadas.

Chegando diante da porta, contudo, ele vacilou.

Intrigada, afastei o rosto de seu pescoço e o encarei, franzindo a testa.

— O que foi?

Ele maneou lentamente a cabeça.

— Nada. Só quero que entenda uma única coisa — falou seriamente. — Desde o dia em que nos casamos, independente de qualquer coisa, eu sempre a respeitei, Corinne. E, se depois que as coisas entre nós finalmente levaram o rumo correto, eu a incentivei a fazer o uso de métodos contraceptivos, foi por receio.

— Receio? — repeti baixinho.

Ele suspirou sem desfazer o toque, agindo como se eu não pesasse nada.

— Só temos um mês de casamento, Corinne. Nunca irei forçá-la a fazer nada que não queira — esclareceu. — Por isso, os filhos estarão em segundo plano: porque a prioridade, nesse momento, é *você*.

Meus olhos encheram de lágrimas.

Não é que Roman não queria ter filhos comigo, constatei, abraçando seu pescoço. Ele só achava que não era o momento ideal, por ser tudo tão novo e delicado para nós.

— Obrigada — sussurrei, chorosa.

Intensificando o aperto em meu corpo, Roman plantou um beijo no topo da minha cabeça.

— Sou eu quem deve agradecê-la — murmurou. — Obrigado por ter me amado quando nem mesmo eu conseguia fazer isso. Você é a minha esposa, o *meu amor*, mas, acima de tudo, é a minha *reparação*. Obrigado por ter me reparado, Corinne Foxworth.

Mais lágrimas começaram a deslizar pelo meu rosto, mas antes que pudesse responder, Roman abriu a porta do quarto com um chute e de repente, as lágrimas desapareceram, dando lugar a uma risada.

Aquele seria apenas o início de tudo o que me esperava: a vida próspera e repleta de felicidade que sempre sonhei para mim.

Quando era mais nova, costumava pensar que era uma princesa.

Com o tempo, contudo, a ingenuidade foi indo embora a ponto de, em determinado momento, eu finalmente conseguir distinguir a realidade da fantasia e especialmente todos os malefícios que a vida da qual tanto costumava me gabar, trazia consigo: o castelo, na verdade, soava mais como uma gaiola de ouro, mantendo a princesa presa a correntes de ouro e marfim.

Foi uma longa caminhada até que eu enfim compreendesse que nada de bom me aguardava e, assim, me conformasse com a ideia de que alguns

de nós simplesmente não teriam um final feliz, pois não estavam destinados à um.

Bem, pelo menos era nisso que acreditava solenemente até até *ele* aparecer e absolutamente tudo mudar.

EPÍLOGO.

Corinne Foxworth

Hamptons, NY, 03 anos depois.

— Não acredito que fez isso.

Horrorizada, encarei fixamente o tom esverdeado utilizado por meu marido, nas paredes, transformando-as numa espécie de *meleca gigante*.

Me lançando um olhar repleto de deboche, Roman deu desdenhosamente de ombros.

— Eu gostei — opinou. — E Sebastian também.

O garotinho em questão soltou um gritinho animado, quase como se, de fato, entendesse sobre o que estávamos falando.

Suspirando, me afastei do vão da porta e caminhei calmamente até meu sobrinho, afagando os cabelos castanho-escuros exatamente na mesma cor do pai.

— Ele está ficando cada dia mais parecido com Landon — opinei, atenta ao quanto o rostinho rechonchudo e corado, embora lembrasse levemente o de minha irmã, se assemelhava quase que completamente ao do pai.

Roman me olhou por cima do ombro.

— É bom ir se acostumando, porque não será diferente conosco — afirmou, apontando sugestivamente para a minha barriga, local no qual já era possível avistar a comprovação de que, em breve, nossa família aumentaria.

Contrariando todas expectativas, Roman e eu levamos cerca de três anos para finalmente resolvermos ter filhos. Acho que, depois que nos casamos pela segunda vez, há dois anos, decidimos que aproveitaríamos ao máximo a vida como casados, antes de darmos um passo tão importante.

Isso e todas as olheiras de Anna desde que Sebastian nasceu, uma vozinha lá no fundo ecoou, mas eu a afastei.

Revirando os olhos para o comentário extremamente prepotente de Roman, peguei Sebastian no colo e observei a parede: revestida por um tom

de verde que lembrava *slime*, fiz uma careta ao pensar que certamente teria que contratar alguém para reverter o estrago depois.

— Não olhe assim — Roman repreendeu. — Nosso filho vai amar.

Arqueei uma das sobrancelhas.

— Você sabe que assim que puser os pés fora desta casa, vou contratar alguém e pintar de outra cor, certo?

Roman balançou negativamente a cabeça, largando o pincel de volta na lata de tinta.

— Tudo bem, está uma porcaria — admitiu.

Comecei a rir e, no mesmo instante, Sebastian seguiu o exemplo, os enormes olhinhos azuis — uma das únicas características que herdou de sua mãe —, fixos em mim.

Afagando o rostinho de meu sobrinho, lembrei da expressão agradecida de Anna quando, naquela mesma manhã, pediu para que eu ficasse um pouco com o filho enquanto tirava o dia de “folga” com Landon na praia.

Logo após a cerimônia do nosso — segundo — casamento, Roman acabou nos comprando uma casa de praia a apenas algumas quadras de distância daquela pertencente à Anna e Landon. Então, devido a gravidez, cansada do ritmo caótico e exaustivo de Manhattan, às vezes me hospedava lá, ficando frequentemente na companhia da minha irmã — que, por sua vez, largava tudo para poder passar um tempo comigo, sempre que descobria que eu tinha planos de visitar o Hamptons.

Assim como antes, Annabelle Chamberlain ainda era a minha metade; dizíamos que éramos o *yin e yang*^[13] uma da outra, mas a verdade é que nossa conexão era ainda mais profunda: Anna era a minha *alma*.

E por ela, eu faria absolutamente qualquer coisa.

Depois da minha tentativa desesperada de voltar para *Long Island*, há quatro anos, não tive muitas notícias do meu pai; ainda doía lembrar, com detalhes, daquele dia, porém, parte de mim sabia que alguma dores eram simplesmente inevitáveis.

E, no caso daquela em especial, não foi somente inevitável, como principalmente *indispensável*.

Até então, eu nunca tinha pensado à respeito da expressão “*Há males que vem para o bem*” — pelo menos não até vivenciá-la da maneira mais dura e dolorosa possível.

Me afastar de meu pai me fez entender diversas coisas, a principal delas sendo, sem sombra de dúvidas, que nada na vida acontece por acaso: desde uma rejeição por aquele que posteriormente seria o amor da vida de outra pessoa, até uma viuvez inesperada.

Absolutamente nada era por acaso: Roman e eu estávamos interligados desde o início; desde aquela noite, durante o casamento que, em tese, deveria ser meu — *e não da minha própria irmã*.

Simplesmente era para acontecer: sempre pertencemos um ao outro — mesmo que eu não tenha sido a primeira mulher a usar uma aliança e carregar seu sobrenome.

É como eu disse: nada era por acaso.

Por essa mesma razão é que eu, agora, fazia questão de visitar e deixar um buquê de flores a cada aniversário de morte da mulher que, assim como eu, foi imprescindível na vida de Roman — porque, afinal de contas, *o passado e o futuro sempre caminharão de mãos dadas*.

Segurando meu sobrinho nos braços, senti quando o bebê em minha barriga deu um chute, numa comprovação irrefutável da veracidade de minhas palavras.

— Nosso bebê acabou de chutar — revelei ao homem que, em segundos, correu para ficar de joelhos e afagar a minha barriga.

Sorrindo, enquanto aninhava Sebastian em um dos braços, apoiando um dos lados de seu rostinho na curva do meu pescoço, acariciei os cabelos escuros de Roman, desejando secretamente que nosso bebê, assim como aquele que eu segurava, herdasse um pouco da aparência de seu pai.

Em poucos anos, vivi mais do que durante toda a minha vida — e isso era tudo graças ao homem que se tornou meu marido.

Roman me ensinou diversas coisas.

E a principal delas, é que, em um mundo em que a maioria das pessoas têm seu futuro traçado desde o nascimento, às vezes a felicidade não parece uma possibilidade — tampouco o amor; no entanto, por mais improvável que possa parecer, quando é para ser, não há nada e nem ninguém que consiga mudar o destino de alguém.

Feito um passe de mágicas, ele *simplesmente acontece*.

AGRADECIMENTOS.

Em primeiro lugar, não poderia de deixar de agradecer à Deus.

Sem Ele, nada existiria — literalmente.

Em segundo, aos meus familiares, em especial e minha mãe e, claro, Sabryna, minha irmã e designer de todos os meus livros! Brincadeiras à parte, quero deixar registrado todo o apoio que recebo dessas duas mulheres maravilhosas que nunca — nem por um segundo sequer — duvidam de mim e do meu potencial; quando eu caio, são vocês que me colocam de pé e nada no mundo é tão importante quanto isso: saber que têm pessoas para te apoiar, independentemente de qualquer coisa.

Em terceiro lugar, eu não poderia esquecer das minhas leitoras de carteirinha, algumas das quais me acompanham desde a época do *Wattpad*.

Sério, vocês não fazem ideia do quanto são importantes para a minha vida, tanto pessoal quanto profissional. Ter pessoas te acompanhando e lendo, com paixão, a cada fragmento que sai da sua mente, é literalmente indescritível.

Obrigada, obrigada e obrigada!

Por último, queria agradecer você, que chegou até aqui e não está incluso nos grupos mencionados acima. Se leu de forma legal, adquirindo o e-book pela Amazon, saiba que meu coração transborda de felicidade por estar sendo lida daí, direto de onde estiver!

Por outro lado, se por acaso você estiver lendo este livro por meio de **métodos ilícitos** — a tão temida pirataria —, saiba que lamento muito, de verdade, pela sua atitude. E não somente pelo lado financeiro, já que, caso não saiba, este é o meu **trabalho** e você está me **prejudicando profundamente**, mas também pelo lado *humano*.

Até onde a empatia chega? Até que ponto você se considera digno de bater no peito e afirmar que é incapaz de fazer algum tipo de mal à alguém?

Não sei está ciente disso, mas há maldade nos pequenos detalhes.

E, infelizmente, mesmo sabendo disso, algumas pessoas insistem no erro, fazendo uso de desculpas, muitas das vezes, extremamente ridículas para justificar a falta de decoro.

Bem, sem mais delongas, é isso.

Obrigada por chegar até aqui!

Deixo aqui registrado, mais uma vez, o meu muito obrigada.

Te vejo na próxima leitura, tá bem?

Ps: não esqueça de me acompanhar nas redes sociais, @alyajoes e, também, de avaliar este livro na Amazon. Sua ajuda é imprescindível!

Com muito amor, Alya.

[1] O Príncipe é um livro escrito por Nicolau Maquiavel em 1513, cuja primeira edição foi publicada postumamente, em 1532

[2] A Land Rover é uma marca de carros de luxo inglesa, propriedade da Jaguar Land Rover, um fabricante de automotivas multinacionais com sede em Coventry, Inglaterra, subsidiária do fabricante indiano Tata Motors desde 2008.

[3] Long Island é uma ilha situada no sudeste do estado de Nova Iorque, Estados Unidos, a leste da ilha de Manhattan.

[4] Cabaré (do francês cabaret) é um local destinado a shows com música, bebida e dança. Eram estabelecimentos muito populares na França da Belle Époque, quando se constituíam na forma preferida de entretenimento das camadas sociais mais abastadas, com diversos tipos de apresentações artísticas, inclusive como a ópera.

[5] O Grande Gatsby é um romance escrito pelo autor americano F. Scott Fitzgerald. Publicado pela primeira vez em 10 de abril de 1925, a história passa-se em Nova Iorque e na cidade de Long Island durante o verão de 1922, e é uma crítica ao "Sonho Americano". O romance relata o caos da Primeira Guerra Mundial.

[6] Karma, nas religiões e filosofias orientais, está relacionado ao princípio de causa e efeito que liga os seres ao Samsara, ou seja, ao ciclo de vida, morte e renascimento. Os princípios do Karma se desenvolveram dos Upanisads Védicos e são fundamentais no Hinduísmo, Budismo, Jainismo e outras religiões orientais.

[7] Icônica frase de Damon Torrance – Kill Switch (Devil 's Night Livro 3) Douglas, Penelope.

[8] Trata-se de um clássico cozido de forno, à base de vagem e sopa de cogumelos, coberto por cebolas fritas.

[9] Segundo a mitologia romana, é a deusa da formosura e do amor. Na mitologia grega corresponde a Afrodite. Vénus era filha do Céu e da Terra.

[10] A Casa Branca é a residência oficial e principal local de trabalho do Presidente dos Estados Unidos, sendo, ao mesmo tempo, a sede oficial do poder executivo naquele país.

[11] Déjà vu é um galicismo que descreve a reação psicológica da transmissão de ideias de que já se esteve naquele lugar antes, já se viu aquelas pessoas, ou outro elemento externo. O termo é uma expressão da língua francesa que significa: "Já visto".

[12] Elmont é uma concentração populacional, designada em inglês hamlet, pelo censo dos Estados Unidos. É um subúrbio situado no Condado de Nassau, Long Island. Trata-se de uma área não

incorporada a vila de Hempstead. Faz fronteira com o Queens. Possui mais de 35 mil habitantes, de acordo com o censo nacional de 2020.

[\[13\]](#) Yin e Yang são conceitos do taoismo que expõem a dualidade de tudo que existe no universo.

Descrevem as duas forças fundamentais opostas e complementares que se encontram em todas as coisas: o yin é o princípio da noite, Lua, a passividade, absorção. O yang é o princípio do Sol, dia, a luz e atividade